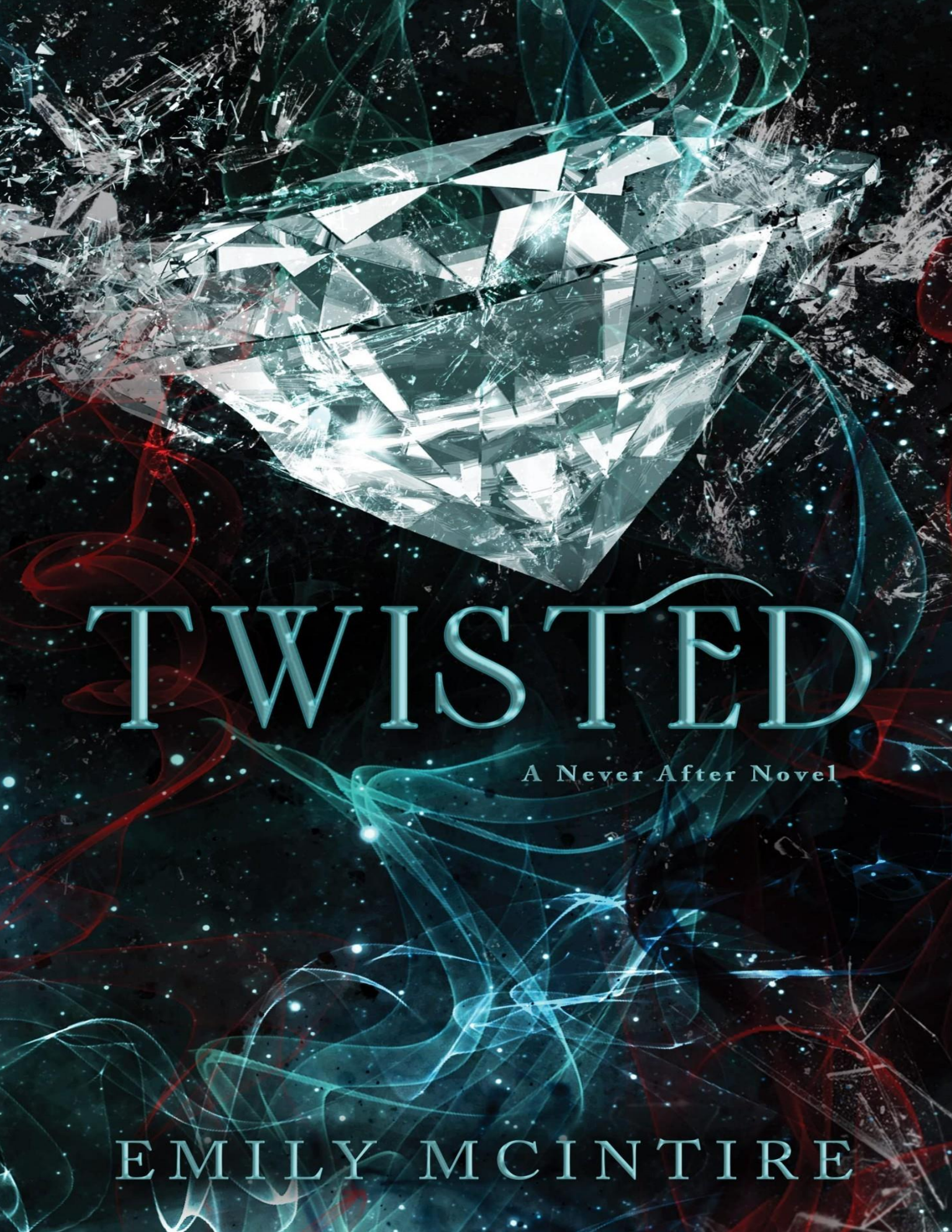

TWISTED
A Never After Novel
EMILY MCINTIRE

STAFF



AVISOS SUNS!

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretmente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

LISTA DE REPRODUÇÃO



“Devil on My Shoulder”— Faith Marie

“Changes”— Hayd

“In the End”— Beth Crowley

“Boyfriend”— Dove Cameron

“Love Is Madness”— Thirty Seconds to Mars (feat. Halsey)

“idfc”— blackbear

“Under the Influence”— Chris Brown

“Demons”— Imagine Dragons

“Girls Like Us”—Zoe Wees

“Infinity”—Jaymes Young

Para agradar as pessoas. Às vezes, não há problema em ser um pouco egoísta

— É incrível o que as mulheres apaixonadas fazem.

ANÔNIMOS, AS NOITES DA ARABIA

PRÓLOGO

Julian



Minha mãe costumava me fazer escolher meus próprios castigos. Eu percorria a pequena área arborizada nos fundos de nossa casa e encontrava o menor galho que conseguia: um que fosse grosso o suficiente para substituir o cinto, mas não machucaria tanto.

Então ela me chicotearia até sangrar.

— Só vai doer um pouco, *piccolo*, — ela sempre murmurava.

Depois, ela se desculpava e me levava para tomar um sorvete.

Chocolate amargo com framboesas. Seu favorito.

Às vezes, eu merecia as surras. Eu era um menino que se rebelou com a ideia de seguir os passos de meu pai, assumindo o negócio de lavanderia iniciado do zero por meus avós quando imigraram da Calábria, Itália. Outras vezes, você tinha que procurar mais profundamente a causa.

Sempre que meu pai chegava em casa, depois de ser ridicularizado e repreendido pelos clientes para os quais ele limpava manchas, ele batia em minha mãe até o fim. Nossas paredes eram finas, e eu ficava acordado ao som dos gemidos de uma mulher quebrada e xingamentos de um homem raivoso. Eu sempre saberia que não muito tempo depois ela entraria em meu quarto, seu cabelo preto como a meia-noite tão parecido com o meu, puxado para trás tão apertado quanto seu sorriso enquanto ela repassava a tortura.

Minha família sempre foi previsível dessa forma, tirando o poder daqueles muito fracos para mantê-lo.

Talvez por isso eu tenha começado a me esgueirar e assistir às aulas de hapkido[1] que aconteciam no final do nosso quarteirão. Eu os via treinar e me perguntava como seria ser tão poderoso. Para ter tanto controle sobre seu oponente que você não tem medo de ser ferido.

Eu me imaginava aprendendo a usar a vara curta ou o bastão e dando uma surra no meu pai de merda, certificando-me de que ele nunca mais tocaria na minha mãe.

Se ela encontrasse um pouco de paz, talvez eu também pudesse.

Só vai doer um pouco.

---

[1] O Hapkido é uma arte marcial sul-coreana especializada em defesa pessoal.

Eu saio da memória, permitindo que ela desapareça nos recessos da minha mente, onde eu a mantenho bem trancada e me endireito de onde estou encostado na parede no quarto escondido mal iluminado da minha casa. A lona plástica que pendurei anteriormente no teto cobre o chão, criando um casulo ao redor do homem atualmente preso à cadeira no meio do espaço.

Sua respiração é pesada, o som acompanhado apenas pelo assobio de Isabella, minha píton de 7 metros, enquanto ela desliza ao redor de seus pés e sobe por suas pernas. No segundo em que ela bate em suas panturrilhas, ele estremece, seu terno uma vez perfeitamente passado encharcado de suor.

— Cuidado, — eu falo. — Ela gosta quando você luta. Isso a *excita*.

Esfrego a palma da mão no queixo, a barba por fazer de três dias áspera sob as pontas dos meus dedos, e então suspiro, enfiando a mão no bolso e segurando meu bastão de metal compacto feito sob medida.

Puxando-o para fora, pressiono um botão na lateral e ele se alonga até o tamanho máximo, as pontas prateadas brilhando contra o metal preto. Eu giro na minha mão enquanto caminho em direção a ele.

— P-por favor, — ele implora.

Uma risada escapa do meu peito enquanto Isabella continua a se curvar ao redor de seu corpo.

— Suas maneiras são *impecáveis*, Samuel. Suponho que isso é esperado do filho de um empresário rico, — eu digo lentamente. — Mas eu não tenho nenhum uso para elas. — Meus passos param quando fico em sua frente, meus músculos tensos com antecipação. — Você sabe por que está aqui?

Suas sobrancelhas se franzem, pequenas gotas de suor escorrendo pelos lados de seu rosto pálido. — Eu só estou aqui pela garota, — ele murmura, seu lábio inferior tremendo. — Eles me disseram para vir. Eu...

— A garota e tudo que vem com ela são *meus*, — eu digo, meus olhos queimando.

Eu trago o bastão para cima em minhas mãos, girando-o bruscamente, deleitando-me com o medo que se infiltra em seus olhos escuros.

— Não se preocupe. — Eu sorrio. — Isso só vai doer um pouco.

CAPÍTULO 1

Yasmin



— Ele não parece doente.

As palavras cortam minhas roupas e picam meu peito. Se eu não tivesse sido educada para permanecer politicamente perspicaz e cordial, eu iria explodir e dizer algo fora de hora como...

— Leia a sala, Debbie. Você parece uma palhaça.

Em vez disso, mastigo o interior da minha bochecha e pego minha água, permitindo que o peso do cristal na palma da minha mão e a mordida fresca do líquido contra o meu lábio me mantenham quieta.

Além disso, tenho certeza de que Debbie, a jovem e brilhante esposa do governador de Nova York, não *queria* que eu ouvisse o que ela disse. Ou talvez ela

queria. Rude da parte dela, considerando que estamos na *minha* casa, mas acho que nem todos podemos ter boas maneiras.

Eu sigo seu olhar, ao longo da minha mesa de jantar manchada de café expresso, até que meu olhar atinge meu pai na cabeça, sua pele escura parecendo pálida e desgastada. Olheiras profundas revestem seus olhos cansados, as manchas roxas indicando o fato de que ele *está*, de fato, bastante doente. Mas acho que se alguém não passou anos de sua vida memorizando as minúsculas mudanças de cada uma de suas feições, posso ver como ele pode parecer simplesmente exausto. E para um homem que possui e administra um império multibilionário que controla a maioria das joias do mundo, estar *cansado* é sinônimo de normalidade.

Tenho certeza de que ele ficará emocionado porque as pessoas não podem ver a mudança em sua saúde.

O ciúme aperta minha cintura e, por um momento, gostaria de poder trocar de lugar com outra pessoa na sala, *qualquer* outra pessoa, se isso significasse que eu poderia fingir que ele ainda estava bem.

A tilápia do nosso último prato ameaça subir de volta pela minha garganta, náusea revirando meu estômago, porque sei que meu desejo é impossível de realizar. Talvez *eles* não vejam a diferença, mas eu vejo.

Eu vejo isso na maneira como seus movimentos são rígidos e afetados, como se houvesse concreto cobrindo seus ossos que ele não consegue se livrar.

Eu vejo isso na curva de seus lábios quando ele pensa que ninguém está olhando, a maneira como absorve pequenos detalhes inconsequentes que todos nós tomamos como certo todos os dias.

E, acima de tudo, vejo isso em sua ausência, toda vez que ele se tranca, poupando-me de ter que assistir enquanto a radiação e a quimioterapia queimam em suas veias, destruindo tudo em seu caminho.

É isso que o câncer faz. Ele devasta você de dentro para fora sem se importar com quem você é. Não importa se você tem o mundo na palma da mão ou se tem mais dinheiro que Deus.

Ele apenas se alimenta da morte.

E a morte sempre vence, de uma forma ou de outra.

Meu olhar se move de meu pai para as portas francesas que se alinham na parede oposta e se abrem para os fundos de nossa propriedade. Concentro-me em como as estrelas brilham contra o céu negro e como as luzes azuis profundas da ampla piscina criam um brilho assustador sobre tudo o que tocam.

Qualquer coisa para me impedir de focar nos problemas que não consigo superar.

Debbie ri e chama minha atenção para onde ela está praticamente ronronando para o homem sentado ao lado dela.

Julian Faraci.

Seus olhos escuros, negros como poços sem fundo, já estão nos meus, queimando minha máscara de quietude educada e me despindo até que eu me sinta como uma garotinha sem valor preparada e pronta para ser esmagada sob seu sapato.

Lembro-me de quando ele apareceu pela primeira vez, contratado como COO[2] da Sultans quando eu tinha quinze anos e, como a garota ingênua que eu era há oito anos, desenvolvi uma paixão. Ele era um homem de vinte e oito anos sedento de poder, e sempre que eu voltava do internato para as férias, eu o adorava como um herói, cega por sua aparência e sugada pela natureza dominante que sangrava de seus poros.

Mas levou apenas uma vez para ouvi-lo tentar convencer meu pai a me manter trancada que meu estômago parou de revirar em sua presença.

Ela é ruim para os negócios. Você não deve deixar sua filha aparecer e distraí-lo quando você deveria estar focado nas coisas aqui. Pena que ela não é um menino. Para quem você vai deixar tudo?

Essa última linha foi o prego no caixão da minha paixão por Julian Faraci, e tudo o que senti desde então foi pouco mais que ódio.

Nenhuma perda, realmente. Até então, eu estava de olho no meu melhor amigo de qualquer maneira.

Meu olhar se concentra em Julian, irritação esfaqueando minha pele como agulhas. Ele sorri, levantando seu vinho e inclinando-o em minha direção, as tatuagens em sua outra mão mudando com a flexão de seus dedos enquanto ele as escova em seu cabelo preto desgrenhado.

Uma pequena gota de água da minha bebida espirra na parte de trás do meu pulso, e eu pouso meu copo rapidamente, desviando meus olhos de seu olhar provocador enquanto enfio meus dedos trêmulos sob minhas coxas.

---

[2] É a sigla correspondente a Chief Operating Officer, que significa, em português, Diretor de Operações.

Meu telefone vibra no meu colo, e eu abaixo minha cabeça, vendo uma notificação do garoto que segura meu coração desde que éramos crianças.

AIDAN

Você é linda.

Meu coração palpita e eu sorrio apesar de tudo, olhando ao redor para ver onde ele está. A mãe dele está de pé no canto da sala, com o cabelo loiro preso em um coque apertado, do jeito que todos os funcionários da nossa casa devem usar, e seu olhar está apontado para baixo.

Ele está trabalhando com ela esta noite?

— Yasmin. — A voz áspera do meu pai corta a névoa, e eu viro meu olhar de volta, encontrando os olhos das vinte pessoas ao redor da mesa que agora estão focadas em mim.

— Desculpe. — Eu forço um sorriso e trago minhas mãos para agarrar meus talheres. — Devo ter perdido o que você disse.

— O governador perguntou o que você acha da mais nova aquisição de seu pai. — A voz de Julian é fria, mas suave como manteiga, e um arrepio percorre minha espinha. É rude para ele ter uma voz assim e uma cara como ele tem quando sua alma está tão podre. Ele olha para o Governador Cassum, sorrindo sarcasticamente. — Yasmin não tem ideia dos meandros do *nosso* negócio. Ela está ocupada se divertindo... — Ele olha para mim. — Onde estava? Oregon para a faculdade?

Meu garfo tilinta contra o prato quando o coloco na mesa e volto minha atenção para o Governador Cassum, meus dentes rangendo pelo controle que preciso para não jogar minha faca sobre a mesa e esperar que ela apunhale Julian em seu coração frio e morto.

Apesar do que todos parecem pensar, *sei* o que se passa nos negócios de meu pai. Ele pode tentar esconder isso de mim, mas crescer em torno de um homem que é tão poderoso quanto ele significa que eu já vi e ouvi mais do que o meu quinhão de negócios clandestinos.

Além disso, ter Memfi Romano, um suposto chefe da máfia italiana, passando para entregar *pessoalmente presentes para as festas todos os anos não é propriamente um sinal de respeito.*

Para a maior parte do mundo, porém, meu pai simplesmente se especializou em vender a ideia de amor por meio de joias superfaturadas. O nome da marca por si só é suficiente para impressionar, mas acrescente os slogans cativantes e os milhões de dólares despejados em marketing todos os anos que rebocam diamantes Sultans em toda a TV e outdoors, e ele é o garoto-propaganda por excelência de elegância e brilho.

'Transforme o seu amor bruto em espetacular com um diamante Sultans.'

— Eu não presumiria saber os meandros dos negócios *do meu* pai, — eu digo, enfatizando a palavra *meu* puramente para o benefício de Julian. — Mas se você está pedindo minha opinião sobre as implicações morais de continuar a negociar diamantes em áreas de conflito, ficarei mais do que feliz em lhe dar meus pensamentos.

Alguém zomba à minha esquerda, e meus olhos são atraídos de volta para Julian. Sua mandíbula afiada se contrai, destacando a sombra das cinco horas que acentua seu rosto bronzeado.

Agora é a minha vez de sorrir, e eu sorrio, levantando o canto da minha boca enquanto olho para o braço direito do meu pai. Seus olhos se estreitam, irritação espirrando em suas feições como o flash de uma câmera. Fico extremamente satisfeita em ver que o irritei com meu comentário, do jeito que eu esperava.

Afinal, eu disse a parte silenciosa em voz alta, a parte que você nunca deveria *dizer*.

Todos nesta mesa sabem que, independentemente de colocar um rótulo 'livre de conflito' nos diamantes que os Sultans vendem, isso não significa que eles estejam realmente livres de conflito. Eles são apenas... *regulamentados*. E conheço os negócios da minha família bem o suficiente para saber que os regulamentos são mais uma cortina de fumaça do que uma realidade. Eles existem desde que meu avô imigrou do Líbano e construiu Sultans desde o início, estabelecendo relacionamentos com quem ele precisava para obter acesso à indústria de diamantes.

Meu pai quebra a tensão, rindo. — Hoje em dia, as crianças correm para a universidade e acham que estão prontas para conquistar o mundo. Este é apenas mais um exemplo de por que os homens devem governar o país e as mulheres devem ficar em casa e cuidar dos filhos.

O calor queima minhas bochechas, e eu olho de volta para o meu colo enquanto risadinhas ressoam ao redor da mesa. Não estou realmente envergonhada. Estou acostumada com a retórica misógina de meu pai e, apesar do que ele diz, sei que ele me ama. Ele pode não ser um *bom* homem, mas sempre foi bom para mim, e eu o amo apesar de suas ideias antiquadas e táticas de negócios pouco atraentes.

É incrível o que somos capazes de ignorar, o que estamos dispostos a fazer, quando se trata daqueles que amamos.

Os olhos de meu pai se suavizam enquanto me observam. — Você será uma mãe maravilhosa com esse coração carinhoso, *habibti*[3].

A verdade é que nem quero ser *mãe*. Tudo que eu quero fazer é tirar fotos. Mas essa não é uma carreira aceitável para a filha de Ali Karam. Não tenho certeza *se qualquer* carreira seria aceitável. Meu pai está feliz como um doce sabendo que estou em casa para sempre e com a 'experiência' do ensino superior.

Julian se inclina e fala com meu pai enquanto os outros dignitários iniciam suas conversas superficiais que não significam nada e não *fazem* nada além de acariciar seus próprios egos, e assim, a atenção está fora de mim. Meu telefone vibra novamente.

AIDAN

Mal posso esperar para tocar em você.

Meus dedos deslizam sobre meus lábios, excitação borbulhando em meu meio enquanto penso em maneiras de escapar desse jantar chato e encontrar Aidan. Meu pé bate no chão de mármore da sala de jantar e eu olho ao redor, meu interior inquieto.

Eu provavelmente poderia sair sem que ninguém percebesse.

Mas eu não, porque não importa o quanto eu queira, a etiqueta que foi cravada em minha psique desde o nascimento reina suprema. Só quando a sobremesa

[3] Minha querida.

termina e os homens pedem licença para ir à sala de charutos de meu pai é que pressiono a mão na cabeça e finjo um bocejo.

— Você está bem, Yasmin? — Debbie pergunta, suas sobrancelhas cor de cobre se franzindo.

As poucas outras mulheres que restaram à mesa, a maioria esposas, algumas amantes, olham para mim com falsa preocupação.

— Uma dor de cabeça, receio. Nada que uma boa noite de sono não resolva. — Meus olhos olham para o corredor. — Se você me der licença.

Meus dedos se curvam ao redor da madeira enquanto me afasto da mesa e passo pelos poucos funcionários da propriedade que limpam os pratos sujos, examinando para ver se Aidan é um deles. Ele não é. Pego meu telefone no segundo em que estou virando a esquina, meus dedos voando enquanto digito uma mensagem de onde nos encontramos, borboletas vibrando em meu estômago.

CAPÍTULO 2

Julian



Eu giro o Johnnie Walker Blue no meu copo, o cheiro de livros e tabaco enchendo o ar enquanto eu me inclino contra a mesa de madeira ornamentada na sala de charutos de Ali. O relógio à esquerda toca onze vezes. É tarde e todos finalmente foram embora. Soltando um suspiro, tomo um gole do meu uísque, uma dor de cabeça latejando entre minhas têmporas por ter que usar o rosto de uma anfitrião elegante.

Mesmo que não seja *minha* propriedade e não tenha sido *meu* jantar, todo mundo sabe que onde quer que Ali Karam esteja no nome, eu estou lá no fundo, puxando as cordas. É tedioso organizar saraus como o desta noite, mas são essenciais. E sem fim.

Esta semana, foram os Governadores e os CEOs do mundo. Na próxima semana, podem ser os chefes ou os *jefes*[4], dependendo de quem precisamos ter no bolso imediato. É um jogo tênue que jogamos, sendo mestres do universo, mas é um jogo que eu gosto.

Controlar a maioria dos diamantes do mundo significa que você controla a maior parte do mundo, e um diamante nunca é *apenas* um diamante.

Isso não quer dizer que a Sultans não seja uma empresa respeitável. Isso é.

Somos únicos na forma como operamos. Onde a maioria dos varejistas de diamantes está na base da cadeia alimentar, a Sultans se construiu como uma fortaleza em todas as facetas da indústria. Temos joalherias em todas as grandes cidades dos Estados Unidos, várias em outros países, e estamos expandindo a cada ano.

É apenas quando você puxa a cortina de todas as lojas e números de vendas que você chega à verdade. E a verdade é que também controlamos a grande maioria do mercado negro de diamantes.

Ninguém pode negar que fiz mais para promover nossa posição política e socioeconômica nos últimos oito anos do que Ali conseguiu em toda a vida. E tem sido meu objetivo dominar os Sultans desde que eu era um menino, quando assistia Ali Karam na TV ser elogiado como o homem mais poderoso do mundo depois que seu pai morreu e deixou a empresa para ele.

Ele é tudo que eu gostaria de ser.

Há apenas um problema.

---

[4] Chefes da máfia mexicana.

Por alguma razão, ele não *quer que* eu assuma as rédeas. Não oficialmente, de qualquer maneira, o que é uma besteira completa, considerando que ninguém mais derramou seu sangue, suor e lágrimas em seu legado mais do que eu.

Com sua saúde debilitada, a extensão da qual ele não contou a ninguém além de seu círculo mais próximo, há uma corrente de ansiedade que contamina o ar, especialmente quando ele fala de sua filha, Yasmin. Ela voltou há seis meses, uma recém-formada de qualquer universidade em que ele a escondeu, e ele começou a chamar pretendentes para tomar a sua mão imediatamente. Como se estivéssemos no século XVIII e ele estivesse em um tempo emprestado.

Parte de mim quase sente pena do pobre tolo que acabará sobrecarregado com a pirralha mimada. Ela não tem atributos além de ter um braço bonito e ser a herdeira de uma fortuna de um bilhão de dólares, e tudo isso é arruinado por seu desespero para chamar a atenção *do pai*.

Quando Ali me disse que estava trazendo pretendentes, fiquei desconfiado. Uma rápida visita a seu advogado pessoal e uma olhada em minha equipe mais tarde, descobri os meandros do testamento de Ali. Ele está deixando tudo para a filha, desde que ela se case com alguém 'adequado'. *Ridículo*.

Não tenho dúvidas de que ela agarrará a chance de assumir o legado de sua família, de fazer seu pai feliz, mesmo que isso signifique se casar com alguém em quem ela não tem interesse. Ela nunca foi o tipo de pessoa que vai contra algo que Ali quer, especialmente se ganhar seu favor.

Ela será sua ruína. Ela será *minha* ruína.

A menos que *eu* me torne o homem com quem ela se case.

O pensamento faz meu estômago gelar.

Samuel, o pobre tolo que pensou que seria apresentado a Yasmin esta noite, foi o primeiro do que presumo que serão muitas baixas infelizes. Mas depois de uma consideração cuidadosa, decidi que até que eu tenha um plano em prática, ninguém chegará perto de Yasmin Karam.

Ali solta um suspiro, afundando no couro cor de vinho de sua cadeira enorme. Ele tosse de repente, avançando. O som é irregular e áspero, como se tivesse sido forçado a sair de seus pulmões por mãos de aço e arrastado por arame farpado até sua garganta.

Minhas sobrancelhas franzem, algo apertando meu esterno. — Você precisa de água, Senhor?

Seus olhos lacrimejam quando ele acena para mim. — Não. Eu vou ficar bem.— Ele faz uma pausa, seu dedo correndo sobre sua barba grisalha aparada e irregular enquanto ele olha para o nada. — Você descobriu o que aconteceu com Samuel?

Eu tento adotar um rosto simpático. — Receio que ele não tenha conseguido embarcar em seu voo. Tentei entrar em contato, mas não tive sorte até agora.

— Hmm, — ele cantarola, seu corpo relaxado. — E a lâmpada? Qualquer notícia?

A frustração sangra no meu corpo, espalhando-se como melaço. Esta lâmpada maldita está rapidamente se tornando a ruína da minha existência, especialmente considerando que *todos* estão atrás dela, mas ninguém sabe se ela existe.

Se existir, então preciso dela em minhas mãos e sob meu controle. Você pode exercer muito poder com uma relíquia perdida que dizem ser uma lâmpada enfeitiçada de um antigo faraó egípcio, e há uma multidão tentando encontrá-la primeiro.

A ideia de que é realmente enfeitiçada é ridícula, claro, mas o mito combinado com a história são suficientes para torná-lo inestimável. E se eu tiver a lâmpada, posso finalmente centralizar os Sultans não apenas como uma potência no comércio de diamantes, mas também em antiguidades, que é a única área do mercado negro em que ainda não entramos. Não basta ser um dos jogadores do jogo. Eu quero controlar tudo.

Convencer Ali de sua importância foi fácil. É encontrar a maldita coisa que está me dando problemas.

Eu franzo meus lábios, dedos batendo contra a borda do meu copo. — Ainda procurando.

Ali se inclina para a frente, mas para quando outra tosse áspera sai de sua boca.

Solto um suspiro, coloco meu copo de uísque na mesa e caminho até onde ele está sentado, estendendo meu braço. — Vamos lá, meu velho. Não precisa se mostrar corajoso para mim. Vamos levá-lo ao seu quarto para que possa descansar. Todo o resto pode esperar até amanhã.

Seus olhos brilham, e posso ver como o ofendi pelas linhas rígidas que se aprofundam em sua carranca. Mas então outro ataque de tosse o domina, sua pele fina exibindo os vasos sanguíneos salientes por baixo.

Enfio a mão no bolso da camisa, tiro um lenço e passo para ele. Ele o agarra rapidamente, empurrando-o contra a boca, seus olhos franzidos nos cantos enquanto sua mão livre se enrola em torno de seu estômago.

Fico parado em silêncio, meu maxilar tenso enquanto o homem que admiro desde criança se desintegra diante dos meus olhos.

Finalmente, alivia e ele deixa cair o pano em seu colo.

Está manchado de vermelho.

Meu estômago revira com a visão.

Ele estende a mão e usa meu braço como alavanca para se levantar, balançando a cabeça enquanto passa por mim e entra no corredor. Eu não sigo, sabendo que ele precisa manter cada grama de dignidade que lhe resta. Não posso dizer que não faria o mesmo.

Olhando ao redor da sala, volto para o meu uísque e bebo as últimas gotas antes de seguir pelo corredor escuro da extensa propriedade, seguindo as voltas e reviravoltas que sei de cor para poder ir para casa passar a noite.

É uma grande prioridade, com mais de seis mil metros quadrados, e parei no estacionamento privado fora dos aposentos dos funcionários, não querendo que ninguém me visse chegar ou sair.

Acabei de chegar ao corredor que leva ao meu carro quando um gemido abafado atinge meu ouvido.

Detenho meus passos.

Eu giro nos calcanhares, inclinando a cabeça enquanto tento identificar de onde vem o som. Outro gemido, desta vez um pouco mais alto, e meu abdômen fica tenso com uma sensação deliciosa. Eu me movo em direção ao barulho sem pensar duas vezes, querendo ver quem é o responsável pela excitação de repente girando dentro de mim. A última porta no final do corredor está fechada, mas eu estendo a mão, testando a maçaneta, meu batimento cardíaco acelerando no meu peito. Continuo girando lentamente até que ela se abra, criando uma lasca de luz que se filtra da sala para o corredor escuro.

Meus olhos examinam a cena, meu pau estremece imediatamente quando vejo o perfil lateral de uma mulher nua deitada em uma pequena cama de solteiro no

outro lado do quarto. Demoro alguns momentos para perceber quem é e, a essa altura, estou envolvido demais para sair, o prazer perverso correndo por mim e me deixando duro como pedra.

Yasmin.

Seus seios são grandes e cheios, aréolas escuras franzidas no ar e implorando para serem sugadas quando um jovem empurra para dentro dela.

Bem, isso é interessante.

Ela geme de novo, e meu pau retesa enquanto eu absorvo cada centímetro ganancioso de sua pele, vendo-a sob uma luz totalmente diferente do que nunca.

É verdade que, no passado, ela era jovem e eu não estava interessado em uma adolescente com uma paixão boba.

Mas agora não consigo deixar de apreciar as curvas suaves de seu corpo e os ângulos agudos de seu rosto, apesar da repulsa que se infiltra na mistura quando penso em quem ela é..

Garotinha mimada e rica, com uma vida confortável que ela nunca teve que levantar um dedo para alcançar.

Tenho muitas pessoas para me manter satisfeito, então nunca houve a menor tentação, mesmo que ela tenha se tornado uma mulher deslumbrante.

O menino acima dela grunhe, seus movimentos ficando espasmódicos e então parando completamente, e a diversão se infiltra em meu peito quando eu vejo o olhar insatisfeito que flutua no rosto de Yasmin.

— Você veio, princesa? — Ele pergunta.

Se você tem que perguntar, a resposta é não.

Ela lhe dá um pequeno sorriso e balança a cabeça. — Tudo bem.

— Deixe-me cuidar de você, — ele murmura, deslizando seu pênis coberto de camisinha de dentro dela e mergulhando o rosto entre as pernas dela.

Yasmin solta um pequeno suspiro, mas mesmo daqui posso dizer que seus movimentos são de um menino, não de um homem.

Ela não tem ideia do que poderia ser para ela. O prazer que poderia ser forjado de seu corpo. Meu pau pulsa quando a imagem dela amarrada e presa à minha cama, sua boceta inchada e machucada em exibição enquanto ela implora por misericórdia, chicoteia em minha mente.

Eu reprimo um gemido, espalmando a frente da minha calça, pressionando a palma da minha mão contra a minha ereção. Isso envia uma explosão de prazer através de mim e meu peito tem espasmos quando a cabeça de Yasmin se vira em minha direção. Eu deveria me esconder antes que ela veja.

Talvez se eu fosse um homem melhor, eu o faria.

Mas nunca fui um cavalheiro.

Em vez disso, abro mais a porta, apenas o suficiente para garantir que ela tenha uma boa visão de mim aqui, observando, esperando, minha palma esfregando contra o comprimento grosso do meu pau enquanto ele se esforça contra o zíper.

Seu olhar se fixa no meu e se alarga, suas bochechas corando, a boca se abrindo em um O perfeito.

Minhas bolas apertam quando ela me vê, o desejo de entrar na sala e dar a seus lábios algo para agarrar tão forte que me deixa tonto, mas eu me seguro, escolhendo agarrar o contorno do meu pau e me acariciar através do tecido.

Porra.

Meu olhar queima através dela, uma gota de pré-sêmen vazando do meu pau quando percebo o quão vulnerável ela é, esparramada para outro homem e claramente insegura do que fazer quando ela me vê olhando.

Espero que ela grite. Para parar a tentativa patética de seu brinquedo de menino e encobrir.

Mas ela não.

Em vez disso, suas costas arqueiam e seus olhos reviram, seu peito arfando enquanto ela engasga com o ar. Eu mordo o interior da minha bochecha porque estou tão duro que não consigo ver direito.

Isso a excita, sabendo que alguém que tem treze anos de idade a mais que ela, alguém que é a coisa mais próxima do melhor amigo de seu pai, está vendo ela ser fodida? Aquele garoto pode ter a língua dentro dela, mas é *em mim* que ela está pensando agora, querendo ou não.

Seus olhos se abrem novamente, fixando-se nos meus imediatamente, como se fôssemos dois lados de um ímã atraídos pela força. Então seu olhar desce pelo comprimento do meu corpo, abrindo um caminho até onde eu continuo me acariciando para vê-la.

Eu sorrio, e sua língua desliza para fora para correr ao longo de seu lábio inferior.

Meu estômago aperta, imaginando como seria aquela língua correndo pelo comprimento do meu pau enquanto ela olha para mim de joelhos.

Estou a dois segundos de dizer *foda-se*, de abrir meu cinto e deixá-la ver o que ela poderia ter, mas assim que minha mão roça a fivela, minha mente volta para o meu corpo e me pergunto o que diabos eu estou fazendo.

Arrastando-me para longe, eu giro e saio, meu corpo gritando e repulsa abrindo caminho através da excitação da minha falta de controle.

Não tenho nenhum interesse na filha de Ali, sexual ou emocionalmente, e nunca pensei *nela* senão como um estorvo, uma garota boba que se mete no meu caminho e acha que merece o mundo simplesmente por ter nascido nele.

Só agora, ela está gravada em meu cérebro.

E não tenho certeza de como tirá-la de lá.

CAPÍTULO 3

Yasmin



Ele vai contar ao meu pai?

É o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça depois que volto do orgasmo mais intenso da minha vida.

Julian Faraci estava me espionando. E eu deixei.

— Você está bem?

A voz de Aidan está confusa, tanto porque meus ouvidos estão confusos com a força que acabei de gozar quanto porque minha mente é uma névoa tentando compartimentalizar o que acabou de acontecer. Náusea gela meu estômago quando encontro os profundos olhos castanhos de Aidan.

É considerado traição se eu não pude controlar?

Eu não fiz nada de errado, mas o jeito que minhas coxas ainda estão escorregadias pelo que *seus* olhos causaram, me faz sentir nojo, e a culpa se mistura afundando como uma pedra em meu estômago.

— Princesa, — continua Aidan.

Balançando minha cabeça levemente, eu estendo a mão e pressiono minha palma contra sua bochecha. — Sim eu estou bem.

Eu quase conto a ele o que aconteceu, as palavras pesadas na ponta da minha língua, mas no último segundo, eu as engulo de volta, decidindo enterrar a memória em algum lugar dentro de mim onde eu não seja capaz de alcançá-la. Afinal, isso nunca mais *acontecerá*.

Julian realmente não tem nada a perder, mas se ele contar ao meu pai, eu também vou falar alto e forçá-lo a admitir que estava me observando. E não imagino que ele queira que alguém saiba que ele estava esfregando o pênis enquanto via a filha de seu chefe ser comida.

Nem sei ao certo por que ele estava me observando quando passou a maior parte do tempo tentando ativamente me tirar de sua vista. Uma sensação de nojo toma conta de minha pele e me pica por dentro como agulhas quando penso novamente em como me excitei porque ele estava lá.

Sobre o quanto eu gostei disso.

Foi só porque ele é atraente. Um lapso temporário de julgamento, causado pelos sentidos aguçados de minha excitação e pelas infelizes características perfeitas do rosto de Julian. Uma pontada de *algo* atinge o meio das minhas pernas e minha boceta tem espasmos.

Droga.

— Quando posso te ver novamente? — Aidan sussurra, inclinando-se e pressionando sua testa suada contra a minha.

O calor se espalha pelo meu peito e pressiono meus lábios nos dele. — Assim que eu puder me esgueirar.

Eu odeio que tenha que ser assim com Aidan, se escondendo em cantos escuros e sussurrando promessas de quando e onde. Mas a ideia de falar sobre isso com meu pai deixa minhas mãos suadas e meu coração afunda.

Como você diz a um homem que tem medo de decepcionar que está se esgueirando debaixo do nariz dele com um garoto que trabalha em sua casa há anos?

Ele nunca ficaria bem com isso. Ele sempre falou no passado sobre eu me proteger de pessoas sem dinheiro porque elas seriam as primeiras a tentar tirar isso de mim. Ele não entenderia que Aidan não se importa com nada disso.

E honestamente, desapontar meu pai é o menor dos meus medos do que ele faria. Ele poderia mandar Aidan embora. Demitir a mãe dele. Deixá-los nas ruas sem emprego e sem oportunidades.

Não tenho a ilusão de que *Baba* seja um cidadão honesto. Sua moral é frágil na melhor das hipóteses e inexistente na pior das hipóteses. E eu não poderia viver comigo mesmo se algo acontecesse com Aidan ou sua mãe por minha causa.

A mandíbula de Aidan aperta, uma emoção tumultuada passando por seu olhar. — Deixe-me ir conversar com o seu pai, Yas.

O pânico toma conta da minha garganta e deixa minhas mãos úmidas, do jeito que acontece toda vez que ele toca no assunto. — N-não. Ainda não.

Aidan se empurra para trás, pulando da cama e remexendo entre as peças de roupa no chão até encontrar suas calças, puxando-as grosseiramente pelas coxas. Eu o observo em silêncio, a culpa parecendo mil pedregulhos amarrados ao meu corpo, me arrastando para baixo até que eu me afogue.

— Ele queria que eu conhecesse um homem hoje à noite em nosso jantar,— eu forço.

Não sei por que menciono a questão agora ou por quê, a não ser, talvez, se eu contar isso a ele, então não vou me sentir tão mal por manter o que aconteceu com Julian perto do meu peito.

Não é até que ele esteja totalmente vestido, jogando sua camiseta branca básica sobre a cabeça, que ele fala novamente. — E... você?

Eu balanço minha cabeça. — Ele nunca apareceu.

Aidan suspira. — Você não pode deixar seu pai controlar sua vida para sempre.

Um pico de raiva passa por mim, e eu lambo meus lábios, virando minha cabeça para o lado. — Você não entende.

— Porque você não vai deixar! — Ele gira para me encarar completamente enquanto seus punhos se fecham ao seu lado.

— Ele está *doente*, Aidan!

Ele zomba. — Acredite em mim, eu sei.

Meu olhar se suaviza enquanto o encaro, desejando poder tirar a mágoa de seu rosto. Mas o que Aidan está pedindo não é algo que eu possa dar.

Suspirando, eu passo uma mão trêmula pelo meu cabelo emaranhado, as mechas negras e encaracoladas lutando contra meus dedos. — Eu não quero causar nenhum estresse a ele. Não é bom para ele ficar estressado.

Uma pequena fatia de raiva se insinua em meu peito por ter que verbalizá-la. Dizer em voz alta a torna *real*, e eu ainda estou tentando fingir que não é.

Minha língua seca gruda no céu da boca. — Eu vou dizer a ele, ok? Eu só preciso de tempo.

Aidan olha para mim, os planos suaves de seu rosto contraídos antes de finalmente soltar um suspiro e se aproximar, sentando-se ao meu lado. Suas mãos seguram meu rosto e ele enxuga as poucas lágrimas perdidas que não consegui conter. — Princesa, quanto tempo mais você tem*?*

Suas palavras esmagam a dor como uma bola de demolição, espalhando os pedaços quebrados até que estilhaçam minha pele. — Não use o câncer de pulmão dele como uma arma para conseguir o que quer, Aidan.

— Eu não estou.

Meu lábio inferior treme e eu o puxo entre os dentes, torcendo minha cabeça para longe de seu aperto.

Seu aperto aumenta e ele me traz de volta para encará-lo. — Eu não estou. Eu só... eu te amo desde os treze anos, e respeito seus desejos, esperando do lado de fora, mantendo você em segredo todos esses anos enquanto você descobria uma maneira de contar a ele. Não quero perder a chance de receber sua bênção. Deixe-me provar que sou bom o suficiente, Yasmin. Para ele *e* para você.

Meu estômago revira.

— Eu posso te dar o mundo. Mas você tem que me deixar ficar com você em público. — Ele dá pequenos beijos ao longo da minha mandíbula, causando arrepios no meu pescoço. — Eu te amo, Yas. Certamente, seu pai vai ver que você me ama também.

Assentindo, afasto o medo e corro meus dedos por seu cabelo castanho sedoso. — Ok. Falo com ele amanhã.

Mas na manhã seguinte, quando estou sentada no escritório do meu pai... não *falo* com ele.

Apesar do que Aidan possa pensar, não é tão fácil. Tentei mil vezes ao longo dos anos fazer as palavras saírem de meus lábios: — *Baba, estou apaixonada por Aidan Lancaster*. — Mas elas nunca vêm.

A princípio, não havia nada realmente para contar. Foi apenas uma amizade profunda, que floresceu logo depois que ele apareceu na propriedade, quando sua mãe se tornou a chefe de nossa equipe doméstica quando ele tinha seis anos. Éramos duas crianças que passavam o tempo livre juntas no verão e escapavam para fazer anjos de neve no inverno. E quando se transformou em algo mais, tornei-me protetora, com medo do que faria se perdesse Aidan e, para ser honesta, com medo de deixar meu pai chateado. Há uma necessidade de aprovação do meu pai que surge no fundo do meu estômago, sangrando através de cada uma das minhas boas intenções até apagar toda a luz. Ele não é um homem insensível, pelo menos não comigo, mas espera que exista um certo tipo de pessoa em nosso círculo, e as pessoas de renda mais baixa não se encaixam nesse padrão. Eles são membros da equipe, feitos para serem vistos e não ouvidos. E definitivamente não pretendia invadir e roubar o coração de sua filha.

Não tenho certeza de onde vem a insegurança. Talvez seja porque minha mãe morreu no parto, deixando-o sozinho em minha órbita, ou talvez porque, apesar

da visão nada ideal que ele tem de mim, ele me amou e me apoiou todos os dias da minha vida.

Ele *nunca* deixou de estar presente.

Eu daria o mundo ao meu pai porque é o que ele me deu. Eu seria egoísta em fingir o contrário.

— *Habibti*, você está bem?— A voz de meu pai se espalha pelo ar, deslizando pelos tampos de seus móveis de madeira escura até se acomodar pesadamente em meus ombros, forçando-me a me afundar no rico couro cor de vinho de sua cadeira enorme.

Estamos em seu escritório em casa, o lugar onde ele passa a maior parte de seus dias agora que está doente, e flashes do meu tempo como uma criança sentada no colo de meu pai atrás de sua mesa enquanto ele me ensinava sobre os quatro C's de diamantes - corte , cor, clareza e contagem de peso em quilates - vêm à tona em minha mente. Um sentimento caloroso de amor toma conta de mim quando me lembro de como ele me balançava no colo enquanto eu olhava para uma lupa e olhava as joias que ele trazia para casa.

— Sim, Yasmin,— Julian interrompe. — Você parece positivamente corada. Quer compartilhar?

Eu cortei meu olhar para ele, irritada por ele estar sempre aqui e claramente tentando o seu melhor para me irritar. Sempre soube que ele era o ajudante do meu pai, mas até voltar da universidade, não sabia que isso significava que ele ficaria para sempre como um mau hábito.

Ele me encara com um desafio, seu corpo alto vestido em um terno perfeito e seu ombro encostado na parede como se ele não tivesse um único cuidado no

mundo. Como se ele não tivesse se tornado o pior bisbilhoteiro do mundo ontem à noite, enquanto observava Aidan me foder e depois me fazer gozar com sua língua.

— Você não tem sua própria casa para onde ir?— Eu zombo. — Sua própria família para incomodar?

Ele ri. — Por que estar lá quando há tanto para *ver* onde estou?

O constrangimento flui através de mim, meu sangue pressionando sob a superfície da minha pele.

— O fato de eu estar aqui o incomoda? — Ele inclina a cabeça.

Eu dou de ombros. — Você é como uma barata, sempre à espreita em cantos escuros.

Ele sorri, endireitando-se na parede e passeando em minha direção, inclinando-se ligeiramente enquanto pega minha mão e pressiona um pequeno beijo nas costas. — Eu poderia te ensinar muito sobre o que acontece nos cantos escuros, *Gattina*, — ele murmura.

Meu coração dispara para a minha garganta.

— Vocês dois são como irmãos,— meu pai diz com uma risada.

Julian franze a testa enquanto se levanta novamente. Ele alisa a frente de seu paletó preto, as veias das mãos são evidentes devido à tinta que as envolve. Ao apertar os olhos, percebo que é a tatuagem de uma cobra aparecendo na manga do paletó e acompanho seu braço com o olhar, imaginando até onde vai a arte.

Uma cobra.

Adequado, eu acho.

Uma sensação formigante de mau presságio sobe pela minha espinha e envolve meu pescoço.

— *Baba*, — eu digo, desviando os olhos de Julian. — Podemos conversar em particular?

Mantenho minha atenção em meu pai, mas o lado do meu rosto queima, e posso dizer apenas pela sensação de que Julian não tirou o olhar de mim.

— Eu já estava de saída,— afirma Julian. — Descanse, meu velho. Eu o chamarei com qualquer notícia importante.

Meu pai acena com a cabeça enquanto observa Julian sair, e meus dedos cavam nas laterais da cadeira de couro para conter o desejo que está girando dentro de mim, me dizendo para segui-lo e garantir que ele nunca fale sobre o que viu. Para perguntar a ele quem *diabos* ele pensa que é.

— Eu queria falar com você também,— diz meu pai. — Não tenho certeza de quanto tempo...

— Não,— eu o interrompi, o pânico de repente enchendo meu peito como cimento molhado. — Não quero falar sobre isso.

Seu olhar suaviza. — *Temos* que conversar sobre isso. Não há cura aqui, querida, e há coisas que preciso dizer antes que eu... antes que eu não possa.

Meus dedos se fecham em punhos até que minhas unhas quebrem a pele, esperando que a pontada aguda da dor me acalme.

— Preciso que você ouça com a mente aberta,— continua ele. — Você pode fazer isso por mim?

O nó na minha garganta aumenta até parecer que vai estourar pelo meu esôfago. Eu engulo em torno da dor. — Eu faria qualquer... — Eu inspiro uma respiração instável. — Qualquer coisa por você, *Baba*.

Uma emoção sombria atinge seus olhos e, mesmo através da pele pálida e dos lábios secos, vejo uma faísca nele, uma que pensei ter desaparecido para sempre.

— Você está falando sério? — Ele pergunta.

Concordo com a cabeça, endireitando-me na cadeira, desesperada para fazê-lo ver a verdade. — Com todo o meu coração.

— Então eu tenho um pedido. — Ele para, uma forte tosse se libertando. Isso faz com que *meus* pulmões tenham cãibras apertadas enquanto o observo lutando contra os sons ásperos e a respiração ofegante antes de se recompor. Ele me dá um pequeno sorriso triste. — Considere isso o último desejo de um moribundo.

Meu coração dói.

— Qualquer coisa, — eu sussurro.

— Eu preciso que você se case.

O choque corre pelo meu corpo como uma represa inundada.

— O-o quê?— eu gaguejo.

Ele sorri suavemente, sentando-se em sua cadeira. O relógio na parede está tiquetaqueando audivelmente, confundindo meus pensamentos já acelerados enquanto tento descobrir o que ele quer dizer. Deve ser uma metáfora ou um eufemismo, porque sei *que* não é o que parece. Ele não iria pedir isso de mim. *Isso não*.

Meu pai acena com a cabeça e se levanta de onde estava sentado atrás de sua mesa, andando lentamente pelas bordas e vindo em minha direção. Meu coração está batendo tão alto que posso ouvi-lo em meus ouvidos, e o som me dá enjôo.

Vou vomitar no tapete persa dele?

Suspirando, ele se senta na cadeira ao meu lado, estendendo a mão e agarrando meus dedos, seus polegares frágeis alisando as costas das minhas mãos.

Eu olho para o movimento, meu peito apertando com o carinho. Pela maneira como seu aperto não é tão forte quanto costumava ser e pelo fato de que cada coisa que ele faz é outro lembrete de como ele está doente.

— Você é minha filha, Yasmin. A coisa mais importante da minha vida. Eu preciso saber que você será bem cuidada,— ele murmura.

Eu engulo o pavor que está rastejando pelos meus poros. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— Ouça, eu... — Ele faz uma pausa, seu olhar passando rapidamente do meu rosto para algo atrás de mim e depois de volta. — Eu não confio em estranhos. Meu legado é você e o que nossa família construiu. Os Sultans são nossos desde que meu pai veio para cá com o sonho de construir um império, sabendo que um dia isso passaria para mim e depois para um filho meu.

Suas palavras me dão um tapa na cara e são um forte lembrete de que, apesar de todas as coisas que sou *para* meu pai, há também uma coisa que não sou.

Um filho.

— Os Sultans pertencem à família, — continua ele. — Tudo o que tenho é seu.

— Então deixe-me pegar, — eu digo, minha voz ficando mais forte. Este é o meu momento de provar a ele que sou mais do que ele vê. Não é meu sonho comandar

um conglomerado multibilionário. Minha graduação era em psicologia, não em negócios, e eu não fazia ideia do que diabos fazer, mas poderia aprender. Farei qualquer coisa para garantir que seu nome viva, que o legado de nossa família viva, se é isso que ele precisa que eu faça.

Ele ri, mas é um som vazio. — Você é a luz da minha vida, Yasmin. Mas você não foi feita para viver no meu mundo.

— Isso não é justo, *baba*. eu...

— Não, — ele interrompe. — Eu fiz tudo o que pude para proteger você. Para... *protegê* -la do lado desagradável da minha vida. E há coisas que você não poderia entender e coisas pelas quais você nunca poderia me perdoar se soubesse.

Minhas sobrancelhas levantam e eu sento no meu lugar, puxando meus dedos dos dele. — Eu sei mais do que você pensa.

Ele ri, estendendo a mão para dar um tapinha nas costas da minha mão.

Ele provavelmente teria me colocado em todas as suas reuniões desde que eu era pequena, ensinando-me sobre as coisas "desagradáveis", esperando que eu ouvisse e aprendesse. O fato de ele não ter a pessoa que está procurando - alguém para assumir o controle da Sultans que tenha sangue Karam nas veias - é culpa dele mesmo.

— Se você se casar, seu marido pode tomar as decisões em seu nome como único acionista, e eu posso morrer em paz, sabendo que as duas coisas mais importantes da minha vida estão em boas mãos. Nas mãos da *família*.

Meu peito dói com a rapidez com que meu coração está batendo, e minha cabeça parece que um elástico está sendo enrolado em volta do meu crânio e apertado. Mas, apesar de tudo isso, percebo que é *isso* . Este é o momento em que

posso contar a ele sobre Aidan. Respiro fundo e me preparo para superar os nervos. — Na verdade, eu tenho alguns...

Antes que eu possa terminar a frase, ele tosse. E tosse. E tosse. É alto e raspa contra as bordas ásperas de seus pulmões doentes antes de explodir de sua boca. Suas mãos deixam as minhas de repente.

Eu observo enquanto ele corta até seus olhos lacrimejarem. Ele pega um lenço do bolso, e o vermelho que mancha o tecido me faz engolir as palavras como bile, permitindo que queimem minha garganta em vez de manchar o ar. Não posso contar a ele sobre Aidan agora. Não posso decepcioná-lo com uma escolha que ele nunca quis para mim. Não quando ele está assim.

Minhas narinas se dilatam, o desespero tomando conta de mim enquanto observo meu pai lutar contra sua dor para me pedir uma última coisa.

Mas como ele pode me pedir isso?

Como posso dizer não?

Lentamente, ele limpa a boca, uma única lágrima rolando pelo rosto e atingindo a barba irregular, aquela que começou a crescer quando ele voltou para casa e interrompeu o tratamento para sempre.

Em qualquer outra circunstância, seu cabelo seria um sinal de esperança, de resiliência. Agora, é apenas mais um lembrete de que seus dias estão contados.

— Por favor, — ele sussurra, sua voz fraca.

Um pensamento surge na minha cabeça, espalhando-se pelo meu cérebro como ácido. É por *isso* que ele queria que eu conhecesse aquele homem no jantar. Ele era *casamenteiro*.

A traição está na minha língua como pó seco. Todo esse tempo, todos esses anos, eu acenei com a cabeça e disse sim a qualquer coisa que ele me pedisse, fui embora como uma boa garotinha para todos os internatos e aulas de etiqueta, e nunca falei fora de hora. Fui para a faculdade e consegui uma especialização "respeitável" em vez de fazer um bacharelado em fotografia como eu queria.

E quando ele ficou doente, corri para casa sem pensar duas vezes, sabendo que haveria tempo para eu descobrir minha própria vida depois.

Depois.

Ele está morrendo, eu me lembro.

Eu olho para cima, olhando para o rosto dele, o peso do que ele está pedindo de mim parece que o mundo acabou de cair sobre meus ombros.

Seus olhos não encontram os meus, e sei que é difícil para ele ficar assim na minha frente. Ele sempre foi o pilar de força no meu canto, e devo a ele devolver isso.

Eu devo *tudo a ele* .

— Tudo bem, *Baba*. O que você quiser.

CAPÍTULO 4

Julian



Minha mandíbula aperta enquanto eu escuto na porta, ouvindo Yasmin e seu pai. Não fico surpreso ao ouvir Ali dizer que ela precisa se casar, contando que eu já sabia que isso aconteceria, mas queima do mesmo jeito.

Honestamente, estou um pouco insultado por ele não ter pensado em *me propor* em casamento com Yasmin. Presumo que tenha a ver com a nossa diferença de idade ou com o fato de ele "me ver como um filho". Mas há um pensamento que se enraizou desde que soube que ele estava trazendo pretendentes, sussurrando que talvez, como todo mundo sempre fez, ele não me ache bom o suficiente.

Meu peito arde com a ideia.

Não importa.

Ainda dá tempo de cortar os cordões e reorganizá-los até que as marionetes se mexam ao meu gosto. Depois que Ali falecer, não precisarei de uma princesa que pensa que o sangue que corre em suas veias e o dinheiro com o qual ela teve a sorte de crescer a tornam melhor do que todos os outros.

Meu coração salta para a garganta quando uma tosse soa por trás da madeira pesada da porta e, no mesmo momento, meu telefone vibra contra minha perna, fazendo com que eu me sobressalte.

Respirando fundo, sacudo a cabeça e tiro o celular do bolso.

Saio de onde estava escutando e sigo pelo corredor de mármore ornamentado, decorado com pinturas grandes de Monet e Van Gogh e iluminado com luzes fracas de milhares de dólares. É um clichê tê-los pendurados aqui, mas esse é o objetivo. Arte bem conhecida que até mesmo um leigo reconheceria. Na verdade, tudo isso é apenas isso - os móveis luxuosos e os flashes de dinheiro - um show.

Mas é um show que eu gosto de assistir.

Eu sonhava em estar em lugares como esse desde que era criança, quando cresci com quase nada.

Ficar sem poder e sem dinheiro envelhece rapidamente.

Quando meu pai de merda morreu, eu entrei em cena e vendi a lavanderia, usando o dinheiro para fazer aulas noturnas de administração, enquanto conseguia um emprego mal remunerado na sala de correspondência da Sultans como um jovem de dezoito anos.

Levei cinco anos para chegar aos escritórios executivos depois de obter meu diploma e outros cinco para me tornar o braço direito de Ali. Foi tedioso matar todas as pessoas que estavam em meu caminho, mas depois da *infeliz* morte do COO anterior, finalmente consegui.

Mas nem todos morreram em vão. Elas estão materializadas para sempre como obras de arte em minha pele.

Troféus, se preferir. Um lembrete de tudo o que tive de sacrificar para chegar onde estou.

Meu telefone vibra novamente e eu olho para baixo, vendo *Mamma* piscando na tela.

Aperto a mandíbula, meu corpo se debate entre o dever que sinto de pegar e falar com ela e o pavor absoluto de fazer isso. Uma sensação pesada se instala no centro do meu estômago e cai como um peso de chumbo quando paro no meio do corredor, observando a tela se iluminar repetidamente.

No último segundo, silencio a chamada, e o fardo pesado é imediatamente retirado de meus ombros quando a mando para o correio de voz.

Ela é uma batalha para outro dia. E até lá, eu a tranco bem no fundo da minha mente, onde não preciso pensar nela de forma alguma.

Não coloco o telefone de volta no bolso e, em vez disso, pressiono o número um para fazer uma discagem rápida para meu assistente Ian.

— Chefe. — Sua voz é aguda, impetuosa e áspera, o tipo de som que me faz querer fechar sua boca com fita adesiva e arrancar suas cordas vocais até que ele se torne um cachorrinho mudo que não pode latir.

Se ele não fosse tão bom em seu trabalho e tão infalivelmente leal a mim, tanto pessoal quanto profissionalmente, eu provavelmente o teria feito. Mas é sempre bom ter alguém no bolso de trás quando você precisa, e eu trabalhei duro nos últimos cinco anos, desde que Ian entrou na empresa, para garantir que fosse minha. Ninguém mais em minha vida foi tão fiel, e eu recompenso a lealdade independentemente da fonte.

— Você está no escritório? — Pergunto-lhe.

— Claro.

— Estou a caminho.

— Excelente, — ele diz. — Estarei aqui para o que precisar.

— Eu preciso...

— Ei!

Minha voz se interrompe com o grito abafado e eu paro, dando meia-volta de onde estava indo para o corredor, minhas sobrancelhas se erguem quando vejo Yasmin andando rapidamente, com fogo em seus olhos escuros enquanto me alcança.

— Eu estarei aí em breve,— digo, meu olhar nunca deixando Yasmin enquanto desligo o telefone e o coloco de volta na calça. Minhas mãos seguem o mesmo caminho, deslizando para dentro dos bolsos enquanto me inclino para trás sobre os calcanhares.

Ela para na minha frente, com os braços cruzados sobre os seios, fazendo-os subir e descer com sua respiração pesada. Meu olhar começa a se voltar para baixo, lembrando-me da forma como seus mamilos se contraíam enquanto ela se entregava à língua de outro homem, mas eu me contenho contra o lapso temporário de controle.

— Eu quero falar com você sobre a noite passada, — ela se apressa em dizer.

Um sorriso puxa no canto da minha boca. Eu não tinha certeza de que ela falaria sobre o assunto. Surpreendentemente, gosto disso. — Você não tem coisas mais importantes com que se preocupar?

Seus olhos se estreitam, aquelas joias de âmbar escuro me atravessando. — Você teve alguma coisa a ver com o fato de colocar essa ideia ridícula na cabeça do meu pai? — Ela sibila.

— Você precisa ser mais específica, — eu digo lentamente.

— Acho que você sabe exatamente do que estou falando. — Seu dedo se estende e cutuca meu peito, sua unha vermelha perfeitamente cuidada batendo contra o preto da minha camisa. — Você está sussurrando besteira nos ouvidos do meu pai há anos. Não se faça de bobo agora.

Retirando a mão do bolso, levanto-me e afasto-a como se fosse um fiapo, adotando um ar de tédio, embora meus nervos estejam vibrando de desconforto. Não gosto de ser tocado, a menos que eu inicie o toque. — Se ele fez algo que a aborreceu, prometo, *Gattina*, que não tem nada a ver comigo. — Uma nuvem escura passa por suas feições.

— O que foi, Julian? — Ela ronrona, seu corpo a um fio de cabelo do meu. — Não consegue lidar com um pouco de competição de uma mulher? Com medo do que farei quando a Sultans se tornar minha e eu levar o *lixo para fora* ?

Uma risada borbulha em minha garganta, mesmo quando o incômodo se instala em minhas bordas, suas palavras esfaqueando feridas que não quero reconhecer que existem.

Ela deve ter percebido a mudança em meu comportamento e se deu conta de que foi longe demais, porque sua confiança cai quando me aproximo até que nossos corpos estejam quase encostados um no outro, com pequenas baforadas de raiva saindo de sua boquinha perfeita. Ela ofega, cambaleando para trás como se precisasse se afastar o máximo possível.

Minha mão se estende e agarra seu pulso com força, puxando-a para perto de mim até que minha sombra se eleve sobre sua estrutura esbelta, envolvendo-a na escuridão. Não sei ao certo por que faço isso, a não ser pelo fato de que não posso deixar de fazê-lo, como se algo tivesse nos unido de repente, me incentivando a tocá-la, transar com ela ou calá-la para que *nunca* mais fale sobre a Sultans.

Ela é irritante de uma forma que não consigo controlar, mas tocá-la a deixa desconfortável. Posso ver isso na forma como ela se contorce. Isso me faz querer fazer isso com frequência, só para poder afirmar meu poder e ter certeza de que estou em vantagem.

Deslizo meus dedos lentamente pela pele nua de seu braço, pelo ombro, pela clavícula exposta e pela extensão de seu pescoço.

Ela engole, sua garganta se move sob as pontas do meu polegar.

— Se eu desejasse, — murmuro, inclinando-me até nossos narizes se tocarem, — poderia fazer com que você não precisasse de nada *além de* mim.

Ela zomba, virando o rosto para o outro lado.

Sinto vontade de puxá-la de volta, de forçá-la a ficar parada até que *eu* permita que ela se mova, mas resisto à tentação, soltando-a e me endireitando enquanto passo a palma da mão na frente da minha camisa. — Eu prometo... — Faço uma pausa, estendendo a mão e batendo meus dedos contra sua bochecha. — Eu não sou alguém que você quer do seu lado ruim.

— Você não é alguém que eu quero do *lado,* — ela retruca.

— Não? — Eu levanto uma sobrancelha. — Decisão boba para uma garota tão educada.

— Sabe, acho que você pode ser o homem mais arrogante que já conheci.

Eu ri. — Você nem me conhece.

— Eu sei o suficiente, — ela retruca. — Eu sei que você é um idiota.

— E você é uma menina mimada. — Eu dou de ombros. — Mas eu ainda usaria você a meu favor se pudesse.

Sua cabeça se inclina para o lado. — O quê?

Meu coração acelera em meu peito, fazendo a cavidade apertar enquanto o pensamento que está coçando meu cérebro se solidifica em uma ideia completa. Uma que poderia resolver tudo.

Ali quer que ela se case, não querendo deixar nada para sua filha *perfeita, a menos que ela tenha um homem para reivindicá-la, e eu..? Eu poderia ser aquele com quem ela se casaria*.

Já pensei nisso antes, mas deixei de lado em vez de permitir que o plano se enraizasse porque, embora não fosse difícil tê-la em minha cama, tenho medo de que meus ouvidos sangrem com o incômodo de sua voz, e meu pavio curto para suportar sua atitude detestável pode não permitir que ela sobreviva a uma única noite.

Mas seria um incômodo temporário e que resolveria quase todos os meus problemas. E agora que ela está aqui na minha frente, com meu pênis a pleno vapor e minha mente girando com o plano que está tomando forma na minha cabeça, parece quase atraente.

Casar com a garota, deixar o velho morrer, matá-la e acabar logo com isso, herdando tudo sem a filha vagabunda ao meu lado.

Minha coluna se endireita e deixo meus olhos descerem ao longo dela, olhando-a pela primeira vez como se ela fosse minha presa e eu estivesse faminto para comê-la.

— Claramente, Ali fez algo para perturbar seu ego frágil. E como você mesmo disse. Ele me ouve.

— Seu maior defeito, na minha opinião. — Ela sorri.

— Bonitinha. — Eu sorrio. — Uma mulher inteligente me veria como uma oportunidade.

— Eu... o que você quer dizer? Você está dizendo que quer... me ajudar?

— Estou dizendo que parece vantajoso me ter ao seu lado. Eu, aquele que domina o homem mais importante da sua vida. — Eu arqueio uma sobrancelha. — Supondo que ele *seja* o homem mais importante da sua vida?

Seu corpo se dobra ligeiramente. Claramente, ela recebe a insinuação de que eu mencionei seu amante secreto e ela não quer falar sobre isso.

— Claro que ele é, — ela murmura.

Cantarolando no fundo da minha garganta, eu aceno e alcanço, pressionando meu polegar e indicador contra a parte inferior de seu queixo, beliscando levemente. — Então eu sugiro que você guarde essas garras, *gattina*. Por que fazer de mim um inimigo quando posso ser um aliado?

O fogo queima atrás de seus olhos e eu me viro, uma satisfação doentia por deixá-la sem a chance de responder se espalhando por todas as veias do meu corpo.

CAPÍTULO 5

Yasmin



Mantive Aidan em segredo de todos em minha vida por anos. Para o mundo exterior, ele não passa de um amigo de infância. E, no início, eles estavam certos. Eu me sentia sozinha quando estava em casa, e ele estava lá. Mas, antes que eu percebesse, ele havia roubado meu coração como um ladrão e, quando eu não tinha certeza do que estava sentindo, ele me disse que era amor.

Enquanto me sento em frente à minha melhor amiga, Riya, observando-a bebericar Bellinis de framboesa e gemer em torno de croissants de chocolate de vinte dólares, não posso deixar de desejar que ela soubesse. Que eu não tivesse guardado esse segredo de todo mundo e tivesse permitido que ela fosse minha rocha.

Talvez, se eu tivesse alguém com quem conversar sobre tudo, não me sentiria tão sozinha - não me sentiria como se estivesse sufocando no ar.

— Esses croissants não são nada além de açúcar e carboidratos, — diz ela enquanto se recosta na cadeira de metal do pátio, as unhas pintadas de preto coçando a barriga. — Mas valem a pena.

Cantarolo, pego minha câmera Canon EOS R3 e tiro uma foto rápida dela.

Ela sorri e me dá um olhar de reprovação.

Tiro outra foto, já imaginando como ela ficará boa em preto e branco. A ousadia de Riya não precisa de cor para transparecer nas lentes.

Fotografar pessoas em seu estado natural é minha parte favorita de tirar fotos. Há algo tão catártico nas fotos espontâneas, capturando um único momento solitário e mantendo a emoção viva para sempre.

— Deus, eu esperava que você superasse isso depois da faculdade. — Riya acena para minha câmera enquanto a coloco ao meu lado.

Eu sorrio, pegando meu Bellini e tomando um gole, deixando as bolhas assentarem em minha língua e se misturarem com a doçura da framboesa. — Bem, eu esperava que você deixasse de ser uma cadela, mas nem sempre podemos conseguir o que queremos.

Ela ri, jogando um guardanapo sobre a mesa para mim. Eu sorrio, colocando minha bebida de volta na mesa.

Riya e eu nos encontrávamos para o brunch de domingo desde nossos dias de faculdade em Oregon. Éramos colegas de quarto lá, assim como éramos há anos, pois tínhamos planos de ir para a faculdade juntas desde que éramos crianças correndo pelo internato em que nossos pais nos colocaram.

Nós nos conectamos instantaneamente quando nos conhecemos, ambas vindas de uma criação rica com pais rígidos e paredes invisíveis para nos impedir de sair muito da linha. Mas onde meu pai me dá tudo o que eu poderia pedir e toda a atenção que ele tem, o dela a trata como um fantasma, algo que pode ser guardado e mantido em silêncio com dinheiro. Mas Riya aprendeu que mesmo atenção ruim é *atenção*, e ela se tornou uma encrenqueira rapidamente, ansiando pelo reconhecimento que isso proporcionava.

Por isso, quando chegamos à universidade, ela se comportou de forma diferente. Era conhecida como uma garota festeira que estava se agarrando ao seu diploma por um triz e pelas inúmeras doações em nome de seus pais.

Como resultado de nossos estilos de vida diferentes, quando tivemos nosso primeiro gostinho de liberdade, os brunches de domingo se tornaram nossa segurança, nosso encontro semanal. Principalmente para que eu pudesse ter certeza de que ela sobreviveria à semana depois de não voltar para o dormitório mais do que uma ou duas vezes em um período de sete dias.

Em Oregon, conseguimos encontrar pequenos pubs de fachada - joias escondidas com maus hábitos sanitários e Bloody Marys de matar. Agora que estamos de volta a Nova York, tivemos que nos adaptar. Eu tinha mais liberdade quando estava longe, mas meu pai gosta de saber que estou segura.

Ele é um homem importante, e homens importantes têm muitos inimigos.

Então nos encontramos aqui no Bazaar Treats. É um lugar sofisticado, conhecido por suas iguarias e pelo cardápio superfaturado, escondido nas colinas chiques de Badour, Nova York, onde moramos.

Nunca me opus às coisas que meu pai precisa fazer para cuidar de mim, mas, pelo menos uma vez, gostaria de sair do casulo e me perder nas ruas da cidade de Nova York. É difícil fazer isso quando tenho de depender dos motoristas fornecidos

pelo meu pai. Nunca aprendi a dirigir; não havia necessidade, e meu pai preferia que eu fosse conduzida em vez de dirigir.

Talvez em outra vida. Ou talvez depois que ele se for.

A vergonha cobre minhas entranhas quando esse pensamento passa pela minha cabeça, a náusea revirando meu estômago como um navio em uma tempestade até que flocos amanteigados de croissant subam pela minha garganta.

Como pude pensar isso?

A raiva pelo pedido dele não é motivo para pensamentos egoístas. Pensamentos *maldosos*. Mas estou tendo dificuldade em lidar com minhas emoções.

Já se passaram três dias desde a conversa com ele, quando ele virou meu mundo de cabeça para baixo. Setenta e duas horas para que a ansiedade preenchesse todas as veias até que elas ficassem zumbindo, agudas e apertadas. E não estou mais perto de uma solução do que estava.

Meu telefone vibra contra o tampo da mesa, à direita do meu prato vazio, e olho para baixo, com a culpa me inundando o peito quando o nome de Aidan aparece na tela. Eu o tenho evitado, sem saber o que dizer - o que fazer - e sem querer ouvir a mágoa em sua voz quando eu tiver que lhe contar o que está acontecendo.

Eu esperava já ter pensado em algo a esta altura, algo que pudesse me salvar desse pesadelo sem ferir cada uma das pessoas que amo, mas claramente não é o caso.

— O que está acontecendo com você? — Riya pergunta, estalando os dedos na frente do meu rosto.

Eu dou de ombros, virando meu celular até que esteja virado para baixo. — Nada. Por quê?

Sua sobrancelha se ergue até tocar a linha dos cabelos escuros e ela se inclina sobre a mesa, com a mão estendida como se fosse pegar meu celular.

A ansiedade me invade e eu o pego desajeitadamente, empurrando-o para o meu colo.

Não sei ao certo por que entrei em pânico dessa forma. Ela sabe que Aidan existe. Ela sabe que fomos amigos e que eu gosto dele. Na verdade, eles são amigos há tanto tempo quanto eu, porque, na maioria das vezes, Riya vinha passar as férias em minha casa enquanto seus pais estavam de férias no sul da França. Nós três nos unimos da mesma forma que qualquer criança da mesma idade com nada além de tempo e tédio em suas mãos.

Ela simplesmente não sabe exatamente o *que* ele significa para mim. Já quis lhe contar milhares de vezes, mas é... muito arriscado. Suspirando, tento passar a mão no cabelo, mas meus dedos ficam presos nos cachos.

— Mm-hmm... — ela diz, com as costas batendo na cadeira. — Você é uma mentirosa de merda, sabia?

Pego minha taça de champanhe e bebo mais um pouco do meu Bellini.

Ela sorri. — Você realmente não vai me contar?

Mais uma vez, meus segredos afloram à superfície do lugar profundo onde os mantenho bem trancados, a guerra dentro de mim enfraquecendo minhas defesas até que eu não possa mais lutar, especialmente considerando a exigência de meu pai e minha promessa a Aidan.

— Eu fiquei com Aidan, — eu admito.

Não é toda a verdade, mas, pelo menos, ameniza o peso de ter guardado isso dentro de mim durante todos esses anos.

— E? — Ela revira os olhos, soltando uma risada. — O que mais é novo?

— O que isso deveria significar? — Eu aperto os olhos.

Ela se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa de linho branco do pátio. — Sou sua melhor amiga, Yas. Você não precisa me dizer que está apaixonada por alguém para que eu saiba. Vocês dois sempre foram péssimos em esconder qualquer coisa.

Meu coração gagueja, balançando à beira de um penhasco e mergulhando fundo no meu interior. *Há quanto tempo ela sabe?* E se ela sabe, então mais alguém sabe?

—Sim, bem, o filho da puta do amigo de *baba* nos pegou na outra noite. — Minhas bochechas esquentam e eu gemo, deixando cair minha cabeça nas palmas das minhas mãos, pressionando até que pontos brancos se espalhem atrás de minhas pálpebras fechadas.

Riya respira fundo. — Quem, Julian?

Soltei uma risada sem emoção , meu estômago embrulhando com o nome dele.

— O primeiro e único.

— Oh, *merda*.

— Sim. — Eu mastigo o canto do meu lábio até a pele começar a rachar. — Acho que ele não vai dizer nada. Ele pareceu gostar do que viu.

Os olhos profundos de Riya se alargam, seu olhar escuro brilhando e um sorriso diabólico se espalhando em seu rosto. — Sua vagabunda! Você o deixou assistir?

— Eu não *deixei* ele fazer nada, — eu digo. — Eu só... não o impedi.

Mais uma vez, a repulsa abre caminho por dentro, porque como diabos eu poderia deixar isso acontecer?

Ela joga a cabeça para trás e ri tão alto que as outras pessoas no pátio olham para nós.

Pego o guardanapo que ela jogou antes e o jogo de volta, afastando a culpa mais uma vez. Desta vez, espero que a lembrança se afaste para sempre. Está feito, e só porque eu gostei da sensação de ter os olhos de alguém em mim, não significa que eu goste *dele*.

Ela se inclina para a frente novamente e tira o cabelo do ombro. — Se eu fosse você, aproveitaria a oportunidade. Aposto que ele fode como um deus. Os homens mais velhos sempre o fazem.

— Isso é porque você é uma cadela egoísta. — Eu sorrio.

— Não há nada de errado em se colocar em primeiro lugar. — Ela encolhe os ombros, olhando para mim com um olhar acusador. — Você deveria tentar isso algum dia.

Seu comentário diminui a diversão zumbindo em meu peito, e eu franzo a testa para ela.

— Então é isso que faz você perder a concentração a cada dois segundos, como se estivesse drogada? — ela continua. — Você está pensando em Julian Faraci?

— Meu pai quer que eu me case. — Eu apresso as palavras tão rápido que engasgo com o nó repentino na minha garganta. Estendo a mão e pego meu copo novamente, tomando os últimos goles do meu Bellini antes de virar a cabeça para examinar a sala em busca de nosso garçom para pedir outro.

Já estou tonta, mas não o suficiente para esta conversa.

— Ah. — A voz de Riya é monótona.

Meu coração aperta. — Sim. *Ah*.

— Como... com um estranho? — Sua cabeça se inclina com a pergunta, mas não adianta fingir que não sabemos a resposta.

Engulo e aceno com a cabeça, um flash de Aidan passando por minha mente. A culpa se instala na parte de trás da minha língua. — Bem, eu não sei, — eu corrijo. — Eu estava muito ocupada tentando respirar através das algemas colocadas em meus braços e pernas para fazer perguntas.

— O que ele vai fazer, alinhar pretendentes e fazê-los duelar por sua mão?

— Eu não sou um prêmio em uma feira. — Meu estômago queima.

Ela zomba. — Diga isso a ele.

Minhas palmas ficam úmidas e eu as limpo no colo, tirando a língua do céu da boca. — Ele está *morrendo*, Riya. Ele nunca pediu muito de mim, e eu... — Soltando um suspiro, eu belisco a ponta do meu nariz. — Ele só quer ter certeza de que estou sendo cuidada.

Riya cantarola, balançando a cabeça. — Então você dá a sua vida pela dele?

— Ele é minha única família, — eu sussurro, meus dedos apertando até que eles parecem que vão quebrar. — Ele é tudo que me resta.

— Você ainda tem a si mesma, — ela responde de volta. — Você não deveria ter que desistir disso também.

Suas palavras cortam como uma faca serrilhada em minhas entranhas, porque parece que não há nada que eu possa fazer para evitar que meu mundo caia livremente de seu eixo.

Mas isso não é exatamente verdade.

Se eu conseguir fazer com que meu pai veja que Aidan é um bom homem, que ele é o homem certo para mim, então talvez eu possa manter todos felizes. E, para fazer isso, preciso me conformar e pedir ajuda à última pessoa do mundo com quem quero lidar.

Preciso ir ver o Julian.

CAPÍTULO 6

Julian



Aperto a ponta do meu nariz enquanto ouço Tinashe Moyo, o homem que dirige a Sultans do outro lado do mundo. Neste momento, ele está em nosso complexo nos arredores de Girga, no Egito, liderando o esforço para manter os arqueólogos que foram pré-aprovados pelo governo egípcio para escavar. Para encontrar a lâmpada, precisamos primeiro entrar nos locais onde ela pode estar, e é muito mais fácil subornar as pessoas que já estão lá do que tentar infiltrar pessoas e mantê-las fora do radar. Já é bastante difícil contrabandear *coisas*.

Mas não há mais ninguém em quem eu confiaria. Tinashe começou a trabalhar para mim quando a Sultans assumiu o controle das minas artesanais em Kimberley, na África do Sul.

Nos últimos anos, eu o trouxe para liderar todas as nossas novas operações, para ser meus olhos e ouvidos quando eu não pudesse estar fisicamente presente para ver ou ouvir. Ele garante que tudo ocorra de acordo com o planejado, que os diamantes brutos saiam do fundo da rocha e cheguem a um de nossos depósitos. Alguns acabam aqui em nossa sede em Nova York, e outros acabam ao redor do mundo em nossas pequenas fábricas, sendo lapidados e polidos antes de serem transformados em belas joias que são vendidas para as massas.

Tinashe se tornou primordial para que a Sultans funcione como uma máquina bem lubrificada, e não acho que teríamos o controle esmagador da porcentagem do comércio de diamantes que temos se não fosse por ele.

Desde que ele entrou na empresa, passamos a controlar quinze das vinte maiores minas de diamantes do mundo e, assim que encontrarmos a lâmpada, vou mudar o foco dele para a Rússia, que é o único país em que a Sultans não está presente.

— Tenho alguns assuntos pessoais de família que preciso resolver, — Tinashe começa, sua voz forte no viva-voz. — Eu gostaria de lidar com eles pessoalmente, mas também estamos tendo problemas com Da ...

— Nenhuma dessas merdas importa, — Ian irrompe do outro lado da minha mesa. As narinas de seu nariz largo se dilatam enquanto ele bate o pé contra a perna de madeira da cadeira, com o cabelo loiro sujo bagunçado por onde ele passou os dedos. Sua voz áspera impede Tinashe de falar, e eu cerro os dentes para não revidar.

Desde que informei Ian sobre o fato de que Ali está com um pé na cova e eu não estou nem perto do testamento, ele tem estado... *tenso*.

Aperto os olhos, passando a mão na mandíbula.

— Desculpe-me pela interrupção, Tinashe, — digo finalmente, sem tirar os olhos do meu assistente petulante. — Aproveite o tempo com sua família. Vou enviar alguém para ocupar o seu lugar.

Ian engole duramente, seu pomo de adão balança enquanto pressiono o botão para encerrar a chamada. Inclino-me para trás na cadeira, colocando os dedos na frente da boca, esperando que meu descontentamento esteja encobrindo o ar e o estrangulando. Ele sabe que não deve falar fora de hora com pessoas importantes. Ele deve ser visto, não ouvido.

— Lembre-me de novo, — eu começo, pressionando minhas mãos nos braços da cadeira e me forçando a ficar de pé, — quando eu te dei a ideia de que você tinha permissão para ter uma voz?

Lentamente, arregaço as mangas pretas de minha camisa de botões até que fiquem acima dos cotovelos, mostrando as tatuagens que acumulei ao longo dos anos. Ian é a única pessoa no mundo que sabe o que elas representam e, no momento, eu as uso como uma tática de intimidação. Ele não está acima de ser mais um troféu em minha pele.

Pegando meu bolso, retiro meu bastão compacto, girando-o em minha mão enquanto me aproximo dele. Uma mecha do meu cabelo cai do lugar, fazendo cócegas na minha carne enquanto passa pela minha testa quando olho para a minha arma favorita.

— Chefe, eu não quis dizer...

— Shh. — Eu paro na frente dele, descansando a ponta do bastão de metal sobre seus lábios finos e pastosos. — Você precisa confiar em mim.

Ele engole em seco. — Eu confio. Eu juro. Só odeio ver você trabalhar tanto para aquele idiota, do Ali. E agora temos que cortejar a filha dele? —Ele balança a cabeça. — Você é melhor que isso. Melhor que *eles*.

— Concordo. — Sorrio, endireitando-me e colocando o bastão de volta no bolso, decidindo que ele está se rebaixando o suficiente para não precisar de uma lição. — Em breve, tudo isso será nosso e ninguém ficará em nosso caminho. Mas temos que jogar o jogo para obter os despojos. Meu instinto nunca me levou ao erro. Esta é a nossa chance.

Ian acena com a cabeça. — Case-se com a princesa do Sultans, assim ficaremos com o legado deles.

Abro a boca para responder, mas as vozes de repente se filtram da sala da frente para o meu escritório. Meus olhos passam do rosto de Ian para a porta, e tento distinguir as figuras borradas através do vidro fosco.

Ninguém está programado para me ver pessoalmente hoje, e embora minha recepcionista, Ciara, seja nova, contratada recentemente por Ian, ela sabe que não deve deixar pessoas aleatórias entrarem.

— E depois?

Sorrindo, eu pressiono a mão contra o meu peito. — Tenho certeza que ela ficará arrasada depois que o velho morrer, desejando ver seu pai novamente. Que tipo de marido eu seria se não cuidasse de todos os desejos dela?

O sorriso de Ian cresce, seu dente da frente lascado brilhando com seu sorriso viscoso. — Uma reunião de família.

Eu ri. — Você tem uma mente suja, Ian. Mas você não está errado.

Se ela me irritar nesse meio tempo, eu a enfiarei na ala mais distante da minha casa e talvez deixe o rapaz se aproximar. Vou mantê-la satisfeita o suficiente para que ela não me incomode. Não me fará nenhum favor tê-la infeliz, mesmo que a ideia me cause uma sensação pessoal ao pensar nisso. Em vez disso, eu a manterei agradável, irei convencer o mundo de que estamos *desesperadamente* apaixonados e, em seguida, farei o papel do viúvo em luto.

É claro que, depois da maneira como a deixei na outra noite, presumi que ela já teria vindo correndo com o rabo entre as pernas, implorando por minha ajuda e, como ela não veio, talvez eu tenha que reavaliar a maneira como as coisas são tratadas.

O barulho da área de recepção fica mais alto e a irritação percorre minha espinha pelo fato de Ciara ainda não ter resolvido o problema. Aproximo-me da porta, pressionando meu ouvido contra a madeira para poder ouvir a conversa.

— Senhorita, não há mais nada que eu possa fazer, — diz Ciara.

— Qual o seu nome? — A outra pessoa responde.

Minhas sobrancelhas se erguem ao ouvir a voz. *Yasmin*.

Alegria nada em minhas veias e eu giro, incapaz de evitar que o sorriso se espalhe em meu rosto com a coincidência. — A sorte está do nosso lado, Ian.

Dirijo-me à porta e a abro, esperando que as duas mulheres se voltem para mim quando a abro, mas elas estão presas uma à outra como se não tivessem me ouvido.

Ian se aproxima por trás de mim, seu rosto pairando sobre meu ombro enquanto observa a cena. Posso sentir sua presença e vê-lo em minha visão periférica, mas o ignoro, afastando-me um pouco e me apoiando no batente da porta, desconfortável com a proximidade dele.

Coloco as mãos nos bolsos e meus dedos percorrem o comprimento do bastão de metal.

Ciara e Yasmin estão de pé em ambos os lados da pequena escrivaninha branca que fica na parede à esquerda da área de recepção. Os cabelos castanhos opacos de Ciara estão presos em um coque elegante, seus olhos brilham de irritação, sua estrutura pequena e magra está tensa..

— Mais uma vez, o Sr. Faraci é um homem muito ocupado, — diz ela com um sorriso tenso. — Você pode marcar um horário, mas isso é tudo que posso oferecer.

Yasmin suspira. — Certo.

Ciara balança a cabeça, inclinando-se para tocar em seu computador. Elas ainda não me notaram, e eu aproveito o tempo para realmente absorver a aparência de Yasmin. Ela está vestida impecavelmente, como de costume, com um terninho azul-bebê que contrasta maravilhosamente com sua pele morena. Seus cabelos estão soltos, selvagens e cacheados, e toda vez que ela se move, eles balançam. Os dentes afundam no canto dos lábios e a maquiagem dos olhos acentua seu olhar expressivo, que está fixo em Ciara enquanto ela toca o teclado.

— Infelizmente, não há nada para fazer no momento. — Ciara sorri para Yasmin. — Talvez você devesse nos ligar mais tarde e podemos tentar resolver algo.

— Isso é ridículo, — Yasmin estala. — Eu sei que ele está aqui, e só preciso vê-lo por um segundo. Ele provavelmente estará na minha casa esta noite eu...

O rosto de Ciara cai em um piscar de olhos, sua boca se abre enquanto ela respira fundo.

Eu sorrio, sabendo que Yasmin acabou de insinuar inadvertidamente que estávamos dormindo juntos.

— Olha. — Yasmin suspira novamente, beliscando a ponta do nariz. — Não quero ter que passar por cima de você e *realmente* não quero que ninguém se meta em encrenca.

Ela se inclina, apoiando as mãos no tampo da escrivaninha. Suas costas se arquearam levemente com o movimento, e o perfil lateral dela curvada sobre a mobília do meu escritório me deixou com uma onda de calor. Eu poderia ir para trás dela agora mesmo, pressioná-la enquanto agarro seus cabelos encaracolados com o punho e sinto sua bunda se chocar contra meu pênis. Eu poderia arrancar sua calça e tomá-la ali mesmo, daquele jeito, atingindo pontos dentro dela com os quais aquele garoto só poderia *sonhar*.

Desvio o olhar, irritado por mais uma vez ter perdido o controle dos meus pensamentos.

— Eu sei que você não acredita em mim, — ela continua, sua voz mais baixa do que antes. — Mas você terá problemas se eu decidir fazer uma cena. Se você apenas dissesse a ele que Yasmin está aqui...

— Então ele estaria mais do que disposto a limpar sua agenda pelo resto do dia, — eu interrompo, me endireitando e entrando na sala.

Ambas as mulheres chamam a atenção para mim.

— Sr Faraci... — resmunga Ciara, com as costas retas como uma vareta.

Não lhe dou atenção, mantendo meus olhos em Yasmin enquanto ela se endireita de onde estava curvada, cruzando os braços sobre o peito enquanto olha para mim. Algo passa por suas feições, fazendo-as suavizar ligeiramente, como se ela estivesse aliviada por eu estar aqui.

Que bom. Ela já está precisando de mim, mesmo que não queira.

Eu ando pelos pisos de mármore até estar diretamente ao lado de Yasmin. Olho para ela, respirando seu suave aroma de baunilha. Meus abdominais se contraem e desvio meu olhar dela para a recepcionista. — Espero que meus funcionários saibam quando a filha de Ali Karam estiver em meu escritório.

Os olhos de Ciara se arregalam. — Senhor, eu...

— Esta mulher, — eu a interrompi, — pode me interromper a qualquer hora do dia. Por qualquer razão. Entendido? — Ela engole e acena com a cabeça.

— Ótimo. — Sorrio, estendo a mão e coloco a mão nas costas de Yasmin, girando-a na direção do meu escritório e empurrando-a levemente.

Ian, que estava parado e observando em silêncio, sai da porta, com os olhos calculistas enquanto me observa conduzi-la.

Surpreendentemente, Yasmin não resiste ao meu toque e é só quando fecho a porta atrás de mim, nos protegendo da privacidade, que ela se solta do meu aperto, com os olhos apertados e pressionando as costas contra a porta fechada.

— Pare de me olhar assim, — ela exige.

Um sorriso aparece no canto da minha boca. — Assim como?

Ela inclina a cabeça, olhando para mim. — Por quanto tempo você ficou aí parado como um canalha, me observando debater?

— Um pouco. — Eu dou de ombros. — Eu estava curioso.

— Sobre?

— Talvez eu estivesse esperando para ver se vocês duas entrariam em uma briga sensual de gatas. — Eu pisco. — Aposto nela, embora eu gostasse de ver suas garras saindo.

Ela zomba, batendo o pé no chão e cruzando os braços. — Você é nojento.

Eu me aproximo dela, querendo irritá-la ainda mais porque gosto da sensação que tenho ao vê-la nervosa e incomodada. Inclinando-me para baixo, alcanço a lateral de seu corpo, tão perto que posso sentir o calor de sua pele.

— E você é bonita quando goza, — eu sussurro.

Sua respiração gagueja, e eu fecho a fechadura da porta, então me viro e atravesso a sala até que estou encostado na borda da minha mesa, de frente para ela.

— Eu também estava curioso para saber se você usaria seu nome para me ver, — continuo.

Ela dá um passo em minha direção. — Eu não uso meu nome para conseguir o que quero.

— Que desperdício, — respondo.

Ela bufa, balançando a cabeça. — Você pensaria isso.

— Seu nome é seu poder, *Gattina*. Se você quisesse, poderia governar o mundo.

Suas sobrancelhas se abaixam antes que uma risada saia de sua boca. — Oh meu *Deus*. Você está delirando.

Meu sorriso desaparece, algo sombrio me atinge no peito com seu insulto. — Prefiro o termo 'visionário'. Independentemente disso, você está aqui, então presumo que decidiu lamber suas feridas e jogar bem?

— Não tenho feridas para lamber, — ela responde.

Enfio as mãos nos bolsos. — Eu poderia lhe dar algumas, se quiser.

Ela aponta um dedo para mim, com a indignação flamejando em seus olhos. — Pare de fazer isso. Isso me deixa desconfortável.

— Oh? — Eu inclino minha cabeça. — Você não gosta de honestidade?

— Eu não gosto *de você!*

Balançando a cabeça, eu aceno minha mão em direção à porta. — Então saia.

Ela não fala, um olhar contemplativo passa por seu rosto enquanto ela me encara, e eu não a pressiono para que responda. A chave para manipular alguém a seu favor é fazer com que a outra pessoa pense que a ideia é dela, por isso é importante que ela venha até mim.

— Você disse que iria ajudar, — ela finalmente murmura.

— Eu disse que *poderia* ajudar, — corrijo.

— Meu pai... — Ela faz uma pausa e engole, seu pescoço delicado se movendo com a ação. — Meu pai quer que eu me case.

Ela olha para mim por baixo dos cílios, como se estivesse procurando uma reação.

Eu não lhe dou nenhuma.

— Você sabia,— ela deduz, sua voz caindo em desapontamento. — Eu imaginei isso.

Novamente, eu não reajo.

Ela suspira, torcendo os dedos. — Bem, não que alguém tenha perguntado, mas eu não *quero* me casar com um estranho.

Agora eu me movo, me endireitando e dando um passo em direção a ela. — Ah, seu namorado. Claro.

Ela franze a testa. — Ele tem um nome.

— Não temos todos?

Ela geme, arrastando a mão sobre o rosto. — É impossível conversar com você.

— Por favor. Eu sou incrível em conversas.

Seus lábios se contraem e ela se inclina para frente, como se estivesse tentando olhar profundamente em meus olhos. Isso me deixa desconfortável, como se estivesse perdendo o controle da situação, então me aproximo para tentar recuperá-lo.

— Suponho que você queira que seu pai lhe dê sua bênção para se casar com este... — Eu levanto uma sobrancelha, incitando-a a preencher o espaço em branco.

— Aidan.

— *Aidan*, — eu ecoo.

Ela mastiga o lábio e minha mão se estende sem pensar duas vezes, puxando seu queixo com delicadeza, soltando a pele maltratada de seus dentes e puxando sua cabeça para cima até que seu pescoço fique arqueado.

Sua respiração fica entrecortada quando nossos olhares se cruzam, mas ela não se afasta do meu toque. A energia vibra no espaço entre nós e minhas mãos vibram com a vontade de estender a mão e enrolar os cachos dela, puxando-a até que ela se curve diante de mim, implorando para que eu a salve de seu destino infeliz.

A imagem dela de joelhos provoca um choque em meu sistema, o calor se acumula na base da minha coluna enquanto nossos olhos permanecem fixos um no outro.

Sua boca se abre, sua língua espreita para passar pelo lábio inferior, *tão* perto das pontas dos meus dedos que quase posso senti-la.

— E por que eu *deveria ajudá-la?* — Eu pergunto.

Ela estremece então, o zumbido tenso no ar se dissipando enquanto ela se afasta quase violentamente. — Isso foi um erro.

— Talvez. — Meu coração bate contra o meu peito. — Mas se você quer ficar com seu menino...

— Ele não é um menino, — ela morde.

— Confie em mim, ele é um *menino*. — Eu me aproximo novamente. Ela dá um passo para trás.

Um arrepio percorre meu corpo e repito o movimento, aproveitando esse jogo de gato e rato que estamos jogando.

— Pare com isso, — ela exige, continuando a andar para trás até que bate na parede ao lado da porta.

Ignoro seu apelo, avançando em sua direção até que haja apenas centímetros entre nós. Levanto meu braço e o coloco acima de sua cabeça, encurralando-a. Seu corpo fica rígido.

— E você fará qualquer coisa para ficar com ele?

O ar fica silencioso e parado, nada além do som de nossa respiração preenchendo o zumbido silencioso.

— Eu não quero perdê-lo, — ela finalmente sussurra.

Eu me inclino até meus lábios roçarem a concha de sua orelha. — Então, diga que precisa de mim, *gattina*.

Seu corpo endurece como um pedaço de madeira e ela fala com os dentes cerrados. — Afaste-se de mim, *porco*.

Não luto contra ela, recuo e giro para atravessar a sala até ficar atrás da minha mesa. Pego meus óculos de leitura com armação de metal que estão empoleirados no canto e os coloco, abaixando-me para folhear os papéis ao lado do meu computador, meus olhos examinam brevemente as margens de lucro do nosso departamento de produção de diamantes. Tento me concentrar nas palavras, passando os próximos minutos ignorando-a, mas ela não se move de seu lugar, preferindo manter seu olhar quente voltado para mim.

Ela ainda não se moveu de onde estava encostada na parede e eu esperei que ela resolvesse qualquer crise patética que estivesse tendo em sua cabeça.

Finalmente, ela consegue. E então ela está avançando, vindo em minha direção.

— Você é um idiota, — ela cospe quando chega perto, seus punhos fechados pressionando o topo da minha mesa. — Mas eu preciso da sua ajuda. — Ela hesita e então: — Eu *preciso* de você, Julian.

Os papéis caem de minhas mãos. — Qual é a palavra mágica?

— Por favor, — ela diz.

Eu sorrio amplamente. — Bem, já que você pediu tão gentilmente.

Seus olhos se arregalam, mas ela não responde. Parte de mim está quase desapontada. Eu estava gostando da maneira como ela se irritava tão facilmente.

— Traga o menino aqui para me encontrar, — eu ordeno.

Ela balança a cabeça. — Não é tão fácil. Ninguém sabe. Não podemos simplesmente...

— O seu pequeno ponto de encontro secreto tem espaço para mais um? — Eu arqueio uma sobrancelha.

Sua língua desliza em seu lábio inferior enquanto ela olha para mim e acena com a cabeça lentamente.

— Vou te encontrar hoje à noite, então. — Eu empurro meu queixo em direção à porta. — Agora saia. Sou um homem ocupado e você está desperdiçando meu tempo.

Ela se vira, saindo apressada, mas apesar de eu dizer a ela que tenho coisas para fazer, o que é verdade, eu fico parado atrás da minha mesa, meu polegar roçando meu lábio inferior, imaginando como será quando eu forçá-la a ser minha esposa.

CAPÍTULO 7

Yasmin



Eu não tinha certeza de como me sentiria depois de falar com Julian, mas *não* esperava que isso aumentasse minha ansiedade. No entanto, aqui estou eu, sentada no quarto vago na ala dos funcionários, o mesmo que Julian encontrou Aidan e eu na outra noite, mais nervosa do que jamais me lembro de ter estado em minha vida.

Desde que saí do escritório dele na sede da Sultans, tenho sentido uma dor pulsante *no* centro do meu intestino, que provoca tremores de ansiedade em meus membros até que todo o meu corpo se arrepie. Seria de se esperar que o fato de saber que alguém está do meu lado me acalmaria, mas Julian Faraci é tão calmo quanto um alarme de incêndio, portanto, está tendo o efeito oposto.

Não consigo me livrar dessa sensação, e isso está me incomodando.

Ou talvez seja porque não falo com Aidan há dias, apesar de todas as vezes que ele me ligou e mandou mensagens. Para ser sincera, eu esperava que, se eu ignorasse tudo, as coisas simplesmente desapareceriam por si só. Sei que evitar os problemas nunca faz com que eles desapareçam, mas, por algum motivo, continuo testando a teoria, esperando que, eventualmente, eu me surpreenda e as coisas melhorem magicamente.

Que eu não me sinta como se estivesse me afogando por causa de tudo o que sempre quero dizer, mas não digo.

Que eu seja livre para amar Aidan abertamente e em público sem decepcionar todos os que importam.

Que meu pai não ficará doente.

Mas a vida nunca funciona dessa forma, apesar de todas as vezes que desejei que fosse assim.

Então, depois que saí da sala do Julian, enojada comigo mesma por deixar que ele me afetasse da maneira como faz, por deixar que ele me tocasse, mandei uma mensagem para Aidan e pedi que ele me encontrasse aqui.

Julian e eu nunca marcamos um horário específico para nosso encontro, mas quero ter certeza de que esclareci tudo com Aidan antes.

Frente unida e tudo o mais.

Minhas pernas pulam em um ritmo constante e nervoso enquanto me sento no canto da cama de solteiro no pequeno quarto, a cashmere do meu terninho azul deslizando sobre a minha pele com o movimento ansioso. Não consigo ficar parada. Meus olhos saltam da parede em branco e amarronzada à minha frente para a pequena janela à direita, onde há uma cadeira de madeira velha e frágil que não tenho certeza se realmente aguenta peso, e depois voltam para a parede em

branco novamente. Repito várias vezes o rastro do meu olhar, minha mente se move sobre possíveis cenários tão rapidamente quanto minha perna bate no chão.

Ninguém ocupa esse cômodo há anos. Bem, ninguém, exceto Aidan e eu, quando começamos a nos esgueirar, precisando ficar sozinhos em um lugar que as pessoas não veriam. Ainda há um pequeno nível de risco, mas é um lugar discreto, o último quarto na ala dos alojamentos da equipe, escondido no canto mais distante.

Penso na primeira vez que viemos aqui, todos aqueles anos atrás, quando eu era uma garota desastrada de quinze anos e estava voltando para casa para as férias de verão.

Olho para a esquina e vejo meu pai e seu novo empregado, meus olhos absorvendo o homem como se eu estivesse faminta pela visão. Será o momento mais embaraçoso da minha vida se eu for pega, mas não consigo me impedir de espiar sempre que posso.

Eles estão discutindo se é uma boa ideia mudar para diamantes sintéticos para uso industrial, o que significa que eles são os diamantes de qualidade inferior que são usados para lapidar e polir os diamantes de alta qualidade para venda.

Pessoalmente, acho que parece uma boa ideia, mas meu pai está preso a seus hábitos e rejeita até mesmo a ideia de um diamante sintético. Mas só de ouvir essa conversa, posso dizer que o homem ao lado do meu pai conseguirá o que quer.

Meu pai tem passado o tempo todo com esse cara novo desde que voltei para casa das férias de verão, há três dias.

Julian, acho que é o nome dele.

Mal posso esperar para contar à Riya sobre ele. Ela está louca por garotos desde o ano passado, quando ficou hospedada comigo durante o verão e saiu uma noite enquanto eu estava doente, deixando um cara aleatório da cidade de Nova York tirar sua virgindade.

Mas duvido que o cara fosse parecido com esse.

Estou tão chateada por não ter minha câmera, senão eu tiraria algumas fotos para enviar a ela.

Desde que meu pai apresentou Julian e eu quando voltei, não consigo parar de procurá-lo em todos os lugares. E quando procuro, geralmente o encontro. É uma propriedade enorme, quase tão grande quanto o colégio interno que frequento, mas estou convencida de que Julian se mudou para lá e se sentiu em casa enquanto estive fora.

No início, eu o encontrava "casualmente" sempre que tinha a chance, mas bastaram algumas vezes em que ele me olhava de soslaio como se eu fosse irritante ou ignorava minha existência para que eu começasse a me esconder em cantos escuros e a observá-lo de longe.

É confuso o meu fascínio por ele.

Não sinto borboletas como quando fico olhando para o Aidan. É mais como um fogo que está queimando sob a minha pele, Pop Rocks explodindo no meu estômago, um a um, até fazer meu corpo tremer e o calor se acender entre as minhas pernas.

— O que você está fazendo?

A voz sussurrada de Aidan faz meu coração saltar para a garganta, e eu me viro, minhas mãos se movem para agarrar sua camisa com os punhos enquanto o empurro violentamente para trás.

— Shh! — Eu pressiono meu dedo em sua boca.

Aidan sorri, com as covinhas nas maçãs do rosto, e meu coração começa a se acalmar em um ritmo mais suave.

— Quem você estava espionando? — ele pergunta.

Estreito meu olhar. — Não é da sua conta.

Passos soam de onde meu pai e Julian estavam, e eu entro em pânico, agarrando a mão de Aidan sem pensar e puxando-o pelo corredor.

Julian Faraci já olha para mim como se eu fosse um inseto irritante que precisa ser esmagado; não preciso que ele descubra que o estou perseguindo em meu tempo livre.

Aidan me segue com facilidade, seus dedos se apertam nos meus enquanto ele me deixa guiá-lo cegamente. Corremos pelos corredores e não paramos até chegarmos aos quartos onde ficam os funcionários, incluindo Aidan e sua mãe.

Eu paro, sem fôlego de tanto correr.

— O que agora? — Aidan ri, apertando minha mão antes de soltá-la.

Encolhendo os ombros, fico um segundo olhando para ele. É a primeira vez que o vejo desde que voltei e, até conhecer Julian, Aidan era o único que dominava todos os meus pensamentos. Eu mal podia esperar para vê-lo novamente depois de tantos meses fora da escola.

Agora que ele está aqui, na minha frente, aquela vibração familiar começa a voar em meu estômago, e um sorriso lento surge em meu rosto.

Ele se aproxima, seu olhar se torna mais sombrio. — Você está linda, princesa. Está crescida, hein?

Minhas bochechas esquentam.

A voz de uma mulher soa da sala de descanso dos funcionários a algumas portas de distância, e Aidan inclina a cabeça, agarra minha mão novamente e me puxa com ele.

— Vamos, — ele diz, me arrastando até chegarmos à última porta à esquerda. — Ninguém vai nos encontrar aqui.

E ninguém nunca o fez. Pelo menos ninguém até Julian.

Olho para o meu colo, a tela do telefone balançando com minhas pernas trêmulas. Ela está aberta em minha conversa de texto com Aidan. Eu me encolho quando vejo as inúmeras mensagens que ele enviou nos últimos dias, todas sem resposta. Então, há a minha última mensagem pedindo para ele me encontrar aqui. Mas ele não respondeu.

Talvez ele não tenha recebido a mensagem? Ou talvez ele esteja tão bravo que não vai aparecer.

Meu estômago se revira e se aperta, enviando uma dose de náusea pela garganta.

Fecho os olhos e faço contagem regressiva a partir de dez, dizendo a mim mesma que está tudo bem e que não há motivo para preocupação, repetindo a frase como um mantra. É uma tática que meu orientador educacional me ensinou

quando eu estava no ensino fundamental, na época em que eu costumava ter ataques de ansiedade antes das provas, com medo de ser reprovada e ter de enfrentar a decepção do meu pai.

Para ser sincera, nunca funcionou de fato. A única coisa que já me acalmou o suficiente para acalmar os pensamentos acelerados foi minha câmera.

A porta se abre, o barulho repentino no espaço silencioso faz com que meus olhos se abram e meu coração pule.

Aidan me dá um sorriso largo, mostrando as covinhas em suas bochechas. Ele olha para trás, para o corredor, antes de fechar a porta e vir em minha direção. A bainha de sua camisa roxa se levanta levemente enquanto ele passa a mão pelos cabelos castanhos e, quando chega à cama, senta-se ao meu lado e segura minha mão com a sua.

— Ei, princesa. — Seus olhos estão baixos enquanto ele esfrega o polegar na parte de trás dos meus dedos. — Está tudo bem?

A culpa faz meu estômago doer, e eu aperto meus dedos ao redor dos dele. — Me desculpe, eu tenho evitado você, eu só...

Ele estremece com minhas palavras. — Evitando? Eu esperava que você tivesse uma desculpa melhor.

E agora são meus olhos que não encontram os dele, preferindo focar em nossas mãos unidas. — Falei com meu pai.

Aidan respira fundo e levanta a cabeça. Seu olhar está fixo na lateral do meu rosto, e a esperança que posso sentir emanando dele queima minha pele.

— Você *fez* isso?— ele pergunta.

Minha boca fica seca enquanto eu forço as palavras para fora. — Ele quer que eu me case.

Os olhos de Aidan escurecem e ele solta minha mão como se fosse lava, passando os dedos pelo cabelo enquanto solta uma risada sem humor. — Eu estou supondo que não comigo?

Eu franzo meus lábios, meus olhos se arregalam novamente.

— Então você diz a ele que não. — Sua voz é firme. Como se fosse simples assim. Sim ou não. Isso ou aquilo. Meu pai ou ele.

Mas a vida não é preto no branco, por mais que ele queira que seja.

— Aidan... — Eu começo, minha voz quebrando em seu nome. — Não é tão simples assim. É o último desejo dele.

Ele ri de novo e se levanta, o colchão rangendo com a rapidez com que o peso muda. — Então, que tal simplesmente eu me foder, certo? Que se dane *tudo* o que conversamos durante anos? Que se dane tudo o que eu sinto por você e todas as promessas que fizemos?

Suas bochechas se ruborizam e meu peito lateja quando sacudo a cabeça, tentando forçar as palavras que preciso dizer.

— Eu sei que você está chateado...

— Chateado? — ele interrompe. — Você acabou de me dizer que vai se casar com outra pessoa, Yasmin. Que diabos devo sentir, gratidão?

— Eu tenho um plano, — murmuro, meus dentes afundando no canto do meu lábio inferior, inquietação nadando em minhas veias.

Estou em conflito sobre o que fazer. Eu não *quero* usar Julian para nada, especialmente considerando quem ele é e como seu novo passatempo favorito é aparentemente me menosprezar a cada chance que tem. Ele me deixa com tanta raiva que meus dedos tremem, mas vou ter que deixar isso de lado e aceitar que ele é minha única opção.

— O que? — Aidan se inclina para frente. — Não fique tímida agora, princesa. Fale alto para que eu possa ouvir.

Prendo a respiração com seu tom áspero, segurando as lágrimas que estão tentando sangrar dos meus olhos. — Eu disse que tenho um plano.

Ele estufou as bochechas, com as mãos apoiadas nos quadris enquanto inclinava a cabeça para trás e olhava para o teto. — Vamos ouvir então. O que é?

Abro a boca para responder, mas antes que eu possa, outra voz me interrompe.

— Sou eu.

CAPÍTULO 8

Julian



O menino realmente é insuportável. Ele está resmungando sobre o que Yasmin está dizendo a ele sem oferecer nenhuma contribuição valiosa e descobrir uma solução, o que o torna inútil. Afinal, os problemas que aparecem nada mais são do que quebra-cabeças pedindo para serem resolvidos.

Dito isso, o fato de que esta é a segunda vez que consigo entrar no ponto de encontro "secreto" deles sem que percebam que estou aqui não me dá muita esperança na engenhosidade de nenhum deles.

O garoto - Aidan - se vira, seus olhos castanhos sem brilho encontram os meus antes de virar a cabeça para Yasmin. — Você conversou com *Julian Faraci* sobre isso?

Eu rio com a forma como meu nome sai de sua língua como ácido de bateria.

— Meu pai o escuta, — Yasmin se apressa em dizer, sua voz tingida de desespero. — Ele pode nos *ajudar*, Aidan.

Aidan olha para mim, com as sobrancelhas levantadas. — E você está disposto a ajudar... sem mais nem menos? — Ele estala os dedos.

Sorrindo, eu me movo mais para dentro da sala, tomando meu tempo enquanto ando, meus sapatos estalando no chão de madeira. Não fecho a porta atrás de mim, só para ver se algum deles percebe e diz algo sobre manter isso em segredo.

Não é o caso.

Eu olho para Aidan, apontando para a porta. — Você pode querer fechar isso.

Seus olhos se arregalam quando ele corre para ela, fechando-a e girando a fechadura antes de correr de volta para Yasmin, que está em frente à pequena cama de solteiro, e envolver seus braços longos e magros ao redor dela.

— Estou disposto a ajudar, mas admito que não é por motivos altruístas.— Eu escovo um pequeno pedaço de fiapo da manga do meu paletó.

Yasmin bufa. — Quem pensaria que *você* é altruísta?

Seus olhos se movem para a pequena cama de solteiro, apenas por um momento, como se ela estivesse se lembrando da última vez que a vi aqui. E isso *me faz* pensar nisso, meu pau estremecendo com a memória.

— Eu posso ser extraordinariamente generoso, *gattina*. Talvez um dia você tenha a sorte de experimentar. — Eu sorrio para ela. — Mas neste caso, pelo menos, você está certa. Vamos considerar isso um negócio.

Aidan se anima, sua coluna se endireita como a de um cachorro com a promessa de um petisco. — Acordo de negócios?

Concordo com a cabeça, olhando ao redor da sala apertada antes de encontrar seu olhar. — Suponho que você tenha aspirações mais altas do que... isso? Trabalhar ao lado de sua mãe não pode ser bom para o seu ego.

Yasmin faz barulho, mas continuo de olho em Aidan. A linguagem corporal revela segredos que as bocas não dirão, e agora o corpo de Aidan está inclinado para frente, sua atenção extasiada e seus olhos brilhando.

E reconheço a fome de poder quando a vejo.

— Meu ego está bem, — responde Aidan.

Mentira.

Ele estende a mão, segurando a mão de Yasmin na dele.

— Mas eu a amo, — continua ele. — Eu farei qualquer coisa para ser o único a se casar com ela.

Yasmin olha para ele com estrelas nos olhos, inclinando-se ao seu lado com um sorriso suave.

Eu não sinto falta do jeito que ele não se inclina para *ela*.

— E se você precisasse sumir por um tempo para que isso acontecesse? — Eu pergunto, inclinando minha cabeça.

— *O quê?* —Yasmin engasga. — Você nunca disse nada sobre ele sumir.

Aidan olha para ela, puxando-a ainda mais para perto e pressionando os lábios em sua testa. Sua mandíbula fica tensa antes de encontrar meu olhar novamente. — Como eu disse, farei *qualquer coisa*.

Concordo com a cabeça, deslizando minhas mãos nos bolsos, a inveja girando em meu corpo. Não sei por que de repente estou experimentando essa emoção,

mas presumo que seja porque nunca soube como é ter alguém disposto a colocar você em primeiro lugar.

Para escolher você sobre todos os outros.

Limpando a garganta, estalo o pescoço e afasto a sensação. Eu não tinha certeza de como isso iria acontecer, mas o fato de ele ser tão agradável só me favorece. Quanto mais fácil for colocá-lo sob meu controle, mais rápido ele sairá do meu caminho quando se tratar de Yasmin. — Então você virá e trabalhará para mim.

— Podemos falar sério por um segundo? — Yasmin interrompe novamente. — Esta é *a minha* vida sobre a qual todos estamos falando, e...

— Princesa, cale-se. — A voz de Aidan é afiada.

Minhas sobrancelhas se erguem quando olho para Yasmin, pronto para ver o fogo que ela traz tão prontamente para mim, certo de que está prestes a explodir de seus poros ao ser silenciada como uma criança fazendo birra. Mas, em vez daquela chama agitada, não há nada. Apenas ela mordendo o canto do lábio inferior e olhando para o chão, como um animal de estimação dócil que foi colocado sob controle.

Da mesma forma que ela faz com seu pai.

— Há algo que o pai dela quer, — eu digo.

É uma pequena mentira deslavada. Ali não se importa com a lâmpada nem a metade do que eu me importo ou com a expansão da Sultans em outras áreas além dos diamantes, mas isso funcionará a meu favor se eles pensarem que é Ali quem tem as motivações. É mais fácil tirar Aidan do caminho para que eu possa entrar e roubar seu gatinho premiado para mim.

Tiro a mão do bolso e a levo até o rosto, olhando para as cutículas dos dedos. — Infelizmente, o homem que supervisiona a operação tem que ir para casa devido a alguns problemas pessoais. E não consigo encontrar em mim a vontade de me importar o suficiente para viajar sozinho.

— Diamantes? — Aidan pergunta, curiosidade transbordando em sua voz.

Eu lanço meu olhar para encontrar o dele brevemente. — Não. Estamos expandindo além do comércio de diamantes, ou pelo menos estamos tentando. Há uma lâmpada. Uma relíquia. Uma que Ali está *desesperado*, mas não conseguiu encontrar. Na verdade, não tem preço, vale centenas de milhões facilmente em um leilão no mercado negro. Se a conseguirmos para nós, a Sultans ganhará espaço no mercado de antiguidades. Você pode imaginar como isso é atraente, tenho certeza, considerando que estamos falando do legado de Ali. — *Meu legado*.

— Vou encontrá-la, — Aidan é rápido em responder.

Tolo. Como se ele fosse capaz de encontrar a relíquia perdida mais procurada de todos os tempos sem experiência e sem ninguém para guiá-lo.

— Não posso garantir que você conseguirá. Você não tem nenhuma das habilidades necessárias, e as pessoas certamente falarão que você não é qualificado para supervisionar as escavações. Você precisará contar com Jeannie, nossa arqueóloga-chefe, que está lá, e com meu assistente Ian, que enviarei com você. — Eu arqueio uma sobrancelha, inclinando-me ligeiramente. — Mas se você *encontrar*...

O corpo de Aidan imita meus movimentos, agarrando-se a cada palavra minha como se fosse sua tábua de salvação. — Eu ganharia o favor do Sr. Karam, — conclui.

Eu lambo meus lábios e faço um gesto em direção a Yasmin. — Encontre a lâmpada perdida e você terá a garota.

O rosto de Aidan se ilumina, seus olhos se arregalam enquanto ele acena com a cabeça, mas Yasmin está me olhando com desconfiança. Ela largou a mão de Aidan para cruzar os dois braços sobre o peito, o sapato de salto alto batendo no chão em um ritmo irritante, aquele olhar desagradável que estraga seu rosto impecável.

Ignoro o olhar dela e o fato de minha mão estar formigando com a necessidade de virá-la sobre meu joelho e mostrar a ela o que ganha sendo uma pirralha.

Não é tão fácil assim, é claro. Aidan precisará ser integrado ao sistema que já temos em funcionamento. Ele precisará conhecer Jeannie, nossa arqueóloga líder no local, e fazer com que ela permita que ele a acompanhe, mesmo que ele não tenha a menor ideia do que está fazendo e provavelmente só a atrapalhe. Mas meu objetivo não é que ele realmente encontre a lâmpada, embora, se por algum milagre ele *encontrar*, melhor ainda. Eu só preciso que ele esteja longe e fora do alcance de Yasmin, mas ainda assim sob meu controle para que eu possa usá-lo para controlá-la.

— Então, basicamente estarei trabalhando para você? Para Sultans? —Ele pergunta.

— Por baixo da mesa, é claro. Você será pago em dinheiro, como as outras pessoas que temos no complexo no Egito. Não podemos ter você na folha de pagamento oficial para algo assim. Mas se você a encontrar, então... — Levanto um ombro. — Quem sabe o que o futuro pode trazer.

O rosto do menino está iluminado com promessas, e me pergunto o quanto Yasmin realmente sabe sobre ele.

— Nós temos um acordo? — Eu pressiono, estendendo a palma da minha mão.

Ele olha para ela por alguns segundos antes de colocar sua mão na minha.

Meus olhos se voltam para Yasmin. Sua cabeça está inclinada para o lado, e seu olhar está saltando do menino e de volta para mim, como uma gangorra, sem saber onde focar.

Há algo passando por aquela cabecinha normalmente vazia dela, mas não consigo encontrar em mim para me importar com o que é. Deixo que ela pense que estou tramando algo ruim ou que sou seu salvador; não faz diferença de qualquer maneira. Uma vez que eu tenha seu amante em minhas mãos, ela se curvará às minhas exigências, quer goste ou não.

****

Acabo de entrar no saguão da sede da Sultans, que fica no maior arranha-céu diretamente no centro de Badour, Nova York, mas antes que eu possa me dirigir ao elevador que leva ao octogésimo nono andar, que é exclusivo para o meu escritório e para aqueles que trabalham diretamente abaixo de mim, vejo um Maybach preto parando no meio-fio.

Ainda é incrivelmente cedo, o sol da manhã está se erguendo além do horizonte, os faróis amarelos do carro estão brilhando suavemente em meio à névoa de orvalho que embaça as ruas tranquilas da cidade.

Eu reconheceria o carro em qualquer lugar, mas mesmo que não o conhecesse, há apenas um outro homem que chegaria a um escritório antes de qualquer outra pessoa estar acordada para o dia, e esse homem me prometeu que ficaria em casa no futuro, permitindo que seu corpo descansasse.

Sinto um aperto no estômago quando vejo o motorista de Ali sair da frente do carro e ir para a parte de trás, abrindo a porta e permitindo que o próprio Ali saia do veículo.

Sinto-me tentado a ir até lá e exigir que ele volte para casa, permitindo que sua enfermeira cuide dele enquanto eu continuo a fazer o trabalho pesado aqui, mas então penso no que sentiria se a situação fosse inversa. Não há palavras que consigam deter um homem quando a determinação está pulsando nele como sangue em suas veias.

Ainda assim, estou irritado o suficiente com o desrespeito à sua saúde para não querer falar com ele ainda, e fico ainda mais frustrado por me importar com ele, então me viro e aperto o botão do elevador, entrando e indo para o meu próprio andar.

Uma hora depois, ainda estou perdido em minha cabeça, embora esteja sentado no final de uma longa mesa retangular na sala de conferências do andar de marketing, cercado por uma dúzia de outras pessoas. Olhando para baixo, dou uma olhada no relatório trimestral sobre as tendências macroeconômicas, tentando me concentrar na voz do cara que está na frente de um PowerPoint, com o tom ligeiramente trêmulo enquanto ele fala sobre o estado do consumidor e qual é a nossa visão para ficar à frente do mercado.

— Senhor?

Levanto a cabeça das páginas, olho em volta e vejo os olhos de todos em mim. Limpando a garganta, inclino-me para frente, apoiando os cotovelos na mesa e colocando os dedos na frente do rosto.

Sinceramente, não tenho a menor ideia do que eles acabaram de dizer. Minha mente ainda está vagando pelo corredor, imaginando se Ali vai fazer uma aparição surpresa.

Será que ele ainda está aqui? Eu deveria ir falar com ele, dar uma dica em seu ouvido sobre Yasmin e eu.

Olho para Ian, cujos olhos estão arregalados e a boca fechada enquanto ele me encara, e franzo uma sobrancelha.

Sua mão bate na mesa, claramente entendendo que eu gostaria que ele falasse. — Tudo isso parece decente. Coloque as projeções de vendas para o próximo trimestre na mesa do Sr. Faraci até o final do dia. — *Certo*. *Projeções de vendas*.

Levantando-me, abotoo a frente do paletó do meu terno e olho mais uma vez para os papéis. — Como esses números mostram claramente que os Estados Unidos estão se aproximando de uma recessão, acho que é vantajoso para nós presumir que precisaremos fazer um marketing diferente até que estejamos em alta. Mostre-me como planeja fazer isso.

E então saio da reunião, sem esperar para ouvir suas respostas murmuradas, e me dirijo ao andar um pouco acima do meu, onde fica o escritório de Ali.

O andar dele é semelhante ao meu em termos de grandiosidade, com azulejos de mármore branco brilhando com redemoinhos de cinza cintilante, cadeiras creme e sofás cinza espalhados pela área da recepção com mesas de carvalho natural. Passo pela mesa vazia da assistente e volto para trás até chegar à porta do escritório de Ali, com a mão pronta para bater. Mas algo me faz parar e, em vez disso, encosto o ouvido na madeira, prendendo a respiração quando ouço sua voz baixa.

— Quanto tempo? — A voz de Ali é tensa e fraca. Mais fraca do que eu já ouvi antes.

Silêncio.

— Dois meses? — ele continua. — É isso?

Meu coração bate contra minhas costelas, a respiração que me escapa é instável.

Ele está mais perto da morte do que eu pensava. Um soco de tristeza me atinge no centro do peito, quebrando a parede de concreto que construí ao redor, fazendo minhas costelas tremerem.

É... conflitante, a maneira como me sinto sobre a doença de Ali.

No início, meu objetivo era aprender tudo o que pudesse com ele e, em seguida, presenteá-lo com a honra de viver por meio das obras de arte em meu corpo, matando-o para que eu pudesse assumir seu lugar sem esforço.

Talvez ele morresse em um acidente infeliz ou talvez sufocasse enquanto dormia.

Mas, com o passar do tempo, aconteceu algo que eu não tinha levado em conta.

Comecei a admirá-lo como mais do que alguém que eu desejava ser.

Ele foi o primeiro homem em minha vida a me tratar como se eu valesse alguma coisa, o único que me colocou sob sua proteção e me mostrou um caminho para o sucesso que não envolvia um pai bêbado e uma mãe abusiva. Houve muitas oportunidades para que eu acabasse com a vida dele, mas cada oportunidade que tive foi desperdiçada pela pequena parte dentro de mim que estava desesperada por sua atenção, deleitando-se com sua aprovação e transformando-a em um tipo de amor paternal que nunca experimentei de outra pessoa.

Quando ele me confidenciou que seu câncer era terminal e que não voltaria para mais uma rodada de tratamento, fiquei aliviado. O fardo de ter que ver a vida sair de seus olhos sob minhas mãos estava pesando muito em minha alma e, dessa forma, isso poderia acontecer naturalmente.

Entendi isso como um sinal de Deus de que eu estava destinado a ser grande. O mais poderoso. E o universo está tirando Ali do caminho para que eu possa dirigir a Sultans.

Ainda assim, aquele garotinho dentro de mim que anseia por amor se quebra um pouco mais sempre que penso em como será a vida depois que ele se for.

Ali suspira e se despede de quem presumo que seja seu médico, e eu me afasto da porta, oprimido pelas emoções desencontradas que estão em guerra dentro de mim.

Eu sabia que ele não tinha muito tempo de vida, mas não sabia que ele estava tão perto do fim.

Minha garganta fica apertada.

Dois meses. Não é tempo suficiente para meus planos.

Dou meia-volta e me dirijo ao elevador, com os músculos das pernas queimando devido aos meus passos longos e apressados. Enfio o dedo no botão do meu andar, apoiando a mão na parede do elevador quando as portas se fecham e ele começa a descer.

A música jazz suave flui pelos alto-falantes e parece uma lâmina de barbear contra meus tímpanos enquanto tento controlar meus sentimentos tumultuados. Não gosto da maneira como eles parecem continuar surgindo indesejadamente. As emoções levam a decisões confusas e erros estúpidos, e eu não tenho tempo para isso.

Um ping soa e as portas se abrem para o meu andar, onde Ciara está se acomodando atrás de sua mesa. Ela se endireita quando me vê atravessando o andar.

— Boa tarde, Sr. Faraci.

Eu mal olho para ela, dando-lhe um leve aceno de cabeça antes de seguir para a minha porta. — Traga Ian em meu escritório, — eu digo a ela. — *Agora*.

Entro na sala, tiro meu paletó e o jogo no encosto de uma cadeira creme aleatória, seguindo para minha mesa, que fica em frente à vista panorâmica da cidade. Passando a mão pelo cabelo, puxo as raízes até que elas ardam, andando de um lado para o outro.

— Oh Deus, você está andando. — A voz de Ian corta meus pensamentos enquanto ele entra na sala e fecha a porta atrás de si. — O que há de errado?

Eu giro em direção a ele, percebendo que seu terno está ligeiramente amassado como se ele o tivesse vestido muito rapidamente. — O velho está morrendo.

Ian suspira ao se sentar em uma poltrona em frente à minha mesa, cruzando uma perna sobre o joelho oposto. — Não tão cedo, na minha opinião. É por isso que você estava tão distraído na reunião?

Suas palavras atingem meu estômago, irritando o revestimento e provocando uma onda de raiva em mim. Eu a reprimo, não querendo que Ian saiba de minhas emoções confusas em relação a Ali.

— Isso não é uma piada, Ian,— eu cuspo. — Não vou perder tudo pelo que trabalhei para um zé-ninguém que não merece ou para uma filha detestável que não merece. Eu cuidei do primeiro idiota que foi enviado aqui para conhecê-la; não quero que mais mil entrem pelas portas de Ali nas próximas semanas. Não posso matar *todos eles*. Pelo menos não tão rapidamente. Isso seria incrivelmente suspeito

Ian acena com a cabeça, passando os dedos sob o queixo. — Então, vamos avançar na linha do tempo. Tiramos o garoto de Yasmin do caminho mais cedo. Posso colocá-lo em um voo para o Egito em menos de um dia.

eu diminuo o ritmo enquanto reviso o plano em minha cabeça. — Isso não é suficiente. Temos que forçar Yasmin a se casar mais cedo. Agora, antes que seja tarde demais

Ian acena com a cabeça. — Pena que não podemos simplesmente matá-la e acabar com isso.

Soltando o fôlego, apoio as mãos no encosto da cadeira, dobrando o pescoço até que um estalo satisfatório percorra a lateral. — Isso seria totalmente inútil. Siga o plano: leve o menino para o Egito e vamos usá-lo para controlá-la.

Ian se inclina para a frente em sua cadeira, um brilho ameaçador passando por seus olhos. — Posso *matá-lo* ?

— Sua obsessão por assassinato é perturbadora. — Eu dou a ele um olhar de desaprovação. — E não, você não pode. É preciso sutileza e você ficará muito confuso.

Ele geme, jogando-se para trás. — Certo.

Eu esfrego meu dedo ao longo da barba por fazer no meu queixo, uma nova ideia se formando. — Talvez você não consiga matar o garoto sozinho, Ian. Mas vamos fazer Yasmin *pensar* que sim.

CAPÍTULO 9

Yasmin



É sábado à tarde, e faz menos de dez minutos que Aidan me mandou uma mensagem dizendo que estava indo encontrar Julian em um restaurante de fachada no meio de Badour para falar mais sobre seu novo emprego.

E eu estou... irritada.

O emprego dele, como se eu devesse ficar em segundo plano e deixar os homens da minha vida cuidarem de tudo. Além disso, Aidan não tem a menor ideia de onde está se metendo. Meu pai pode não me dizer nada sobre o que ele faz, mas eu sei o suficiente para saber que o perigo anda de mãos dadas com diamantes e dinheiro e, embora eu tenha sido criada nesse mundo, Aidan não foi. Ele foi protegido, tratado como nada mais do que um funcionário. Ele é inocente e bom demais para

se envolver com o lado obscuro do que quer que Julian e meu pai estejam tramando.

Se não fosse pelo fato de que já estou almoçando com meu pai, eu estaria fazendo mais barulho, exigindo saber onde eles estão para que eu pudesse me esgueirar e me encontrar com eles. Só para ficar de olho nas coisas e sentir que ainda estou participando de decisões importantes que afetam *meu* futuro também.

Mas como o tempo com meu *Baba* é mais importante do que literalmente qualquer outra coisa, não tenho escolha a não ser ceder e me permitir confiar. E eu *confio* no Aidan. É apenas a víbora Julian que me deixa nervosa.

Nem mesmo tenho uma base para minhas suspeitas, a não ser a vibração geral que ele transmite, a maneira como ele sempre ganhou facilmente o favor de meu pai em relação a mim e a maneira como ele recebe atenção e elogios quando eu tenho que me esforçar tanto para ser tratada como algo mais do que um troféu brilhante e amado que meu pai pode colocar em sua estante.

Além disso, até bem pouco tempo atrás, ele sempre foi ruim comigo, na melhor das hipóteses, e totalmente cruel, na pior.

Ele é um cretino. E não acredito nem por um segundo que ele esteja fazendo isso pela bondade de seu coração. Eu simplesmente não sei o que ele está tentando fazer, então não estar lá para ouvir todos os esquemas em que ele vai tentar envolver o Aidan me deixa doente.

— Você está bem, *habibti*? — Meu pai pergunta, mantendo os olhos fixos na vista e não em mim.

Tiro uma foto rápida dele enquanto ele olha para o pátio da varanda de Julieta de seu quarto privativo e, em seguida, coloco meu telefone no chão, estendendo a

mão para segurar a dele. — Eu estou perfeitamente bem, *Baba*. Apenas criando memórias.

— Sempre presa com a cabeça nas nuvens, — ele ri. — Assim como sua mãe.

Ele não fala sobre ela com frequência, presumo porque ainda é muito doloroso. Tudo o que sei além das poucas fotos que vi quando criança é que eles se conheceram anos atrás, quando ele estava visitando o Irã a negócios, e ela partiu para os Estados Unidos com ele apenas algumas semanas depois.

Algo atinge o centro do meu peito. Não dói. Isso nunca acontece quando ele a menciona. Apenas parece incompleto, como um buraco que nunca foi preenchido, então não sei o que devo estar perdendo.

Mas, além dessa sensação, há algo mais se infiltrando no momento. Um sussurro de oportunidade, dizendo-me para usar o passado dele com minha mãe para fazê-lo ver que o que ele está pedindo de mim não é certo. Não é *justo*. Se eu conseguisse fazer com que ele visse as coisas do meu jeito e o abrisse para a ideia de Aidan e eu...

Eu faria quase tudo para não *ter* que depender do Julian.

— Diga-me novamente o quanto você a amava, — eu digo.

— Eu ainda a amo. — Ele solta o ar, segurando minha mão com mais força por um momento antes de liberá-la completamente e se recostar na cadeira. — Sua mãe está em tudo que eu faço. Cada respiração que eu respiro, cada pensamento que passa pela minha cabeça.

Ele faz uma pausa, e eu absorvo seu olhar, a maneira como seus olhos estão tensos de desejo e sua alma parece cansada e desgastada.

— Toda vez que olho para você, vejo muito dela, — continua ele. — Ela era uma mulher forte e tenho orgulho de chamá-la de minha.

Eu engulo as pedras na minha garganta, as palavras implorando para escorrer da minha língua. — Então, *Baba*, como você pode me pedir isso? Como você pode ter o amor que teve com mamãe e me pedir para desistir dessa chance?

Seus olhos escurecem e ele balança a cabeça. — Sua mãe foi o amor da minha vida, mas você está enganado se acha que não fomos arranjados.

O choque golpeia meu meio, o fio de esperança escapando de minhas mãos. — O quê?

Ele acena com a cabeça, com uma leve tosse saindo de sua boca. Ele tenta disfarçar o ruído tomando um gole de seu chá. — Às vezes, o maior amor vem dos lugares mais improváveis.

Eu me recosto em meu assento, sem saber o que fazer ou o que dizer. Esse era o meu trunfo, a maneira como eu iria falar sobre o Aidan, para fazer meu pai ver a razão. Mas, durante todo esse tempo, o desejo dele por mim era fruto de sua própria experiência, e não apesar dela.

— Você não acha que é possível que você e mamãe tenham tido sorte? — Eu tento novamente, testando as águas sem mergulhar de cabeça.

Ele cantarola enquanto toma outro gole de chá. — Existem muitas pessoas neste mundo que fariam qualquer coisa para viver a vida que você vive.

— Eu sei, — eu respondo.

— Sabe? — Ele inclina a cabeça. — O sangue em suas veias faz de você uma pessoa muito valiosa. As pessoas, mesmo aquelas em quem você acha que pode confiar, são cegadas pela ganância e seduzidas pela promessa de poder.

Meu estômago fica tenso. — E aquele com quem me casar não será?

— Não, — ele responde simplesmente. — Eu nunca colocaria você com um homem que precisa de dinheiro ou poder. Apenas alguém que irá tratá-la bem e continuar meu legado. Alguém que a proteja do mundo cruel dos meus negócios e cuide de você enquanto isso, pois não estarei aqui por muito tempo para fazer isso. —Ele se inclina para frente novamente, estendendo a mão para dar um tapinha no topo da minha mão com a dele. Meus olhos seguem o movimento, fixando-se nos hematomas escuros de IVs que persistem em sua pele. — Você nunca me decepcionou antes, Yasmin. Eu sei que você não vai me decepcionar nisso.

Meus olhos ardem e cerro os dentes, mas não falo de novo, optando por acenar com a cabeça e virar a mão, entrelaçando nossos dedos. Mas meu coração se parte, a desolação se chocando contra ele como uma bola de demolição, porque isso significa que Julian já venceu e eu nem ao menos descobri que jogo ele está jogando.

Eu tenho que depender dele. Eu preciso *dele*.

Do jeito que ele queria.

Eu esperava que Aidan tivesse me contatado há horas, mas já é noite e ele ainda não deu notícias. Estou acalmando minha ansiedade, dizendo a mim mesma repetidamente que ele está ocupado e que não há problema se não nos falarmos sempre. Eu o deixei em estado de alerta por três dias, portanto, sei que é hipocrisia minha ficar brava. Mas não consigo evitar o que estou sentindo. Mastigo a parte interna da bochecha enquanto olho para o meu celular que joguei ao acaso no colchão.

Talvez eu devesse tentar ligar para ele.

Saindo do lugar onde estava andando em um buraco no carpete do meu quarto e indo para a cama, pego o celular de cima e me sento, com a perna roçando na cortina creme pendurada no canto da minha cama de quatro colunas. Abro imediatamente minhas mensagens de texto para Aidan. Ainda nada.

Tento ligar para ele, o telefone toca em meu ouvido uma, duas, três vezes antes de ser enviado para o correio de voz.

Meu peito se contrai. Envio uma mensagem novamente.

YASMIN

Tudo bem?

Em silêncio, fico olhando para a tela, desejando que os três pontos em uma bolha apareçam, mostrando-me que ele está respondendo. Mas ficar olhando para a tela em branco é como esperar a água ferver, então gemo, jogando o celular no chão novamente e caminhando até o espelho de corpo inteiro que fica no canto da sala, próximo à janela. Meu cabelo está preso em um coque bagunçado, o grande elástico de seda está fazendo um péssimo trabalho em manter meus cachos contidos, e estou vestida com meu moletom preto e uma camiseta larga que diz Oregon State no peito. Pareço cansada. Estressada. *Graças a Deus pela maquiagem.*

Meu telefone toca e eu giro rapidamente, correndo para minha cama e agarrando-o, a decepção picando a esperança que estava crescendo em meu peito como um balão estourado quando vejo que é Riya.

RIYA

Qual é a palavra, pássaro?

Ela é minha pequena lasca de luz nessa bagunça. É bom tê-la ao meu lado, finalmente não guardando segredos dela como tenho feito há anos.

Eu me viro e tiro uma selfie mostrando meu moletom.

YASMIN

Experimentando roupas para meu marido em potencial

Acha que esse vai funcionar?

RIYA

Uau. Você está realmente se esforçando, Yas. Você deveria quebrar algumas unhas para completar o visual. Mostre a eles o que estão comprando com a filha da Sultans.

Eu zombo, olhando para minha unha vermelha amendoada, estremecendo com a ideia de não tê-la bem cuidada. *Passo*.

Alguém bate à porta do meu quarto e eu largo o telefone e corro para atender, esperando que, de alguma forma, Aidan tenha entrado na minha ala da propriedade. Mas sei que é um sonho impossível. Aidan *nunca* vem ao meu quarto. Há muitas pessoas que poderiam ver; é muito arriscado.

Abro a porta e Julian está do outro lado, com a cabeça baixa, o cabelo preto escuro à mostra, um dos braços apoiado no lado direito da moldura da porta. Seus olhos se movem lentamente da parte superior dos meus pés descalços, subindo pelas minhas pernas, por cima da minha camiseta folgada, até que ele finalmente encontra meu olhar.

— Claro, é você, — eu zombo.

— Olá. — Seu antebraço se flexiona enquanto ele abre caminho para dentro do meu quarto, as tatuagens aparecendo por baixo da manga arregaçada.

— Por favor. — Eu aceno meu braço dramaticamente antes de fechar a porta atrás dele. — Fique à vontade.

Ele se joga na minha cama, seu corpo balançando levemente no colchão. — Uma anfitriã tão maravilhosa. Você sempre recebe os homens em sua cama com tanto amor?

Aperto os olhos, a irritação apunhalando-me como uma faca cega. — Você está insinuando que eu sou uma prostituta?

Sua cabeça se inclina para trás. — Essa é uma conclusão bem louca para se tirar do que eu disse. Tem certeza que não tem algo pesando na sua consciência? Culpa, talvez, por seus modos de prostituta?

Minhas bochechas incham com a minha respiração enquanto eu fecho meus olhos e tento não me aproximar e dar um tapa na cara dele. — Tem certeza que você tem trinta e seis anos? Você age como um garoto pré-adolescente que não está conseguindo o que quer.

Ele não responde desta vez, simplesmente inclinando a cabeça, seus olhos escuros brilhando enquanto ele olha para mim com um sorriso maníaco no rosto.

— Pare de me olhar assim, — eu exijo, inquieta com seu olhar. — Onde está Aidan?

Seu sorriso brincalhão desaparece e ele se inclina para trás sobre os cotovelos, o colchão se curvando ligeiramente embaixo dele. Eu me encolho ao vê-lo na minha cama, olhando de soslaio para os lençóis e fazendo um lembrete mental para trocá-los para que não cheirem a ele quando eu tentar dormir.

Ele dá de ombros. — Ocupado fazendo as malas, presumo.

Meu estômago cai. — Sinto muito, ele está *o quê* ?

— Ele ainda não te contou? — Seu rosto mostra surpresa genuína. — Vou mandá-lo para o Egito com meu assistente, Ian.

— Ele não iria embora sem me avisar, — eu respondo.

— Claro que não. — Sua voz é sarcástica, e ele se levanta, movendo-se em minha direção, agitando os braços no ar. — Eles vão caçar a lâmpada que realizará todos os seus desejos, dando a vocês dois o felizes para sempre.

Eu recuo, não querendo que ele chegue perto.

Ele sorri, detendo seus passos. — Você tem *medo* de mim?

— Por favor, — eu zombo. — Não se dê tanto crédito. Só sei que você tem o péssimo hábito de entrar em lugares onde não é bem-vindo.

Seu sorriso desaparece completamente então, e ele caminha para frente, fazendo exatamente o que eu acabei de dizer que ele faria. Entrando no meu espaço.

Minha respiração engancha na minha garganta com o brilho perigoso em seus olhos, tão parecido com o fogo que estava queimando neles na noite em que me viu ser fodida por outro homem, e eu amaldiçoo meu corpo estúpido e traidor por reagir a ele.

Ele não perde a reação, e eu odeio o jeito que isso me faz sentir como se ele, mais uma vez, estivesse em vantagem.

— Oh, *gattina*. — Ele ri, passando o dedo pela maçã do meu rosto até que está segurando minha mandíbula. — Se eu fizer, eu prometo, você vai *implorar* por isso.

Meu coração dispara.

— É melhor você se acostumar comigo aqui, — continua ele. — Seu pai só tem mais alguns meses, e eu odiaria ver o que acontece se você não estiver sob minha proteção depois que ele se for.

Talvez eu devesse dar mais importância à ameaça velada, mas as palavras “alguns meses” e “meu pai” na mesma frase me fazem lutar para respirar demais para me concentrar em qualquer outra coisa.

Estendo a mão, minhas mãos roçando seu peito largo enquanto o afasto.

Ele vai de bom grado, recuando alguns passos e passando a língua pelo lábio inferior.

— O que você *quer dizer* com alguns meses? — Eu forço.

— Quero dizer, seu pai é um homem muito doente, Yasmin. Ou você está vivendo em um mundo delirante onde ele não vai morrer nenhum dia?

Suas palavras atacam meu peito como estilhaços, penetrando profundamente e com força. — Eu não... — Eu balanço minha cabeça, pressionando as costas da minha mão no meu rosto superaquecido. — Ele tem mais de um par de meses, Julian, por favor.

Julian respira fundo, os olhos calculando, como se estivesse tentando decidir se eu realmente acredito no que estou dizendo. Mas por que não? Eu sei que ele está doente e que eventualmente vai piorar, mas fingir que está pior do que está, é simplesmente cruel. Eu sei realisticamente, o hospital é uma sentença de morte de seis meses na melhor das hipóteses, mas... alguns meses?

Lentamente, Julian dá um passo para trás novamente, sua mão alcançando e segurando minha bochecha, levantando meu rosto até que eu encontre seu olhar solene. — Ele não tem, *gattina* .

Eu pisco rapidamente para limpar a névoa repentina de meus olhos, o calor de seu toque enviando ondas de conforto inesperado através de mim.

A sensação me pega desprevenida e eu afasto meu rosto. — Como diabos *você* saberia?

Ele sorri. — Chateada porque papai não te contou primeiro? Afinal, parece que você não é a favorita.

Engulo a tempestade que se forma com suas palavras e balanço a cabeça. — Não faz o menor sentido. Ele não esperava que eu me casasse em... — Faço uma pausa, franzindo as sobrancelhas. — Ele só tem *alguns meses*?

Julian assente. — Escute, podemos esperar que Aidan encontre a lâmpada a tempo. Vou mandá-lo para o Egito com meu melhor pessoal. Mas se eu não for capaz de descobri-la até lá...

Ele para, mas eu sei o que ele está dizendo. As chances são baixas de que Aidan a encontre, muito menos dentro do tempo que precisamos.

— Então eu estou fodida, — eu deduzo. — Isso é culpa *sua*. É você quem está enviando Aidan nessa missão estúpida para a qual ele nem está qualificado, em vez de me ajudar a encontrar uma solução melhor.

— Você sempre pode contar a verdade ao seu pai.

O silêncio ressoa no ar. Isso parece tão simples, não é? Mas depois de nossa refeição juntos, o pensamento disso me deixa em parafuso. Minha respiração começa a ficar mais rápida e meu estômago se contrai até que resisto à vontade de me encolher fisicamente.

— Eu não posso, — eu sussurro.

Julian enfia as mãos nos bolsos e se balança nos calcanhares. — Existe outra opção. — Ele balança a cabeça. — Não, não importa. Você não estaria interessada.

Irritada, sibilo: — Não pense que sabe alguma coisa sobre mim.

— Certo. — Suas sobrancelhas se erguem. — Se Aidan não encontrar a lâmpada a tempo, você pode se casar *comigo*.

Minha boca se abre em estado de choque, e eu o encaro inexpressivamente, esperando pela piada. Só que ele não me dá uma.

Uma risada descontrolada borbulha em meu peito e sobe pela minha garganta, escapando no ar. — Você está brincando comigo agora? Por que eu me casaria *com você*?

— Eu disse que você não estaria interessada, — ele responde. — Mas faz mais sentido, na minha opinião. Você convence seu pai de que está apaixonada por mim. Isso tira ele de cima de você e evita que você tenha que se amarrar a alguém que está esperando para dar o bote.

Eu inclino minha cabeça e o observo. — E você?

— E quanto *a* mim?— ele responde.

— Quero dizer... você está apenas disposto a concordar com isso? Não acredito que haja um osso altruísta em seu corpo, Julian Faraci . O que você ganha com isso? Qual é o truque?

Ele diz, balançando a cabeça. — Não há truques. Só eu querendo tirar a atenção de Ali de você e voltar para as coisas que importam.

Meu peito se contrai, mas deixo de lado o ciúme do relacionamento de Julian com meu pai. — Eu não vou me casar com você.

— Não estou lhe pedindo isso. Só estou dizendo para fingirmos. Por um tempo, até que o garoto volte com a lâmpada. A menos, é claro, que você prefira ficar desfilando na frente de pretendentes até seu pai dar o último suspiro.

— E se ele quiser um casamento antes disso? — Eu pergunto.

Julian sorri. — Então nós damos a ele um. Não significa que deva ser assinado na linha pontilhada.

O que ele está dizendo é ridículo, mas não posso negar que a ideia tem algum mérito. Abro minha boca para responder, mas nenhuma palavra sai, porque eu realmente não tenho ideia do que dizer.

Ele quer *fingir*.

Fazer de conta que estou apaixonada pelo Julian? O pensamento por si só me faz querer engasgar.

Mas que outra escolha eu tenho? Já sei que meu pai tem arrumado pretendentes, e não sou ingênua o suficiente para pensar que Julian não saberia os meandros de seus planos, especialmente sabendo que meu pai confidenciou a ele sobre a extensão de sua *doença* quando ele nem me deixa ficar ao seu lado dando apoio.

Sinto um aperto no estômago quando penso que foi *Julian* quem me contou sobre meu pai, enquanto eu estava com ele esta manhã e não consegui nada além de silêncio e um tapinha na mão. Inspiro uma respiração gaguejante, preparando minha coluna para o que sei que tenho que fazer.

Não posso cair nas graças de meu pai, não quando há tanto em jogo, mas se eu tiver que ir a encontros como se fosse uma égua reprodutora premiada, acho que posso enlouquecer.

E é só fingimento.

Eu posso fingir qualquer coisa por um tempo. Especialmente se eu souber que vou ficar Aidan no final.

Julian caminha em minha direção, usando os dedos para fechar minha boca. — Pense nisso. Você sabe onde me encontrar. Mas eu recomendo que você não perca muito tempo, pois não lhe resta muito.

CAPÍTULO 10

Julian



A primeira vez que pensei em assassinar alguém, eu tinha cinco anos de idade.

Havia uma energia inquietante em meu estômago o dia todo, embora meu pai tivesse desaparecido há mais de uma semana, o que significava que a casa estava calma pela primeira vez em minha vida.

Quando ele não estava por perto para bater na mamãe, então ela não tinha motivos para *me bater*.

Era tudo tranquilo.

Mas eu não estava acostumado com a sensação de não estar no limite, e a paz era uma sensação estranha que preenchia meu corpo, uma sensação que fazia com

que meu modo de luta ou fuga ficasse em estado de alerta, apenas esperando que o outro sapato caísse.

Mamãe estava na cozinha preparando o famoso marinara da minha nonna, com os cabelos brilhantes presos em um coque baixo, como sempre fazia, e um avental branco enrolado em volta dela com detalhes vermelhos e morangos decorados na frente.

Ela normalmente não usava cores tão claras, e o contraste do avental com sua pele bronzeada e cabelos escuros a fazia parecer quase etérea para mim. Lembro-me de ter ficado confuso com o fato de ela usar o avental branco com tanta facilidade, pois já a tinha ouvido reclamar tantas vezes sobre como era difícil tirar manchas de sangue de tecidos claros.

Mas, naquele dia, ela o vestiu sem se preocupar, colocando-o sobre a blusa creme, e me entregou meu ursinho de pelúcia favorito, o Abe - aquele que o papai sempre gritava comigo por ter, - colocando-o em minhas mãos e cantarolando baixinho enquanto dançava ao som do rádio e mexia os temperos em uma panela.

Olhei para Abe, as costuras de sua orelha se desfazendo depois que o tirei de seu lugar escondido embaixo da minha cama e dormi com ele enrolado em meus braços todas as noites, e uma felicidade pura encheu meu peito. Talvez o papai estivesse certo e os meninos não devessem ter ursos de pelúcia, mas eu não me importava.

Se a mamãe estava de branco e eu tinha meu ursinho de pelúcia favorito ao ar livre, talvez ele realmente tivesse ido embora para sempre.

Mas assim que a boa sensação apareceu, ela foi ofuscada pelo sentimento espesso e irregular de ansiedade que cobria meu interior, imaginando como as coisas poderiam mudar rapidamente.

Ainda assim, os dias continuaram a passar sem que eu percebesse nada e, pouco a pouco, baixei a guarda. A sensação de luta ou fuga diminuiu e percebi que talvez as coisas boas realmente *permaneçam* se você as desejar com afinco.

Mas eu era uma criança tola.

Certa noite, após cerca de duas semanas de felicidade, tudo acabou.

Eu estava deitado na cama, ouvindo o barulho de carros aleatórios buzinando nas ruas movimentadas da cidade em frente ao nosso pequeno apartamento, segurando Abe junto ao peito. Estava quase pegando no sono, até que o som de um carro se aproximou.

Perto demais.

Meu coração disparou, o pavor se espalhou pelo meu estômago como um lodo espesso.

A porta de um carro bateu.

Saí da cama em disparada, dirigindo-me imediatamente para o quarto da mamãe, mas logo antes de chegar ao corredor, olhei para o Abe, que estava agarrado com força em meu punho. A tristeza encheu minha garganta e floresceu atrás de meus olhos. Levá-lo só causaria mais problemas. Girei rapidamente, correndo de volta para a minha cama e enfiando-o no pequeno espaço entre as ripas do colchão, escondendo-o da vista, e depois corri para o quarto da mamãe.

Não era novidade eu ir ao quarto dela para tentar protegê-la dele. Por alguma razão, ele nunca descontava sua raiva em mim, então eu ficava ao lado da mamãe sempre que podia, esperando que minha presença fosse suficiente para evitar que ela ficasse preta e azul.

Às vezes funcionava.

Outras vezes, eu tinha de ficar deitado com os olhos fechados, fingindo que não o ouvia arrastá-la para longe de *mim*, enquanto seus punhos encontravam sua carne e seus gemidos chegavam aos meus ouvidos.

Naquela noite, abri a porta dela, fechando-a atrás de mim assim que a porta da frente se abriu e fechou. Minha respiração se acelerou enquanto eu corria para a cama dela, parando ao lado.

Ela estava acordada. Seu corpo estava imóvel como pedra e sua cabeça estava apoiada no travesseiro, mas seu olhar escuro estava fixo em mim.

— Mamãe, — eu sussurrei, meus olhos arregalados.

Silenciosamente, ela estendeu os braços para mim.

E como todas as outras vezes antes e todas as vezes depois, eu fui, me enrolando em seu abraço e permitindo que ela me abraçasse.

Eu era seu escudo da mesma forma que muitas vezes era seu fardo, segurando o peso de sua dor que ela não poderia suportar sozinha.

Passos pesados ressoaram pelo minúsculo apartamento, fazendo os segundos parecerem horas, até que pararam do lado de fora da porta fechada do quarto.Eu era seu escudo, da mesma forma que muitas vezes era seu fardo, sustentando o peso de sua dor que ela não conseguia suportar sozinha.

Passos pesados ressoavam pelo minúsculo apartamento, fazendo com que os segundos parecessem horas, até que pararam do lado de fora da porta fechada do quarto.

O abraço de mamãe se apertou em torno de minha pequena estrutura, com sua respiração passando pela minha nuca.

A porta se abriu e papai entrou.

— Anita... — Sua voz foi sumindo, e o silêncio caiu sobre a sala como um cobertor pesado.

Fechei os olhos, fingindo estar dormindo e rezando para que ele não ouvisse meu coração batendo forte no peito. Mas eu podia sentir seus olhos em mim, mesmo quando eu não podia ver.

Ele suspirou profundamente, deu meia-volta e saiu, com o som abafado da televisão local atravessando as paredes finas.

Lentamente, as palmas das minhas mãos suadas se abriram, fechando os punhos, e minha respiração se acalmou.

Mamãe estava a salvo *dele*, o que significava que *eu* estava a salvo dela.

Pelo menos por aquela noite.

Passei dias depois rezando para que ele fosse embora novamente. Mas ele nunca foi embora, e aquela pequena porção de felicidade que havia se enraizado dentro de mim se transformou e começou a apodrecer até não passar de um sonho impossível. Depois de algum tempo, tornou-se algo de que eu não conseguia nem me lembrar.

Então, em vez disso, agarrei-me a uma visão. Uma visão em que eu era maior e mais forte do que o papai e poderia garantir que ele nunca mais machucasse a mamãe. Comecei a me esgueirar pela rua para assistir às aulas de hapkido até que um dia o instrutor abriu a porta e me deixou entrar. *Tecnicamente*, nunca fui matriculado nos cursos, portanto, nunca recebi um cinturão. Nunca tive alguém lá para torcer por mim. Mas eu não me importava com os elogios. Eu só queria me sentir forte. *Poderoso*. Como se pudesse proteger a mim e a mamãe das pessoas que mais queriam nos machucar.

Naquela época, eu não entendia completamente que era minha mãe que estava causando as feridas mais profundas. Eu só sabia que ela era *minha* e que isso significava que eu tinha que cuidar dela, porque é isso que você deve fazer pelas pessoas que ama.

Você as escolhe. Você as coloca em primeiro lugar.

E então, um dia, eu me tornei maior do que meu pai. Mais forte do que ele. E ele cometeu o erro de me presentear com meu bem mais precioso para comemorar o fato.

Uma píton em meu aniversário de dezesseis anos. O único presente que ele já me deu, em homenagem ao fato de eu ter me tornado um homem.

— Você sabe o que acontece com as cobras? — ele disse. — Elas são temidas. E isso as torna poderosas.

Eu a chamei de Isabella.

Depois, roubei um dos bastões de madeira do mestre de hapkido e o usei para bater nele até que ele não conseguisse mais ficar de pé.

Um golpe para cada hematoma que ele causava na mamãe.

Outro para cada hematoma que ela fazia em mim.

Eu o arrastei para o beco dos fundos no meio da noite, coloquei ratos em seu corpo quebrado e deixei Isabella brincar. Ela farejou sua presa com a língua, confundindo-o com comida, cortesia dos roedores, e começou a enrolar seu corpo escamoso ao redor dele. Eu me afastei e fiquei observando, girando o bastão na mão, apreciando o modo como os vasos sanguíneos dele se romperam e seus olhos se arregalaram quando ela se enrolou em seu pescoço, apertando-o até que ele morresse.

— Não se preocupe, papai. Só vai doer um pouco.

E sabe de uma coisa? No final, ele estava certo. Eu me senti poderoso.

Fiz minha primeira tatuagem em homenagem ao momento para nunca esquecer o sentimento. Uma réplica de Isabella, começando na minha mão e subindo pelo meu braço.

A maior lição que meu pai me ensinou foi que, em tudo, é preciso ter paciência.

Algo que está ficando cada vez mais difícil de lembrar a cada dia que passa e não estamos mais perto de encontrar a lâmpada perdida.

Olho para o e-mail no meu computador de Jeannie, nossa arqueóloga chefe no Egito, enquanto Isabella se enrola em meus ombros, sentindo a decepção espessa como lama.

Sr. Faraci ,

Nada ainda sobre a lâmpada perdida, embora eu vá verificar um novo local de escavação sobre o qual um dos moradores me falou. Fica no meio do Deserto Ocidental e é proibido para civis, então prefiro ir sozinha e examinar a área. Se eu levar pessoas comigo, vamos chamar a atenção e definitivamente não queremos isso.

Mas eu não queria fazer isso sem você saber, e desde que Tinashe saiu ontem para voltar para casa, eu não sei como entrar em contato com você diretamente fora do e-mail.

Espero que você não se importe. Vou mantê-lo atualizado.

- Jeannie Grants

Não me importo, mas isso prova que preciso levar Ian e o garoto para lá, pelo menos para que Ian supervisione as coisas, já que Tinashe é necessário em outro lugar.

Suspirando, fecho a tela e estendo a mão, passando a mão pelo topo da cabeça de Isabella. Ela está quente e seca, e sua língua estala enquanto ela se aninha na palma da minha mão.

— Você é uma boa menina, — eu digo.

Apesar de ter sido um presente do meu pai, Isabella se tornou o ser vivo mais importante da minha vida. Ela é extremamente leal e limpa meu trabalho sujo, ajudando-me em minhas mortes e engolindo-as para o jantar sempre que surge a oportunidade.

Ela não responde e não pede muito, mas pode dar amor de uma forma que só um animal pode. Ao fornecer uma companhia gentil e calma que não espera nada estranho em troca.

Sinto-me culpado por não ter passado tanto tempo com ela quanto deveria.

Levantando-me, o peso de seu corpo pesado sobre meus ombros enquanto eu faço isso, eu saio do meu escritório em casa e subo as escadas até que estou no corredor onde fica meu quarto, indo para o quarto ao lado e colocando Isabella de volta no quarto. seu recinto, que percorre toda a parede oposta.

— Vou trazer para casa uma nova amiga, — digo a ela. — Portanto, seja boazinha. Ela é uma *amiga,* não comida.

Isabella me ignora, se encolhendo no fundo de sua enorme jaula de vidro.

Eu me viro, mas faço uma pausa antes de sair, acrescentando uma última coisa.

— Ela é temporária, então não se apegue.

****

Eu bato meus dedos contra a pesada porta de carvalho do escritório de Ali, então giro a maçaneta para entrar, esperando vê-lo trabalhando duro atrás de sua mesa. Temos uma nova linha de joias de Natal que está para ser lançada em alguns meses, e enviei a ele os modelos para aprovação. O que ele não sabe é que eles já foram aprovados e estão a caminho de nossa equipe de publicidade, mas isso é algo que ele pode viver sem descobrir.

Desde que ele está em repouso, tenho enviado a ele detalhes das coisas depois de já ter cuidado delas, apenas para garantir que ele ainda sinta que está sendo útil.

Se eu estivesse no lugar dele, seria o que eu gostaria que alguém fizesse por mim. Já é difícil aceitar a morte; sentir-se inútil enquanto ainda está por perto seria uma pílula amarga de engolir.

Em vez disso, eu o vejo esparramado no sofá no canto mais distante da sala, sua enfermeira, Shaina, ao seu lado.

— O que há de errado? — Eu pergunto, caminhando rapidamente.

Shaina balança a cabeça, me mandando calar enquanto ela se move ao redor da cama para checar os sinais vitais dele.

Os olhos de Ali estão fechados, o que causa uma pontada de pânico em meu estômago. Eu varro meu olhar sobre ele, travando na subida e descida uniforme de

seu peito, e então afasto o sentimento, lembrando-me mais uma vez que é uma coisa boa para mim *se* ele estiver mais perto da morte.

— O que há de errado? — Repito, desta vez com mais força.

— Estou bem, — ele diz asperamente. — Eu só... estou me sentindo um pouco cansado hoje.

Assentindo, franzo os lábios e volto minha atenção para Shaina. — Saia.

Ela solta uma risada sem humor e balança a cabeça novamente antes de se levantar. — É melhor você melhorar seu tom comigo, Sr. Faraci. Eu não trabalho para você.

Aborrecimento com seu desrespeito passa por mim, e eu tenho que soltar uma respiração constante para acalmar a energia ardente que está me preenchendo, incitando-me a atacar. *Ela está fazendo o trabalho dela.*

— Está tudo bem, Shaina. Dê-nos alguns minutos, — Ali responde, seus olhos injetados se abrindo.

Ela franze os lábios antes de suspirar. — Vou fazer um chá para acalmar seu estômago. *Você*, — ela diz, virando-se para mim. — Não faça nada para aumentar a pressão dele, entendeu? Ele precisa *descansar*.

Eu aceno secamente.

Ela arqueia uma sobrancelha antes de finalmente se virar e nos deixar sozinhos.

Eu atravesso a sala e agarro uma das cadeiras em frente a sua mesa, arrastando-a até que esteja ao lado do sofá, e então me sento, inclinando-me para frente com os cotovelos nos joelhos.

— Shaina é superprotetora, — ele reclama.

— Ela está fazendo seu trabalho, — eu respondo, a mesma garantia que acabei de me dar.

Ele zomba. — Eu posso trabalhar muito bem.

Eu atiro para frente quando ele se move, colocando uma mão em suas costas e apoiando os travesseiros atrás dele.

— É domingo, — eu digo, incitando-o. — E nada que eu tenha a dizer é mais importante do que: você precisa descansar.

Ele balança a cabeça, uma tosse surgindo em sua garganta, embora ele tente sufocá-la. — Não tenho tempo para isso. Tem alguém vindo jantar esta noite para conhecer Yasmin.

Inclinando-me para a frente no meu assento, eu abaixo minha voz. — Eu odeio ser o único a dizer isso a você, Senhor, mas... você não tem mais tempo em geral.

Ali ri. — Você é um idiota.

Eu rio enquanto me inclino para trás no meu assento. — A questão é que você deve economizar sua energia para coisas que importam.

A diversão desaparece de seu rosto, e ele se vira para encontrar meu olhar. — Isso é importante, Julian. Quero saber se Yasmin está sendo cuidada por um homem que não vai manchar nosso nome e tudo o que estou deixando para trás.

Eu solto um suspiro, passando a mão pelo meu cabelo, um pouco surpreso por ele estar afirmando isso tão claramente. Que ele nem se importa com o quanto pode queimar que ele não está deixando nada para *mim*. — Ok... então eu irei por você.

Ali ri, e meus dedos se flexionam para não fechar os punhos.

— O que há de tão engraçado nisso? — Eu pergunto. — Quem melhor do que eu para garantir que alguém não manchará o que você construiu? — Eu me inclino. — Nós dois sabemos que mantenho a Sultans funcionando bem, Ali. Você pode confiar em mim com sua filha da mesma forma que confia em mim com seus diamantes.

Ali abre e fecha a boca algumas vezes antes de finalmente concordar com a cabeça. — O nome dele é Alexander Sokolov.

— Russo?

Ele concorda.

— Tem certeza que isso é inteligente?

Não preciso elaborar, porque nós dois sabemos o que quero dizer. A Rússia é nosso maior concorrente no comércio de diamantes e o único país onde ainda não conquistamos uma fortaleza. Tenho certeza de que Ali está tentando matar dois coelhos com uma cajadada aqui, alinhando sua filha com um marido que pode finalmente colocar as Sultans na porta e ter conhecimento suficiente sobre o negócio para assumir todas as ações.

E isso é inaceitável para mim.

— Certifique-se de que ela dê a ele uma chance justa, — diz Ali. — Eu quero que eles se dêem bem, Julian. Ele é um bom par para ela. E uma boa partida para as Sultans.

Sorrindo, descanso um pé sobre o joelho oposto. — Eu prometo, Ali. Vou me certificar de que ela saiba *exatamente* que tipo de homem ele é.

CAPÍTULO 11

Yasmin



AIDAN

Posso te ver hoje à noite?

É a primeira vez que ouço falar dele desde ontem à tarde, quando foi se encontrar com Julian. Não posso ficar brava com ele por isso, desde então eu seria uma hipócrita, então isso é apenas algo como uma retribuição cármica. Mas dói

saber que ele concordou em ir a algum lugar e fazer algo que afeta a nós dois sem falar comigo.

Ele contou para a mãe dele primeiro?

YASMIN

Sim!! Eu janto com meu pai, mas posso fugir quando voltar

Mordendo o lábio, eu debato dizer a ele que é com um pretendente ou que Julian agora está tentando me envolver em um noivado falso com ele por qualquer motivo, mas me contenho, imaginando que posso apenas avisá-lo assim que estivermos juntos. Coisas como essa geralmente acontecem melhor pessoalmente de qualquer maneira.

AIDAN

Estarei esperando, princesa. Eu te amo. Tenha um bom jantar com seu pai.

Gemendo, a culpa surge como sempre acontece hoje em dia, sempre que tenho algo que não estou contando a Aidan.

— Que diabos de barulho foi *esse*? — Riya pergunta, rindo de onde ela está esparramada no meio da minha cama de dossel, folheando uma revista.

— Não sei o que fazer. — Suspiro, pressionando o dedo ao lado do olho e passando delineador preto na pálpebra.

Riya faz um zumbido, o julgamento fluindo através de suas cordas vocais e me puxando do outro lado da sala.

Faço uma pausa, minha mão parando enquanto olho para ela do meu espelho da penteadeira. — O quê?

Ela lambe o dedo antes de virar uma página da revista. — Nada.

Meu peito arde. — Isso é *tão* irritante, você sabe disso, certo?

Ela gargalha, deixando cair a revista inteiramente e sentando-se no meio do colchão. — *Com licença*, cadela? Perdoe-me por tentar poupar seus sentimentos feridos. Confie e acredite que você não vai gostar do que tenho a dizer.

Eu sorrio enquanto termino o delineador, passando para pegar o rímel. — Quando isso te impediu antes?

— Certo. — Ela bate nas coxas, movendo-se para a beira da cama. — Você está sendo dramática pra *caralho*, Yasmin. Você está jogando essa carta de "coitada de mim" quando tudo o que você realmente precisa fazer é dizer ao seu pai como se sente.

Uma sensação de mal-estar afunda em meu estômago. Ela estava certa. Eu deveria ter deixado ela ficar de boca fechada. — Eu já disse que não é tão simples.

Ela levanta as duas mãos no ar como se estivesse pesando algo em suas palmas. — Diga a verdade ao seu pai, ou prenda-se a um estranho. — Ela dá de ombros. — Parece muito simples para mim.

Eu balanço minha cabeça. — E fazê-lo reagir demitindo Aidan e sua mãe, jogando-os nas ruas? Fazendo isso para que eu nunca mais o visse? Não, obrigada.

Ela solta uma risada sem humor antes de se levantar e atravessar a sala até que ela está pairando atrás de mim no espelho da penteadeira. Suas mãos se estendem, apertando meus ombros, nossos olhos se encontrando no reflexo. — Se *alguém* te entende, sou eu. Você acha que eu quero estar na faculdade de direito? Que o sonho da minha vida é ser advogada? O casamento acadêmico forçado é seu próprio tipo de inferno que eu não desejaria a ninguém. Se eu não achasse que meu pai iria me cortar, me deixando desamparada nas ruas em algum lugar, eu estaria fazendo literalmente qualquer outra coisa.

Suas sobrancelhas estão altas em sua testa, e eu me encolho, me sentindo mal por ter pensado por um segundo que ela não entenderia. Somos cortes do mesmo tecido, apenas com pais diferentes e visões diferentes do que eles queriam para suas filhas. Onde meu pai está em diamantes, o de Riya está em petróleo. Meu pai me quer casada e descalça na cozinha. E o de Riya quer que ela se torne uma "força de poder" no mundo.

Estendo a mão para trás e agarro seus dedos. — Sim, mas... acho que você provavelmente contaria a seu pai sobre Aidan só para ver a decepção em seu rosto. Eu não sou assim, Riya. Não quero que ele me odeie.

— Não posso discutir com você. — Ela pisca, apertando meu ombro. — Mas nessa situação? Eu provavelmente me casaria com Julian Faraci só para poder pegar carona no que tenho certeza que é seu pau monstruoso pelo resto da minha vida.

Uma risada derrama de mim, e eu dou de ombros para fora de seu alcance, torcendo meu nariz. — Ugh. Passo.

— Bem... você *ainda* tem uma escolha. Ou você espera que Aidan faça o que quer que esteja fazendo para conquistar seu pai, ou você controla o pouco que pode.

— Escolher entre Julian e um estranho aleatório dificilmente é uma perspectiva positiva, — eu respondo, o medo me espetando como agulhas.

Ela se inclina para frente, seu braço roçando o meu enquanto pega um batom fosco da minha penteadeira. — Pelo menos com Julian, você sabe no que está se metendo. E além do mais, fingir estar com ele ganha algum tempo, certo?

Meu estômago revira até doer, e eu mordo o canto da minha bochecha.

— Eu não invejo você, irmã. Aqui. — Ela me entrega o batom. — Coloque o vermelho. É uma cor poderosa.

****

Estou no restaurante 1001 Arabian Nights há quinze minutos, tentando criar coragem para entrar e conhecer meu primeiro pretendente oficial.

Talvez eu esteja pensando demais nas coisas. Minha ansiedade sempre influenciou minhas decisões, fazendo com que o pior resultado possível ocupasse o centro do meu cérebro, mas, apesar do quanto eu tento lidar com a situação, isso não a torna mais palatável. É como se quanto mais eu cavasse o buraco, mais longa seria a subida e, em algum lugar ao longo do caminho, perdi minha voz completamente, tornando-me dócil, um troféu mudo para as pessoas carregarem.

Por fim, crio coragem para entrar, me perguntando se meu pai já está lá. Achei que estávamos dirigindo juntos, mas quando entrei no carro que esperava na frente da propriedade, ele já tinha partido.

O vestido de seda turquesa é macio contra minhas coxas quando saio do carro, meus calcanhares doem assim que dou o primeiro passo na calçada. Os saltos altos são um desconforto lamentável que não podia deixar passar porque combinam muito bem com o look. Há um pequeno frio no ar, fazendo minha pele se arrepiar.

Este restaurante é conhecido por sua clientela sofisticada e cardápio caro, então não fico surpresa ao ver um porteiro segurando a porta aberta enquanto entro. Quando entro no prédio, os cheiros ricos atingem minhas narinas. Sons distantes de tilintar de pratos e o murmúrio baixo de vozes dos outros clientes agridem meus sentidos e fazem minhas mãos suarem.

Eu engulo o desconforto de estar em um lugar público lotado e caminho em direção ao estande da recepcionista, notando a linda garota loira com um olhar entediado no rosto e uma camisa branca com uma pequena gravata borboleta preta em volta do colarinho.

Seus olhos se fixam nos meus, mas antes que eu possa dizer uma palavra, alguém toca minhas costas, enviando um choque pelo meu corpo. Eu me assusto imediatamente, me virando e ficando cara a cara com Julian.

Reviro os olhos, evitando seu toque. — Claro que você está aqui. Sendo o cachorrinho de colo do meu pai de novo?

Os cantos de seus lábios se contraem quando ele se move para ficar ao meu lado, sua mão voltando, mas dessa vez envolvendo meu quadril possessivamente e me puxando para ele.

Meu estômago revira.

Idiota.

A recepcionista sorri para ele, com os olhos vidrados quando ele abre um sorriso deslumbrante. — Senhor Faraci.

Reviro os olhos novamente, porque *é claro* que ele vem aqui o suficiente para ser reconhecido.

— Andrea, você está linda. Acredito que já temos um cavalheiro esperando por nós chamado Alexander Sokolov.

Eu o observo com minha visão periférica, irritada por ele estar fazendo tal show, agindo de maneira suave e charmosa quando ele não é nada disso.

A recepcionista *Andrea* olha para seu sistema de computador e depois volta para cima. — Ele já está aqui. Vou levar vocês dois até lá.

Começamos a segui-la, mas é difícil andar com o braço de Julian *ainda* em volta da minha cintura, me fazendo grudar nele como cola.

— Pare de me tocar, — murmuro com o canto da minha boca. — Você parece um predador sinistro.

Não é verdade. Ele parece incrível, e qualquer outra mulher provavelmente ficaria emocionada em ser vista em seu braço, independentemente da diferença de idade, mas morrerei antes de admitir isso em voz alta.

Ele olha para mim enquanto caminhamos. — E você parece uma pecadora pra caralho com essa roupa. Não estou permitindo que ninguém pense que você está aqui sozinha.

Minhas sobrancelhas disparam para a linha do cabelo, o choque de suas palavras me fazendo perder qualquer resposta que eu tinha. Ele acabou de me *elogiar*? Sem querer, é claro, porque sei cuidar de mim mesma, mas, ainda assim,

acho que ele nunca disse nem obrigado, então essa é uma mudança de comportamento que eu não estava esperando.

Isso me deixa nervosa, essa mudança radical em sua personalidade e, apesar do que ele parece pensar, não sou ignorante. Sei que ele está me dando graxa, tentando dar a impressão de ser um noivo amoroso.

— Você me deixa doente, — eu assobio.

Seus dedos se apertam em torno de mim, apertando tão levemente que não tenho certeza se imaginei, e então estamos à mesa e um homem alto e loiro com ombros largos e um terno escuro está se levantando de sua cadeira, seu olhar piscando para Julian, e então para seu braço em volta da minha cintura antes que eles parem em mim.

Eu me mexo no meu lugar, desconfortável com a atenção. Parece viscoso, como se eu fosse um prêmio que ele colocou os olhos e está determinado a ganhar. Eu fico lá no limbo, me perguntando se devo me apresentar ou sentar primeiro, e então a escolha é tirada de mim quando Julian puxa a cadeira ao meu lado, cutucando-me levemente para que eu me mova para sentar. Ele espera até que eu esteja acomodada, sua mão nunca deixando o encosto da cadeira, e então ele me empurra para dentro.

Minha mente gira com o cavalheirismo, e meus olhos se estreitam para ele.

Conheço seus truques, idiota.

Ele se move para se sentar ao meu lado e apoia o tornozelo no joelho oposto, adotando um ar casual enquanto acena para um garçom e pede um Glenlivet puro e uma taça de cabernet para mim.

Talvez eu devesse ficar chateada por ele ter pedido para mim, mas a verdade é que lugares públicos e pessoas que eu nunca conheci me incomodam e, no final da

noite, sempre tenho dor de cabeça por mascarar minha ansiedade e segurar minha mandíbula muito apertado. A direção dele é reconfortante, e eu odeio admitir que isso me faz relaxar, mesmo que só um pouquinho.

— Onde está meu pai? — Eu pergunto, de repente percebendo que ele ainda não está aqui.

— Essa é uma boa pergunta, — o homem do outro lado da mesa interrompe. — Eu estava com a impressão de que conheceria não apenas a linda filha de Ali, — seus olhos percorrem meu torso, descansando em meus seios antes de encontrar meu olhar, — mas também o próprio Ali.

Julian cantarola profundamente em sua garganta assim que sua bebida é colocada na frente dele. Ele estende a mão e agarra o copo de vidro, a tinta preta nas costas da mão flexionando com os dedos. — As coisas mudam. Agora você pode *me conhecer*.

CAPÍTULO 12

Julian



Assim que me apresentei no lugar de Ali, esperei que o semblante de Alexander mudasse. Para ele se tornar mais flexível e disposto a rastejar aos meus pés como tantos outros fazem. Possivelmente para o reconhecimento surgir em seus olhos.

Mas de alguma forma, a ira por trás de seu olhar só aumentou.

— E quem é *você?* — Ele pergunta com altivez.

— Ele é a ruína da minha existência, — Yasmin fala.

Dou um sorriso para ela antes de me concentrar novamente no homem do outro lado da mesa que está tentando pegar o que decidi ser meu.

— Ou acho que você poderia chamá-lo de cachorrinho do meu pai, se isso for mais a sua cara.

Meus dentes rangem até meus molares doerem com o desrespeito, e se eu não precisasse que ela experimentasse como seria a vida se ela acabasse com esse idiota, eu atacaria, talvez a afogasse em uma banheira para não ter que ouvi-la falar novamente.

— Perdoe Yasmin, — eu digo. — Apesar de sua óbvia beleza e herança bastante grande, ela ainda tem o péssimo hábito de ser ciumenta.

Yasmin solta uma gargalhada.

Eu viro meu rosto para ela, dizendo antes de voltar para Alexander. — Espero que você possa lidar com isso. Alexander Sokolov, imagino?

Ele balança a cabeça rigidamente, batendo seus dedos grossos na mesa. — Sim.

— Sobrenome interessante, — continuo. — Russo?

Sua mandíbula trava, os olhos se estreitando em mim. — Correto.

Concordo com a cabeça, jogando um braço em volta da cadeira de Yasmin. — É fascinante ter você tão... *interessado* na filha de Ali.

— Senhor Faraci, — uma voz interrompe. Eu olho para ver a recepcionista que nos levou para a mesa ao meu lado com um olhar de desculpas no rosto. — Sinto muito interromper, mas você recebeu uma ligação. O Sr. Godard está pedindo que você ligue para ele o mais rápido possível. Ele disse que tentou te ligar.

Concordo com a cabeça, irritado que Ian ligou para a porra do restaurante quando ele sabe que estou ocupado.

— Julian Faraci, — diz Alexander, reconhecimento piscando em seu rosto. — Claro. Já ouvi falar tanto de você.

Eu murmuro porque tenho certeza que sim. — Se você me der licença, isso só vai levar um momento.

Levantando-me da mesa, atravesso o corredor diretamente atrás de nós e saio pela saída dos fundos para o beco privado. É uma noite tranquila, além do som de carros passando na rua em frente, e as estrelas brilham no céu.

Eu olho para cima, notando a lua cheia e como ela espalha a luz pelas rachaduras do pavimento preto.

Retirando meu telefone do bolso, ligo para Ian.

— Chefe.

— Você já está desperdiçando meu tempo.

— Eu pensei que você estava apenas jantando com a garota.

— Sim, e ela é *importante*.

Há um longo período de silêncio.

— Ian, você está testando minha paciência.

— Eu sei, eu sei, — ele se apressa. — Mas *isso* é importante. Tinashe está explodindo meu telefone. Ele disse que Darryn Anders sabe que estamos no território deles no Egito, procurando pela lâmpada perdida. Ele não está feliz.

Aborrecimento sangra através da minha postura enquanto eu jogo minha cabeça para trás para olhar o céu, de repente lembrando que Tinashe tentou me contar sobre Darryn outro dia antes de Ian cortá-lo e eu desligar o telefone.

— Cristo, é para isso que pagamos Tinashe, — eu digo. — Para cuidar dessas coisas antes que se tornem problemas maiores.

Darryn Anders é um homem desagradável que tem muito dinheiro e muito tempo em suas mãos. Ele é bem conhecido no comércio de antiguidades do mercado negro e é uma das principais oposições às pessoas que procuram a lâmpada perdida. Ele tem feito várias escavações no Egito nos últimos anos e, se ficar chateado por estarmos lá e, pior ainda, souber que estamos procurando a lâmpada, pode criar problemas para mim e para as Sultans.

E pessoalmente falando, ele é um idiota e exige subserviência de todos que encontra. Não estou inclinado a dar a ele, então tento evitar o contato direto sempre que possível.

Suspirando, eu belisco a ponta do meu nariz. — Ok, eu vou lidar com isso. Está tudo pronto para você e o garoto?

— Sim, — Ian responde. — Nós estaremos em um avião amanhã de manhã. — Ele faz uma pausa, e antes mesmo de falar de novo, eu sei o que ele vai dizer. — Eu gostaria que você me deixasse ficar com você. Não me dou bem no deserto. É *desconfortável*.

— Você ficaria no meu caminho, — eu digo de volta. — Preciso me concentrar em Yasmin, não em garantir que você esteja confortável. O Egito é onde eu preciso de você.

— Quem vai comandar as Sultans enquanto eu estiver fora? Você está preparado para ir a todas as reuniões que odeia e ouvir todas as besteiras em vez de me fazer recapitular as partes importantes depois?

— Você contratou Ciara, não foi? — Eu estalo, irritado por ele pensar *que* faz algo próximo a comandar Sultans.

Um suspiro profundo vem da linha. — Ok, chefe.

Desligando antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, eu volto para onde estávamos antes, planejando tentar apressar o jantar para que eu possa ligar para Tinashe e ter certeza de que Darryn não será um problema, mas eu paro antes de chegar na mesa, me escondendo nas sombras enquanto ouço a conversa deles.

— Espero que você não se importe, — diz Alexander, apontando para o prato de comida que está no centro da mesa. — Você gosta de ostras, Yasmin?

Ela torce o nariz, olhando para a comida como se fosse atacá-la. — Não, eu realmente não gosto de frutos do mar.

Alexandre fala. — Você deveria tentar isso de qualquer maneira. Você pode se surpreender. Você sabe, — ele continua, balançando as sobrancelhas, — elas são afrodisíacas. Talvez se você comesse duas, você soltaria um pouco.

A espinha de Yasmin enrijece.

É surpreendente o quanto gosto de ver sua linguagem corporal mudar logo antes de ela explodir. Por muito tempo, não achei que ela fosse capaz de falar fora de hora. Ela foi criada com o decoro incutido em seus ossos e geralmente mantém sua língua bem presa, mas quando ela voltou da faculdade, notei uma mudança. Uma faísca que está fervendo logo abaixo da superfície, implorando para ser liberada.

Eu deveria odiá-la, mas constantemente me pego cutucando os gravetos, vendo se consigo fazê-los pegar fogo.

— Essa não é uma conversa apropriada para se ter com um estranho, — ela corta de volta.

Ele ri. — Por favor, salve sua falsa indignação. Estou prestes a efetivamente *comprar* você, querida. Que, falando nisso, quando você tiver meu sobrenome, roupinhas como essas, — ele acena com a mão para Yasmin, — serão proibidas. Eu

aprecio a vista, mas é ruim para minha imagem. — Você é rica demais para se vestir de maneira tão vulgar, e minha esposa não vai se exibir como uma vagabunda.

Fogo sangra por trás dos olhos de Yasmin, suas mãos fechando em punhos em cima da mesa de linho branco.

Bom. Deixe-a ver o que acontece se ela decidir permitir que seu pai a provoque dessa maneira.

Dito isto, não posso permitir que o desrespeito permaneça. Embora eu pessoalmente não me importe se ela está ofendida, ela *está* aqui comigo, e ele é um tolo em pensar que permitirei que qualquer pessoa sob minha proteção seja rebaixada. Além disso, já estou farto desses jogos.

Por alguma razão, essa pequena idiota garota quebra toda a minha lógica, abrindo-me até que eu fique vulnerável e ganancioso, querendo satisfação imediata e não sendo capaz de me impedir de exigi-la.

Eu poderia continuar tentando lutar contra o desejo, mas honestamente, minha energia será melhor utilizada se eu ceder e ajustar meu plano para atender às minhas necessidades. E minhas necessidades de repente estão gritando comigo para garantir que ela saiba que não tem escolha quando se trata de com quem se casar.

Ela me escolherá ou aprenderá o que acontece com as pessoas que não o fazem.

Levando o telefone ao ouvido, ligo para o motorista dela, dizendo-lhe para parar na frente, e então volto para a mesa, contornando meu assento e colocando minha mão na frente dela. — Vamos, — eu digo.

Ela olha para a minha mão e depois para mim em confusão. — O quê?

Eu dou de ombros. — Estamos saindo. A menos que você prefira ficar aqui, é claro.

— Não, eu... — Ela para, olhando para nós dois, antes de deslizar sua mão macia na minha.

Eu a coloco de pé e pego o xale nas costas de sua cadeira, meus dedos passando pela pele de sua clavícula enquanto o envolvo em torno de seus ombros.

— Infelizmente, Alexandre, algo aconteceu e Yasmin precisa ir embora. Mas fique por aqui por um minuto, certo? Eu tenho uma coisa para você.

Ele acena com a cabeça, gesticulando para nós com a confiança de um homem que pensa que já fechou o negócio enquanto toma um gole de uísque.

Coloco minha mão nas costas de Yasmin, conduzindo-a pelas mesas até a frente, onde seu motorista está esperando.

— Nunca *mais* faça exigências para mim como se eu fosse uma cachorra de novo, — ela cospe quando chegamos ao carro, girando em minha direção.

— Guarde seu fôlego para alguém que se importa, *Gattina*. — Eu me aproximo, as pontas dos meus mocassins batendo em seus sapatos, e estendo a mão, tirando uma mecha de seu cabelo encaracolado de sua testa. — Se eu disser para você se sentar, você se sentará. Se eu disser para você pular, você vai perguntar a que altura. Se eu quiser que você gire em círculos, então caia de joelhos e chupe meu pau até eu pintar seus lábios carnudos com meu esperma, você fará isso com um sorriso em seu rosto insípido. — Sua boca se abre e meu polegar pressiona seu lábio inferior enquanto me inclino para perto. — E você sabe por quê?

— Porque você está delirando? — ela corta.

Eu rio. — Porque se você não fizer isso, eu vou parar de ser tão generoso e deixar você para gente como o Sr. Sokolov lá dentro. Aposto que ele mal pode esperar para experimentar os produtos por si mesmo. Ele parece ser o tipo de homem que gosta de experimentar antes de comprar a refeição inteira.

Ela suga em um suspiro, seus olhos se arregalando de horror. — Você não faria isso.

— Não?

Soltando seu rosto, alcanço por trás dela para puxar a maçaneta da porta e empurrá-la para dentro do carro. Eu inclino meu braço sobre o capô e olho para dentro. — Fique segura ao chegar em casa, Yasmin. Está escuro lá fora. Eu odiaria que qualquer coisa ruim acontecesse.

Fecho a porta atrás dela e observo enquanto seu motorista puxa o carro para o trânsito. Então eu me viro e volto para dentro para lidar com *Alexander*.

— Tudo certo? — Ele pergunta quando eu volto para a mesa.

Eu adoto um olhar simpático em meu rosto, franzindo minhas sobrancelhas e franzindo levemente meus lábios. — Está tudo bem. Yasmin tinha apenas alguns assuntos familiares com os quais precisava lidar. Se é que você entende.

Alexander passa a mão em seu cabelo loiro antes de acenar com a cabeça, seus ombros caídos. — Nem chegamos ao prato principal.

Balançando a cabeça, estendo a mão para dar um tapinha no ombro dele, embora o toque faça meus músculos quererem murchar sob a pele. — Sem problemas. Vou garantir que cuidemos da equipe.

Não é com isso que ele se importa, mas decoro significa que ele não pode dizer nada sem parecer ainda mais um idiota, então ele apenas acena com a cabeça e se

levanta da mesa, observando enquanto eu tiro o dinheiro do bolso de trás e jogo um pequena pilha de centenas para mesa, o suficiente para cobrir o que foi servido mais uma gorjeta generosa. Eu paro quando vejo que o telefone de Yasmin foi deixado em seu assento na mesa e me abaixo rapidamente para pegá-lo, deslizando-o no meu bolso antes de seguir Alexander para fora do restaurante.

Assim que saímos, ele entrega sua passagem ao manobrista. Ele apoia o cotovelo no suporte do manobrista, mudando ligeiramente a cada poucos segundos de pé para pé enquanto esperamos, claramente desconfortável com o silêncio da noite e o fato de que eu não estou enchendo de conversa.

— Já ouvi falar de você, — observa ele.

— Oh?

Enfio as mãos nos bolsos e olho ao redor, notando como a multidão do lado de fora está começando a diminuir. Meus dedos acariciam o metal do meu bastão enquanto olho de volta para o tolo que pensou que conseguiria a mão de Yasmin em casamento e a propriedade do negócio que é meu em todos os sentidos, exceto pelo nome.

— Infelizmente, não posso dizer o mesmo.

Não é completamente mentira. No entanto, eu o procurei no momento em que deixei Ali, descobrindo que Alexander Sokolov é neto de Oleg Sokolov, que até três anos atrás era o ministro da indústria e comércio da Rússia.

Alexander não tem muito nome para si, mas seus laços familiares são suficientes para torná-lo importante. Definitivamente, o suficiente para ajudar os Sultans a fazer acordos de troca com o comércio de diamantes russos de uma forma que não tínhamos no passado.

Mas é arriscado, e estou surpreso que Ali tenha aceitado a ideia de entregar todas as ações da Sultans para um homem que poderia facilmente destruir seu legado e vendê-lo pouco a pouco.

Um Lamborghini preta com detalhes em amarelo e rodas pretas foscas para, girando como manteiga enquanto para na nossa frente.

Minhas sobrancelhas se erguem, embora eu não esteja realmente impressionado. Eu não poderia me importar menos com carros; eles são mais incômodos do que valem a pena.

Eu assobio. — Isso é seu?

Alexander sorri, seu sorriso ofuscante. — Você já viu um pessoalmente antes?

Balançando a cabeça, dou um passo à frente, observando com o canto do olho enquanto o manobrista levanta as portas até que pareçam asas e caminha pela parte de trás do carro para entregar a chave a Alexander. — Não posso dizer que sim. Embora eu sempre quis ter um. — *Mentira*.

Ele para, seu rosto ganhando um olhar altivo. — Não é surpreendente. Esta é uma edição limitada. Apenas vinte desses foram fabricados.

— Eu tenho um Audi R8, mas aposto que esse bebê *ronrona* como louca.

Ele é um pensador tão lento que posso *ver* seu cérebro funcionando, seus olhos se movendo para frente e para trás e sua mandíbula se contraindo enquanto ele tenta resolver algo em sua cabeça.

— Quer levá-lo para dar uma volta? — Ele inclina o rosto para baixo. — Como passageiro, claro.

Meu dedo pressiona duramente o metal do meu cajado ainda enfiado no meu bolso, e eu sorrio. — Eu pensei que você nunca iria perguntar.

CAPÍTULO 13

Yasmin



Não importa de que maneira eu veja as coisas, tudo parece sem esperança. Até agora, eu sempre tive uma saída para essa situação de merda, uma que eu não queria usar, mas ainda estava lá como segurança, permanecendo em segundo plano caso eu precisasse ceder.

Talvez eu devesse correr direto para o quarto do meu *baba* agora mesmo e contar tudo a ele, especificamente a parte em que seu orgulho e alegre braço direito, Julian, basicamente deu a entender que deixaria alguém me foder só para "testar as coisas".

Mas será que ele acreditaria?

Embora ele seja *meu baba*, passei a maior parte da minha vida enfiada em um colégio interno e depois na universidade. Julian está ao seu lado todos os dias há quase uma década.

A ideia de contar ao meu pai e fazer com que ele não acredite em mim ou, pior, ficar do lado de Julian é como lâminas de barbear cortando minhas entranhas.

E depois há Aidan. O doce e perfeito Aidan, que nunca fez *nada* além de se apaixonar pela mulher errada. Não posso deixar de sentir que a vida dele seria muito melhor se não fosse por mim. Vou passar cada segundo desta noite tentando convencê-lo a *não* ir ao Egito. Não se envolver com a empresa do meu pai. Podemos descobrir outra maneira.

Há uma parte de mim que quer pegar o telefone e vomitar tudo para Riya. Eu sei que ela vai perguntar como foi esta noite, mas isso não é algo que ela possa saber. Eu já a arrastei para as minhas besteiras o suficiente e, conhecendo-a, ela tentaria fazer algo selvagem para ajudar e não me deixaria lidar com as coisas.

Além disso, até que isso seja resolvido, não posso correr o risco de colocá-la no radar de Julian. Ela é apenas outra pessoa que ele poderia usar como arma contra mim, e estou tentando diminuir seu poder sobre mim, não aumentá-lo.

Encolho os ombros em meu moletom grande demais e na camisa folgada do Oregon State, sentindo uma sensação de conforto e familiaridade neles, enquanto tudo na minha vida parece que está girando fora de controle.

Respirando fundo, tento me concentrar no que posso *controlar*.

Posso contar a meu pai a verdade sobre os esquemas de Julian e depois sobre Aidan e eu, embora pensar nisso me dê náuseas como uma maré. Posso dizer não a Alexander Sokolov. Que é um porco absoluto. Prefiro me esfaquear no olho a

perder mais um segundo com ele. Eu poderia aceitar a oferta de Julian e fingir um noivado com ele para ganhar tempo.

Mas, mesmo enquanto penso em todas as minhas escolhas, sei que o melhor curso de ação é aceitar e tomar uma decisão adulta por *mim mesma*, pelo menos uma vez na vida, e aceitar as consequências de minhas ações, independentemente de quais sejam.

O que significa que preciso garantir que Aidan não entre naquele avião.

Eu não me preocupo em soltar meu cabelo do estilo que eu tinha para o jantar, deixando tanto isso quanto minha maquiagem completa enquanto saio correndo do meu quarto e atravesso os corredores. Está quieto e escuro, a única luz vem das telas mal iluminadas penduradas orgulhosamente nas paredes e das luzes noturnas do sensor de movimento que lançam um brilho fraco quando eu passo. Chego à escada que separa minha ala da de meu pai e, quando estou prestes a descer os degraus e ir para a sala dos funcionários, giro, decidindo apenas espiar *Baba* para ter certeza de que ele está bem.

Contornando as escadas, sigo até a porta de seu quarto, batendo e encostando o ouvido na madeira para ver se consigo ouvi-lo do outro lado. Meu coração aperta no peito quando ninguém responde, e minha respiração começa a ficar mais rápida.

Tenho certeza que ele está bem.

Talvez eu devesse verificar só para ter certeza.

Sugando a respiração e segurando-a para não fazer muito barulho, estendo a mão e agarro a maçaneta, girando-a lentamente até que se destrave e se abra com um rangido. Eu espreito minha cabeça para vê-lo deitado imóvel no meio de sua cama king-size no quarto amplo.

Ele está enfiado sob as cobertas vermelhas e douradas, e não é até que eu vejo o constante subir e descer de seu peito que deixo escapar a respiração, acenando para mim mesma enquanto fecho a porta novamente, o clique suave do trinco reverberando em meus ouvidos.

Ele está bem, apenas dormindo. Ele está bem. Está tudo bem.

Hesito antes de ir embora, uma grande parte de mim desejando correr para o quarto dele e acordá-lo, permitir que ele me console, porque durante a maior parte da minha vida, ele foi a única pessoa no mundo que poderia, mas eu me contive. Seria egoísta e ele precisa descansar. E preciso falar com Aidan antes de tomar qualquer decisão precipitada. Se vejo meu pai agora, quando estou tensa e ansiosa, sentindo como se estivesse em uma espiral sem saída, tenho medo de que as palavras saiam de minha boca, quer eu queira ou não. Um olhar para mim e ele perguntaria o que há de errado, e eu não seria capaz de me segurar, quebrando as costuras como uma garotinha que precisa do conforto que só seu pai pode oferecer.

Desço até a ala dos funcionários e passo por todas as portas fechadas, imaginando os rostos das pessoas que trabalharam e viveram em nossa propriedade durante a maior parte da minha vida. Percebo que nunca tive tempo para conhecer nenhum deles, exceto Aidan.

Todos esses anos, e eu nunca tive tempo para conhecer a mãe dele. A princípio, porque eu era uma criança que não importava, e depois porque tinha medo de ela saber que havíamos crescido em algo mais. Eu não tinha certeza se ela ficaria com raiva de mim e atacaria contando ao meu pai ou mandando Aidan embora.

É estranho, porém, agora que penso nisso, como ele nunca pressionou para que passássemos um tempo juntos, mas ele está tão ansioso para que *meu* pai saiba dele.

Agora, eu gostaria que ela soubesse. Que ela poderia dar uma voz de razão para o que quer que seja em que Aidan e eu estamos nos metendo, porque parece que eu continuo nos enterrando cada vez mais em outro buraco do qual não consigo sair.

Chegando à última porta à esquerda, nosso ponto de encontro habitual, entro, esperando que ele já esteja lá esperando.

Mas ele não está.

Pego meu telefone, percebendo tardiamente que não está no meu bolso. Eu enrugo minha sobrancelha, tentando me lembrar de onde eu tinha passado.

No restaurante, eu acho.

Merda.

Eu considero voltar para pegá-lo, mas decido não fazer, caminhando mais para dentro do quarto e sentando na pequena cama de solteiro para esperar Aidan aparecer.

Cobrindo minha boca com a mão, deixei escapar um bocejo, decidindo me deitar e descansar enquanto espero por ele. Tenho certeza que ele vai me acordar quando chegar aqui.

Só que ele nunca vem.

E eu durmo a noite inteira, acordando apenas quando a luz do sol entra pela pequena janela do outro lado do quarto, espalhando seus raios em minha pele com salpicos de calor.

Esfregando os olhos, sento-me lentamente, tentando descobrir o que está ao meu redor.

É de manhã, claramente.

E Aidan nunca apareceu.

CAPÍTULO 14

Yasmin



Não consigo encontrar meu telefone e não consigo entrar em contato com Julian ou aquele idiota do Alexander para ver se eles pegaram o telefone quando saíram. Além disso, ainda não vi Aidan e estou com o pescoço torcido por ter dormido naquele colchão de solteiro encaroçado. Agora, estou sentada na banqueta alta na ponta da ilha da cozinha, ouvindo o zumbido da TV ao fundo e tomando café suficiente para manter as pessoas normais acordadas por uma semana.

Mas não está fazendo o trabalho para mim.

Meu pai entra, seu rosto se ilumina ao me ver, e ele se aproxima, sentando-se no banquinho ao meu lado. — Bom dia, querida. Como você dormiu?

Eu colo um sorriso no meu rosto, embora eu saiba que não vai enganá-lo e tomo um gole da minha caneca enorme. — Eu dormi muito bem. Como você está se sentindo?

Meus olhos o absorvem o máximo possível, catalogando cada característica e comparando-as com a aparência que tinham quando o vi pela última vez. Felizmente, ele parece o mesmo, e solto um profundo suspiro de alívio por ele não ter piorado. Pelo menos não fisicamente. Ainda não.

— Eu me sinto bem. Pronto para o meu chá, — ele diz, olhando ao redor.

A mãe de Aidan entra na cozinha vindo do corredor, e minha coluna se endireita quando a observo. Ela parece como sempre, bonita e vestida com calças pretas e uma camisa polo azul-clara, seu cabelo loiro preso em um coque. Ela serve uma xícara de chá para meu pai e coloca na frente dele antes de trazer o jornal. Espero algum tipo de confirmação, embora não saiba ao certo por que acho que ela se importaria em notar minha existência. Ela nunca se importou. Mas o filho dela não apareceu ontem à noite, e sinto um aperto no estômago de que as coisas simplesmente não estão bem.

Talvez Aidan tenha falado com ela, ou ela saiba de algo e esteja aqui para passar uma mensagem secreta.

Essa é uma suposição absurda de se fazer, é claro, e como sempre, ela não me dá nada, nem mesmo um pequeno olhar antes de sair novamente, desaparecendo no corredor ao lado da cozinha.

Droga.

Meu estômago dá um nó e estou me perguntando onde Aidan está e preocupada que algo tenha acontecido. Só sei que ele está tentando entrar em contato comigo, mas não consegue porque não consigo encontrar a porra do meu telefone.

Eu olho para baixo em minha caneca de café, tentando centrar meus pensamentos, mas sou distraída pelo som de um comercial das Sultans na TV.

— Transforme o seu amor bruto em espetacular com um diamante Sultans.

Estou acostumada a ver anúncios da Sultans ou ir a lugares diferentes e ver nossas vitrines grandes e reluzentes no meio das cidades, então não me importo. Não é até que meu pai pega o controle remoto e aumenta o volume para as notícias que eu levanto minha cabeça, meu interesse de repente despertado.

— As estradas secundárias de Badour estão completamente fechadas, o Lamborghini irreconhecível de onde estava enrolado na árvore.

— E quanto ao motorista, Tom? Alguma atualização aí?

— Há uma equipe de busca e resgate vasculhando a área arborizada, mas neste momento, Diane, nenhum corpo foi encontrado.

A tela muda dos repórteres para imagens de drones das estradas rurais nos arredores do centro de Badour, não muito longe de onde estamos.

— Parece um acidente desagradável, — eu digo.

Meu pai cantarola antes de silenciar e olhar de volta para o papel. — É por isso que prefiro que outras pessoas conduzam *você*.

Eu seguro o aborrecimento com o lembrete de que nunca aprendi a dirigir, mas floresce com força total de qualquer maneira quando Julian atravessa o corredor e entra na cozinha como se fosse o dono do lugar.

Gemendo, eu inclino minha cabeça para trás. — Você não deveria estar trabalhando?

Ele sorri enquanto entra na sala, apoiando o cotovelo na ilha à minha frente e colhendo uma uva da travessa de frutas frescas que foi colocada quando desci pela primeira vez.

— Apenas me certificando de que você não sinta muito a minha falta. — Ele pisca e depois volta sua atenção para meu pai. — É bom ver você de pé e se movimentando, velho.

— Hmm, — *Baba* resmunga, olhando entre nós dois. — Como foi o jantar ontem à noite?

— Sim, falando nisso, pensei que você estaria lá, — interrompi.

O rosto de meu pai se suaviza. — Eu não estava me sentindo muito bem.

— Você poderia ter me contado pelo menos.

Ele acena com a mão na frente dele como se não fosse grande coisa. — Eu não queria que você me visse desse jeito.

Eu suspiro, irritação incomodando no meu meio. — *Baba*, eu quero ver você de *qualquer* maneira.

— Chega, — ele responde, fazendo-me recuar com o tom áspero. — Diga-me como foi a noite passada.

Coloco meu café no balcão e coloco minhas mãos em meu colo. — Correu bem.

Julian nem está prestando atenção, colocando outra uva na boca enquanto assiste à filmagem do drone daquele acidente de Lamborghini.

— Certo? — Meu pai repete. — Isso é tudo que eu recebo?

Dando de ombros, eu olho para ele. — Ele não era meu tipo.

— Ele foi um desastre, Ali, — intervém Julian. — Sinceramente, estou surpreso que você chamou ele para encontrá-la.

— Ele é um homem honesto, Julian, — argumenta *Baba*. — Eu acho que você iria querer alguém na vida dela que soubesse como se apresentar perto de pessoas importantes.

As sobrancelhas de Julian se erguem e ele se vira para encarar meu pai completamente. — E por que isso importaria para mim?

— Porque eles serão donos dos Sultans.

Meus pulmões se contraem e uma pausa significativa preenche o ar.

A mandíbula de Julian se contrai. — Ah, claro.

Eu observo Julian com cuidado, notando a tensão de seu corpo e o sorriso forçado.

Ele claramente não gosta disso, e sua oferta para me ajudar é exatamente o que eu suspeitava, apenas para ajudar em seu próprio negócio. Ele não quer *me ajudar*; ele quer o que está sendo deixado para mim.

O ódio redemoinha no fundo do meu estômago como uma poção de bruxa, e eu mordo o interior da minha bochecha para não atacar e dizer algo que vou me arrepender.

Julian move seu olhar para a TV novamente, acenando em direção a ela. — Tenho certeza de que é o mesmo carro que o próprio Alexander Sokolov estava dirigindo ontem à noite.

— O que? — Eu suspiro.

Meus olhos se fixam nos de Julian.

Ele sorri. — Claro, espero que nada *de ruim* tenha acontecido.

Minha boca se abre, a repulsa rastejando por dentro como aranhas.

— Tenho certeza de que é apenas uma coincidência, — diz meu pai, levantando-se de seu banquinho. — Mas vou fazer uma ligação só para confirmar.

Julian murmura seu acordo. — Boa ideia, Senhor. Ele tinha bebido muito. Tentei convencê-lo a me deixar levá-lo para casa, mas ele não quis ouvir.

Sento-me com um olhar morto enquanto meu pai sai da sala, o choque enchendo meus ossos e me prendendo no lugar como se eu estivesse afundando em areia movediça.

— Ah, vamos lá, Yasmin. Não fique tão surpresa. — Julian ri, colocando outra uva na boca.

— Você fez isso? — Eu consigo dizer.

Ele levanta a sobrancelha e faz o seu caminho ao redor da ilha até ficar bem na minha frente, tão perto que suas pernas estão de cada lado das minhas coxas. — Receio que a morte faça parte da vida, *Gattina*.

Eu estreito meus olhos, algo doentio se instalando pesado em meu estômago.

— O que diabos isso quer dizer?

Ele dá de ombros. — O que você quiser que signifique.

Minha boca está seca como uma lixa, e eu coloco minha língua no céu, lambendo lentamente meus lábios. Estou com medo de fazer a próxima pergunta, mas não posso *deixar* de perguntar. — Onde está Aidan?

— Em um avião, — ele responde simplesmente. — Feliz como pode ser com a barriga cheia de champanhe de alta qualidade e a promessa de uma vida melhor

no horizonte. — Ele faz uma pausa, inclinando a cabeça um pouco. — Ele está com meu assistente, Ian, que é extremamente leal. Ansioso demais para me ajudar com quaisquer... *dificuldades* que possam surgir no meu caminho.

Concordo com a cabeça, mesmo quando meu estômago cai no chão, a desesperança me enchendo como pedras molhadas. Sua implicação é mais do que clara.

Mas ele é realmente capaz disso?

Claro que ele é. Não sou estranha ao lado sombrio da vida de meu pai e à companhia que ele mantém, apesar de *Baba* tentar me impedir disso.

É tarde demais para ir ao meu pai. Julian tem Aidan e eu tenho...

— Você já pensou mais sobre a minha oferta? — Ele continua, chegando ainda mais perto e estendendo a mão para segurar minha bochecha com sua mão grande.

Eu engulo, forçando para trás a queimação que está crescendo atrás dos meus olhos.

— Você vai matá-lo? — Eu odeio o quão fraca minha voz soa, desespero se agarrando a cada sílaba.

Seu polegar roça em minha mandíbula, enviando medo contra minha espinha. — Não se você cooperar.

Minha garganta aperta e meu coração bate descontroladamente em meus ouvidos, mas eu me forço a olhar para cima e encontrar seus olhos de qualquer maneira. — O que você quer?

Ele sorri, seu aperto apertando até doer. — Você.

CAPÍTULO 15

Julian



— O que é isso?

A voz de Ali vem do canto mais distante da cozinha, mas não desvio meu olhar do rosto de Yasmin. Na verdade, eu aperto minha mandíbula com mais força, meu polegar acariciando possessivamente sua bochecha antes de soltá-la e pular para trás como se tivesse sido pego em flagrante.

— Ali, eu... — Passando a mão pelo meu cabelo para deixá-lo despenteado, balanço a cabeça. — Eu posso explicar.

O rosto de Ali está rígido enquanto ele olha entre nós dois, seus braços cruzados sobre o peito. — Explique rápido.

— *Baba*, — Yasmin começa.

Eu a interrompi. — Eu... eu a amo.

As sobrancelhas de Ali disparam até a linha do cabelo, e ele dá um passo mais para dentro da sala, sua mão se esticando para se firmar no balcão. Embora hoje ele pareça bem, lembro-me de como ele está muito mais fraco do que o normal.

— Sinto muito, Senhor, — continuo, forçando a simpatia em minha voz. — Não é assim que queríamos que você descobrisse.

— Isso é verdade? — Sua voz é incrédula, como se ele precisasse de uma segunda opinião. Ele vira seus olhos pálidos para Yasmin.

Ela não responde pelo que parece uma eternidade, seus dentes cravando no canto do lábio. Eu me aproximo dela, agarrando sua mão e entrelaçando seus dedos úmidos com os meus.

Nossos olhos se encontram, e juro por Deus que posso sentir o ódio irradiando de seu olhar. Permito que meu sorriso se alargue enquanto olho para ela e pisco. Ela franze a testa, desviando o olhar até que ela está olhando para a TV que ainda mostra o *infeliz* acidente de Alexander.

Lentamente, ela vira a cabeça até que está olhando para o pai.

— Sim, — ela sussurra.

A satisfação corre através de mim como uma cachoeira.

Ali olha para mim, seu rosto franzido em desagrado. — Mas você é tão *velho*.

Eu deixei escapar uma risada. — Não tão velho quanto você, pelo menos. Não queríamos que isso acontecesse, Ali, mas o coração quer o que quer. — Levantando nossas mãos combinadas, pressiono um beijo nas costas da mão dela. — Diga a ele, *gattina*.

Ela endurece. — Não queríamos que isso acontecesse, *Baba*.

— *Quando* isso aconteceu? — Ele pergunta. — Como? Por que você não disse nada antes?

Ela olha para o colo, sua voz falha enquanto fala, mas suas unhas cravam nas costas da minha mão até cortarem minha pele. — Tive medo de desapontá-lo. E... eu não queria que a posição de Julian em sua vida fosse prejudicada.

Ali suspira, aproximando-se dela e pegando sua mão livre entre as dele. — E *este* é quem você ama?

Ela engole, olhando para ele e, em seguida, desviando o olhar depois de apenas alguns momentos, como se fosse incapaz de manter seu olhar. — É sim.

Ele solta um suspiro lento e acena com a cabeça, inclinando-se para beijar sua testa antes de dar um passo para trás e olhar para nós dois. — Então é com ele que você vai se casar.

Eu sorrio, meu corpo zumbindo com a emoção do sucesso.

Yasmin visivelmente cai, e eu tiro minha mão da dela, deslizando-a por seu braço até agarrar sua nuca. Ela se endireita imediatamente, colando um largo sorriso no rosto.

Inclinando-me, pressiono um beijo em sua têmpora, falando baixo para que seu pai não ouça. — Você tem sido uma garota muito boa.

— Qual é o problema, Yasmin? Não é isso que você quer? — Ali pergunta.

Lágrimas brotam de seus olhos, escorrendo por seu rosto e, embora eu saiba que provavelmente são de tristeza ou frustração, ela faz um bom trabalho fingindo que são de alegria.

— Estou simplesmente feliz, *Baba*. — Ela balança a cabeça, estendendo a mão para enxugar a umidade de suas bochechas. — Eu esperava que você estivesse com raiva de mim.

Ele acena com a cabeça, compreensão derramando de seu olhar. — Sou um homem na última etapa de sua vida.

— Não diga isso, — ela sussurra.

Suas sobrancelhas se contraem. — É a verdade. Mesmo que minhas pegadas sejam gravadas em pedra, não *estarei* aqui para sempre. Não tenho tempo para raiva. Prefiro gastá-lo em busca de paz. Ele não é quem eu teria escolhido para você, querida, mas se você está feliz, eu estou feliz.

Yasmin suga uma respiração audível, seu corpo inteiro ficando rígido com suas palavras.

Eu deveria me sentir justificado, até mesmo aliviado, por ela não ter descoberto que ele teria aceitado seu amante até agora, quando é tarde demais e ela já está em minhas mãos, mas em vez de sentir alívio, meu estômago revira violentamente. Depois de tudo que dei a ele, depois de tudo que fiz, ainda não sou o suficiente. Ele deveria estar honrado por eu estar escolhendo sua filha inútil, e ainda assim ele é tão flagrante com seu desrespeito.

É um tapa na minha cara.

Pior, é uma facada nas minhas costas. Engulo a sensação de não ser bom o suficiente, a mesma que foi responsável por muitas noites sem dormir quando criança, e a empurro tão fundo que é sufocada.

Não importa se eu não sou a escolha dele. Eu sou minha *própria* escolha e sou a única pessoa que nunca me decepcionou.

Um dia, em breve, terei o controle total das Sultans e ficarei feliz em ver todos que já pensaram que eu não era bom o suficiente engasgar com suas palavras enquanto seguro o universo na palma da minha mão.

— Agora. — Ali bate palmas, recuando e olhando para nós dois. — Que tal um casamento?



— Tinashe, amigo, diga-me qual é o problema? — pergunto, recostando-me na cadeira da escrivaninha, olhando para o horizonte de Badour da parede de janelas do meu escritório. O sol está se pondo, laranjas colidindo com rosas até que a vista crie um brilho deslumbrante no topo dos arranha-céus brilhantes.

— Julian, — Tinashe suspira, parecendo aliviado. — Darryn *não* está feliz por você estar entrando em seu território e tentando roubar a lâmpada perdida debaixo dele.

Pego uma caneta, batendo na mesa, irritado por ter que lidar com essa situação. — Lembre-me de novo, velho amigo, por que eu pago a você?

Há um longo silêncio antes que sua voz profunda volte a falar. — Eu não sou um milagreiro, Julian. Posso levá-lo a muitos lugares e fazer amizade com muitas pessoas, mas não sou um gênio. Não posso acenar e, de repente, permitir que você entre ilegalmente e contrabandeie relíquias de outros países.

Eu zombo, jogando a caneta na minha mão para baixo, observando enquanto ela rola pela minha mesa. — Darryn Anders não dá a mínima para o contrabando de relíquias. Ele praticamente cunhou a operação.

Tinashe estala a língua. — Mas ele se preocupa com alguém tentando chegar antes dele na lâmpada. Ele está procurando lá há quase uma década.

Suspirando, eu belisco a ponta do meu nariz. — E esse é o nosso problema como?

— Ele quer que você vá embora. Ponto final. Estou apenas cuidando das pessoas que você tem aqui no terreno. Darryn não é conhecido por ser *gentil* com seus argumentos.

Eu balanço minha cabeça, aborrecimento derramando sobre mim como esfregar álcool em feridas. A última coisa que quero fazer é ceder e argumentar com Darryn, mas seus recursos lá são muito mais fortes e enraizados em anos de trabalho, enquanto o nosso é um empreendimento mais recente. Eu preciso ser inteligente sobre isso, tratá-lo como um negócio em vez de algo contra o qual estou lutando. Acalmá-lo com uma falsa sensação de conforto para que ele não nos cause mais problemas no futuro. Assim que eu tiver a lâmpada, não fará diferença. Vamos deixar a área e ele não pode fazer mais nada para me atrapalhar.

— Será que Jeannie sabe sobre isso?

Tinashe ri. — Jeannie sabe de tudo, Julian. É por isso que ela é a protagonista.

Meus dedos apertam meu telefone, irritado por ela não ter dito nada sobre Darryn Anders diretamente para mim. Na verdade, não recebi um único e-mail dela desde que ela me contou sobre o novo local que queria procurar outro dia, e se ela já sabia sobre Darryn , é irritante que ela não tenha incluído isso em sua atualização.

— Deixe-me ver o que consigo, — digo.

Tinashe resmunga e eu desligo antes que ele possa dizer qualquer outra coisa. Pego o número de Ian e envio uma mensagem para ele.

JULIAN

Não faça NADA fora do complexo até você ouvir de mim. Leve o garoto para lá e fique parado. Ficarei muito aborrecido se você se matar.

E fale com Jeannie, descubra onde estamos com a busca. Pergunte a ela sobre Darryn Anders e por que ela não sentiu a necessidade de nos contar algo tão importante

Antes que eu possa desligar meu telefone, ele vibra novamente na minha mão, e o mau humor que está se acumulando nas minhas costas aperta um pouco mais.

Mamma pisca na tela.

A indecisão pesa sobre meus ombros. Passo a língua pela frente dos dentes, meus dedos batem... batem... batem na minha mesa enquanto vejo a ligação ir para o correio de voz. Só então solto um suspiro, a culpa girando em meu estômago pelo fato de não ter atendido novamente.

Faço uma anotação mental para ligar para a enfermeira dela, Jessica, e me certificar de que ela não precisa de nada, o que ela não deveria. Eu a hospedei em uma linda casa de 4.000 pés quadrados no lago, dando a ela o melhor cuidado que o dinheiro pode comprar.

E ainda assim, não é o suficiente para tirá-la do meu pé.

Uma notificação de correio de voz aparece e eu pressiono *Play* no viva-voz, a voz da minha mãe enchendo a sala.

— Vita mia, é a mamãe querido.

Sua voz é baixa e suave, como se ela mal conseguisse reunir forças para sussurrar, o que só prova que fiz a escolha certa em não atender o telefone. Não há como escapar de sua desgraça e melancolia quando ela quer espalhá-la para o mundo.

— Só tentando entrar em contato com você, sabe? É solitário aqui... sozinho. — Ela suspira. *— Jessica diz que você é um homem ocupado, mas que tipo de criança está ocupada demais para ligar para a mãe? De qualquer forma, espero poder falar com você em breve, e espero que você não esteja deitado em uma vala em algum lugar, Deus me livre. Não que eu fosse chamada se você fosse. É como se eu fosse uma estranha, embora eu tenha lhe dado a vida, mas você sabe, isso não deve significar tanto hoje em dia quanto quando eu era criança.*

Estendo a mão, pressiono uma tecla no teclado do meu computador para iluminar minha tela, puxando meus e-mails enquanto ouço seu zumbido.

— Não sei se você se importa, já que nem consegue atender o telefone, mas os médicos não têm certeza de quanto tempo ainda me resta. Pode ser qualquer dia agora, então rezo para ouvir sua doce voz novamente antes que seja tarde demais. Você é a única coisa que me faz continuar.

A necessidade de checá-la surge em meu peito, mas é a raiva que queima meu coração. Durante anos, suas palavras sangraram em minha consciência, me fazendo pensar que o tempo era limitado e que ela iria morrer. Mas você só pode gritar 'lobo' tantas vezes antes que as pessoas parem de acreditar.

— Ti voglio bene, piccolo[5]*.* — Finaliza.

[5] Eu te amo, pequeno.

Olhando para o meu telefone quando o correio de voz termina, eu estendo a mão, pressionando o botão "deletar", um rápido flash de culpa se misturando com as outras emoções e me deixando mal do estômago. Em vez de me concentrar no sentimento, pulo da cadeira e saio do meu escritório, descendo para o andar inferior da sede da Sultans, onde criamos os diamantes cultivados em laboratório.

Nós só começamos a fabricar nossos próprios diamantes nos últimos anos, e foi preciso muito para convencer Ali de que valeria a pena. Ele não acha que eles tenham o mesmo valor, mas não importa o que *ele* pensa. O que importa são os consumidores, e depois que a Lei do Comércio de Diamantes Limpos endureceu os regulamentos sobre os diamantes de conflito, as gemas cultivadas em laboratório explodiram em popularidade.

As pessoas querem acreditar que estão contribuindo para o *bem* do mundo, e não para o mal, e os diamantes sintéticos são uma forma de comercializar essa necessidade.

Principalmente, no entanto, usamos os diamantes sintéticos para cortar e polir os extraídos e depois vendemos uma grande parte do restante para vendedores terceirizados.

Ando pelos corredores do piso de concreto descolorido no depósito de fabricação, através das máquinas de prensagem cúbica HPHT, gigantesco maquinário azul claro com seis lados que aplicam calor e pressão imensos para criar os diamantes sintéticos, e permito que minha mente se concentre no funcionários que estão claramente cientes da minha presença, pelo jeito que estão se demorando nas bordas dos corredores e não vindo me cumprimentar.

Além do som do equipamento e uma leve batida de música dos escritórios no canto direito, é silencioso.

Verdade seja dita, não venho a outros departamentos com frequência, mas de vez em quando faço uma visita surpresa, apenas para garantir que as coisas estejam indo tão bem quanto os gerentes de departamento me dizem quando recebo os relatórios do fim de semana. Normalmente, quando apareço em lugares, isso mais atrapalha o fluxo de trabalho do que ajuda, porque as pessoas ficam tensas quando estou por perto.

Claramente.

Mas agora, eu realmente não me importo. Preciso me distrair das emoções tumultuadas que sangram em meu sistema, cortesia de minha mãe irritante, e do aborrecimento de Darryn Anders tentando pegar o que eu quero.

Algo vibra em meu bolso e meus passos vacilam. Eu enfio a mão no bolso e tiro o telefone, sorrindo quando percebo que não é *o meu* celular tocando, mas o de Yasmin.

Riya pisca na tela e eu silencio a ligação, colocando-o de volta no bolso, satisfeito por não ser o garoto tentando contatá-la novamente. Foi fácil invadir o telefone dela, ter a data de nascimento do pai dela não é exatamente uma senha *difícil* de adivinhar, e uma vez que consegui, foi brincadeira de criança impedir que Aidan a encontrasse duas noites atrás. Eu simplesmente fingi ser Yasmin e disse a ele que algo havia acontecido com o pai dela e, quando ele respondeu, deixei-o ler. Um fio de satisfação me envolve quando percebo que ele não tentou me alcançar novamente.

Garoto tolo.

Mas fortuito para mim, porque não posso tê-lo no meu caminho.

Especialmente quando Yasmin está tão perto de se tornar minha.

CAPÍTULO 16

Yasmin



Encomendei um novo telefone, mas só chegará daqui a uma semana.

As coisas nunca foram *tão* óbvias que, embora eu tenha me divertido na faculdade e no colégio interno e me dado bem com quase todo mundo, nunca me esforcei para fazer amizades duradouras com pessoas em quem pudesse confiar além de Riya, e agora que estou aqui, de volta à minha casa, estou isolada e sozinha.

Na última hora, estive sentada em minha mesa, alternando entre tentar encontrar um escritório de advocacia que pudesse considerar ir contra Julian e meu pai e uma conta para se inscrever em um site de mídia social.

Uma das coisas que meu pai pediu é que eu *não* tenha redes sociais, pelo menos um perfil público, porque a filha de um empresário bilionário que é apontado como um dos homens mais poderosos do mundo não deveria se colocar no centro das

atenções mais do que o necessário. Pessoalmente, nunca senti vontade de ficar trancada no telefone dia após dia, então concordei sem nenhum problema, preferindo estar atrás das lentes da minha câmera em vez de em um aplicativo de mídia social.

Mas agora, meus dedos pairam sobre o botão de inscrição, tremendo de indecisão.

Não tenho certeza se conseguiria encontrar o perfil de Aidan, mas só quero uma maneira de poder observá-lo quando ele estiver tão longe no Egito, ver se ele posta coisas para que eu possa sentir que estou em menos parte do que está acontecendo.

Imagino que Aidan deve estar morrendo de preocupação e enlouquecendo agora. Ou talvez o pessoal de Julian tenha dito a ele que está tudo bem. Mas se eles estão mandando mensagens para ele, nada os impede de contar a ele sobre o noivado, e a ideia de Aidan ouvir dessa forma e não saber a história completa me dá vontade de vomitar.

Isso é tudo minha culpa. Não há ninguém para culpar além de mim.

Eu deveria ter sido mais inteligente com minhas decisões.

É irônico como agora que fui encurralada sem saída, encontrei a coragem de que precisava para dizer a verdade em primeiro lugar. Mas agora é tarde. Não vou colocar a vida de Aidan em risco.

E mesmo que eu não consiga entender e não tenha provas concretas, parece que Julian teve algo a ver com a morte de Alexander.

Quantos outros ele assassinou? Ele me mataria? Meu pai?

Eu não posso correr o risco.

Mas estou em pânico.

Meu pai acreditou tão facilmente que Julian e eu estávamos apaixonados, que *ele* é o homem com quem quero me casar, e ainda estou me recuperando ao perceber que ele nem se importou o suficiente para ficar com raiva.

Teria sido o mesmo se Julian não tivesse dinheiro?

Parte de mim esperava que meu pai tivesse visto através da fachada. Ele é aquele que me conhece desde o nascimento, aquele que deveria me conhecer melhor do que *ninguém*, mas talvez seja minha culpa por esconder tanto de quem eu realmente sou dele por tantos anos, apenas para me poupar de ver o olhar em seu rosto se ele não gostou de quem viu.

Uma batida soa do lado de fora do meu quarto e minha mão se afasta do meu laptop. Eu fecho rapidamente, não querendo que ninguém veja o que eu estava fazendo, e pulo, movendo-me apressadamente pela sala até a porta. Agarro a maçaneta, abrindo-a e espiando pelo pequeno espaço que criado.

Julian está de pé do outro lado, sua camisa de botão preta enrolada até os cotovelos e seu antebraço pressionado contra a lateral do batente da porta. Meu estômago revira e eu bufo, irritada porque meu corpo está sempre me traindo quando se trata dele.

— Hora de fazer as malas, *princesa*.

Abro a porta totalmente, dando um passo para o lado.

— Não me chame assim, — eu cuspo. — O que você quer dizer com "malas"?

— Quero dizer, pegue algumas caixas e coloque o que quiser guardar dentro delas. Então você usa fita adesiva para fechar o topo. Eu também recomendaria uma etiqueta para marcar o que vai para onde, mas se você quiser viver no caos, não vou impedi-la.

Franzindo a testa, cruzo os braços. — Sei como embalar uma caixa, Julian. Quero dizer, por que você acha que eu faria as malas?

— Você achou que eu permitiria que minha esposa morasse em outro lugar que não fosse minha casa? — Ele avança e eu tropeço para trás. — Dormir em outro lugar que não seja minha cama?

Desgosto varre meu meio. — Eu *nunca vou* dormir com você.

Ele franze a testa, pressionando a mão no peito. — Devastado.

— E eu não sou sua esposa.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Ainda.

Fogo lambe minhas veias e eu corro para frente, minha mão batendo em seu rosto antes que eu possa me controlar, uma queimadura irradiando pela palma da minha mão quando sua cabeça vira para o lado.

Eu suspiro, trazendo minha mão dolorida para cima para cobrir minha boca, e eu me impulsiono para trás para criar mais distância, o medo se espalhando por meus músculos até que estou paralisada. Não acredito que fiz isso. Eu nunca bati em uma pessoa na minha vida.

Julian solta uma pequena risada, seu rosto ainda virado para o lado, mechas de cabelo preto caindo em sua testa. Ele estende o polegar e limpa uma pequena gota de bolha vermelha no canto do lábio de um corte que meu anel causou.

Lentamente, ele se vira para mim, levando o mesmo polegar à boca e sugando o sangue.

Bruto.

As palavras "sinto muito" estão na ponta da minha língua, embora eu não me sinta realmente arrependida. É um hábito, mas de alguma forma, eu impedi que as palavras saíssem.

As coisas a seguir, acontecem em um flash. Julian se move para frente rapidamente, agarrando meu braço até cortar a circulação enquanto ele me arrasta para o meu quarto e me joga na minha cama.

A respiração é cortada de meus pulmões quando eu quico no colchão, e meu coração bate descontroladamente em meus ouvidos. Cada terminação nervosa está acesa e no limite enquanto eu empurro a cama com meus calcanhares e cotovelos, tentando empurrar meu corpo para trás o máximo possível. Ele continua a caminhar em minha direção até que seu joelho esteja pressionando a borda do colchão, e ele agarra meus tornozelos e puxa até que eu deslize sob seu corpo.

Ele paira sobre mim, pressionando seu peso em cima do meu, seus antebraços flexionam enquanto me enjaulam, descansando em cada lado da minha cabeça.

Deste ponto de vista, posso ver os músculos de sua mandíbula trabalhando e sentir o cheiro do linho limpo de suas roupas e o toque de especiarias de sua loção pós-barba. Meu estômago revira quando ele pressiona seu peito e torso contra mim, forçando-me a deitar.

Engulo em seco. — O que você está fazendo?

Sua mão sobe pelo meu lado e minha respiração se aloja em minha garganta, meu corpo vibrando com a necessidade de ficar longe dele.

— Testando a mercadoria, — ele responde, seus dedos passando ao longo da minha clavícula.

Eu faço um barulho na minha garganta, arrepios indesejados brotando sob seu toque. — Você não pode simplesmente *fazer* isso.

Ele se inclina, pressionando um beijo na junção entre meu pescoço e meu ombro, e minhas coxas ficam tensas. Eu odeio a maneira como o calor dispara pelo meu corpo quando sua língua toca minha pele.

— Eu posso fazer o que eu quiser, — ele murmura.

— Não é surpreendente para um homem que pensa que é um deus, — eu digo com os dentes cerrados. Sinto-me corada, meu corpo começa a suar por estar embaixo dele, por se iluminar em cada maldito lugar que ele acaricia.

— Isso mesmo, querida. — Sua mão envolve meu pescoço e minha respiração falha. — Eu sou *seu* deus.

Eu me apoio nos cotovelos o máximo que posso, o que não é muito, considerando que um homem de pelo menos um metro e oitenta está descansando todo o peso do corpo contra mim.

— Você pode me fazer usar seu anel, — eu assobio, — e me desfilar por aí com seu sobrenome, mas eu *nunca vou* me curvar para você.

Ele sorri. — Veremos.

Ansiedade sobre o que ele fará a seguir cava em meus lados e aperta. — Qual é o seu objetivo, Julian? Você quer Sultans? Tudo que *não* te pertence?

A pressão diminui no meu pescoço e ele segura minha bochecha em vez disso, sua palma quente contra a minha pele. — Me bata de novo, — ele murmura, ignorando minha pergunta, — e você não vai gostar das consequências. Entendeu?

Eu zombo, virando minha cabeça.

Seu aperto aumenta, e ele empurra meu rosto para trás. — Diga-me.

Minhas narinas dilatam, a raiva respirando dentro de mim como um dragão vivo, mas eu a empurro para trás, sabendo que se vou descobrir uma maneira de sair disso, preciso cooperar.

Pelo menos por agora.

— Eu entendo, — eu forço.

Ele sorri, os ângulos agudos de seu rosto suavizando de inimigo a amigo. — Bom.

Acariciando minha bochecha, ele solta seu aperto e me libera completamente, saindo da cama e passando as mãos tatuadas na frente de sua camisa.

— Agora, ouça com atenção, porque não gosto de me repetir. Você vai se casar comigo, vai adotar meu sobrenome e será a boa e obediente esposa que sei que está enterrada bem no fundo de sua cabeça.

A raiva toma conta de mim tão rapidamente que meus dedos tremem, mas aperto os lençóis e tento respirar em meio à fúria.

— Faremos todos acreditarem que estamos apaixonados, e então, quando seu pai, — ele faz uma pausa, engolindo em seco com tanta força que seu pomo de adão balança, — quando ele falecer, você fará uma declaração pública de que não tem interesse na Sultans, e como um presente de casamento tardio vai assinar passando tudo para mim.

— Prefiro morrer a deixar as Sultans para você, — retruco.

Ele ri. — Tenha cuidado com o que deseja, *gattina*.

Meus pulmões se contraem. Ele está dizendo que vai me matar?

— Faça bem o seu papel e eu vou deixar você cavalgar para o pôr do sol com o garoto.

Meu coração bate contra minhas costelas, pensamentos girando descontroladamente fora de controle. *Ele quer dizer isso?* Mesmo enquanto me faço a pergunta, sei que ele não é confiável. Mas que outra escolha eu tenho?

Casar com Julian, dar-lhe Sultans e depois desaparecer.

A percepção do que isso significaria afunda em meus ossos, e tento não deixar a desolação me engolir por completo.

Se eu fizer isso, vou perder tudo que meu pai me implorou para manter seguro.

Mas se não o fizer, posso perder todo o resto.

CAPÍTULO 17

Yasmin



Tenho tentado empacotar meus pertences, não porque quero, mas porque não tenho escolha. Fui ao escritório do meu pai, esperando conseguir uma solução diferente, pelo menos fazê-lo falar um pouco com Julian ou me dizer que é muito cedo para me mudar, mas ele não estava lá, e quando o encontrei em seu quarto, em vez disso, ele se recusou a me deixar entrar. Shaina disse que está ficando mais letárgico e não quer que eu o veja dessa forma.

Eu engulo a náusea e entro no meu armário, raiva da situação e frustração por me sentir tão malditamente impotente, me empurrando para minhas prateleiras de roupas de grife e estendendo a mão para agarrá-las eu grito.

Repetidamente eu alcanço, rasgo e puxo peça após peça até que não haja mais nada do meu armário além de pilhas de bagunça. E então lá estou eu: meu coração batendo descontroladamente em meus ouvidos, suor grudando em meus cachos em minha testa e uma bola grossa de raiva alojada em minha garganta. Apenas a raiva causa uma dor que a faz parecer muito com o luto.

O tapete macio amortece minha queda enquanto eu caio no chão, sentindo a desolação mais uma vez rastejando e envolvendo seus braços longos e gelados em volta de mim.

Julian, com um simples movimento de sua mão, envolveu algemas douradas em meus pulsos. Um simples puxão e sou incapaz de fazer qualquer coisa que não seja o que ele quer.

Talvez esta seja a minha penitência. Talvez isso seja o que eu mereço, uma lição para me ensinar que toda ação tem uma *reação* e às vezes temos que lidar com resultados que não queremos.

Mas não faz doer menos. As emoções raramente estão enraizadas na lógica, então é difícil não sentir como se tivesse sido traída por meu *baba*. Pelo único homem no mundo que pensei que me protegeria do mal para sempre.

Suspirando, eu me inclino para a frente, empurrando os montes de roupas para o lado para alcançar as fotos que guardei, esperando ser capaz de encontrar um lado positivo, algo que me lembre do amor do meu pai. Que ele está sempre cuidando de mim, sempre fazendo o que acha melhor, mesmo quando isso me machuca mais. O jeans arranha meu pulso enquanto rasgo a bagunça que fiz, mas, eventualmente, alcanço uma caixa de sapatos e a puxo para frente, abrindo a tampa.

Minha respiração fica presa na garganta quando centenas de fotos antigas me encaram do recipiente de papelão.

Eu ainda tiro fotos agora, mas são diferentes, mais reservadas. Nem sempre tenho uma câmera comigo como tinha quando estava fora de casa, e agora... Fiquei tão envolvida com a doença dele e agradando-o que minha paixão passou da fotografia para a família, e não é até esse momento que percebo que foi como perder um pedaço de mim quando deixei aquela paixão escapar.

A saudade corre por mim, fazendo meu peito parecer oco, e quando começo a folhear as fotos, um pequeno sorriso aparece, apesar do quão vazia eu me sinto por dentro.

Imagens borradas de mim tentando tirar selfies antes que você pudesse me ver na lente.

Riya e eu no colégio interno, os uniformes escolares mal cumprindo o código de vestimenta regulamentado enquanto ficávamos em cima dos bancos do refeitório e cantávamos em nossas caixas de leite.

A nostalgia atinge meu estômago como um cavalo de batalha, e meus dedos tremem enquanto me movo mais rápido pelas memórias esquecidas. E então minhas mãos tropeçam quando chego a uma foto minha e de Aidan, deitados no quintal bem em frente à ala dos funcionários com flocos de neve em nossos cabelos, vermelho rosado nas bochechas de Aidan e sorrisos radiantes em nossos rostos. Eu acaricio o lado do rosto congelado de Aidan com meu dedo, tentando me lembrar do momento. Devo ter uns dez ou onze anos na foto. Está um pouco embaçado e fora de enquadramento pelo jeito que Aidan está segurando a câmera acima de nossas cabeças.

Mas isso faz meu coração apertar de qualquer maneira.

A neve me atinge do nada. Gelada, fria e úmida, batendo no meu rosto e pingando do meu queixo.

Eu grito, girando e mergulhando atrás do tronco de uma árvore, minha respiração ofegante e meu estômago revirando de excitação. Eu esperava que Aidan me visse aqui e viesse brincar. É toda a razão pela qual decidi fazer anjos de neve do lado de fora das salas dos funcionários.

Voltei para as férias de inverno por alguns dias e esta é a primeira vez que tenho a chance de vê-lo. Ontem, meu pai me levou para uma exibição especial de Miracle on 34th Street, que é meu filme favorito, mas hoje ele tem que trabalhar, e eu acordei de madrugada, abelhas zumbindo por todo o meu corpo com o pensamento de vir para este lado da propriedade hoje.

Parte de mim estava preocupada que ele não estaria aqui. Talvez sua mãe tenha conseguido outro emprego ou ele tenha seus próprios amigos agora para brincar.

Mas assim que a ferroada atingiu meu rosto, eu sabia que era ele.

Ninguém joga uma bola de neve como Aidan.

— Saia, saia, onde quer que esteja! — Sua voz é brincalhona enquanto ele grita pelo quintal.

Uma sensação de calor preenche o centro do meu peito e espio por trás do tronco da árvore, a neve triturando sob meus dedos enluvados enquanto tento vê-lo e ficar escondida ao mesmo tempo.

Ele parece mais alto do que quando o vi pela última vez, sua jaqueta muito fina para o frio que está lá fora, e as pontas de seus dedos nus estão vermelhas de tanto segurar a neve.

— Eu sei que você está aí, princesa, — ele incita. — Você pode correr, mas não pode se esconder.

Ele olha na minha direção e eu mergulho para trás do tronco grosso, minha respiração entrecortada enquanto ela escapa em baforadas visíveis pelo ar. Eu estico minhas costas contra a casca, tentando permanecer o mais imóvel possível, mas nada e ninguém pode apagar o sorriso que se estende em meu rosto.

O barulho de sapatos na neve se aproxima, e meu coração bate forte contra minhas costelas, meu nariz congelado formigando no ar de inverno.

De repente, um hálito quente passa pela minha bochecha e eu mordo o interior do meu lábio para não gritar.

— Peguei você, — ele sussurra.

Meus olhos se abrem, mas antes que eu possa dar um passo, ele quebra uma bola de neve bem entre meus olhos.

— Oh! — Eu grito, surpresa. — Seu grande idiota!

Ele ri e se levanta, correndo para longe, e desta vez, eu corro atrás dele, perseguindo-o pelo quintal. Ele pode ser maior, mas eu sou mais rápida, e o agarro rapidamente, nos derrubando desajeitadamente no chão. Pego um punhado de neve bem ao lado de sua cabeça e enfio direto em seu nariz.

— Coma! — Eu grito, rindo entre cada palavra.

— Desisto! Desisto! — ele ri de volta, me pegando pela cintura e me deixando cair ao seu lado.

Deve estar uns vinte graus lá fora, mas meu peito está quente, espalhando calor pelo meu corpo, e decido que deve ser assim que a felicidade pura é, e quero capturar o momento para sempre.

Estendo a mão para o lado da minha calça de neve rosa neon, abro o zíper de um dos bolsos da minha perna e pego minha câmera descartável, aquela que

mantenho comigo o tempo todo, caso haja algo que eu queira lembrar para sempre.

Antes que eu possa segurá-la, Aidan a agarra da minha mão, seu outro braço estendendo a mão para me puxar para o seu lado. — Diga queijo.

Aidan sorri, suas covinhas marcando as maçãs de seu rosto e seu sorriso largo, e logo antes de apertar o botão, ele se inclina, descansando o lado de sua cabeça contra a minha. Borboletas explodem no meu estômago.

Eu saio da memória, meus dedos passando por nossos rostos beijados pela neve, a felicidade tão clara em ambos.

Balançando a cabeça, dobro a foto, colocando-a na lateral do meu sutiã, querendo mantê-la comigo para me dar algo para me agarrar hoje, além da tristeza brotando no meu esterno e se espalhando, infectando cada célula.

Eu queria mais do que tudo que Aidan estivesse aqui agora, que ele pudesse me pegar em seus braços e me dizer que tudo ficaria bem. Se fosse, eu diria a ele o quanto sinto muito por foder tudo. Eu diria a ele que, se pudesse, retiraria tudo e tomaria decisões diferentes, que não seriam tomadas por meu medo e covardia. Eu o agradeceria por ficar ao meu lado nos bons e maus momentos, sempre me acalmando e me lembrando porque eu o escolhi em primeiro lugar.

Para ser honesta, eu teria desistido de mim mesma há muito tempo.

Lágrimas brotam dos meus olhos e escorrem pela frente do meu rosto, quentes e sujas contra minhas bochechas, mas uma vez que começam a cair, são impossíveis de parar. Então paro de lutar contra o sentimento e deixo que ele me domine, até que não consigo ver, não consigo pensar, não consigo sentir *nada* além da dor que irradia do centro do meu peito, pulsando com pesar.

Eu choro pela perda de Aidan.

Por *Baba*.

Por mim.

Eu soluço, limpando o que tenho certeza que são manchas pretas de rímel enquanto tento ver através dos meus olhos agora inchados. Minhas pernas formigam quando me levanto, dormente por estar sentada no chão do armário. Eu me movo devagar, mas com certeza, minha respiração gaguejando enquanto meu sistema nervoso tenta se acalmar, e saio do meu armário e pego uma caixa vazia, voltando para as pilhas de roupas e continuando a fazer as malas.

Porque não tenho outra escolha.

A aceitação da minha situação apunhala meu peito e se estilhaça em mil pedaços, lavando a dor nebulosa e trazendo clareza.

Só porque algo parece sem esperança não significa que realmente é. Mas para lidar com isso, para ter uma *chance* de descobrir alguma coisa, tenho que ser inteligente. Ardilosa. Tenho que aprender o jogo de Julian e jogá-lo melhor do que ele para me livrar do filho da puta de vez *e* manter as Sultans na família.

Meu pai está morrendo.

E eu não posso salvá-lo, tanto quanto eu gostaria.

Mas talvez eu possa salvar seu legado.

****

— O que você está fazendo?

Meu coração dispara para minha garganta e eu giro de onde estou arrumando a última caixa de coisas que quero levar comigo. Não tenho certeza *de quando* Julian quer que eu me mude, mas é melhor estar preparada, então depois que tive meu colapso, me recompus e comecei a descobrir o que queria manter fora do alcance de Julian e o que estava bem levando comigo.

Desta vez, não é Julian, mas minha melhor amiga na porta. — Riya, o que você está fazendo aqui?

Estou feliz em vê-la, mas a visão dela causa uma rachadura em meu escudo recém-formado e meu lábio inferior treme, uma queimadura começando a se espalhar atrás do meu nariz e olhos.

O rosto de Riya cai. — *Merda*, o que aconteceu?

— Ele-eu...ele...eu sou... — Gaguejo sobre as palavras, não tenho certeza de como dizê-las, como dar a ela a verdade sem dar a ela *a verdade*.

— O quê? — Ela interrompe, com as mãos indo para os quadris. — O que aquele idiota fez?

— Você nem sabe de quem estou falando. — Eu rio através da dor.

— Não importa. Se ele faz você ficar assim, — ela aponta um dedo para meus olhos inchados. — ele é um idiota e não tenho escolha a não ser planejar seu assassinato.

Eu rio, mas a gravidade da situação ofusca minha diversão. *Isso me torna uma pessoa má se eu realmente quiser que possamos planejar o assassinato dele?* Eu balanço minha cabeça, dissipando a noção.

Eu não sou esse tipo de pessoa, não sou *ele*.

— Eu não tenho meu telefone, — eu digo.

Suas sobrancelhas perfeitamente cuidadas arqueiam. — Sim, eu percebi isso quando você não me ligou de volta nos últimos dois dias. E você perdeu o brunch de domingo.

Honestamente, eu nem tinha pensado no nosso brunch. — Oh meu Deus, Riya. Eu sinto muito.

Ela dá de ombros. — Achei que você não aparecer, era o seu pedido de socorro, então aqui estou. Agora me diga o que há de errado. — Seus olhos examinam a sala, arregalando-se ao ver as caixas espalhadas e as prateleiras vazias. — Você está... *fazendo as malas*?

Concordo com a cabeça, aquela dor se agitando novamente no meio do meu peito.

— Vou me casar com Julian, — eu forço, recusando-me a encontrar seu olhar.

Ela franze os lábios. — Por escolha?

Meus dentes cerram para evitar que a verdade saia da minha língua, mas ela vê através de mim de qualquer maneira. Não sei por que tentei.

— *Não* por escolha, — ela responde por mim.

— Não importa. — Eu aceno minha mão como se pudesse lavar a situação. — O que é que você sempre diz? Se você não pode sair dele, entre nele? Esta sou eu entrando nisso.

Ela bufa um barulho, meio risada e meio zombaria, antes de suas mãos voarem para os quadris. — Você é um insulto pra caramba quando mente na minha cara assim. — Riya se move até ficar bem na minha frente, suas mãos subindo para descansar em meus ombros, os olhos fixos nos meus. — Você pula, eu pulo, lembra?

— Por favor. — Eu rio mesmo quando as lágrimas transbordam em minhas pálpebras inferiores. — Não cite *Titanic* para mim agora, Riya. Acho que não aguento mais dor.

Mas suas ações surtem o efeito desejado, e eu desisto e começo a falar. Sobre como a vida de Aidan está em risco. Como não consegui encontrar meu telefone nem para enviar uma mensagem para ele. Como Julian quer que eu finja que estamos apaixonados e com que facilidade meu pai acreditou nisso.

E uma vez que as palavras começam a escapar dos meus lábios, não consigo parar, o fardo parece um pouco menos intenso quando alguém ajuda a carregar o fardo.

— Ele não é uma boa pessoa, — eu digo. — E eu não... eu não sei o que fazer. Eu nem sei do que ele é realmente capaz. — O pânico começa a percorrer minha espinha, espetando meus nervos como agulhas. — E se ele machucar meu pai?

— E se ele te machucar*?* — Riya revida.

Eu balanço minha cabeça. — Não estou preocupada comigo. Eu me viro sozinha. Eu só... não posso correr o risco de que alguém se machuque *por* minha causa.

Ela acena com a cabeça, simpatia enchendo seu olhar. — Então , qual é o plano?

Suspirando, vou até minha penteadeira e pego um elástico de seda, puxando meus cachos do pescoço. — Jogar junto, enquanto descubro uma maneira de ganhar vantagem. Eu realmente não tenho outra escolha. — Eu giro em direção a ela. — Preciso de um advogado, ou... sei lá, *de alguém* que esteja disposto a enfrentar Julian para que eu possa me livrar desse casamento falso e manter as Sultans.

Riya chupa os lábios e acena com a cabeça, caminhando até mim na penteadeira e olhando para nossos reflexos no espelho. — Não sei se um advogado conseguiria tirá-la disso. Poucos enfrentariam Julian Faraci. Precisamos encontrar uma opção diferente.

— Eu não sei o que fazer, — eu sussurro. — Mas eu tenho que tentar *alguma coisa*.

Ela hesita, passando os dedos pelos cabelos antes de seus olhos se fixarem nos meus. — Já pensou na polícia? Se ele está aqui causando acidentes de carro e ameaçando você e Aidan, eles realmente precisam saber, Yas.

Balanço a cabeça sem pensar duas vezes. Meu pai recebe chefes de polícia e promotores distritais para jantares e saraus o tempo todo, e sei que todos se tratam pelo primeiro nome com Julian, felizes em encher os bolsos em troca de olhar para o outro lado sempre que precisam algo menos do que saboroso.

— Não, sem policiais, — eu digo com firmeza. — O corpo de Alexander ainda nem foi encontrado, e meu pai nunca me perdoaria se eu tivesse a polícia farejando. Além disso, tenho quase certeza de que a maioria está no bolso de Julian.

Ela bufa uma respiração. — Então vamos encontrar um advogado que não dê a mínima.

Um sorriso aparece em seu rosto, embora seus olhos estejam tão escuros e sérios como eu nunca os vi. Ela estende a mão, mindinho estendido. Eu envolvo o meu ao redor dela e seu sorriso se alarga.

— Cavalgue ou morra, cadela, — diz ela. — Não vamos cair sem lutar.

CAPÍTULO 18

Julian



Este escritório é pequeno e apertado para alguém que foi juiz nos últimos vinte anos, com suas paredes brancas e vazias que amarelaram com o tempo, compensadas pela mobília de madeira escura que Anthony McFarlane, a pessoa que estou aqui para ver, passou um belo centavo tentando fazer mais prestígio do que é.

Trabalhar como juiz municipal tem seus limites de grandeza, suponho.

Agora, o tamanho da pequena sala funciona a meu favor, permitindo-me ver cada contração de seu rosto enquanto ele dá desculpas inúteis atrás de desculpas por que ele não pode me dar o que estou pedindo.

— Você não entende, — ele implora, seus pequenos óculos de armação escorregando sobre a grande protuberância no meio de seu nariz. — Existe um

período de espera obrigatório de vinte e quatro horas desde o momento de preencher uma certidão de casamento até quando podemos realizar a cerimônia. Além disso, não posso simplesmente desenhar um e forçá-la a assinar. Não funciona assim.

Balançando a cabeça, eu enfio a mão no bolso do meu terno, puxando o pequeno bastão compacto e pressionando o botão logo abaixo do topo, o som dele estalando em tamanho real reverberando nas paredes apertadas. Eu viro o bastão nas costas da minha mão, o metal preto liso parecendo forte e seguro ao cair na palma da minha mão. — Preciso que trabalhemos juntos aqui, *Meritíssimo*.

Gotas de suor alinham-se nas pontas de seu cabelo, seus olhos se desviam do bastão e voltam para o meu rosto. — Julian, — ele implora. — Há tanta coisa que eu posso fazer.

Eu dou um passo à frente, a borda de sua mesa cavando em minhas coxas através da minha calça preta. — Lembra quando você veio até mim cinco anos atrás?

Sua testa enruga enquanto toda a sua estatura cai em sua cadeira. — Julian...

— Ah, ah, ah, — eu falo, estendendo a mão até o final do meu cajado para pressionar seu plexo celíaco. — Perdoe-me, velho amigo.

A boca de Anthony se fecha.

— O que foi mesmo que você correu para mim pedindo ajuda? — Eu inclino minha cabeça para o lado.

Ele não responde.

— Foi sobre sua esposa, — respondo por ele. — Ela estava prestes a encontrar aqueles vídeos hediondos de você curvado sobre sua mesa como um porco preso,

sendo pego por sua estagiária. Quantos anos ela tinha mesmo, dezenove? — Eu estalo minha língua. — Menino travesso.

Suas bochechas ficam vermelhas. — Você prometeu nunca...

— E eu não tenho, — eu interrompo. — Usei minhas conexões, meu *nome*, para ajudar um amigo necessitado. Não foi naquele ano que também dei a você aquele deslumbrante colar de esmeraldas no seu aniversário? — Meu sorriso cai, os olhos se estreitando enquanto eu cavo o cajado mais fundo em sua pele. — Ou estou confundindo isso com a hora que você pediu aqueles brincos de dois quilates para sua amante?

Ele engole, seu pomo de adão balançando.

— Não importa, eu acho. Você fez a escolha certa ao me pedir ajuda. Mas você sabe, eu me sinto quase culpado agora. — Eu rio antes de interromper abruptamente, meu olhar queimando o dele.

O silêncio retumbante é denso.

— Você não quer saber por quê? — Eu pressiono.

— S-sim, — ele gagueja.

Inclinando meu torso sobre o topo de sua mesa, eu abaixo minha voz para um murmúrio. — Nunca me livrei das fitas.

Suas bochechas ficam rosadas, o pânico se espalhando por suas feições.

Eu movo a ponta do meu cajado de seu peito, arrastando-o para cima em sua garganta até que fique embaixo de seu queixo. Eu forço seu olhar a encontrar o meu com um movimento do meu pulso. — Eu odiaria ver o que aconteceria se elas caíssem em mãos erradas.

Retirando meu cajado, começo a girá-lo novamente, apreciando a maneira como os olhos de Anthony o seguem na palma da minha mão.

— Mas há um limite para o que posso fazer. — Minha mão para de se mover. — Se é que você entende.

Os músculos de sua mandíbula se contraem, seu corpo vibra em seu assento. — Dê-me uma hora.

Um sorriso se espalha em meu rosto. — Eu não sou irracional. Vou te dar duas.

Agarrando meu bastão, fecho-o e coloco-o de volta no bolso enquanto saio da sala, caminhando pelos corredores obsoletos do tribunal de Badour.

Eu me movo para pegar meu telefone, meus dedos passando pelos de Yasmin, e eu sorrio, imaginando o quanto ela está surtando por perdê-lo. Três dias atrás, quando eu disse a ela para fazer as malas, ela não mencionou, e tenho certeza que agora ela percebeu que se foi para sempre.

Se ela for uma boa menina hoje, talvez eu devolva. Uma vez que ela estará legalmente casada comigo, realmente não importa se ela tenta falar com o menino, e eu programei o telefone dela para enviar transcrições de tudo para mim de qualquer maneira.

Pego meu próprio celular no bolso, passo pelo novo correio de voz da minha mãe e ligo para a recepção do meu escritório.

— Senhor Faraci, — diz Ciara. — O que posso fazer para você?

— Preciso de você no tribunal.

— Claro. Estarei lá em trinta minutos.

Ela leva cerca de uma hora para chegar, e depois mais vinte minutos para eu contar a ela minhas expectativas.

Não fale a menos que ela seja necessária, fique fora do caminho e assine como testemunha quando Anthony pedir. E acima de tudo, *não* diga uma palavra sobre isso a ninguém. A última coisa que preciso é que a imprensa fique sabendo disso e que Ali descubra que me casei secretamente com a filha dele sem ele por perto. Eu preciso contar a ele pessoalmente para que eu possa girar a meu favor.

Ele ainda está vivo, o que significa que ainda pode mudar seu testamento, e se ele perceber o que estou fazendo, tudo pode virar uma merda completa.

Mas é melhor arriscar e garantir que Yasmin esteja ligada a mim, em vez de dar a ela tempo para questionar sua decisão inteligente de entrar no jogo. Ou pior ainda, bolar algum plano tolo e tentar me enganar.

Enviei Razul, o guarda-costas que incumbi de minha segurança pessoal para ser sua sombra, para trazer Yasmin de sua casa. Pessoalmente, não me importo se alguma coisa acontecer com ela, mas até que tudo esteja dito e feito, seu pai e ela fora do caminho, ela será minha esposa, e eu tomo muito cuidado em proteger meus bens.

— Então, — Ciara começa enquanto nos encostamos na parede do lado de fora do escritório de Anthony. — *Casado,* hein? — Ela cutuca as unhas pintadas de rosa.

Passo os e-mails no meu telefone, ignorando-a completamente.

— E com Yasmin Karam? — Ela continua. — Agora eu entendo porque você estava tão bravo quando eu não a deixei entrar outro dia. Eu nem sabia que você estava namorando.

Eu olho para ela com minha visão periférica, meu lábio superior com desdém. — Desde quando é função da *recepcionista* saber com quem o chefe dela está fodendo?

Ela balança a cabeça. — Não é. Você tem razão. Eu só... não sei. Estou surpresa, só isso.

— Eu não te pago para se preocupar com minha vida pessoal, — eu respondo. — Eu te pago para fazer o que eu digo. Atender telefones, agendar reuniões e quando eu disser pule, você pergunta a que altura. É *isso*. Entendeu?

Ela acena com a cabeça, movendo o olhar para o chão, a ponta do sapato de salto azul deslizando para frente e para trás no chão de ladrilhos.

O som de um elevador ecoa à distância, *click-clacks* de saltos altos no chão duro reverberando nas paredes. Meus olhos voam para o final do corredor no momento em que Yasmin vira a esquina, o corpo grande e volumoso de Razul atrás dela.

Ela tem um longo casaco preto cobrindo seu corpo, o cinto apertado fazendo suas curvas parecerem requintadas. Grandes óculos de sol pretos cobrem completamente seus olhos, protegendo seu olhar da minha visão. Seus lábios são de um vermelho que combinam perfeitamente com suas unhas bem cuidadas, e meus olhos percorrem suas pernas tonificadas até atingirem seus saltos pretos.

Seus lábios se torcem em uma tentativa patética de sorriso quando ela me alcança, sua cabeça se virando para acenar para Ciara.

— *Gattina*, — eu digo. — Você parece comestível.

Ela não me responde, ocupada demais desamarrando o cinto da cintura e tirando o casaco, entregando-o a Razul, que o dobra sobre o braço e se posiciona estoicamente atrás dela.

Meu pau estremece ao vê-la em um vestido vermelho-sangue justo, visões de como ela parecia nua e esparramada em espasmos de prazer assaltando minha mente.

— Olá, *marido,* — ela ronrona.

Minhas sobrancelhas disparam até a linha do cabelo, mas me recupero rapidamente, sorrindo enquanto me endireito de onde estava encostado na parede. — Ainda não sou marido, receio.

Ela olha em volta, franzindo os lábios, aqueles óculos escuros ainda bloqueando seu olhar da minha visão, o que me irrita. É mais fácil saber o que está passando pela cabeça dela quando posso ver seus olhos.

— Não é por isso que estamos aqui? — Ela pergunta.

Eu franzo a testa, certificando-me de fazer um show para qualquer um que queira assistir. — Eu queria te surpreender.

Seus lábios se contraem. — Ter um de seus capangas vindo me buscar e me levar ao tribunal não é exatamente furtivo, *patatino*[6].

Uma risada irrompe de mim ao ouvir o termo carinhoso em italiano.

Tenho certeza de que ela aprendeu a palavra para me irritar, mas na verdade é o contrário, trazendo de volta uma sensação de nostalgia que não sentia há anos. Minha nonna, aquela que nunca saiu da Itália, costumava me chamar de *patatino*, sua batatinha, sempre que eu falava com ela ao telefone.

Ela era a única coisa boa na minha vida quando criança e, embora nunca a tenha conhecido pessoalmente, fiquei arrasado quando ela faleceu. Implorei para

[6] Batata

ir ao enterro dela, mas foi impossível. Meu pai não queria saber disso e, mesmo que soubesse, não tínhamos dinheiro.

Foi uma das primeiras vezes na minha vida que prometi a mim mesmo que nunca cresceria e me tornaria financeiramente inseguro.

Estendendo a mão para Yasmin, uno nossos dedos, ignorando a forma como o toque envia um tremor indesejável através de mim, e trago a mão dela, pressionando um beijo nas costas. — Aprendeu italiano só para mim? Estou emocionado.

A porta do escritório de Anthony se abre e ele sai furioso, seus olhos azuis saltando de mim para Yasmin e depois para as duas pessoas conosco. Ele concorda. — Tudo pronto.

— Excelente, — eu digo, puxando Yasmin em seu escritório.

— Onde está o meu pai? — Ela sussurra, finalmente tirando os óculos escuros e olhando em volta.

— Em casa, eu presumo. Isso não é sobre ele.

Assim como da última vez, suas unhas cravaram nas costas da minha mão até cortarem a carne.

Eu sufoco um silvo de dor e aperto meu domínio sobre ele até que sua pele empalideça, curvando-me para passar meus lábios pela concha de sua orelha. — Cuidado, — eu sussurro antes de soltar a mão dela completamente. Indo em direção à mesa de Anthony, olho para a nova e brilhante certidão de casamento, pego uma caneta e a estendo para ela. — Você é mais do que bem-vinda para planejar o casamento dos seus sonhos e deixá-lo levá-la até o altar. Mas isso é sobre *nós*.

Ela caminha em minha direção, seus olhos passando rapidamente entre a caneta e a certidão de casamento em cima da mesa. Ela se move e eu envolvo minha mão livre em torno de seu pulso, prendendo-a no lugar.

— Com o tempo, você vai me perdoar. Eu simplesmente não podia esperar mais um minuto para nos unir. Até que a morte nos separe.

Engolindo em seco, ela sacode o queixo, pegando a caneta da minha mão e girando em direção à licença.

Meu coração acelera, batendo contra minhas costelas quando ela se inclina, suas costas arqueando ligeiramente enquanto ela se prepara para se tornar minha.

Eu não tinha certeza do que esperava quando ela chegou aqui, mas não era isso. Fico feliz que as coisas estejam indo tão bem, mas não sou ingênuo, e ela sendo tão *agradável* me deixa irritado. Ainda assim, o risco de tinta no papel nunca soou tão doce. Um passo mais perto da Sultans se tornar minha, tanto quanto Yasmin. Ela assina seu nome e então olha para mim, um olhar sombrio passando por suas feições.

Sua mandíbula aperta e eu sorrio para ela.

— E agora? — Ela pergunta.

Eu sorrio. — Agora, nós nos casamos, *gattina*.

Anthony está na frente, com o rosto tenso e sombrio enquanto oficializa o que deve ser a cerimônia mais rápida da história de Nova York.

A boca de Yasmin se abre quando eu tiro o diamante amarelo de 8,92 quilates, deslizando-o em seu dedo junto com uma aliança da eternidade, e ela mantém uma cara corajosa quando desliza o anel preto simples no meu. Mas posso sentir o tremor em suas mãos.

Aproximando-me, afasto os cachos pretos e apertados de seu rosto. — Esta é a parte em que posso beijar a noiva?

Eu realmente não *quero* beijá-la, mas ela tem sido tão dócil e mansa o tempo todo que ela está aqui, e uma parte de mim quer ver o quanto é preciso para irritá-la. Para atiçar aquele fogo que adoro sentir, só para imaginar todas as maneiras que adoraria apagá-lo.

Ela passa as mãos na frente do meu torso, apertando meu abdômen. Eu resisto à vontade de empurrá-la para longe enquanto ela descansa os dedos no meu peito. Eu a encaro, meu corpo rígido como uma tábua, nervoso por ter alguém me tocando. Eu solto uma respiração profunda e ela sorri enquanto fica na ponta dos pés. Se eu não estivesse prestando muita atenção, pensaria que ela está gostando disso, mas vejo o brilho de tristeza em seus olhos antes de seus lábios encontrarem os meus.

Minhas sinapses disparam como uma explosão, tão intensas que é quase doloroso, mas eu empurro o sentimento e envolvo meu braço em volta de sua cintura, arrastando-a para mais perto, meus dentes afundando em seu lábio inferior para ancorá-la em mim.

Seus lábios se abrem e eu inalo sua respiração como se fosse ar roubado.

Meus olhos estão bem abertos e os dela também, uma batalha de vontades que nenhum de nós está disposto a perder. Minha língua desliza contra a dela e ela endurece, mas permite o movimento. E quando aprofundo o beijo, caindo no gosto doce de sua boca, suas pálpebras vibram antes de fechar completamente, seu corpo relaxando contra o meu quando ela começa a me beijar de volta.

Meu estômago dá cambalhotas, meu pau de repente fica tão duro que dói, e eu agarro o tecido de seu vestido, sentindo, pela primeira vez na minha vida, como se eu não pudesse chegar perto o suficiente. Isso me pega desprevenido, e eu deveria

ser cauteloso, tomar isso como uma bandeira vermelha gigante acenando na minha cara, mas em vez disso, estou perdido na nova sensação de ter alguém me tocando e não odiando a sensação.

Uma das minhas mãos desliza para cima de seu lado, apreciando a maneira como ela suspira em minha boca, e eu seguro sua mandíbula, meu polegar pressionando contra seu queixo para abri-la ainda mais.

Cristo.

Uma garganta limpa, e Yasmin e eu nos separamos, nossas mãos se afastando uma da outra como se tivessem sido mergulhadas em ácido.

Sua mão voa para a boca, seu olhar arregalado cheio de horror enquanto ela olha para mim.

Eu forço um olhar arrogante, embora minhas entranhas estejam cambaleando. — Não precisa ficar tímida, *gattina*. Você é minha esposa agora. Ninguém vai pensar duas vezes se você pegar o que é seu.

Seus olhos se estreitam, mas ela abaixa a mão e olha ao redor, olhando para Ciara, Razul e Anthony. — Prefiro fazer coisas assim em particular.

Um sorriso lento se espalha em meu rosto. — Então vamos para casa.

CAPÍTULO 19

Yasmin



Julian é requintado, o que me dói dizer. Ele é tão revoltante que, na minha cabeça, construí tudo o mais sobre ele para ser tão ruim quanto, então quando ele nos levou pelas colinas escondidas de Badour, pelos portões de ferro e pelas fileiras de árvores que margeiam um quarto de milha de entrada de automóveis, fiquei surpresa com a vista, para dizer o mínimo.

E agora estou na sala de família que fica ao lado da cozinha aberta, olhando para a floresta exuberante que esconde sua mansão de olhares indiscretos. É uma bela vista, que se fosse qualquer outro cenário, eu me deliciaria. O sol está começando a se pôr sobre as copas das árvores, salpicos de laranja e rosa suaves rompendo as folhas.

Mas, em vez de aproveitar o momento cênico, estou tentando não vomitar.

Eu o *beijei*. Tipo, realmente o beijei. Minha língua estava praticamente na metade de sua garganta. E posso fingir que não era nada mais do que eu interpretando o papel - e para ser justa, foi assim que começou - mas estou tentando essa coisa nova em que sou completamente honesta comigo mesma. Eu tenho que ser, ou então minha mente ficará muito confusa nas mentiras inocentes para ver a linha de chegada e ter uma chance de sair dessa do outro lado.

E honestamente... por um momento, quando ele me beijou, eu esqueci onde estava. Esqueci com quem eu estava.

Meu estômago revira com a ideia de Aidan descobrir.

O brilho da minha nova aliança de casamento brilha na fraca iluminação embutida na sala de estar, e eu olho para baixo, meu coração apertando com a visão. O anel em si é impressionante, um diamante amarelo amortecido entre dois diamantes brancos trapezoidais. Não quero pensar no que significa que o homem que odeio mais do que o mundo, escolheu algo tão parecido com o que eu teria escolhido para mim.

E isso me deixa tão chateada, porque é apenas mais uma coisa que Julian arruinou para mim. Não consigo nem apreciar sua beleza sem me lembrar das correntes que estão presas.

Uma taça de champanhe aparece na minha visão periférica, e eu tiro meus olhos da minha mão para olhar para Julian enquanto ele me entrega a taça.

— Um brinde, — diz ele.

Meus lábios franzem. — Não há o que comemorar.

Ele suspira, franzindo as sobrancelhas, e eu levo um momento para olhar para ele. *Realmente* olhar para ele. Ele é uma criação magnífica, e eu estaria mentindo se dissesse que ele é menos do que isso. Ele está vestido com um par de jeans e um Henley preto de manga comprida que é empurrado até os cotovelos, tatuagens rabiscadas ao longo de seus braços e espreitando através do colarinho de sua camisa. Sua pele bronzeada literalmente não tem manchas, e é como se sua mandíbula fosse esculpida em pedra, emoldurada com a quantidade perfeita de barba por fazer.

Eu odeio o quão atraente ele é. Mas acho que faz sentido que o diabo apareça como perfeição para atrair as almas.

Ele coloca o copo que eu ainda não peguei em uma mesa redonda ao lado do sofá de couro marrom e então se inclina contra o encosto, seus olhos calculistas enquanto eles olham para mim.

— As coisas não precisam ser tão miseráveis quanto você as está fazendo, — diz ele.

Eu zombo, virando meu rosto para longe dele.

— Não é nada pessoal, sabe?

— Poupe-me da besteira, — eu respondo. — Nós dois sabemos o que é isso.

A diversão brilha em seu olhar. — Oh? Me esclareça.

Minha espinha endurece enquanto eu olho para ele, virando meu corpo para encará-lo completamente. — Isso é você tentando controlar *tudo* para conseguir o que deseja.

Um sorriso de gato Cheshire se espalha em seu rosto. — E o que há de errado em conseguir o que você quer?

— Machucar outras pessoas é errado, Julian. E me chantagear para que você possa sair por cima depois que meu pai morrer é doentio.

Ele se endireita. — Eu...

Eu cortei minha mão no ar. — Guarde a besteira para alguém que vai acreditar. Não sou ignorante, apesar do que você sempre pensou.

Ele cruza os braços.

Inclinando a cabeça, dou um passo em direção a ele, e depois outro, não parando até estar bem na frente dele, esticando o pescoço para ver cada partícula de emoção que pode passar por seu rosto.

— Você já se importou com ele? — Eu pergunto.

Ele levanta o queixo. — Quem?

— Meu pai.

Suas narinas dilatam, os músculos dos lados de sua mandíbula se contraem enquanto ele range os dentes.

— Aposto que você mal pode esperar que ele morra, hein? Então você pode entrar e roubar tudo o que é dele por direito. O que, você vai me matar também? — Eu cuspo.

Não pretendia ser tão hostil - na verdade, meu objetivo era ser o oposto - mas agora que acendi o pavio, minha boca está disparando em todos os cilindros e não há como controlá-la. para lançar meus golpes verbais, especialmente porque é a primeira vez que vejo seu exterior vazio rachar, pequenos flashes de emoção explodindo como estrelas cadentes no céu.

Sua mão se ergue antes que eu possa piscar, segurando minha mandíbula com tanta força, meus dentes cortam minhas bochechas, e ele se aproxima, seu torso roçando meu peito.

Algo salta no lugar onde nossos corpos se encontram, atravessando meu meio e se acomodando profundamente em meu abdômen.

— Continue abrindo essa boca, — ele diz, — e você não vai conseguir passar a noite.

Eu pressiono na ponta dos pés, nossos narizes roçando. Meu estômago aperta. — Eu não acredito em você, — eu sussurro. — Você precisa muito de mim.

Seus lábios se abrem, seus olhos furiosos como uma tempestade enquanto seus dedos se contorcem contra meu rosto. Ele me solta de repente, e eu caio de volta nos calcanhares enquanto ele recua até atingir o sofá, passando a mão pelo cabelo despenteado.

— Eu tenho trabalho a fazer, — ele diz, sua expressão vazia firmemente de volta no lugar. — Beba o champanhe ou não, eu não dou a mínima. Mas você não vai sair desta casa e *vai* cuidar da maneira como fala comigo.

Eu engulo a resposta que está na ponta da minha língua, não querendo pressioná-lo mais do que já fiz. Eu não estava mentindo; Eu acho que ele precisa de mim viva, mas isso não significa que ele não vai me machucar se eu for longe demais. Eu não deveria estar tão disposta a correr esse risco. Riya disse que encontrou alguém que pode estar disposto a trabalhar comigo, e até que eu possa me encontrar com ele, preciso jogar com esperteza, o que significa manter meu temperamento sob controle até descobrir o que diabos vou fazer para superá-lo. Ele pode ter me ligado a ele de nome, mas morrerei antes de deixá-lo tomar a empresa de meu pai.

— Quando posso pegar minhas coisas? — Eu pergunto em vez disso. — Você me disse para fazer as malas, e eu fiz, mas as caixas ainda estão em casa.

Ele se vira e sai da sala, e irritação aquece minhas veias com a maneira como ele simplesmente me ignorou. Mas antes que eu possa me mover para segui-lo, ele está de volta, parando ao lado da ilha da cozinha que dá para a sala onde estou. Ele coloca algo no topo da ilha antes de colocar as mãos de volta nos bolsos.

Eu ando para ver o que é, minha respiração travando em meus pulmões quando percebo que é meu celular.

Minha cabeça dispara para cima, meu olhar fixo no dele.

— Esta é a sua casa agora, Sra. Faraci.

****

Depois que Julian me devolveu meu telefone, ele me informou que, apesar de sua ameaça anterior de me fazer dividir a cama com ele, ele havia arrumado um quarto para mim que ficava do lado oposto da casa. Ele saiu logo depois sem me mostrar como chegar lá.

Mas naveguei pela ampla casa sem muitos problemas, dividida entre querer explorar e abrir imediatamente meu telefone e tentar falar com Aidan.

Aidan venceu e subi a grande escadaria, escolhendo ir para a esquerda em vez da direita quando ela partiu em duas direções diferentes. Depois de algumas tentativas, primeiro correndo para um banheiro de hóspedes e depois para uma grande sala de estar com estantes do chão ao teto e um piano de cauda preto brilhante, encontrei o que suponho ser o meu quarto.

Se não for, ele pode vir me expulsar depois, porque eu vou ficar aqui.

É reconfortante, se não um pouco assustador, como é semelhante ao meu antigo quarto em casa - embora eu ache que não é mais minha casa. A mesma cama de dossel com cortinas creme, amarradas em cada ponta. A penteadeira do mesmo estilo e um espelho de corpo inteiro escondido no canto esquerdo da sala. Há uma pequena escrivaninha logo abaixo da janela de cortina transparente e um vaso com lavanda empoleirado na borda, criando um perfume suave e agradável.

Atravessando o espaço, abro a porta à esquerda, que dá para um banheiro incrível com uma banheira de imersão e um chuveiro enorme que caberia facilmente cinco pessoas.

Toda a estética do lugar é linda, e me irrita que eu esteja imediatamente me sentindo confortável em um lugar estranho onde estou basicamente sendo mantida em cativeiro e forçada a ficar contra a minha vontade.

Girando, minha raiva de volta intacta, vou para a área de estar à esquerda da porta do quarto, minha mão segurando meu telefone com tanta força que tenho medo que ele quebre.

Sentando-me na cadeira, solto o primeiro suspiro desde que cheguei aqui e jogo meu celular na mesinha de centro redonda à minha frente.

E então eu sento lá e aguardo, pegando-o novamente antes de deixá-lo cair de volta. Repetidamente, repito o movimento, frustrada comigo mesma por não conseguir me recompor o suficiente para ligar para Aidan. Algo está me segurando, e sei que é o fato de que agora tenho que dizer a ele que sou casada. Meu estômago aperta quando penso no "casamento", a memória da excitação que percorreu meu corpo quando nos beijamos, manchando meu corpo como tinta.

Eu *quero* ligar para Aidan, mas as visões de como ele vai reagir me inundam, me deixando muito nervosa. Não quero aborrecê-lo ou lidar com as repercussões de como ele reagirá.

Antes que eu perceba, uma hora se passou e não estou mais perto de ligar para ele, muito menos de ler minhas mensagens, do que quando recebi a coisa de volta.

Que horas são no Egito, afinal?

Minha perna treme e meus dentes afundam em meu lábio inferior, mastigando até a pele se romper e o leve gosto metálico inundar minha boca.

Isto é ridículo.

Mas e se ele não acreditar em mim?

E se ele não se importar mais?

Soltando uma respiração profunda, pego meu telefone novamente e desbloqueio a tela, vendo algumas mensagens não lidas e um punhado de mensagens de voz.

Meu coração afunda um pouquinho, porque não vou mentir, pensei que haveria mais. Independentemente disso, abro as mensagens de Aidan, vendo-o perguntar onde estou e, em seguida, uma resposta que nunca enviei dizendo a ele que algo aconteceu com meu pai e que ele não deveria vir me encontrar.

Meu estômago revira.

Claro. Isso explica por que ele não apareceu naquela noite.

Eu sei que foi Julian, e honestamente é normal para ele fingir ser *eu* e depois bancar o ignorante como Aidan saiu sem dizer uma palavra, e eu me lembro, mais uma vez, como ele não pode ser confiável.

Ainda assim, depois de Aidan dizer que está bem e que vai sentir minha falta enquanto estiver fora, não há nada. Ele está lá há quase uma semana e não tentou dizer nada.

Mas sei que ele está determinado a conquistar meu pai encontrando a lâmpada.

A ansiedade aperta meus pulmões, fazendo minha visão ficar nebulosa. *Está tudo bem. Ele está bem. Julian não vai machucá-lo a menos que eu force sua mão.* Mas, mesmo enquanto penso nisso, não pareço muito convincente.

Meus dedos tremem enquanto digito um texto apressado.

YASMIN

Oi, sinto muito, perdi meu telefone e acabei de recuperá-lo :(

Espero que você não tenha ficado muito preocupado. Como está o Egito? Não acredito que não consegui me despedir

Minha perna treme enquanto espero por uma resposta, mas depois de dez minutos olhando para o meu telefone e percebendo que não vou conseguir uma, pelo menos não imediatamente, digito outra mensagem.

Antes que eu possa me conter, enviei uma longa sequência de textos me explicando, tentando responder a quaisquer perguntas que ele possa ter antes de perceber que talvez eu tenha falado demais ou a coisa errada, então envio outra

mensagem tentando explicar o anterior afastado. Eu finalmente mando mais quatro antes de me forçar a desligar o telefone, sabendo que não está fazendo nada além de aumentar a energia tensa que está correndo em minhas veias.

YASMIN

Você está com raiva de mim? Não gosto de ficar tão longe de você, me deixa nervosa. Alguma sorte com a lâmpada?

Não sei o que você ouviu, mas não é o que você pensa. Você pode falar?

estou com saudades.

Espero mais alguns minutos antes de gemer, jogando meu telefone de volta na mesa e decidindo entrar no meu novo banheiro. Qualquer coisa para tirar minha mente da confusão de mensagens que acabei de enviar.

O banho em si é incrível e, enquanto a água quente cai em cascata sobre meus ombros e meu corpo, fecho os olhos e respiro fundo, tentando me livrar da ansiedade que obstrui todos os poros. Sempre existiu dentro de mim uma necessidade incessante de agradar as outras pessoas, de ter certeza de que sou querida e de que todos ao meu redor sejam cuidados e felizes e, embora ao longo dos anos, tenha aprendido diferentes mecanismos de enfrentamento para aliviar o

fardo de meus pensamentos descontrolados, nunca houve nada que me curasse completamente de ter que colocar todo mundo antes de mim.

Eu sei que é uma falha, algo que acaba me colocando em mais problemas do que vale a pena, mas para a vida de mim, eu não sei como quebrá-lo.

Na verdade, a única vez na minha vida em que *não* senti o desejo irresistível de agradar alguém é quando estou perto de Julian.

Minha boca amarga com o fato.

Estendendo a mão, pego um pouco de sabonete do dispensador automático na parede e começo a alisar minhas mãos sobre meu corpo, pensando em como me sinto diferente quando estou perto dele e não me preocupo se ele está pensando mal de *mim*.

Eu o odeio, claro. Mas por baixo disso, é quase... libertador.

O pensamento faz meu peito apertar.

Tentando reorientar, volto à farsa de uma cerimônia no tribunal hoje, imaginando quanto tempo levará para um jornal publicar um artigo sobre as núpcias.

E então, antes que eu possa me conter, enquanto minhas mãos roçam meus seios, penso naquele beijo.

Aquele em que não me permiti pensar desde que aconteceu, porque se o fizesse, teria que admitir que gostei. Mas agora, aqui na segurança da solidão, eu desisto e deixo minha mente vagar, apenas para obter algum alívio dos pensamentos que não posso controlar que estão passando pela minha cabeça.

Sua boca era macia. Mais macia do que eu esperava, e me pergunto se ele seria tão macio em outros lugares.

Meus dedos passam sobre meu mamilo e respiro fundo com a sensação. Lentamente, eu trabalho minha mão na frente do meu corpo e deslizo meus dedos sobre o topo da minha boceta, roçando levemente meu clitóris.

Um formigamento surge através de mim quando eu aplico pressão, e antes que eu possa me conter, estou imaginando Julian de joelhos, sua língua dentro da minha boceta da mesma forma que estava devorando minha boca.

Ele seria exigente, eu sei disso, mas em vez de ser um desvio, ele envia um calor queimando através de mim, imaginando-o me segurando no lugar e assumindo o controle do meu prazer da mesma forma que ele controla a sala sempre que entra nela.

Imagino meus dedos correndo por seu cabelo, puxando as mechas até que ele geme de dor, e minha palma pressiona mais rápido contra meus nervos sensíveis, um leve gemido escapando de mim no ar.

Meus músculos se contraem e apertam, meu corpo vibrando de prazer, e então estou caindo no limite, meu orgasmo me atravessando e o nome de Julian deixando meus lábios em uma expiração trêmula.

Levo alguns minutos para me recuperar da experiência visceral e, quando o faço, a realidade da minha situação volta e me sinto mal pelo que fiz.

Mesmo que ninguém jamais saiba, exceto eu.

Apesar da minha falta temporária de consciência e controle, saio do banho me sentindo um pouco melhor. Os chuveiros sempre tendem a limpar a energia negativa que se apega à minha alma, e me sinto mais relaxada após o orgasmo, desde que não me concentre em quem eu estava imaginando que estava me dando.

Eu também não penso muito sobre o fato de que meu tipo exato de shampoo e condicionador já está lá, e a loção que eu gosto de usar é estocada no armário à esquerda das pias.

Há quanto tempo ele está planejando isso?

Talvez ele seja o tipo de homem que sempre faz as coisas acontecerem em um dia. Ele certamente é poderoso o suficiente para estalar os dedos e ter pessoas prontas para servir e, embora eu saiba que deveria me deixar nervosa por ele ter recriado quase todos os confortos da minha casa, eu me deleito com a familiaridade, mesmo que seja apenas aqui para me fornecer uma falsa sensação de segurança, uma que eu definitivamente não deveria estar sentindo.

Quando vou verificar meu telefone novamente, há uma nova mensagem. Meu coração pula quando eu o abro.

AIDAN

Eu também sinto sua falta. Não posso falar, a conta seria demais. Onde você encontrou seu telefone?

Franzindo a testa, digito uma resposta.

YASMIN

Estava com Julian. Está tudo bem?

AIDAN

Você ainda anda com Julian? Princesa, estou cuidando de tudo aqui. Não há necessidade.

Eu inalo uma respiração instável, sem saber o que dizer. Não parece certo mentir para ele, mas não quero que ele perca a fé no que estamos tentando fazer, que perca a fé em nós. Não quando meu objetivo ainda é poder estar com ele livremente.

Assim que eu descobrir como sair da bagunça que fiz e me encontrar com o advogado que Riya disse ter encontrado. Não tenho intenção de manter o nome Faraci.

YASMIN

Eu realmente não quero falar sobre isso por texto.

Fazendo uma pausa antes de pressionar Enviar, penso no que quero escrever. Eu poderia evitar dizer qualquer coisa, mas não tenho certeza se os capangas de Julian vão contar a ele. E prefiro que ele descubra por mim, mesmo por mensagem de texto, mesmo que fique bravo, em vez de descobrir por outra pessoa.

Minhas cãibras estomacais e minhas mãos ficam úmidas enquanto digito e apago, depois redigito uma mensagem.

YASMIN

Tive que fazer uma coisa que você não vai gostar. Algo que eu não queria fazer.

Mas é para manter você seguro, para manter todos seguros, e preciso que você não fique com raiva de mim. Eu preciso que você entenda.

A bile sobe pelo meu esôfago e engulo o gosto amargo na boca, meu estômago revirando e arfando.

AIDAN

Você pode me dizer qualquer coisa, princesa

YASMIN

Casei com Julian hoje.

E então largo meu telefone, correndo para o banheiro bem a tempo de vomitar.

CAPÍTULO 20

Julian



Tentei falar com Ali a semana toda, mas ele não retornou minhas ligações e não tive chance de passar na casa dele. Ele tem sido um fantasma no e-mail, tendo deixado de trabalhar em casa para não existir realmente entre os Sultans, e me pergunto se ele deu uma guinada, uma que o impediu de fazer coisas que exigem foco e energia.

Sinto uma pontada de mal-estar no peito quando ele não responde *novamente* quando tento ligar, e minha perna treme sob a mesa. Não tenho certeza se ele está apenas se sentindo pior pelo desgaste ou se está evitando minhas ligações porque não estava aceitando meu relacionamento com Yasmin tanto quanto aparentava.

De qualquer forma, preciso dar a notícia de que estamos legalmente casados e quero fazer isso pessoalmente.

Terminando a ligação para Ali, ligo para o celular de Yasmin. Ela encaminha para o correio de voz, e eu cerro os dentes, respirando fundo para evitar que o aborrecimento sufoque todos os poros.

Ela também está me evitando; a teimosia obviamente corre forte na linhagem da família Karam. Não me importei muito, já que não preciso que ela faça nada além de exatamente o que tem feito, sentada em minha casa e enviando mensagem após mensagem sem resposta para o garoto nos últimos sete dias desde que nos casamos no tribunal.

Não tenho tido muito tempo para me importar com o silêncio dela porque mal estou em casa. A Sultans só pode funcionar por tanto tempo sem que eu me concentre no que é importante lá, e com Ian indo para o Egito, tenho estado até o pescoço em reuniões tanto dentro da Sultans quanto fora do expediente em um armazém vazio que possuo no nos arredores da cidade com os Romanos, o grupo italiano com sede em Nova York. Eles nos fornecem as armas que usamos para negociar acesso às minas em todo o mundo.

E é assim que esse negócio funciona. Tudo é uma negociação, e não há verdadeiro bem e mal. A separação é uma ilusão criada por aqueles de nós no poder para manter as massas afastadas e sentindo como se houvesse pessoas lutando pelo que é certo.

Mas a verdade é que uma mão sempre lava a outra, e eu sou a água que lava as duas.

Nos poucos momentos livres que tive, comecei a acessar sua série de mensagens de texto e registros de chamadas. Ela não fez nenhuma loucura, a não ser agir como uma garota desesperada ansiosa para reconquistar a atenção daquele rato de rua.

É surpreendente como *ele* a está ignorando, no entanto. Uma reviravolta do garoto ansioso que estava disposto a virar o mundo de cabeça para baixo para provar seu amor apenas algumas semanas atrás.

Mas tenho certeza de que, quando ele voltar para casa, ela o prenderá novamente.

Lembro-me de espreitá-los através da estreita fresta da porta da sala onde costumavam ter seu encontro secreto.

Soltando um suspiro, tento afastar a imagem de seu corpo nu, mas ela continua me arrastando para baixo e, como de costume hoje em dia, não consigo limpá-la da minha mente.

Frustrado, bato o telefone no receptor, meio forte apenas com o pensamento singular dela, minha mão correndo levemente sobre a protuberância crescente para moderar minha excitação.

Não funciona e, em vez de poder seguir em frente com o meu dia e limpá-la do meu cérebro, deixo que ela assuma totalmente o controle. Fechando meus olhos, minha palma esfrega contra minha ereção agora dolorosamente dura, imaginando-a debaixo da minha mesa, sua mão macia sendo a única a me provocar.

Ela imploraria pelo meu pau? Engasgaria com ele?

Gemendo, abro o zíper da minha calça e tiro meu pau latejante. Agarrando-o na base, eu lentamente rolo minha mão para cima e para baixo, meu coração disparado e meu estômago tenso de como é bom.

Imagino os lábios carnudos de Yasmin deslizando sobre a cabeça, sua língua sacudindo a fenda na minha ponta e aqueles olhos escuros perfeitos olhando para mim enquanto ela me suga.

Minha mão se move rapidamente, os dedos formigando de tanto que eu gostaria de poder agarrar punhados de seu cabelo e deslizar em sua boca em vez da má substituição da palma da minha mão.

Ela me levaria até o fim? Iria me deixar deslizar ao longo de sua língua e deslizar para o fundo de sua garganta?

Minhas bolas ficam tensas, calor acumulando na base da minha espinha, e eu bato mais rápido, meus quadris empurrando para cima em minha mão, desejando como o inferno que eu pudesse sentir a umidade de sua boca e ouvi-la engasgar no meu pau, o brilho do anel, provando ao mundo que ela é *minha*, brilhando na iluminação enquanto ela trabalha a base do meu pau em conjunto com os traços de seus lábios.

Esse último visual faz isso, e eu pego um lenço bem a tempo de pegar os jatos pesados de esperma que liberam no pano, minha visão pontilhada de estrelas.

Maldita.

Não consigo me lembrar da última vez que gozei com tanta força.

Soltando um suspiro, eu me enfio de volta em minhas calças, jogando o lenço na lixeira embaixo da minha mesa, e estendo a mão para puxar as raízes do meu cabelo.

Sacudindo a fraqueza momentânea, concentro meus pensamentos no que é importante, que é descobrir o que diabos Ali está fazendo.

Yasmin deveria ir comigo vê-lo. É a oportunidade perfeita para ela mostrar a Ali que estamos mais felizes do que nunca. Pego o telefone mais uma vez e ligo para ela. Ela encaminha para o correio de voz novamente. Aperto a rediscagem e finalmente ela atende.

— O quê? — Ela parece zangada.

— Prepare-se para sair. Estarei aí em trinta minutos e quero você na escada da frente esperando.

Ela suspira. — Onde estamos indo?

— Ver seu pai.

Eu desligo, sabendo que ela não vai perder a oportunidade, e saio do meu escritório, parando brevemente para olhar para Ciara enquanto ela digita em seu computador. Ela parece exausta e, se eu tivesse que adivinhar, diria que é pela carga de trabalho extra que ela assumiu desde que coloquei Ian na missão secundária de manter o menino ocupado. Ian não contratou Ciara para ser assistente, mas ela está fazendo um trabalho surpreendentemente bom e, embora eu não tenha mencionado nada, pretendo dar a ela um aumento quando ele voltar.

Ela olha para mim de seu computador.

— Remarque minha reunião com o departamento de relações públicas hoje. Algo aconteceu.

Ela acena com a cabeça, os lábios finos e os olhos baixos.

Levo quarenta minutos para voltar para minha casa depois de ficar parado no trânsito e, quando paro na entrada circular, Yasmin está sentada nos degraus da frente da casa, vestindo um moletom preto que se ajusta nos tornozelos e um moletom branco, inclinando-se de volta em seus cotovelos.

O Audi R8 ronrona quando paro na frente dela.

— Você está atrasado, — ela reclama enquanto desliza para o banco do passageiro.

Sento-me e fico olhando para ela, uma das minhas mãos no volante do carro e a outra descansando na minha coxa, meu olhar involuntariamente bebendo-a como água no deserto. Há algo em vê-la vestida assim, como se ela tivesse acabado de acordar de uma soneca e não tivesse ninguém para impressionar, isso faz meu peito apertar e meu pau estremecer.

— O quê? — Ela pergunta, com as sobrancelhas levantadas até a linha do cabelo.

Sou grato pelos óculos de sol que escondem meu olhar de sua vista. Não preciso que ela saiba o quanto ela me afeta. Não até eu descobrir como fazer o sentimento ir embora. Eu daria *qualquer coisa* para voltar antes de espionar ela e o garoto naquele quarto, porque antes daquela noite, ela sempre foi apenas a filha mimada de Ali. Muito jovem e muito chata até mesmo para estar no meu radar. Agora...

As coisas seriam muito mais fáceis para mim se eu não me sentisse repentinamente atraído por ela.

Eu estacionei o carro, inclinando-me sobre o console do meio, o lado do meu braço roçando seu peito. Ela suga uma respiração, batendo-se contra a parte de trás de seu assento. Meu rosto está quase diretamente na frente dela agora, e o cheiro de baunilha domina meus sentidos quando eu chego perto dela.

— O que você está fazendo? — Ela murmura.

Puxando o cinto de segurança, eu o arrasto pela frente de seu corpo, a parte de trás dos meus dedos roçando seus seios enquanto eu a prendo, então volto para o meu próprio assento, segurando o volante para não fazer nada completamente fora do personagem como agarrar seu rosto e enfiar minha língua em sua boca.

Ela limpa a garganta. — Obrigada.

Eu não respondo, meus dentes rangendo enquanto olho pelo para-brisa dianteiro e dirijo para as ruas.

— Nós realmente vamos ver meu pai?

Concordo com a cabeça, um fio de preocupação subindo pela minha espinha quando me lembro de quanto tempo se passou desde que eu falei com ele. — Você falou com ele?

Seu corpo cai contra a porta do passageiro, seus olhos vidrados enquanto ela olha pela janela. — Não, ele não atendeu o telefone. Mas falei com a enfermeira dele. Ela disse que ele tem dormido muito. E ela aumentou o analgésico para mantê-lo confortável, então ele está grogue.

Chegamos a um sinal vermelho e aproveito a oportunidade para olhar, incapaz de ignorar a melancolia sangrando em suas feições. Ela enche o carro e se enrola em mim, tentando me arrastar para suas profundezas, mas não deixo. A última coisa que preciso é mostrar fraqueza na frente do inimigo. E mesmo que ultimamente Yasmin não esteja com vontade, é o que ela ainda é. O inimigo.

A única pessoa que está no caminho do que eu mais quero.

Portanto, não importa que eu simpatize, nem um pouco, com sua tristeza pela perda do pai. Eu não vou *deixar* isso importar.

— Ele não gosta de me ter por perto quando se sente tão fraco, — ela deixa escapar.

Isso não me surpreende. Ali sempre foi um homem orgulhoso, certificando-se de apresentar apenas a melhor versão de si mesmo em todos os aspectos. É algo que sempre respeitei, reverenciei até. Algo em que moldei minha própria imagem com base em vê-lo fazer o mesmo.

Há uma sensação estranha dentro do meu peito, fazendo-me querer dizer algo para aliviar a dor em seu rosto, mas eu reprimo, permanecendo em silêncio até que

passamos pela segurança na entrada da propriedade e paramos no círculo da frente, a fonte berrante.

Eu jogo o carro no neutro e estou andando e abrindo a porta para oferecer-lhe a minha mão antes que ela possa desafivelar o cinto, e quando ela desliza a palma da mão na minha, permitindo-me puxá-la de seu assento, meu estômago revira.

Ela olha para mim por baixo de seus cílios, um brilho curioso passando por seus olhos brilhantes. E ela continua roubando olhares enquanto subimos os degraus da frente juntos, nossas mãos ainda entrelaçadas, meu polegar esfregando contra sua aliança de casamento.

— Faça um bom show e trarei o garoto de volta, — ofereço quando chegamos à porta.

Ela exala, olhando para mim com os olhos arregalados. — Você está mentindo.

— Eu não estou.

Ela emite um som, sua mão voando até sua boca para cobrir o barulho. — Então ele está bem?

— Por que ele não estaria? — Eu inclino minha cabeça.

— Ele está quieto, e eu apenas pensei... — Ela balança a cabeça. — Deixa para lá. Estou feliz que você não o machucou.

Eu brinco com a parte de baixo de seu anel, meu peito apertando com o olhar em seu rosto. Eu não gosto do jeito que ela está me fazendo sentir mal por ela, como se eu devesse me importar. Como se eu devesse tentar torná-la melhor.

É irritante sentir que preciso ser responsável pelas emoções de outra pessoa. Ainda estou tentando me libertar do aperto de minha mãe; a última coisa que preciso é adicionar outra pessoa à mistura.

Meu aperto em seus dedos aumenta. — Eu disse a você que seu tempo comigo não precisava ser miserável. Só há uma coisa que quero de você, que seja *minha* esposa em público. Eu não me importo se em particular, você se torna sua prostituta.

O olhar agradecido em seu rosto cai e ela afasta a mão, zombando. — Vá. *Se*.Foder

Então ela abre a porta e entra, seus passos fortes e furiosos enquanto marcha pelo corredor para encontrar seu pai.

CAPÍTULO 21

Yasmin



Julian e eu entramos pela entrada da frente e estou fervendo. De novo. Não sei por que tentei ter uma conversa civilizada com ele.

— Faça uma cara feliz, *gattina,* ou eu vou te dar algo para realmente chorar.

Eu olho para ele, desejando poder encontrar o objeto pontiagudo mais próximo e usá-lo para esfaqueá-lo.

— Eu sei o que fazer, — eu mordo.

— Certamente.

Com um sorriso largo, faço questão de mostrar todos os meus dentes.

— Melhor, — diz ele.

— É porque estou imaginando como seria matar você.

Ele sorri, sua mão chegando às minhas costas enquanto ele me empurra para frente e virando a esquina em direção ao quarto do meu pai.

Não vejo a babá de meu pai, Shaina, no corredor antes de me chocar contra ela, estendendo minhas mãos para me firmar e impedir que nós dois caiamos no chão.

— Deus, Yasmin, você me assustou, — ela ofega, pulando para trás e curvando seu corpo ágil para recuperar o fôlego.

— Sinto muito, Shaina. — Eu não posso deixar de rir, a adrenalina do momento acabando e me deixando louca.

Shaina se levanta novamente, sorrindo amplamente, gotas de suor escorrendo pelos lados de sua testa e fazendo sua pele brilhar.

— Você está bem? — Eu pergunto, inclinando minha cabeça, a preocupação tomando conta de mim.

Shaina acena com a cabeça, seus olhos passando rapidamente de mim para onde Julian está parado silenciosamente atrás de mim. — Eu estou bem. Seu pai caiu e não é o homem mais leve para se levantar. Tirou meu fôlego e me deu exercício, então não posso reclamar muito. — Meu coração aperta, e isso deve transparecer em meu rosto porque ela estende a mão e segura minha mão na dela. — Eu sei que é difícil de ouvir, querida. Mas é apenas a progressão natural das coisas. Melhor chegar a um acordo com isso do que continuar tentando...

Sua voz falha quando seu olhar se concentra no anel gigante sentado como um farol na minha mão esquerda, sua boca caindo em estado de choque.

Forço um pequeno sorriso, sentindo a estatura sempre imponente de Julian chegar ainda mais perto de minhas costas. — Ele quer companhia? — Eu pergunto,

tentando manter as coisas leves mesmo que internamente, eu esteja gritando para ela não comprar.

Para ela me ajudar.

Para *alguém* me salvar dessa bagunça.

Shaina acena com a cabeça lentamente, seus olhos subindo para encontrar os meus enquanto ela solta minha mão. — Tenho certeza que ele vai querer vê-la para algo assim. É um lindo anel.

Engulo a dor e permito que a raiva de Julian nem mesmo tenha permitido que meu pai estivesse presente quando me casei oficialmente para me preencher em seu lugar. Qual é o sentido de tentar induzi-lo a pensar que isso é real se fugimos sem ele? Isso tudo não é para convencer meu pai a dar tudo para Julian de qualquer maneira? Não entendo como irritá-lo e excluí-lo pode ajudar nisso.

Embora eu *esperasse* que ele ficasse muito mais chateado com o fato de Julian e eu estarmos juntos, em vez disso, ele me surpreendeu com palavras calmas e sábias. Então talvez eu não conheça essa nova versão do meu pai tão bem quanto gostaria de pensar.

— Onde ele está? — Julian pergunta.

Shaina nem sequer olha para ele, mantendo seu olhar fixo em mim antes de olhar para trás e depois para trás. — Ele está descansando em seu quarto.

Assentindo, passo minha mão pelo braço dela e a trago para um abraço.

— Obrigada por fazer tudo o que você faz. Eu sei que não deve ser fácil.

— Por favor, — ela responde, me afastando e dando tapinhas nas minhas costas. — É para isso que estou aqui.

Ela me solta e sorrimos uma para a outra.

— Vamos vamos, *gattina*. Nós não temos o dia todo, — Julian diz atrás de mim.

Respiro fundo, fechando os olhos enquanto tento manter a calma, porque se eu me deixar irritar por ele logo antes de irmos ver meu pai, posso *acabar* matando-o. E isso parece contra-intuitivo para provar que estamos apaixonados.

Descendo o corredor, chego primeiro ao quarto do meu pai, bato na porta e ouço um leve — Entre.

Minha mão treme um pouco quando giro a maçaneta, porque é uma sensação avassaladora dizer ao homem que sempre tive medo de decepcionar que me casei com alguém sem ele por perto.

Eu passei por todo esse trabalho para tentar evitar aborrecê-lo, mas aqui estou fechando o círculo, prestes a desapontá-lo de qualquer maneira.

Seus olhos se iluminam quando eu entro na sala, e eu forço o sorriso a ficar em meu rosto, mesmo quando minhas entranhas queimam de dor quando eu o recebo. Ele perdeu muito peso, mesmo que tenha se passado apenas uma semana e meia desde que o vi. Seu rosto é magro, e se não fosse por sua barba, que está crescendo bem apesar de seu corpo desistir de lutar, ele pareceria quase esquelético.

Há um cheiro de Vicks VapoRub no ar, o cheiro de mentol batendo no meu nariz e fazendo meus olhos lacrimejarem, e seu olhar está encoberto por ele estar dopado com analgésicos para evitar que ele sinta o pior do câncer de pulmão que está destruindo seu corpo.

— Yasmin, — ele sussurra.

— Ei, meu velho, — Julian diz atrás de mim, pegando uma cadeira da pequena mesa redonda no canto da sala. Ele o arrasta para o lado da cama e espero que ele

se sente, mas ele me surpreende, movendo-se para mim e colocando a mão na parte inferior das minhas costas, conduzindo-me para o assento e ajudando-me a sentar.

— Me evitando? — Julian dirige a meu pai enquanto me acomodo na cadeira.

A mandíbula de meu pai endurece um pouco, mas então ele solta um suspiro profundo e balança a cabeça. — Só estou me sentindo um pouco indisposto. Achei que você tinha tudo sob controle.

Julian acena com a cabeça enquanto puxa a outra cadeira ao meu lado, sentando-se e cruzando a perna sobre o joelho oposto. — Você sabe que eu tenho. Ainda assim, gostaria de atualizá-lo sobre algumas coisas.

Meu pai suspira, esfregando a testa como se uma dor de cabeça estivesse se formando. — Yasmin, nos dê alguns minutos.

Eu me movo para ficar de pé, embora tudo em mim queira ficar, mesmo que seja apenas para ser uma espectadora silenciosa observando-os falar sobre trabalho. Cada segundo que posso passar na presença do meu pai quero agarrar avidamente como um tesouro, porque não sei quantos segundos nos restam.

As mãos quentes de Julian descem em cima da minha coxa, enviando um calor que se espalha pela minha perna e pelo meu abdômen. Minha respiração falha com a sensação.

— Senta.

É uma palavra, mas o comando nela é inconfundível.

Os olhos do meu pai endurecem. — Se você está aqui para falar de negócios, ela não precisa de nada. Ela é minha filha, não uma parceira de negócios.

Suas palavras ferem, da mesma forma que sempre fazem, e eu quero perguntar a ele por que ele está se preocupando em me deixar tudo se ele é tão contra eu fazer parte disso, mas eu mordo minha língua em vez disso, sacudindo com a picada afiada da dor.

Julian acena com a cabeça, passando as mãos no peito de seu terno preto perfeitamente ajustado antes de encontrar o olhar de meu pai de frente. — E agora ela é minha esposa. O que significa que ela é *minha* parceira.

O rosto de meu pai começa a mudar, a raiva se tornando tão prevalente em suas feições que posso praticamente ver o vapor saindo de suas orelhas. — *Esposa?*

— Eu sei que você deve estar chateado, — continua Julian. — E não é justo que eu a tenha tirado debaixo do seu nariz. Desprezível, realmente. Mas o que está feito está feito. — Ele se inclina para a frente. — Pelo menos eu esperei até que você aprovasse o casamento antes de fazermos qualquer coisa, Senhor. Mas honestamente, você pode me culpar? Sua filha...

Ele olha para mim com um olhar tão genuíno de adoração que meu coração pula.

Droga, ele é bom.

Idiota.

— Sua filha é *tudo*. Certamente você se lembra de estar apaixonado.

Não consigo evitar o pequeno bufo que me escapa quando penso em Julian Faraci realmente se apaixonando.

Seus olhos se movem de volta para o meu pai, e eu sigo o olhar, mastigando o interior do meu lábio até arder. Espero uma luta. Afinal, meu *baba* não é o tipo de homem que cai sem uma, e sua autoridade é lei. O fato de Julian estar

descaradamente desconsiderando-o e tomando o poder para si com tanta facilidade é quase inspirador de assistir. Se não for absolutamente aterrorizante.

Porque se ele pode ir contra meu pai, quem iria *contra* ele? *Preciso falar com Riya.*

— Não há como voltar atrás, então, por favor, Ali, fique feliz por ela ser minha. — Ele se inclina para a frente.

Meu pai suspira, seu olhar se move de Julian para mim, seu olhar como pedra.

— Yasmin, — ele começa, sua voz afiada. — Como você pôde...

— Não, — Julian interrompe.

O silêncio que cobre o ar é denso, e eu prendo a respiração, com medo de que, se eu me mexer, isso perfure a tensão até que ela detone como uma bomba.

— Você *não vai* descontar nela, — Julian continua. — Essa foi minha decisão. A única coisa que ela fez de errado foi amar um homem que ela não deveria amar e ceder a seus modos egoístas e exigentes.

Minha garganta incha enquanto ouço Julian falar, gratidão, por mais deslocada e indesejável que seja, surgindo em minhas veias e aquecendo meu coração. Nunca tive ninguém me defendendo antes, e mesmo que não seja real, mesmo que ele tenha me forçado e esteja me chantageando, há uma sensação distorcida de felicidade por ele se recusar a me deixar levar a responsabilidade. Ele está protegendo meu relacionamento com meu pai o máximo que pode, mesmo sendo ele a causa de todos os conflitos.

Eu o odeio um pouco menos neste momento, e isso me deixa doente.

Ouço um grunhido vindo da cama, e mantenho meu olhar fixo no meu colo, não querendo olhar para cima e ver a rejeição no rosto de meu pai. Mas ele me surpreende quando diz: — Não tenho energia para ficar com raiva.

Minha cabeça se levanta, alívio derramando através de mim quando não vejo nada além de aceitação em seus olhos.

A mão de Julian ainda está na minha perna e seus dedos apertam minha coxa. Eu me abaixo, deslizando minha mão sob a dele e mostrando solidariedade. Ele me protegeu do seu jeito esquisito, embora eu não tenha certeza do motivo, então vou desempenhar meu papel com perfeição, do jeito que sei que ele quer.

— Ainda podemos planejar um casamento, — eu interrompo. — Eu quero que você me leve até o altar.

Meu pai abre a boca para falar, mas, em vez disso, uma tosse áspera surge em seu lugar, e o som faz minhas entranhas pularem e meus dedos apertarem um pouco mais os de Julian.

A tosse está mais forte agora do que nunca, e me sinto inútil, incapaz de fazer qualquer coisa, exceto sentar ao lado dele e vê-lo sofrer com a dor.

Meu próprio peito parece que está se dividindo em dois quanto mais meu pai luta para recuperar a compostura, e só quando ele o faz é que percebo que minha outra mão agarrou o pulso de Julian, trazendo seu antebraço inteiro para descansar em meu colo enquanto meu os dedos o seguram com tanta força que empalidecem sua pele. Seu polegar está esfregando círculos suaves na palma da minha mão, e mesmo que seja doentio e errado e tudo o que eu deveria ser contra, eu não me afasto do conforto que ele está fornecendo. Isso me faz sentir um pouco menos, e agora, sentada ao lado da cama do meu *baba* enquanto seu corpo desmorona diante dos meus olhos, eu daria qualquer coisa para não sentir.

Meu pai se recupera, enxugando os olhos e pegando o copo d'água na mesa de cabeceira. Eu pulo para pegá-lo para ele, mas ele me para no meio do caminho com um olhar penetrante.

— Estou *bem*, Yasmin. Deixa.

Meu coração para. — Eu... claro. Desculpe.

Ele suspira, recostando-se nos travesseiros e esfregando os olhos. — Estou cansado, e se você mantiver sua *esposa* no quarto, não poderei falar. Ela não precisa se envolver no negócio, Julian.

Julian fica quieto por um momento antes de se inclinar e pressionar seus lábios contra minha testa.

Estou tão emocionada com tudo o que aconteceu que não conseguiria falar se tentasse.

— Vou demorar apenas um momento. Fique por perto para poder voltar e se despedir.

Engolindo o nó na minha garganta, eu aceno. E então, antes que eu possa respirar novamente, seus lábios estão nos meus.

É rápido e casto e não deve ser nada além de um show.

Mas isso joga todo o meu mundo fora de seu eixo de qualquer maneira.

CAPÍTULO 22

Julian



Eu deveria estar no escritório, fazendo meu trabalho de administrar um conglomerado de diamantes multibilionário, algo que não tenho feito o suficiente desde que Yasmin assumiu o centro da minha vida.

Estamos perto de lançar duas novas linhas de joias, uma para o Natal e outra para o Dia dos Namorados, e como Ian não está no escritório respondendo às perguntas incessantes e aprovando em meu nome coisas que não tenho tempo para focar, há montes de e-mails e reuniões se acumulando enquanto eu os ignoro para ficar com ela.

Veja agora, por exemplo, quando mal passa das cinco da tarde e estou sentado na sala da minha família, meu corpo aquecido pelo crepitar da lareira, enquanto a vejo se embebedar com meu caro uísque.

— O que você está olhando? — Ela semicerra os olhos para mim, tomando outro gole.

Eu relaxo na cadeira enorme, trazendo meu próprio copo até a boca. — Você.

— Sim, — ela suspira, jogando-se de volta no sofá. — Você faz muito isso.

— O quê? — Eu pergunto. — Olhar para você?

— Mm-hmm. — Ela fecha os olhos, apoiando a cabeça nas almofadas. — Você nunca usou, não quando eu teria me importado de qualquer maneira. Mas agora é como... eu posso sentir você olhando e tudo que eu quero é que você desapareça.

Franzo a testa, embora não saiba ao certo por que as palavras dela me incomodam.

Seu olhar se abre, seu rosto se virando para mim.

— Tão sério, — ela zomba. — Sabe, *Baba* costumava dizer que se você franzisse demais a testa, seu rosto ficaria preso dessa maneira.

— Fascinante, — eu digo lentamente, tomando um gole de uísque e me deleitando com a queimação que desce pela minha garganta e se instala no meu peito.

— Posso ver que você é uma criança mal-humorada, não vou mentir, — ela reflete. — Tem alguma foto para dissipar minha teoria?

— Chega, — eu retruco, não querendo falar sobre minha infância.

Ela estica o lábio inferior, zombando e revirando os olhos. É uma coisa imatura de se fazer, e minha mão formiga, imaginando como seria bater na bunda dela e fazê-la se desculpar pelo desrespeito. Em vez disso, tomo outro gole, tentando me livrar da sensação.

Ela fica em silêncio depois disso porque eu definitivamente estraguei o momento, e estou prestes a deixá-la continuar bebendo sozinha quando ela fala, sua voz mais baixa do que antes.

— Como você se lembra então? — Ela pergunta.

— Lembrar o quê?

— Você sabe... — Ela acena com o braço ao redor. — Todas as coisas boas.

Eu esvazio o resto do meu copo e o coloco na mesinha ao meu lado. — Prefiro esquecer.

Suas sobrancelhas franzem e ela inclina a cabeça, um brilho curioso passando por seus olhos. A profundidade de seu olhar me deixa desconfortável, como se ela estivesse descascando camadas que eu não queria expor e tentando encontrar o garotinho quebrado que está enterrado por baixo.

Ela não vai encontrá-lo lá. Ele desapareceu com o pedaço de merda do meu pai.

— Adoro tirar fotos, mas não faço isso de verdade há anos, — diz ela, distraída.

— Eu vi você com sua câmera várias vezes, — observo.

— Sim, mas não é a mesma coisa.

— Uma foto é uma foto.

Suas mãos batem no sofá e ela zomba. — E um diamante é apenas um diamante, certo?

Eu inclino minha bebida para ela. — *Touché*.

Ela passa a ponta do dedo no fundo da boca, e meu estômago dá um pulo, imaginando qual será o gosto de seus lábios com uísque em seu hálito.

— Quer saber de uma coisa? — Ela pergunta, com um brilho brincalhão em seus olhos.

Suspiro, fingindo estar aborrecido, embora não esteja. — Eu suponho que você vai me dizer de qualquer maneira.

— Fiz cursos de fotografia na faculdade. — Ela tapa a boca com as mãos como se não quisesse me contar.

— Uau, — eu digo lentamente. — Você é tão rebelde.

Ela passa a mão pelo cabelo, alcançando a mesa e pegando sua bebida antes de engolir o resto e colocar o copo de volta na mesa. — Sim, bem, meu pai não sabe. Mas tipo... quando digo a você que nunca experimentei a verdadeira alegria com *nada* do jeito que sentia quando estava em uma câmara escura desenvolvendo meu próprio filme? — Ela balança a cabeça. — Quero dizer. Agora, tudo é instantâneo. — Ela estala os dedos. — Digital. Mas quando eu estava sozinha em uma sala sem luz, observando as memórias que capturei se formando diante dos meus olhos... — Ela balança a cabeça. — Essa é a única vez que minha mente pararia de me atormentar com pensamentos incontroláveis.

Meu peito aperta enquanto observo o desejo espreitar em seu rosto. Eu nem sabia que ela estava seriamente interessada em fotografia. Eu sempre presumi que ela estava ocupada gastando o dinheiro de Ali e se divertindo pela cidade em um hobby instantâneo com o qual ela realmente não se importava.

Mas não é essa mulher na minha frente, e agora estou me perguntando se a versão dela na minha cabeça realmente existiu.

— Isso é o que você ama sobre isso? O silêncio? — Eu pergunto, de repente desesperado para saber mais sobre ela.

Ela sorri suavemente. — Adoro capturar memórias. Emoção que geralmente é passageira sendo congelada para sempre no tempo. A sabedoria no olhar de quem viveu uma vida plena. O olhar de alguém quando percebe que está apaixonado. A alegria no rosto deles quando estão rindo de uma piada. As fotografias nos ajudam a lembrar de coisas que de outra forma esqueceríamos. — Seu sorriso desaparece. — Tenho tentado tirar um pouco do meu pai enquanto posso, mas tenho que esgueirar quando ele não está olhando. Se ele soubesse, acho que nem me deixaria *tirar* uma foto para capturar seus últimos momentos.

Sua voz falha na última palavra, e uma pontada indesejada de simpatia me atinge no peito.

Ela me lança um olhar aguçado, os olhos brilhantes do uísque e das lágrimas não derramadas. — Eu acho que ele é como você e prefere simplesmente esquecer.

Inclinando-se para a frente, ela pega a garrafa de licor da mesa de centro, enche o copo e toma um grande gole.

— Seu pai ama você, — eu digo. — Ele é apenas um homem orgulhoso. Vocês dois realmente não são tão diferentes. Ambos teimosos. Cabeça de porco. Exagerados. — Faço uma pausa, não tenho certeza de como ela vai receber o que estou dizendo, mas querendo irritá-la de qualquer maneira. Lidar com sua ira é melhor do que lidar com sua realidade, e estou desconfortável com o quanto gostei de ouvir sobre sua paixão. — Mas você gosta mais de agradar as pessoas do que ele, — acrescento. — Deve ter herdado isso da sua mãe.

Espero que ela revide com um comentário espertinho, que vai me fazer querer matá-la ou curvá-la e fodê-la, mas ela apenas balança a cabeça, trazendo o copo até os lábios novamente.

— Não saberia. Nunca a conheci.

— Sim, bem, considere-se com sorte, — eu respondo. — Mães não são tudo o que dizem ser.

Ela inclina a cabeça. — Não consigo imaginar sua mãe. Conte-me sobre ela.

Eu sorrio. — Você pode conhecê-la se quiser.

— Ok.

Rindo, eu me levanto, minha cabeça girando por causa do álcool.

Merda. Acho que me afetou mais do que eu pensava inicialmente, e se estou sentindo os efeitos, ela deve estar arrasada. Movendo-me para o sofá, sento-me ao lado dela, meus dedos roçando os dela enquanto puxo o copo de uísque de sua mão e o coloco sobre a mesa.

A energia na sala muda, o calor zumbindo entre nós, disparando contra o lado da minha coxa enquanto ela descansa a centímetros da dela.

Meu estômago aperta e eu engulo enquanto olho para o rosto dela.

Porra, ela é linda.

Lentamente, estendo a mão e arrasto meus dedos por sua bochecha até que estou segurando seu queixo. — Quantas vezes eu tenho que dizer para você ter cuidado com o que deseja?

Sua língua espreita, passando por seu lábio inferior, *tão* perto de onde meu polegar descansa logo abaixo do beicinho de sua boca. Engulo em seco, meu estômago se contorce enquanto eu seguro seu olhar, essa estranha tensão se espalhando como uma corda prestes a se romper.

Mentalmente, examino cada motivo pelo qual devo deixar ir embora.

Ela é tão jovem.

Estou planejando matá-la.

Ela não é realmente minha.

Eu nem *quero* que ela seja.

Mas há algo mais forte assumindo o controle, e é isso que eu escuto. Talvez mais tarde eu culpe a bebida, mas por enquanto estou me divertindo com o momento.

Sua boca perfeita se abre e meu polegar traça ao longo de suas bordas, meu olhar caindo para o volume de seus seios enquanto sua respiração fica pesada.

— Você está jogando um jogo perigoso, deixando-me tocá-la assim.

Seus olhos brilham e ela se inclina, descansando o peso de seu rosto contra a minha mão. — Talvez eu goste de um pouco de perigo.

Essas palavras são minha ruína e eu me desfaço, inclinando-me para frente e roçando meus lábios nos dela. Ela geme contra a minha boca, e nossas línguas se encontram, emaranhadas, sugando e mordendo. É confuso e febril, e sinto que não consigo chegar perto o suficiente.

Minhas mãos se estendem e envolvem sua cintura, arrastando-a para mim até que ela esteja escarranchada em meu colo, o calor de sua boceta se acomodando em cima do meu pau e fazendo-o pulsar com a necessidade de estar dentro dela. Minha mão ainda está segurando sua bochecha e pressiono com mais força, embalando seu rosto enquanto a beijo pra caralho, perdido no que quer que seja essa coisa que ela está me fazendo sentir.

Suas palmas deslizam pelos meus ombros e ao redor do meu pescoço até que ela está enfiando os dedos pelo cabelo na minha nuca, e arrepios brotam no comprimento dos meus braços. É emocionante ter alguém me tocando e não odiar a sensação.

Eu nunca experimentei isso antes. Nunca deixe isso acontecer.

De repente, estou desesperado para senti-la gozar. Não é um desejo, é uma *necessidade* de saber como é ter o rosto dela corado de prazer por minha causa, e não apenas porque estou assistindo.

Minha mão livre desliza por seu torso, levantando sua camisa e deslizando por baixo da bainha antes de voltar para cima, acariciando sua pele macia enquanto agarro seu quadril e começo a movê-la para frente e para trás sobre mim. Ela geme de novo, e eu chupo para baixo como água, saboreando os ruídos desenfreados que ela faz enquanto esfrega sua boceta ao longo do comprimento do meu pau.

Eu afasto meus lábios, meu aperto movendo-se de sua bochecha até patinar de volta para os cachos de seu cabelo, puxando até que ela se curve para trás, seu pescoço exposto.

Ela inala profundamente, e meus dedos flexionam em seu cabelo, inclinando sua cabeça para o lado e inclinando-se para arrastar meus lábios em sua garganta. — *Foda-se*, você está me deixando louco. — Ela está se movendo sozinha agora, girando seus quadris em um ritmo lento e constante, e eu empurro meus quadris contra os dela, deixando-a sentir cada centímetro do meu pau enquanto ele pressiona meu zíper. — Você sente o que faz comigo?

Sua boca se abre, e ela se inclina mais de seu peso corporal em minha mão.

— Responda-me, — eu exijo, meu aperto em seu quadril apertando.

— Sim, — ela respira.

— Você me deixa tão fodidamente duro.

Minha língua desliza para fora na junção entre seu pescoço e sua clavícula, e eu gemo com o gosto dela.

— Você gosta disso, não é? Saber que você me leva ao ponto da loucura, — eu continuo, movendo a mão que está em seu quadril até deslizar por cima de seu moletom, mergulhando meus dedos sob o tecido. — Eu não posso trabalhar. Eu não posso comer. Não consigo pensar em *nada* além de abri-la e deslizar entre suas coxas perfeitas para que eu possa preenchê-la.

O pré-sêmen vaza do meu pau com a imagem que estou pintando, e eu mordo o interior da minha bochecha para mantê-lo unido. Para não arrancar a roupa dela e jogá-la no chão, afundando dentro dela até ela gritar.

— Você deveria me dizer para parar, — eu murmuro, meus dedos mergulhando ainda mais sob o tecido de suas calças.

— Pare, — ela sussurra de volta. Mas suas mãos seguram meu cabelo com mais força, torcendo as mechas até arder.

Eu movo meu rosto para cima e minha mão de seu cabelo até que estou mais uma vez segurando seu queixo. — Se eu *não* parar, você ainda vai me odiar pela manhã?

Seus movimentos param completamente e ela se afasta até que estejamos presos em um olhar pesado. Meu pau pulsa contra ela, tão perto de gozar apenas por ela esfregar sua doce boceta no meu colo, e minhas mãos, uma em seu rosto e outra no meio de suas calças, se contraem com o desejo de fazê-la terminar o trabalho.

Seu olhar se fecha e ela lambe o lábio inferior. — Provavelmente.

Concordo com a cabeça, descansando minha testa contra a dela por um segundo.

Dois.

Três.

E então cerro os dentes e me afasto, largando-a e saindo correndo do quarto.

Vou direto para o recinto de Isabella, verificando se ela está bem. A presença de Yasmin me impediu de cuidar tanto dela, e quero ter certeza de que ela não está sozinha. Eu não a vejo no recinto, então ela deve estar dormindo ou se escondendo, então vou para o meu quarto em vez disso e, em seguida, volto para o banheiro, jogando o chuveiro no frio e pulando sob o jato forte, esperando que a água vá embora tempere o fogo que está ardendo em meu corpo, implorando para que eu volte e reivindique o que é meu.

É *o meu* anel que ela está usando.

É o *meu* sobrenome que ela tem.

Eu fecho meu punho e o esmago no azulejo, a dor me prendendo o suficiente para me lembrar do que eu realmente quero.

E não é ela.

Não importa o quanto pareça que é.

CAPÍTULO 23

Yasmin



Minha língua está presa no céu da boca.

Essa é a primeira coisa que noto.

Então, lentamente, o latejar forte e dolorido da minha cabeça começa a me acordar. Pulsações, batidas, fortes pontadas de dor que me fazem sentir como se alguém tivesse me batido com uma pedra gigante e depois me atropelado com um pneu de trator para garantir.

Gemendo, fecho meus olhos com mais força, não querendo abri-los. Se eu os abrir, a vertigem pode ter uma chance de se instalar antes mesmo de eu me levantar, fazendo meu mundo girar e minha visão embaçar até eu vomitar.

Oh cara.

Os cantos de trás da minha boca ficam azedos, como se eu tivesse chupado uma ogiva sem o sabor doce, meu estômago revirando violentamente, embora eu esteja me certificando de ficar o mais imóvel possível na minha cama.

Os lençóis estão enrolados em volta das minhas pernas, e eu tento soltá-los lentamente, meus músculos tensos e relaxados enquanto eu cuidadosamente movo meu corpo e tento avaliar o quão incrível eu devo estar de ressaca.

Quanto eu bebi ontem?

Finalmente, tenho coragem de abrir minhas pálpebras, rolando para o lado e me ajustando à luz forte da manhã. Raios de sol se espalham pelo quarto e pequenos caleidoscópios de cores refletem em um copo d'água ao lado da minha cama.

Eu franzo minhas sobrancelhas e imediatamente me arrependo da decisão quando isso torna a dor na minha cabeça ainda pior.

Mas não me lembro de trazer um copo de água.

Engolindo minha boca de algodão, eu empurro a náusea e a sensação geral de ter morrido e estendo a mão para pegar o copo, a necessidade de uma bebida substituindo o medo de me mover.

Tomo um pequeno gole, meu corpo chorando de alívio quando atinge minha língua.

E é por isso que não bebo além de uma taça de vinho ou champanhe em ambientes sociais.

Literalmente *nunca* vale a pena na manhã seguinte.

Sou um peso leve e, pior ainda, não houve uma única vez em toda a minha vida em que não tivesse uma ressaca triste. Eu penso demais em um dia normal, mas

acrescente os episódios depressivos após o consumo excessivo de álcool e vou me convencer de que nunca mais devo sair em público, simplesmente por ruminar todas as palavras e conversas que posso ou não ter.

Arrependimento corre em minhas veias, e eu procuro meu telefone, meus olhos prendendo em um pedaço de papel em vez disso. Há uma nota ao lado do analgésico, e eu pego os dois, tomando sem pensar duas vezes.

Revejo tudo o que aconteceu ontem à noite, cambaleando enquanto tento me lembrar de cada palavra que eu disse desde que voltamos da casa do meu pai e invadi o armário de bebidas na casa de Julian.

Gemendo, minhas mãos voam para o meu rosto, minhas unhas cavando em minha testa como se tentasse afastar a dor, o embaraço restante de tudo o que aconteceu ontem à noite me fazendo querer murchar até que eu não seja nada.

Ele deve pensar que sou a garota mais estúpida do planeta. E isso é provavelmente porque eu *sou*. Quem mais se encontraria no inferno e se sentiria em casa com seu captor por excelência? Ainda pior do que isso, eu me senti confortável. Como se eu pertencesse. Como se eu pudesse ficar sentada lá para sempre, bebendo o caro uísque de Julian e observando-o forçar uma carranca para não quebrar o caráter e sorrir, e eu nunca mais poderia me importar com mais nada.

Mas era só o álcool falando, e as coisas sempre parecem um pouco diferentes à luz do dia.

Pego o bilhete, esfregando o sono dos olhos para clarear a visão. A náusea piora antes mesmo de eu ler as palavras, porque sei *que* é dele.

Tome os comprimidos. Beba a água. Tome um banho.

- *J*

Revirando os olhos, coloco o bilhete de volta na mesa. *Tão mandão*. Como se eu não tivesse feito todas essas coisas de qualquer maneira. Flashes da noite passada filtram-se lentamente em meu cérebro e, embora eu provavelmente devesse estar pensando em quão perto ele chegou de cruzar uma linha que absolutamente nunca deveríamos cruzar, em vez disso, não consigo parar de pensar em como ele disse que me apresentaria a sua mãe.

Não posso mentir e dizer que não estou intrigada com a ideia de conhecê-la. Para ser honesta, eu meio que me convenci de que ele era uma estranha anomalia, apenas aparecendo na terra como um idiota furioso desde o nascimento, sem pais para lhe dar amor. Tento imaginar como foi a infância dele, já que ele era muito discreto sobre a coisa toda, mas simplesmente não consigo imaginá-lo como um garotinho despreocupado com a inocência pulsando em suas veias e risadinhas saindo de seus lábios.

Apesar de tudo, um fio de excitação cresce dentro de mim. Sei que nunca mais terei coragem de perguntar sobre a família dele, não agora que jurei para sempre não beber, então espero que ele tenha falado sério ontem à noite.

Honestamente, é o mínimo que ele pode fazer depois de me forçar a ser sua esposa e depois fugir sem me deixar gozar.

Pego meu telefone, desbloqueio a tela, a esperança inflando como um balão quando vejo uma nova notificação, pensando que talvez seja Riya com mais boas notícias.

Em seguida, o flash de culpa bate porque é a primeira vez que eu *não* queria que fosse Aidan.

Realmente não importa, eu acho, porque não há nada dele de qualquer maneira.

De novo.

As rachaduras em meu coração se quebram um pouco mais com a perda dele em minha vida. Independentemente do fato de ter feito coisas com Julian que não posso retirar, ainda amo Aidan e ainda quero encontrar alguém que me liberte das garras de Julian e me deixe viver minha vida com Aidan.

Eu mudo para a mensagem não aberta.

RIYA

Ainda vamos almoçar na semana que vem no domingo de manhã?

Tenho algumas novidades, não quero compartilhar por telefone.

YASMIN

Sim, se eu conseguir convencer meu mestre a me libertar.

Eu sorrio com a piada sombria, tentando encontrar algum humor nesta situação fodida, mas tudo o que realmente faz é me sentir pior.

Jogando meu telefone de volta na mesa de cabeceira, ignoro a náusea que está provocando minha garganta, desejando como o inferno que o analgésico fosse instantâneo. Todas as invenções do mundo, e ainda assim temos que esperar de vinte a trinta minutos para nos livrarmos de uma dor de cabeça. Arrastando-me para fora da cama, eu vagueio até o banheiro da suíte, alcançando o grande chuveiro de pedra e pondo a água na configuração mais quente. Então ando até a pia dupla, olhando para o desastre de uma garota no reflexo do espelho.

Se recomponha, Yasmin. Você é mais do que sua circunstância atual.

Eu me movo o mais devagar possível enquanto tiro minhas roupas, o vapor do chuveiro enchendo o banheiro, tornando-o úmido e quente. Minhas mãos agarram a borda da pia e eu me inclino, descansando minha testa contra o balcão de quartzo branco e frio, aproveitando a sensação contra minha pele pegajosa. Eu expiro e levanto minha cabeça, encarando meu reflexo novamente enquanto ele distorce e desaparece atrás do vapor de água quente, o espelho embaçando completamente.

Empurrando-me para fora da pia, ando pelo chão frio de ladrilhos e, em seguida, entro no chuveiro, aproveitando os vários bicos que borrifam a água de todos os ângulos, além daquele diretamente acima da minha cabeça que chove como uma tempestade.

Cedo à sensação da água forte, encostada na parede e curvando a cabeça até meu cabelo ficar encharcado, linhas de líquido escorrendo pelo lado do meu rosto para se acumular no chão do chuveiro. Provavelmente vou me arrepender disso

mais tarde, quando meu cabelo estiver uma bagunça crespa, mas agora é tão bom que estou achando difícil de ignorar.

Não tenho certeza de quanto tempo fico ali, esperando que a água lave a sujeira e me limpe por dentro e por fora, mas, eventualmente, começo a me sentir quase normal e me viro, encostando as costas na parede.

Minha mão passa pela minha clavícula, fazendo cócegas na pele. Eu continuo o movimento, para frente e para trás, lentamente sentindo meu corpo ganhar vida sob meu próprio toque, meus mamilos endurecendo mesmo sob a água quente. Eu movo meus dedos para baixo, arrastando minhas mãos ao longo da parte superior do meu peito até que eu seguro meus dois seios, rolando meus mamilos entre meus polegares e indicadores, apreciando a maneira como as picadas de prazer são provocadas pelo meu toque.

Semelhante à última vez que me toquei no chuveiro, fecho os olhos e encosto a cabeça na parede, imaginando Aidan na minha frente, que *suas* mãos estão me tocando suavemente. Ele é a única pessoa além de Julian, e eu me recuso a imaginar o homem que eu deveria odiar.

Eu mordo meu lábio inferior enquanto continuo trabalhando meu caminho para baixo, escovando minha mão na extensão do meu estômago, sentindo a pele enrugar com arrepios. O topo dos ossos do meu quadril é o próximo, e se eu tentar o suficiente, posso ver a maneira como Aidan se inclinaria, pressionando um beijo desleixado em meu corpo enquanto sussurrava palavras doces em minha pele. Eu suspiro de felicidade, me perdendo na fantasia enquanto passo meus dedos sobre minha boceta.

No segundo que escovo meu clitóris, a imagem se transforma, outro par de olhos piscando na minha cabeça. É breve e depois desaparece, mas envia uma onda

de calor atravessando meu meio como se estivesse me cortando ao meio. Minhas costas arqueiam para fora da parede de pedra e deixo escapar um pequeno suspiro.

Eu não sei o que diabos foi isso, mas me senti bem, então eu faço isso de novo, aplicando mais pressão na segunda vez. Meu abdômen se contrai e, na minha cabeça, as mãos macias de Aidan se transformam em dedos ásperos e tatuados.

Não.

Afastando a imagem, tento forçar Aidan de volta ao meu cérebro, mas meu corpo está carente e minha mente está se rebelando, e no segundo em que agarro meu peito com a mão esquerda e deslizo a mão direita pela umidade acumulada entre minhas pernas, Aidan desaparece completamente e seus olhos escuros, quase pretos, me encaram enquanto ele se ajoelha no chão do chuveiro.

Um pequeno gemido involuntariamente escapa de mim, meu clitóris se incha sob meu toque quando começo a mover meus dedos para frente e para trás sobre a área sensível, a excitação enrolando em torno da base da minha espinha e se espalhando como uma névoa.

Eu me entrego à fantasia.

Algo afiado e inebriante atravessa meu meio, meus nervos à flor da pele a cada toque. Lembro-me da sensação de ter as mãos de Julian em mim e seu pau duro pressionando contra o meu centro enquanto eu me apertava contra ele e ouvia suas palavras sujas contra a minha pele. E então surge outra memória do olhar aquecido no olhar de Julian quando ele estava me observando através de uma fresta na porta, seus olhos como fogo enquanto minha boceta era lambida por outro homem.

Minha mão dispara e puxa um chuveiro móvel, trazendo-o para baixo até que a água bata contra meu clitóris, e minha respiração sai de mim enquanto minha boceta tem espasmos com a pressão.

Deus, isso é bom.

Eu giro meus quadris, esfregando contra o bocal, os pulsos rítmicos da água fazendo o calor se espalhar pelo meu corpo como um incêndio. Na minha cabeça, Julian não está mais parado na porta. Em vez disso, ele está entrando no quarto com aquela arrogância confiante que ele sempre teve, e está parado ao meu lado naquela pequena cama de solteiro, estendendo a mão e apalpando meu peito como se fosse seu direito.

Eu imito o movimento com minha própria mão, rolando o mamilo entre meus dedos, minha outra mão movendo o chuveiro para frente e para trás, a forte pressão da água provocando meus nervos sensíveis.

Julian se inclina, seus olhos fixos nos meus e sua outra mão acariciando o lado do meu rosto, do jeito que ele sempre faz.

Prazer desliza ao longo da minha espinha e meus músculos ficam tensos.

— *Venha para mim, gattina,* — ele fala com voz rouca.

E eu faço, meu corpo explodindo, onda após onda de euforia se espalhando por cada parte de mim enquanto gozo mais forte do que nunca, minhas pernas tremendo em torno do metal do bico do chuveiro.

Lentamente, minha alma volta ao meu corpo e, ao fazer, o arrependimento começa a se enrolar em meu pescoço e apertar, o desgosto me atingindo com força total no estômago.

Acabei de pensar em meu marido. *De novo.*

E eu gostei.

Eu *não estou absolutamente* no controle.

CAPÍTULO 24

Julian



Normalmente, não me distraio facilmente. Passei os anos mais difíceis da minha vida mantendo o foco em meus objetivos, e é por isso que cheguei onde estou e por que permaneci no topo.

Construí minha reputação *e* transformei as Sultans de apenas mais uma empresa para o império que é hoje, por ser frio, indiferente e teimoso, e não tenho interesse em mudar meus hábitos.

Mas, pela primeira vez na minha vida, minha mente divaga, e não importa o quanto eu tente, não consigo controlar ou arrastá-la de volta para o que deveria focar.

Estou sentado em uma sala de conferências, uma dúzia de ternos tentando chamar minha atenção e me manter atualizado sobre o último lote de diamantes

brutos de Kimberley, África do Sul, e estou ocupado imaginando o que minha pequena esposa está fazendo em casa e se eu deveria levá-la comigo para o Egito.

Ela pode aproveitar a chance de ver o garoto, embora eu não saiba se isso vai me agradar ou afastá-la. Ou ela pode estar preocupada demais para deixar o país com o pai tão doente, com medo de perder seus momentos finais.

Para ser honesto, não tenho certeza se ele vai deixá-la estar por perto para ele de qualquer maneira.

No momento em que a reunião termina, eu não poderia te contar uma única porra de coisa que aconteceu durante ela, e vou direto para o meu escritório para verificar e-mails e sair para o dia.

Não há nada de novo, então pego o e-mail de Jeannie que recebi e pressiono Responder.

Jeanie,

Eu gostaria de uma atualização sobre o novo local de escavação e também sobre por que você não me avisou de Darryn Anders farejando por aí.

Mande-o para mim até o final do dia.

— J. Faraci

Desligo a tela do computador e pego meu telefone, percebendo que não tenho notícias de Ian há muito tempo para me sentir confortável e estou colocando um fim nisso agora. Ele também não me deu uma atualização sobre *qualquer coisa* que eu pedi a ele.

— Chefe, — a voz de Ian ecoa pela linha.

Sento-me na cadeira do escritório, recosto-me e passo a mão pelo cabelo. — Você parece animado.

— Animado? Eu pareço *entediado*.

— Como está o garoto?

Não sei por que pergunto isso a ele primeiro, em vez de perguntar sobre qualquer desenvolvimento com a lâmpada. Verdade seja dita, eu realmente não me importo como ele está; ele poderia estar apodrecendo no fundo do Mar Vermelho e eu não piscaria duas vezes. Mas tê-lo vivo e bem ainda é fundamental para garantir que Yasmin continue agradável. Sinto cãibras no estômago só de pensar em chantageá-la para mantê-la ao meu lado, mas não deixo a sensação persistir.

— Aidan está bem.

— Pelo primeiro nome? — Eu pergunto.

— O que, você esperava que eu sentasse aqui e o chamasse de "o garoto" na cara dele? — Ele dá uma gargalhada. — Sabe, acho que subestimamos o quanto ele desprezava trabalhar para a família Karam. Ele não pensa muito bem de Ali. Passa metade do tempo conversando com Jeannie, que, aliás, vive sumindo e não deixando ninguém ir com ela, e a outra metade ao telefone com a mãe. E *eu* também estou bem, obrigado por perguntar, Julian. Mas está um calor pra caralho aqui. Juro por Deus, estou praticamente derretendo. E temos cinco arqueólogos diferentes sentados ao redor do complexo, ficando preguiçosos e deixando pratos por toda parte. Você precisa colocar as pessoas na linha.

Meus lábios se contraem. — Você é tão dramático, Ian. — Eu ri. — As coisas vão dar certo. Estarei aí em uma semana e cuidarei de tudo. Faremos com que todos saibam o seu lugar.

— Eu... você está vindo aqui?

— Eu gaguejei? — Eu respondo. — Eu preciso que você marque uma reunião com Darryn Anders para mim. Posso confiar em você para lidar com isso?

— Eu posso fazer isso. — Ele faz uma pausa e então diz: — Ouvi dizer que você se casou com a vadia. Você estava planejando me contar?

— Cuidado com a boca, — eu exijo, algo quente e afiado cortando meu peito.

O outro lado da linha é mortalmente silencioso.

Afastando-me, franzo os lábios, irritado com a minha explosão. — Essa é minha esposa. Não posso permitir que você a desrespeite.

— Mas ela é...

— O plano não mudou, — interrompo. — Marque a reunião. E espere. Você tem sido extremamente decepcionante ultimamente. Não deixe isso acontecer novamente.

Eu pressiono "encerrar", jogando o telefone no chão com irritação antes de pegar minha jaqueta do cabideiro e sair da sala para ir para casa.

— Ciara, — eu chamo antes de ir para os elevadores.

Ela levanta a cabeça de onde está focada em seu computador.

— Estarei fora da cidade na próxima semana. Ajuste meu calendário de acordo. Vou precisar que você faça anotações em todas as reuniões para mim. Isso é algo que você pode lidar?

Sua espinha enrijece, determinação preenchendo seu olhar enquanto ela concorda.

Sorrindo levemente com sua atitude ansiosa, eu saio.

Trinta minutos depois, estou de volta em casa, estaciono meu Audi R8 na enorme garagem e estaciono no final da fila. Não vejo Yasmin rastejando pela porta da garagem até que eu esteja fora do carro e no meio do caminho.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto enquanto me aproximo dela, meus olhos a examinando da cabeça aos pés, tentando ver se ela se sente bem depois do que fizemos duas noites atrás e irritado por eu me importar.

Ela olha para mim e depois para trás. — Debatendo sobre o quão chateado você ficaria se eu roubasse um de seus carros e o batesse.

Eu sorrio, deslizando minhas mãos nos bolsos, meus dedos roçando meu bastão de metal. — O que é meu é seu, *esposa*. Mas eu agradeceria se você não batesse. O seguro é uma merda.

De repente, ela gira em minha direção. — Você pode arranjar um carro para me levar para um brunch no domingo? Tipo... com motorista?

— Apenas pegue um. Eu realmente não me importo. — Eu aceno minha mão em direção à fileira deles. — Mas se você vai sair em público, Razul vai com você.

Espero que ela lute contra isso. O pai dela não levava a segurança dela tão a sério quanto deveria, considerando quem ele é, mas ela não me servirá de nada se morrer antes do pai ou antes de eu fazer um novo testamento em nome dela.

— Bem, *ele* pode dirigir, não pode?

Minhas sobrancelhas levantam, surpresa com sua resposta. — Sim. Você não pode?

Ela zomba, balançando a cabeça. — Por favor, não seja ridículo. Que tipo de jovem de 23 anos não sabe dirigir? Eu só não *gosto*.

Concordo com a cabeça, observando-a se mexer de um pé para o outro.

— Com quem você vai almoçar?

Desta vez, seus olhos brilham e sua mandíbula trava. Eu me pergunto se ela percebe o quanto ela revela apenas pela forma como seu corpo responde às minhas perguntas.

— Uma amiga. — Ela tira um cacho do rosto.

— Uma amiga? — Eu empurro. Presumo que seja o nome de Riya que ligou incessantemente para ela enquanto eu estava com o telefone dela e agora está tramando algum plano por meio de mensagens de texto com Yasmin sobre como me derrotar.

Ela ri, seus olhos arregalados quando ela olha para mim. — Não finja que você se importa. Nós dois sabemos o que é isso.

Eu me aproximo dela, as pontas dos meus sapatos tocando os dela e seu peito roçando meu tronco enquanto ela estica a cabeça para manter meu olhar.

— Pelo contrário, *gattina*. Eu me importo muito. — Ela lambe o lábio inferior.

Eu estendo minha mão e a envolvo em volta de seu pescoço, meus lábios passando por sua orelha. — Se você me envergonhar vendo outro homem em público, eu vou te colocar de joelhos e te lembrar do seu lugar.

Minha mão cai como se ela estivesse me queimando, e eu passo por ela, levemente roçando seu ombro enquanto me movo para dentro.

Eu volto para o recinto de Isabella, sem esperar para ver se Yasmin segue e honestamente não me importando se ela o fizer. Entrando na sala, vou até lá e abro a lateral antes de passar pela cadeira que está do outro lado da sala. Espero para ver se Isabella sai e eventualmente ela sai, seu corpo deslizando pelo chão até que

ela se enrole aos meus pés, sua cabeça subindo até minha perna. Eu me abaixo e dou a ela um carinho, uma sensação incomum enchendo meu peito.

— Sou um homem casado, Isa. Você acredita nisso? — Eu digo. — Mas não fique com ciúmes. Você ainda é minha garota número um.

A cabeça de Isabella descansa em meu joelho e eu sei que é ridículo continuar falando com ela, mas continuo falando assim mesmo. Ao longo dos anos, ela se tornou minha confidente mais próxima, minha parceira no crime, o único ser vivo em quem confio implicitamente.

— Além disso, ela é temporária, — eu lembro a nós dois.

As palavras são amargas na minha língua.

CAPÍTULO 25

Yasmin



Passei os últimos quatro dias escolhendo áreas aleatórias da casa para explorar. Não é tão grande quanto a propriedade de meu pai, não muito, mas ainda é grande o suficiente para que eu me perca.

Além disso, é grosseiro que Julian não tenha me levado para um tour quando espera que eu fique sentada aqui como uma prisioneira solitária o dia inteiro.

Há uma sala de jantar formal fora do foyer que leva à cozinha. É um piso plano aberto, que eu gosto, abrindo para a sala de família que tenho evitado ativamente desde que bebi demais há uma semana e deixei o inimigo chegar muito perto.

Há um grande escritório do outro lado, e passei toda a tarde de terça-feira bisbilhotando, mas a maioria das gavetas da mesa estava trancada, então ficou entediante rapidamente.

Quarta-feira, explorei o resto dos cômodos do meu lado da casa. Há mais três quartos de hóspedes, uma grande biblioteca com estantes do chão ao teto e uma pequena área de estar nos fundos ao lado de um piano de cauda. É lindo, mas parece quase completamente intocado.

Nunca fui realmente uma leitora, mas depois de passar o resto da noite me perdendo nos clássicos, acho que posso começar.

Ontem, dei uma caminhada pelo terreno, precisando fazer *algo* além de respirar o ar abafado de dentro. Não me aventurei muito longe, já que estamos bem no alto das colinas e cercados por árvores. Além disso, não me dou muito bem na natureza por longos períodos de tempo. Eu nunca fui o tipo de garota "vamos acampar".

Hoje finalmente vou me aventurar do outro lado da casa, tentar encontrar o quarto do meu marido e ver o lado vulnerável de Julian Faraci. É o único lugar que tenho medo de ir, mas se vou encontrar algo que possa usar contra ele, essa é a minha aposta de onde será.

Além disso, ele *disse* que o que é dele é meu, e vou interpretar suas palavras literalmente.

Estar aqui, agindo como se estivesse bem com tudo o que está acontecendo até que eu possa me encontrar com Riya, é um jogo muito mais longo do que eu originalmente pensei que estaria jogando. É difícil, e minha mente confunde fatos com ficção.

Durante toda a minha vida, estive acostumada com a gratificação instantânea. Acostumada a pedir algo e ser entregue a mim em uma bandeja de prata. Posso admitir que meu privilégio me levou longe na vida. Mas enquanto estou sentada aqui, presa em uma casa vazia sem ninguém aqui e sem como sair mesmo se eu

quisesse, percebo o quanto o escudo protetor com o qual meu pai me cercou é mais uma muleta do que uma bênção.

Nunca aprendi habilidades simples para a vida. Nunca tive que praticar esperar por algo e não ter a capacidade de controlar quando e como isso acontece.

Toda essa situação é a maior lição de paciência.

Eu odeio isso.

Eu atravesso o corredor, minha mão deslizando ao longo do corrimão de madeira brilhante da passarela aberta que liga as duas alas, e volto direto para a porta que eu acho que *é* o quarto de Julian. Os nervos saltam e chiam em meu corpo, e eu os afasto, irritada por sentir que estou fazendo algo errado. E talvez com um pouco de medo de que haja repercussões que não quero enfrentar se ele chegar em casa e me pegar bisbilhotando.

Minha mão envolve a maçaneta e a abro, meio esperando que esteja trancada. Não está, e eu entro, calor e ar úmido batendo no meu rosto.

Imediatamente eu posso dizer que este não é o quarto dele.

A iluminação é baixa, mas meus olhos não estão prestando atenção nisso. Em vez disso, eles vão para o grande recinto do outro lado da sala. Ocupa *toda a* parede e tem uma frente de vidro.

Aproximo-me, observando as meias toras espalhadas pelo chão do recinto e os grandes galhos de árvores que parecem estrategicamente colocados ao longo dele.

Um ruído abafado faz meu coração pular e eu me aproximo, inclinando-me e apertando os olhos para tentar ver o que diabos está lá dentro. É obviamente algum tipo de animal.

Um silvo me pega desprevenida, meu coração disparando para minha garganta.

Ele possui a porra de uma cobra?

— Ela não vai morder.

Eu grito e giro, minha mão voando para o meu peito. Julian está parado quase diretamente atrás de mim. *Como diabos ele voltou para casa sem que eu ouvisse?*

— Não *faça* isso, — eu reclamo, batendo no peito dele.

Ele sorri para mim e caminha até o gabinete, olhando para ele como se estivesse pensando em abrir a coisa. Sua mão se estende e eu pulo para frente, segurando seu antebraço.

— O que você está fazendo? — Eu entro em pânico, meus olhos se arregalando. — Deixe ela aí!

Ele ri, mas escuta, puxando o braço para trás e se virando para me encarar. — Ela não vai te machucar a menos que eu diga a ela.

— Oh, bem, *isso é* reconfortante. — Eu olho de soslaio para o gabinete. Eu não posso nem vê-la; talvez ela seja uma pequena cobra de jardim ou algo assim.

— O que é? — Eu pergunto.

— Uma píton de sete metros.

Eu suspiro. — Claro.

Ele sorri. — O nome dela é Isabella. Ela foi um presente do meu pai.

— Uau, uma mãe *e* um pai? Quem diria que você veio de uma educação tão estável?

Seu olhar escurece, e quando isso acontece, algo bate em meu peito, me fazendo me arrepender do que disse, embora eu não devesse me sentir mal. Ele é o pior absoluto e eu preciso continuar me lembrando disso.

Ainda assim, faço uma anotação mental para nunca mais zombar de sua família ou infância. No momento ele parece estar de bom humor, mas não quero lidar com ele quando não estiver. Já tive muita experiência com ele frio e distante, e só posso imaginar como ele fica quando está realmente zangado.

— Falando em minha mãe, — diz ele, — vamos vê-la no domingo à tarde.

— Oh. — Minhas sobrancelhas se erguem. — Ok, hum... ela sabe? Sobre nós, quero dizer.

Ele olha para mim, divertido. — Ela não sabe.

Eu soltei um bufo.

— Você parece surpresa, — diz ele secamente.

— O oposto, na verdade, — eu respondo. — Nada neste momento é surpreendente. Eu absolutamente acredito que você não contou à sua mãe que se casou, da mesma forma que acredito que você tem uma cobra predadora gigante como animal de estimação.

Sua mandíbula aperta. — Muitas pessoas têm cobras como animais de estimação.

— O que ela come? — Olho para a gaiola novamente.

Seu sorriso cresce. — Ratos. Lagartos. Carne dos meus inimigos.

Eu torço meu nariz. — Você tem um senso de humor doentio.

Ele ri.

— Então esse é o seu hobby? — Eu aceno meu braço em direção ao recinto. — Manter cobras de estimação?

Ele enfia as mãos nos bolsos e se balança sobre os calcanhares, a cabeça inclinada para o lado enquanto me encara.

Deus, ele é atraente.

Um flash de calor queima através de mim quando me lembro de sentar em seu colo e me esfregar contra ele.

— Não sei se tenho algum, — diz ele, interrompendo meus pensamentos.

Eu balanço minha cabeça, dando um passo em direção a ele. — Todo mundo tem uma paixão, Julian.

— Artes marciais, eu acho.

Minhas sobrancelhas disparam para a linha do cabelo enquanto eu o observo. — Você faz artes marciais?

Ele acena com a cabeça, o queixo enfiado no peito antes de olhar de volta para mim. — Desde que eu era criança.

Não é surpreendente, realmente. Seus movimentos são fluidos e sua aura está sempre calma, no controle. Um sorriso aparece lentamente em meu rosto.

— Você vai me mostrar alguns golpes?

Ele ri e se endireita, caminhando em minha direção. Ele não para até que esteja bem na minha frente, sua mão se estendendo para passar a ponta do dedo pelo lado do meu rosto.

Seu toque provoca arrepios por toda a extensão do meu corpo. — Talvez mais tarde, se você for uma boa menina, — ele murmura, sua voz baixa e rouca.

Meu estômago revira.

— O que você está fazendo aqui, afinal? — Eu pergunto, tentando redirecionar a conversa e ignorar a maneira como ele é capaz de fazer meu corpo enlouquecer. — Eu estava começando a esquecer que você morava aqui, você fica tanto tempo fora.

— Eu vim para casa, para você, — diz ele simplesmente.

Meu estômago pula, e eu me odeio por isso. — Por quê?

Ele dá um passo à frente, linho limpo e especiarias atingindo minhas narinas quando ele se aproxima. — Porque, *gattina*, eu vou te ensinar a dirigir.

CAPÍTULO 26

Yasmin



— O que você quer *dizer?* Se eu não olhar para a estrada, como saberei para onde dirigir? — Eu grito, frustrada e meio convencida de que ele está fodendo comigo.

Julian geme, jogando-se para trás no banco do passageiro e passando a mão pelo cabelo preto como tinta. — Ouça-me, — ele diz. — Se você olhar diretamente para a calçada, vai bater. Apenas confie em mim.

Eu rio tanto que meu estômago dói. — *Confiar* em você? Você não pode estar falando sério.

— Eu não te dei nenhuma razão para não fazer isso, — ele diz, tirando fiapos invisíveis de sua camisa.

— Certo, — eu bufo. — Além de praticamente ameaçar machucar Aidan se eu não me comportar. Forçando-me a casar com você e mentindo para meu pai, que está *morrendo*. E continuamente me deixando de lado como sua cadela para salvar as pessoas de quem gosto.

— Parece que eu não fui nada além de honesto. — Ele dá de ombros.

— Eu... — Fechando a boca, franzo os lábios.

Ele não está errado, eu acho.

— Tente novamente, — ele acalma. — Apenas pressione lentamente o acelerador. Não há necessidade de ficar brava com isso. Ela reage melhor quando você a faz ronronar. — Ele passa a mão no painel.

Revirando os olhos com o quão sexual ele faz seu carro soar, respiro fundo, olhando ao redor para ter certeza de que o estacionamento em que estamos ainda está vazio. A última coisa de que preciso é que mais alguém me veja tentar e falhar em algo que a maioria das pessoas sabe fazer.

Engolindo o nervosismo, faço o que ele diz, mantendo meu olhar treinado na minha frente, em vez de na estrada desta vez.

— Bom, — diz ele quando o carro avança.

Orgulho faíscas no meu meio. *Eu estou fazendo isso*.

Eu acelero lentamente, *muito* lentamente, como se estivéssemos indo a dez milhas por hora no máximo. Estou indo em linha reta e sentando no banco do motorista e, de repente, nunca me senti mais independente e poderosa em minha vida. O que, por sua vez, me faz sentir boba, porque é uma coisa tão simples.

— Perfeito, — ele continua. — Agora vire à direita. Você quer que o carro o siga, e não o contrário.

Minha mão esquerda se levanta do volante, deslizando por cima para tentar girá-lo.

O carro perde um pouco o controle e eu suspiro, entrando em pânico e pisando no freio. Meu corpo se inclina para frente, o cinto de segurança cortando meu pescoço.

Eu gemo, frustrada, jogando minha cabeça para trás contra o assento, o orgulho que eu senti escorregando como areia por entre meus dedos.

— Isso não tem sentido. Eu claramente não fui feita para dirigir.

— Você sempre faz isso? — Ele questiona.

— O quê? — Eu olho de soslaio para ele.

— Desiste tão facilmente.

Ele não espera uma resposta, o que é bom porque não tenho uma para lhe dar. Em vez disso, tenho certeza de que a pergunta dele vai se infiltrar no meu subconsciente e apodrecer lá, para que eu possa pensar demais depois e me perguntar se ele está certo.

Inclinando-se, ele estende a mão, segurando minhas mãos nas dele, seu toque enviando um choque através do meu sistema.

Flashes da minha visão no chuveiro, com seus dedos ásperos arrastando pelos lados do meu corpo, fazem minha pele esquentar. Eu esfrego minhas coxas juntas e limpo minha garganta.

Droga.

— Mantenha-os aqui. — Ele coloca minha mão esquerda no volante. — E aqui. — Mão direita à direita.

— Você deveria parar de me tocar, — eu digo, minha voz baixa.

— Concordo em discordar, — ele responde, afastando lentamente os dedos.

Meu estômago revira, e isso me irrita porque continua fazendo isso, e eu não quero reagir a ele de jeito nenhum. Além disso, tudo isso é apenas um estratagema para me manter agradável, tenho certeza.

— Você realmente não precisa se esforçar tanto, — eu mordo. — Ninguém está por perto para te ver.

— É isso que você pensa que estou fazendo? — Ele sorri. — Experimentando?

Eu bato minhas mãos contra o volante e a buzina dispara, fazendo meu estômago subir na minha garganta e meu coração pular.

Ele ri. — Ok, isso é o suficiente para o dia. Vamos trocar.

Eu não discuto, embora eu realmente queira continuar dirigindo. Ainda mais do que isso, quero perguntar se ele vai me trazer de volta para que eu possa tentar novamente. Se ele me ensinará mais.

Ele é a única pessoa que me viu em falta e não apenas me deu tudo o que eu preciso, mas me deu a chance de aprender sozinha. É diferente do que estou acostumada e gosto da sensação.

Abrindo a porta, eu me movo para deslizar para fora do banco do motorista. Uma mão aparece na frente do meu rosto, e eu hesito em pegá-la, não querendo que meu corpo me traia novamente reagindo ao seu toque.

Mas este carro é *muito* baixo, e eu não quero fazer papel de boba tentando me levantar quando ele está claramente oferecendo ajuda, então eu deslizo minha palma na dele, a energia estática disparando pelos meus dedos e subindo pelo meu braço enquanto eu o deixo, levanta-me do assento.

Eu tento mover minha mão para trás, mas ele aumenta seu aperto, me puxando até que seus lábios estejam perto da minha orelha. — Se você acha que eu tenho *tentado* com você, então você claramente não sabe como um homem fica quando ele tenta. Vou me certificar de corrigir essa situação.

Prendo a respiração. — Porque se importar?

— Por que não?

Ele me solta então, mas a queimação de seu toque permanece.

O som de pneus rangendo no cascalho solto do estacionamento e eu olho para trás de Julian para ver um carro de polícia estacionando.

Meu estômago se contrai. Terei problemas por dirigir sem habilitação?

Os olhos de Julian movem-se de mim para o carro-patrulha, seu maxilar cerrado e suas sobrancelhas caídas até que aquela máscara séria que ele usa tão bem cai por completo em seu rosto. É escuro e perigoso, e me lembro novamente porque não me permito irritá-lo desnecessariamente. Ele parece me deixar fazer muitas coisas que não deixa outras pessoas fazerem, mas há uma razão pela qual eu não brigo mais com ele. Não quando a vida das pessoas está em jogo.

Curiosamente, mesmo sabendo que tecnicamente estava fazendo algo errado, me sinto segura com ele aqui. Eu sei que não importa o que aconteça, ele não permitirá que algum policial local tenha controle sobre alguém como ele. Este policial pode ter um pouco de poder, mas é totalmente sufocado pela força que é Julian Faraci.

A mão de Julian passa pela parte inferior das minhas costas, enviando um arrepio pela minha espinha. — Vá sentar no carro, Yasmin.

— Isso não vai parecer suspeito? — Eu olho para ele. — Prefiro ficar aqui fora.

Ele olha para mim, os cantos de seus lábios se contraindo, mas sua mão permanece no lugar. — Como quiser.

A porta de um carro bate e o policial se aproxima, com as mãos na cintura, descansando bem sobre a arma. Ele observa a cena, examinando o Audi R8 escurecido e depois Julian, e me pergunto o que ele vê quando olha para nós.

Ambos trabalhamos em grifes, com um carro caro, e Julian tem tatuagens que cobrem a maior parte do corpo. Presumo que Julian conheça a maior parte da força policial local, mas quando a suspeita surge no rosto do policial e seus dedos apertam o coldre, eu me questiono.

Está bem então. Não devemos parecer nada de bom.

A mão de Julian acaricia minha pele levemente, enviando uma sensação reconfortante através de mim. Eu me inclino para ele.

— O que está acontecendo aqui? Você percebeu que isso é propriedade privada? — O policial diz.

As sobrancelhas de Julian levantam e ele olha para trás, para o estacionamento vazio e o depósito.

Eu não havia perguntado para que servia o depósito; é bege por fora e grande o suficiente para caber vários outros prédios dentro dele, mas não há nenhum nome perceptível na frente, e tenho estado tão distraída com a direção que não passou pela minha cabeça perguntar ou pensar que estávamos invadindo.

— Isso mesmo, — responde Julian.

— Lugar estranho para estar em uma tarde de sexta-feira.

Julian assente. — Ensinando minha esposa a dirigir. Infelizmente, é uma habilidade que ela ainda não domina.

As sobrancelhas do policial levantam, e ele olha para mim, sua língua espreitando para passar por seus lábios rachados enquanto seus olhos me desnudam.

Eca. Um único olhar e me sinto mais violada por ele do que jamais me senti com Julian.

— Não sei se acredito nisso. — O policial ri. — Um homem como você com uma garota como ela? Parece que ela teria muitas *habilidades*.

Eu seguro uma zombaria, cruzando os braços sobre o peito em vez disso.

O que diabos ele quer dizer com isso?

Os dedos de Julian se contorcem nas minhas costas.

— Infelizmente, — continua o policial, — como eu disse, isso é propriedade privada. Você não pode simplesmente vagar por onde quiser, independentemente de quão bom seja o colírio para os olhos enquanto você faz isso.

— Ela *é* linda, não é? — Julian fala.

Julian não me dá um olhar, mas meu coração traidor salta de qualquer maneira com o elogio.

— Alguém te ligou para reclamar? — Ele pergunta.

As espessas sobrancelhas marrons do oficial franzem. — Isso não é da sua conta.

— Já que sou dono do lugar, acho muito preocupante.

Um pequeno suspiro me deixa. Eu não esperava isso, embora não saiba por que estou surpresa. Julian parece ter a mão em tudo, assim como meu pai.

O policial, no entanto, parece visivelmente chocado. — Deixe-me ver sua licença e registro, por favor.

Julian se inclina e sussurra em meu ouvido: — Vá entrar no carro, Yasmin.

Parte de mim quer aproveitar a oportunidade para dizer a ele para ir se foder por sempre pensar que pode me dizer o que fazer, mas percebo que agora pode não ser o momento mais oportuno, então mordo o lado da minha bochecha e faço o que ele diz.

Vou até a parte de trás do veículo, tentando evitar o policial, mas ele está parado bem ao lado do carro e, quando tento contorná-lo, ele se aproxima.

Eu pulo para trás, colando um sorriso tenso em meu rosto. — Desculpe-me, por favor.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e três, — respondo.

— E você está aqui por escolha? Apenas diga uma palavra e eu posso... — ele deixa seu olhar vagar novamente — tirar você daqui. Levar você comigo.

— Policial. — Julian dá um passo atrás de mim até que sinto o calor de seu corpo nas minhas costas. — Eu recomendo que você pare de questioná-la.

— E por que isso? Vocês dois sozinhos aqui, ninguém por perto por quilômetros. Parece suspeito. — Ele olha para mim novamente. — Ele está te pagando por alguma coisa, querida?

Suas palavras me atingem no rosto, um fogo queimando meu meio. Eu jogo minha mão para cima, mostrando o diamante gigante. — Nós somos *casados*, idiota.

O sorriso do oficial cai. — Cuidado com o tom.

— Yasmin. — A voz de Julian está mais nítida agora. — Entre no carro.

Meu estômago revira quando o policial para bem na minha frente.

— Agora, não posso deixar você simplesmente desaparecer da minha vista.

— Você deveria, — Julian interrompe. — Se você valoriza tê-la.

O policial franze a testa. — Isso é uma ameaça?

Julian ri, e não posso deixar de olhar para ele. Suas mãos estão levantadas no ar e há um sorriso maníaco em seu rosto. — Você sabe, eu sinto muito. Parece que você está tendo uma impressão errada sobre nós. Deixe-a entrar no carro, oficial. De que outra forma ela pode pegar o que você está pedindo?

O policial mantém o olhar de Julian por um longo momento antes de finalmente sair do meu caminho.

Eu solto um suspiro, correndo por ele, e bem quando eu passo do lado do idiota, ele se move, o comprimento de seu corpo roçando contra o meu.

Um arrepio de desgosto passa por mim com o jogo de poder, e meus passos aceleram enquanto faço meu caminho para o lado do passageiro, deslizando para dentro do veículo e virando o espelho retrovisor para que eu possa assistir a interação deles.

Não consigo ouvir o que eles estão dizendo acima dos murmúrios baixos, mas vejo Julian dar um passo à frente, seu corpo alto exigindo obediência do policial

baixo e atarracado sem nem mesmo tentar. Julian diz alguma coisa, e o policial dá um pulo para trás, seu rosto virando-se para algo na mão de Julian antes de levantá-lo novamente.

Lentamente, o policial acena com a cabeça, estendendo a mão e pegando o que quer que fosse antes de ir embora.

Julian desliza de volta para o carro e liga o motor, saindo do estacionamento e indo embora antes mesmo que o policial voltasse para o veículo.

— Tudo certo? — Eu pergunto.

Ele olha para mim. — Sim.

— Bom. — Eu aceno com a cabeça, uma tensão sombria torcendo o ar seco. — Eu não gostei dele.

Julian ri.

Eu bufo. — Não sei por que você está rindo. O assédio sexual é *engraçado* para você? Você não viu o jeito que ele olhou para mim? E ele me *tocou*. Tipo, que tipo de pessoa literalmente ouviria você dizer que é meu marido e faria isso de forma tão descarada?

— Um homem muito tolo.

— Sim. — A decepção com o fato de Julian não se importar o suficiente para fazer qualquer coisa me atinge no peito. Isso me pega desprevenida, o quanto isso me aborrece, mas eu uso isso como combustível, um lembrete de que ele realmente não *quer* que eu seja sua esposa. Que podemos estar casados no papel, mas não de todas as maneiras que importam.

— Ele tem sorte de você realmente não se importar, — eu faço beicinho. — Um dia ele fará isso com a pessoa errada e não gostará do resultado.

Julian não responde, mas suas mãos apertam um pouco o volante e o músculo na parte de trás de sua mandíbula se flexiona.

Engulo tudo o que estava prestes a dizer porque, claramente, ele não quer continuar a conversa e, a essa altura, estou pronta para ir para casa e esquecer o que aconteceu.

****

— Você senta aí. — Eu olho de soslaio para Razul, que não faz nada além de grunhir e pegar uma mesa no canto da sala, permitindo que eu vá ver Riya para o brunch de domingo sem que ele ouça cada palavra que eu digo.

Ele me trouxe até aqui, mas não disse uma palavra, provavelmente sob instruções estritas para não falar comigo. Está bem. Eu realmente não acho que teríamos muito em comum de qualquer maneira, e embora eu não tenha contado a Julian porque lutar com ele em qualquer coisa enquanto ele pode machucar Aidan é inútil, eu não acho que preciso de um guarda-*costas*.

Meu pai nunca me deu um, e eu cresci muito bem sozinha.

Olhando ao redor do restaurante, vejo Riya tomando uma bebida no canto de trás da sala, e vou até lá, deslizando para dentro da mesa e olhando para a bebida sem dúvida alcoólica já na minha frente na mesa.

— Tomei a liberdade de pedir um Bellini para você. — Ela acena para a bebida na minha frente.

— Obrigada. — Eu sorrio, mas não toco naquela coisa, especialmente porque estarei passando a noite toda com Julian e sua mãe. Quem sabe o que acontecerá se eu não tiver todos os meus cilindros disparando adequadamente?

— Quem é o seu ajudante? — Ela pergunta, apontando o queixo para Razul.

Eu olho de volta para o homem volumoso e mal-humorado, que está sentado em uma cadeira do outro lado da sala com os olhos fixos em mim. — Meu novo cão de guarda.

Suas sobrancelhas levantam. — Julian te deu segurança? Uau. Que romântico.

— Mais irritante do que qualquer coisa. Então, quais são as novidades? — Eu pergunto, estendendo a mão para pegar um pedaço de pão. Ele derrete quando atinge minha boca e eu fecho meus olhos com o gosto.

— Nossa, nem mesmo um "como vai você"? — ela fica inexpressiva. — Julian está passando para você.

O pão que estou engolindo fica preso na minha garganta e tusso, minha mão voando para o meu pescoço enquanto tento recuperar a compostura.

— Você está bem? — Riya pergunta, franzindo a testa.

— Ele *não está,* — eu resmungo.

— Sim, eu sei... Foi uma piada, caramba. — Ela estala a língua. — É tão miserável?

— Pior ainda, — murmuro, estendendo a mão para a cesta de pãezinhos no centro da mesa e arrancando outro pedaço. — Ele está sendo *legal*.

Ela engasga. — Não! Que terrível.

Zombando, jogo o pedaço de pão nela. — Uh, sim. Na verdade é. É confuso, e acho que ele está apenas manipulando minhas emoções de propósito, e não sei a que propósito isso serve. Não é como se isso fizesse diferença. No que diz respeito a ele, ele já venceu, então qual é o ponto?

— Oh meu Deus, — Riya reflete, seus olhos calculando enquanto ela olha para mim. — Você *gosta* dele.

— Não, — eu estalo. — Absolutamente não.

Ela se recosta na cadeira, cruzando os braços. — Não minta para mim, vadia. Como você ousa se apaixonar pelo inimigo e tentar esconder isso de mim?

— Eu não estou me apaixonando por ele. Deus, — eu reclamo. — Ele só... ele me confunde.

Ela zomba. — Por favor, você *sempre* teve uma queda pelo bandido.

Minha boca cai aberta. — Eu não tenho.

— Não minta para mim, Yas. Eu assisti *Die Hard*[7] com você muitas vezes para cair nesse truque.

— Isso é diferente. — Eu aponto um dedo para ela e aperto os olhos. — Hans Gruber é o melhor vilão de todos os tempos. Ele não é uma pessoa real.

— Certo. — Ela balança a cabeça, com os olhos arregalados. — Você tem a versão real dele como seu homem.

Meu estômago revira. — Ele é um maldito criminoso se escondendo em um terno, Riya. Quem você acha que eu sou?

[7] Duro de matar, o filme.

— Suposto criminoso, — ela corrige.

Não me preocupo em dizer a ela que Sultans é muito mais do que parece para o público. Se eu admito isso em voz alta, então tenho que admitir que meu pai *também é* um criminoso, e que tanto Julian quanto meu pai são extremamente bons em esconder seus atos nefastos por trás de sorrisos e redes de varejo.

A náusea revira meu estômago, lembrando exatamente com quem estou lidando e me odiando pela facilidade com que esqueço quando estou perto dele. Eu deixei ele me tocar, me beijar. Eu quase deixei ele me *foder*.

— Ugh, ele definitivamente está tentando me manipular. E eu sou como... uma porra de uma garota indefesa, incapaz de fazer qualquer coisa além de me curvar às exigências dele e fingir que estou bem com o que está acontecendo. — Eu deixo cair minha cabeça em meus braços. — Isso me faz sentir fraca.

Riya suspira e estende a mão sobre a mesa, dando tapinhas no meu antebraço.

— Você não é fraca, garota. Você é esperta. — Eu rolo minha cabeça para o lado e olho para ela.

Seus olhos se movem de volta para Razul novamente e depois para mim, sua voz baixa. — Falei com Aidan.

Isso chama minha atenção e eu me recupero, minhas mãos agarrando as dela. — Você está brincando.

Ela estala a língua. — Pensei em ligar para ele só para ver se ele atendia, sabe? Dar a ele um pedaço da minha mente.

— Ok. — Concordo com a cabeça, esperando que ela elabore e ignorando a forma como dói que ele tenha falado com ela, mas nem mesmo respondeu a mim. — E?

— Conversamos por alguns minutos e eu disse a ele que você só estava fazendo o que precisava. E ele está lá fora, tentando encontrar aquela lâmpada ou o que quer que seja, então ele só está ocupado.

— Oh. Bom. — Meu estômago azeda.

Ela estremece como se esperasse que eu desmoronasse bem na frente de seus olhos, mas, surpreendentemente, embora saber que não sou uma prioridade *dói*, não dói tanto quanto eu esperava. É uma dor surda no meu peito, não uma marreta no meu coração. Embora eu não tenha certeza de por que ele ainda estaria tão interessado em encontrar a lâmpada se eu já sou casada com outra pessoa. Ele acha que ainda pode convencer meu pai de que é a melhor escolha?

— Ei, esse negócio de lâmpada perdida é meio maluco, hein? — Ela diz, mudando a conversa enquanto toma um gole de sua bebida.

— Eu realmente não sei muito sobre isso. — Meus olhos se movem para ela e eu inclino minha cabeça. — Na verdade, o que *você sabe*?

— Aidan disse que vale, tipo, um bilhão de dólares. — Ela assobia. — Imagine o que alguém poderia fazer com isso. Não é de admirar que seu pai queira.

Meus dentes afundam em meu lábio. — Honestamente, Riy, eu não poderia me importar menos com a lâmpada estúpida. Isso nem importa mais. Não é como se Aidan pudesse trazê-la de volta para que possamos cavalgar juntos para o pôr do sol. É tarde demais.

Ela acena com a cabeça. — É verdade. Mas ainda há esperança. Eu encontrei um cara, lembra?

Eu me inclino para frente, meu estômago virando como se eu estivesse em uma montanha-russa. — Sim. Eu só estava com medo de perguntar.

Seus olhos se voltam para Razul mais uma vez. — Tem certeza que ele não pode nos ouvir?

Eu olho para trás e depois de volta para ela, encolhendo os ombros.

— Eu consegui um telefone descartável e programei o número dele nele. O nome dele é Randy Gazim. Ele é um advogado bem no centro da cidade de Nova York. Ele é especialista em divórcios sórdidos e *afirma* não dar a mínima para Julian Faraci ou para o poder que ele tem. — Ela pega o guardanapo de linho sobre a mesa e o coloca no colo antes de enrolá-lo em alguma coisa e deslizá-lo de volta. — Achei que você poderia tentar enviar uma mensagem de texto para Aidan aqui também, apenas no caso de você ter olhos extras em suas coisas ou, você sabe, poderíamos conversar sem nos preocupar com quem poderia olhar para o seu telefone real.

Minha mão dispara e eu seguro o guardanapo, sentindo um objeto irregular embaixo. Eu o arrasto para mim e coloco na bolsa, esperando que Razul não tenha visto. Meu peito esquenta.

Ela levanta um ombro. — Escute, Aidan está realmente chateado, Yas. Ele está ferido, sabe? Mas eu disse a ele que você estava tentando encontrar uma saída. E ele... ele disse que não perdeu a fé. — Ela acena em direção ao telefone. — Mande uma mensagem para ele. Veja o que ele tem a dizer.

Meu coração dispara pelo meu peito e bate contra minhas costelas quando eu aceno. — Obrigada, Riya.

Depois que o brunch terminar e eu estiver de volta à segurança do meu quarto, pretendo fazer exatamente isso.

CAPÍTULO 27

Julian



RAZUL

Está tudo bem. Ela está com a amiga. Enviarei uma mensagem quando estivermos a caminho de casa

JULIAN

Mulher?

RAZUL

Sim.

Fechando o texto no meu telefone, coloco-o na mesa dobrável que mantenho encostada na parede, do lado de fora da lona plástica pendurada que cobre os outros 90% da sala, criando uma barreira protetora transparente sobre as paredes e o chão.

Eu vi Yasmin bisbilhotando a casa na semana passada, observando-a da minha mesa trabalhando nas câmeras de segurança que ela não percebeu que eu instalei ou não se importa. Mas ela não esteve *nesta* sala. Não que ela fosse capaz de encontrá-la ou entrar, mesmo que fizesse. Está trancada com um sistema de segurança de alto nível e escondida atrás de uma das grandes estantes da biblioteca.

Afasto a lona e caminho até o meio, onde fica uma única cadeira, aquele maldito policial de ontem amarrado e amordaçado. Seus braços estão amarrados com corda aos braços da cadeira, suas pernas em uma situação semelhante, e seu rosto

está ficando com um tom pútrido de roxo do jeito que ele está tentando gritar alto o suficiente para alguém ouvir.

— Oficial Tate, — eu começo, meu bastão já em minhas mãos enquanto eu o viro para frente e para trás. — Quero agradecer por ter vindo me encontrar em tão pouco tempo. Eu entendo quanto tempo levou do seu dia para ser chamado de volta para aquele armazém vazio. E sei que meu porta-malas não é o mais *confortável* dos espaços, especialmente nestas estradas montanhosas até minha casa.

Sorrindo, eu paro quando estou bem na frente dele, a satisfação já cavando em meu estômago com o medo que está se infiltrando em seus olhos pequenos e redondos.

Ele faz outro barulho abafado e empurra as amarras.

— Ah, ah, ah, — eu retruco, levantando o bastão para descansar sobre a mordaça em sua boca. — Você já falou o suficiente.

Eu arrasto a ponta do bastão para baixo de sua boca, sobre seu pescoço, até que ela repouse em seu ponto de pulsação. Não consigo sentir, claro, mas imagino que esteja batendo rapidamente, esporadicamente até. O pensamento me excita.

— Eu sei o que você está pensando. *Como eu pude cair nessa?* E você está certo. Faz você incrivelmente tolo pensar que haveria uma verificação de bem-estar necessária no mesmo local em que você estava ontem. Mas garanto, sua viagem não foi em vão. Veja bem, meu bem-estar *precisava* ser verificado. — Eu rio, balançando a cabeça. — Minha saúde mental tem estado incrivelmente instável desde que nos conhecemos.

Movendo a ponta do meu bastão, eu o arrasto pelo topo de seu braço até que ele fique em seu pulso. Ele tenta chutar, a própria cadeira se movendo violentamente contra o chão.

Ele engole, seu olhar passando rapidamente para o final do meu bastão e depois de volta.

— Curioso sobre isso? — Eu o levanto de sua pele por um momento antes de colocá-lo de volta. — Admito que não é a arma mais prática, mas tenho uma queda por ela. É incrível o que um bastão pode fazer quando você está fraco demais para uma luta justa.

Os pensamentos da minha infância rastejam no momento, lembrando a primeira vez que trouxe os equipamentos do *dojo*[8] para casa.

— Que diabo é isso? — Mamãe pergunta.

Eu congelo no meio do meu quarto, onde estou virando o bastão. Eu continuo deixando cair quando ele roça nas costas da minha mão, e a frustração me faz no meu quarto praticar dez vezes mais, apenas para ter certeza de que sou o melhor nisso. Não sei por que gosto mais do bastão do que do nunchaku[9] *ou do bastão curto, mas no segundo em que o peguei, parecia certo. Como se fosse feito para caber na minha mão.*

Mas eu nunca quis que mamãe visse porque tenho medo que ela goste. Use-o em mim.

---

[8] Mestre

[9] também chamado de matraca, tchaco, nunchucks ou nunchuks, é uma arma de artes marciais do conjunto de armas do kobudo e consiste de dois bastões pequenos conectados em seus fins por uma corda ou corrente.

Eu saio da memória quando Tate se move em sua cadeira novamente, o som rangendo contra meus ouvidos. Meu humor piora com a lembrança, percebendo que vou visitá-la mais tarde esta noite. E sempre que vejo minha mãe, ela me faz sentir com meio metro de altura.

Agora, no entanto, eu me sinto como um deus. Fico de pé, girando o bastão até que esteja bem posicionado em minha mão.

— Não se preocupe, — eu arrulho. — Isso só vai doer um pouco.

Eu o trago para baixo em um golpe duro em seus dedos, apreciando o som de seus ossos quebrando sob o metal.

Um grito abafado soa e eu respiro fundo com o barulho, usando-o como combustível quando começo uma dança íntima de golpes e giros, meu bíceps queimando com a tensão muscular de movimentos rápidos enquanto eu bato nele até que ele corresponda ao preto e azul de seu uniforme.

Quando termino, meu peito está arfando, o esforço me fazendo perder um pouco da compostura. Rindo, eu passo minha mão livre pelo meu cabelo para tirar as mechas soltas da minha testa. — Seu primeiro erro foi não reconhecer quem eu sou.

Seus gritos silenciaram, talvez devido ao choque de seus ferimentos, sangue espirrando na lona de plástico e sobre manchas de sua pele mutilada.

Eu me afasto dele e vou até a beirada da sala de plástico improvisada, onde tenho minhas outras ferramentas dispostas no chão. Eu largo meu bastão para pegar minha faca. Quando me viro, o oficial Tate tem lágrimas escorrendo pelo rosto patético e ranho escorrendo do nariz quebrado, cobrindo o lábio superior e escorrendo sobre a mordaça em sua boca.

Meus dedos envolvem firmemente o cabo da lâmina, e eu me curvo, minha mão livre segurando sua nuca.

— Seu segundo erro, — eu sussurro, — foi desrespeitar minha *esposa*.

A faca corta seu olho como manteiga, cavando através da córnea macia e mole até atingir a parte de trás de sua órbita. Naturalmente, seus gritos recomeçam, desta vez mais guturais, como se a dor estivesse sendo forjada das partes mais profundas de sua alma fodida.

Eu me deleito com seus gritos enquanto me banho em seu sangue e, eventualmente, ele se acalma para sempre.

Duas horas depois, tanto o quarto quanto eu estamos limpos, meu cabelo ainda úmido de um banho onde esfreguei os restos do policial Tate da minha pele.

Meu pescoço estala quando deixo escapar um suspiro de alívio, a ansiedade da minha próxima visita com minha mãe temporariamente silenciada pelo zumbido agradável que resta depois de uma matança.

Isabella sibila e eu a encaro no recinto.

— Não olhe para mim assim, — eu digo quando seus olhos redondos encontram os meus. — Eu avisei a ele o que iria acontecer. É uma questão de respeito.

O corpo de Tate está espalhado no fundo de sua casa, alguns ratos colocados em cima. Ela desliza até ele e lentamente enrola seu corpo ao redor do torso dele, apertando com força, sem perceber que eu já incapacitei sua presa, sua mandíbula se abrindo quando ela começa a engoli-lo inteiro.

Espero até que seu estômago esteja inchado com a grande refeição antes de sair da sala, certificando-me de trancar a porta atrás de mim. Eu não pretendia que Yasmin visse Isabella e, embora não me importe que ela tenha feito isso, não quero

que ela faça perguntas sobre que tipo de refeição está fazendo seu estômago crescer do jeito que está.

Dirigindo-me para a frente da casa, entro em meu escritório, servindo-me de um copo de uísque antes de me sentar em uma das cadeiras acolchoadas perto da janela, absorvendo a paz e o silêncio e tentando aproveitar os últimos minutos de paz antes de minha mãe, sem dúvida, estraga meu humor.

Meu telefone vibra onde o coloquei ao meu lado e olho para a tela de bloqueio.

RAZUL

Estamos a caminho.

Suspirando, passo a mão pelo cabelo, inclinando a cabeça para o lado até que todo o comprimento do meu pescoço estale novamente, e bebo o resto do uísque.

Se minha mãe descobrir por outra pessoa com quem me casei, nunca saberei o fim disso. E a culpa que ela já acumula é suficiente para enterrar até o homem mais forte, então não vale a pena arriscar.

Além disso, quero ver como Yasmin se sai contra ela. Ela tem sido tão dócil e bem-comportada; será interessante ver como ela reagirá à minha mãe, que sem dúvida a insultará.

Meu pau estremece quando penso nela agindo mal, imaginando trazê-la de volta para casa e mostrar a ela o que acontece com garotas safadas que saem da linha.

Eu balanço minha cabeça com a visão, desejando que meu pau volte para baixo.

Veja, é por *isso* que preciso do lembrete. Meu corpo continua pregando peças em minha mente, fazendo-me pensar que Yasmin está aqui para o meu prazer. Que ela está ligada a mim. Mas esse não é o caso. Ela é um meio para um fim, um fio solto que vou desvendar até não restar mais nada e depois jogar no fogo para queimar. E isso significa que eu não deveria me importar se alguém a desrespeita ou se irrita com a audácia do garoto patético que a faz parecer tão triste.

Eu não deveria me importar.

E eu preciso descobrir uma maneira de me lembrar disso.

CAPÍTULO 28

Yasmin



— Pare de se mexer.

Eu franzo a testa para Julian enquanto termino de endireitar minha saia lápis preta. — Está torta. Não posso entrar na casa da sua mãe com uma saia torta.

— Bem, está consertado agora, e você está me distraindo, — ele morde.

— O que rastejou na sua bunda? — Eu torço meu nariz. — Você está muito mal-intencionado esta noite.

Seus olhos se estreitam e seus lábios se franzem, mas ele me ignora, caminhando pela calçada até uma grande casa que dá para um lago, com um exterior de tijolos e arcos de pedra. Há um lustre na janela alta acima da porta da

frente, e plantas roxas estão crescendo no jardim do lado de fora da janela saliente à esquerda.

— Isso é lindo, — eu digo, tropeçando em meus pés enquanto tento acompanhá-lo. — Sua mãe mora aqui sozinha?

Ele não responde, parando quando chegamos à porta.

Honestamente, estou meio nervosa com toda a situação, sem saber o que esperar da mulher que criou um homem como Julian Faraci e sem saber como devo agir. Ele é tão sensível sobre seu passado, e sei que esta é outra oportunidade para eu perscrutar a vida pessoal de meu marido, para ver quem ele é e se há algum ponto fraco que eu possa cavar e destruir.

O telefone descartável que Riya me deu está embaixo de uma pilha de roupas na gaveta da minha cômoda lá em casa, uma série de mensagens de texto com Randy Gazim esperando que eu responda e continue a conversa.

Ele diz que vai me ajudar, que assim que eu herdar as Sultans, ele vai redigir uma anulação, me ajudar a ir a público contra Julian e encontrar proteção para mim e para Aidan para que possamos estar seguros. Ele disse que fazer isso agora seria melhor, mas quero ter certeza de que meu pai não sabe até onde seu braço direito iria para traí-lo. Ele deve estar em paz quando falecer, não preocupado com coisas que podem ser resolvidas depois que ele se for.

É um pensamento mórbido, esperar que meu pai morra, um pensamento que faz com que a culpa e a tristeza se misturem em meu peito e comprimam meus pulmões até que pareçam exaustos, mas não há mais nada que possamos fazer a não ser esperar. Eu tenho que aceitar isso para garantir que seu legado seja protegido no final.

A mão de Julian toca brevemente minhas costas e então recua, e isso me traz de volta ao momento.

Percebi que Julian geralmente gosta que eu demonstre afeto em público ou perto de pessoas, incluindo meu pai, a quem estamos tentando convencer de que somos verdadeiros, mas não sei se isso se estende à própria mãe dele. Você pensaria que ele me contaria o que devo fazer, mas grande parte de fingir estar apaixonada por Julian é descobrir o que ele quer, como se eu fosse uma leitora de mentes. Ele só espera que eu saiba. Outra característica idiota dele.

Apesar do nervosismo, porém, parte de mim está animada para vê-lo interagir com alguém que ama, embora o júri ainda não saiba se ele é capaz de sentir essa emoção.

Quando chegamos à porta, ele não bate; ele simplesmente abre a maçaneta preta fosca e entra.

— Mãe, — ele grita.

Seu tom me pega desprevenido, e eu seguro uma risada de como ele soa normal enquanto sigo atrás dele pela grande entrada com uma escada à esquerda e passo pela sala de jantar aberta que já tem comida no meio da mesa. O cheiro de orégano e algo forte atinge minhas narinas, fazendo meu estômago roncar em apreciação. Não comi nada desde o brunch desta manhã, e o nervosismo de ter que ficar perto de Julian *e* sua mãe ao mesmo tempo me deixou um pouco confusa, então estou faminta, e a comida tem um cheiro delicioso.

Passamos por uma sala de estar com uma lareira de pedra que vai do chão ao teto, as chamas estalando, e depois vamos para a direita dos sofás de cor creme e entramos na cozinha aberta.

Uma mulher está parada entre a pequena ilha e um fogão a gás, seu cabelo preto com mechas prateadas preso em um coque baixo na cabeça.

Pouco antes de ela se virar, Julian chega por trás e agarra minha mão. *Firmemente*.

Minhas sobrancelhas se erguem quando olho para ele, confusa com o quão mal-humorado ele parece, uma energia ansiosa irradiando dele que normalmente não existe. Mas quando sua mãe nos encara, eu limpo a expressão, adotando um grande sorriso e me inclinando levemente para o toque de Julian. Tanto porque estou tentando ser convincente quanto porque a mãe dele imediatamente me deixa nervosa. Seu rosto é severo e seus olhos são frios como gelo. Eles se concentram em nossas mãos unidas imediatamente.

— *Ciao*, mãe.

— *Vita mia*, venha dar um beijo na sua mãe.

A voz dela é forte e suave como o mel, e ela claramente não é de Badour pelo jeito que ela abaixa os *r* 's e alonga os *a* 's. Percebo então que não tenho ideia se Julian é originalmente daqui, e a ansiedade aperta minhas entranhas, preocupada que ela me faça perguntas que não sei como responder. Perguntas que qualquer outro casal deveria saber.

Qualquer que seja. De qualquer forma, não é como se eu tivesse escolha, então, se parecermos tolos, então eu o culpo, e ele pode lidar com as repercussões.

Há uma colher de pau na mão esquerda de sua mãe enquanto ela caminha até nós, estendendo a mão para envolver Julian em um abraço. Ao fazer isso, seu braço esquerdo cai bruscamente, forçando minha mão a se afastar da dele.

Meu coração pula e meus dedos doem com a ação, mas eu me afasto, dizendo a mim mesma que certamente ela não fez isso de propósito.

Ela se afasta dele, segurando seu bíceps antes de estender a mão para dar um tapinha em seu rosto, então olha para mim. — E quem é essa?

Julian a sacode, agarrando-me pela cintura e me arrastando para o seu lado. — Esta é Yasmin.

— Yasmin. — Ela levanta o queixo, então ela está olhando para baixo de seu nariz para mim. — Eu não sabia que meu filho traria estranhos para minha casa.

— Mãe, — Julian suspira.

— O quê? — Ela pergunta, seu olhar voltando para ele. — Você traz uma garota aqui sem me avisar e eu não tenho permissão para fazer nenhuma pergunta? — Ela se vira para mim, arrumando a lateral de seu coque já perfeito. — Honestamente, você pensaria que sou um fígado picado com a maneira como ele me trata. Mal liga, nunca me diz o que está fazendo da vida, e agora aqui está você. Uma garota aleatória que eu nunca conheci. — Seus lábios se curvam. — Talvez você seja o motivo de ele estar tão distante.

Eu a encaro com os olhos arregalados, extremamente desconfortável e insultada, mas também um pouco divertida. Ela está falando com Julian como se ele fosse uma criança, não como o formidável homem de negócios que ele é. Sinceramente, isso me fascina um pouco, e não consigo evitar o pequeno sorriso malicioso que surge em minha boca quando me viro para olhar para Julian, vendo-o sob uma luz diferente pela primeira vez. É difícil ser intimidada por ele quando está neste elemento.

— Isso é novo? — Ela pergunta, apontando o dedo para mim e depois para ele.

— Não particularmente, — eu respondo depois que Julian não diz uma palavra.

— E você nunca me deixou conhecê-la? — Ela reclama. — Típico.

— Você vai conhecê-la agora, — diz ele secamente.

— E para quê? E se eu morresse e você nunca me deixasse conhecer a garota que está saindo? Teria que conviver com isso pelo resto da vida. Qualquer dia agora, eu poderia ir, você sabe disso? Eu não tenho muito tempo sobrando. Já lhe disse o que os médicos dizem. Você quer isso em sua consciência?

Eu respiro fundo com suas palavras, a dor atravessando as feridas ocultas causadas pela doença de meu pai.

— Eu sou... — Eu começo, não tendo certeza do que vou dizer, mas sabendo que tenho que dizer *algo* para não cair no choro.

— Ela é sua nora, mãe. Parabéns,— ele joga fora. — E você ainda não está morta, então parece que cheguei a tempo.

A raiva se infiltra em mim com a insensibilidade com que ele ignora a preocupação dela. Se ela está realmente doente, não acredito que ele a está tratando dessa maneira. Ele deveria estar aqui, passando o máximo de tempo possível com ela. Pelo menos ela *quer* vê-lo.

Ao contrário do meu pai, que está me afastando cada vez mais.

Quando ela olha para mim desta vez, encontro seu olhar de frente. Não sei por que, mas isso parece importante. Como se eu estivesse ansiando por sua aprovação e esperando que ela não pensasse que não sou o suficiente.

Embora, no grande esquema das coisas, realmente não importa de um jeito ou de outro. De qualquer maneira, esse casamento vai acabar logo, e não passará de uma lembrança lamentável, como um gosto ruim na boca que lavo com água.

— Bem. — Ela bate as mãos nas coxas. — O jantar está pronto. Provavelmente frio agora com quanto tempo você demorou para chegar aqui. — E ela se vira e vai embora. Bem desse jeito.

Eu olho para Julian, tentando avaliar se ela ignorar completamente o fato de que nos casamos é uma coisa normal ou se é algo com o qual devemos nos preocupar, mas seu rosto é um escudo, não revelando uma única emoção.

Nós a seguimos até a sala de jantar na frente da casa.

— Você pode sentar aqui, Yasmin. Ao meu lado, para que eu possa conhecer minha nova filha. — Sua mãe aponta para uma cadeira no lado oposto de onde presumo que ela espera que Julian se sente, mas Julian me impede antes que eu possa me mover, puxando a cadeira ao lado dele e me ajudando a me acomodar antes de me empurrar para dentro.

Ele se senta ao meu lado e pega minha mão por baixo da toalha, apoiando-a em seu joelho, que está batendo em um ritmo nervoso.

Eu olho para baixo, para nossos dedos entrelaçados e, em seguida, para seu rosto, me perguntando se ele percebe o que está fazendo. Não é como se sua mãe pudesse vê-lo segurando minha mão, então eu realmente não entendo o propósito. Mas deixo porque, de qualquer forma, ele parece nervoso e não quero fazer nada para irritá-lo.

Sua mãe acena com o pulso para o bufê de comida na mesa. — Bem, vamos lá. Não fique apenas olhando.

Julian então solta minha mão, colocando-a em sua coxa antes de pegar meu prato, servindo porções perfeitas de tudo antes de colocá-lo de volta na minha frente.

Eu o encaro, boquiaberta , antes de olhar para a comida e depois para ele.

— O que está errado? Insuficiente? Demais? — Ele pergunta, deslizando sua mão de volta sob a minha.

— N-não, — eu gaguejo. — Perfeito.— Pego meu garfo e esfaqueio as folhas verdes, mas paro antes de dar uma mordida. — Obrigada.

Honestamente, não sei se alguém de fora da equipe de atendimento já serviu comida para mim antes, e é um gesto legal, que me faz sentir cuidada de uma maneira diferente do que nunca. Algo estranho e quente enche meu peito, e eu torço meus dedos, deslizando-os entre os dele e apertando.

Engraçado como uma coisa tão simples pode causar uma reação tão cataclísmica.

— Olhe para vocês dois, — diz a mãe, tomando um grande gole de seu vinho tinto. — Tão apaixonado. Assim como eu e seu papai éramos. — Ela acena para Julian. — Claro, ele ficaria menos do que impressionado por você estar começando uma refeição sem dar graças.

Sua perna para de tremer. — Mãe, pare com isso.

— O que? Não tenho permissão para falar sobre meu marido agora? — Ela inclina o copo na minha direção. — Desejo a você toda a felicidade que tive.

Julian bate com o punho na mesa, sacudindo a porcelana e fazendo meu estômago revirar. — É o bastante.

Eu limpo minha garganta, meu coração batendo tão forte contra meu peito que eu tenho medo que possam ouvi-lo do outro lado da sala, e eu pego a taça de vinho na minha frente e tomo um grande gole.

Lá se vai a ideia de nunca mais beber.

As notas amargas do líquido me fazem estremecer, mas engulo e engulo de novo, precisando de algo para fazer para não ficar boquiaberta com a cena que está acontecendo diante dos meus olhos.

A mãe dele, cujo nome eu *ainda* não sei, joga as costas contra a cadeira com a explosão de Julian, levando a mão ao peito. — Bem, você não pode dizer que não tem o temperamento dele.

Julian ri, mas é oco. Meus olhos se movem entre eles, minhas mãos ficando úmidas de quão estranha eu me sinto.

— Mãe, você *realmente* não quer me testar agora. Ok? Podemos apenas fazer uma refeição? Por que é sempre tão difícil ter um dia normal com você?

Espero que ela desista. A voz de Julian caiu para aquele timbre profundo, suave e perigoso, como uma faca afiada o suficiente para cortar um osso.

— Quem você pensa que é, falando assim com sua mãe? — Ela sibila.

Agora meus nervos aumentam por causa dela. Ela não sabe quem é seu filho? Do que ele é capaz?

— Você entra aqui como um figurão, dançando em seus ternos Armani e carregando sua linda nova esposa com um anel gigante, e o que eu ganho, hein? Uma boca esperta de um menino que costumava ter muito medo de mim para falar.

Sua mandíbula se contorce e ele abaixa a cabeça, as narinas dilatadas quando ele fecha os olhos, beliscando a ponte entre o nariz. Ele ainda não soltou minha mão e está apertando com tanta força que meus dedos estão começando a ficar dormentes, mas não tento me mexer.

— Sra. Faraci, com todo o respeito, — começo, tentando acalmar a situação. — Seu filho é...

— Sabe, se ele estivesse aqui, seu pai, ele não aceitaria isso. Colocaria algum sentido em você e lembraria de quem fez de você o que você é.

Suas palavras voam pelo ar como flechas bem apontadas, e posso dizer o momento em que atingem o alvo.

Julian aperta seus dedos nos meus por um segundo e então me solta completamente, o som de sua cadeira raspando contra o chão enquanto ecoa no teto alto e nas paredes bege.

Ele se inclina sobre a mesa, os punhos pressionando o tampo até os nós dos dedos ficarem brancos. — Não, mamãe. Ele iria gritar com *você*.

Meu estômago está emaranhado enquanto os observo, meus dedos torcendo juntos no meu colo.

Ele estende a mão e agarra minha mão, puxando-me com força da mesa. — Estamos indo embora.

— Oh, ok, eu... — Eu paro enquanto recupero meu equilíbrio. Ele me arrasta para longe e eu olho para trás uma vez, sem saber se devo dizer adeus ou agradecê-la pela refeição ou xingá-la por importunar o filho em vez de aproveitar o tempo juntos. Mas eu dou uma chance a ela, porque se ela está doente, tenho certeza que ela está confusa, assim como meu baba, não querendo perder os que ama, mas sem saber como abordá-los.

São apenas alguns segundos e então é tarde demais para dizer qualquer coisa. Julian me arrastou todo o caminho até o carro, praticamente me jogando no banco do passageiro e, em seguida, dirigindo como um morcego fora do inferno para fora de sua propriedade.

Sento-me reta como uma vareta, nem mesmo ousando respirar muito alto.

A raiva permeia o carro, zumbindo como uma colmeia de vespas.

Eventualmente, eu abro minha boca, então a fecho novamente, repetindo o movimento mais duas vezes antes de desistir. Eu não tenho ideia do que dizer.

— Você está bem? — Eu finalmente reuni.

Ele não responde, puxando o volante, meu corpo se sacudindo na curva fechada para a esquerda.

— Sabe, — eu continuo, tentando obter algum tipo de reação dele, — sua mãe parece um doce. Não é de admirar que você fale tanto sobre ela.

Sua boca se contrai.

Estendo a mão antes que possa me impedir, meu dedo cutucando o lado de seu rosto. — Olhe para isso. Afinal, seu rosto *não está preso*.

Ele vira a cabeça para o lado, pressionando os dentes como se estivesse tentando morder minha mão, e eu grito, puxando-a para trás e batendo no meu peito.

Não sei por que essa necessidade repentina está aqui, desejando fazê-lo se sentir melhor. Talvez seja porque eu não gostei do olhar em seus olhos ou da óbvia tensão que ele e sua mãe têm. Talvez seja porque eu percebi que há coisas de sua infância que eu nunca poderia imaginar por mim mesma. Ou talvez seja apenas porque, neste momento, não odeio meu marido tanto quanto deveria. Seja o que for, eu o agarro com as duas mãos, esperando que não escape de minhas mãos.

— Você é um animal. — Eu ri.

— Oh, *gattina*. — Ele suspira, sorrindo amplamente agora. — Você não tem ideia.

CAPÍTULO 29

Julian



Estou perdendo a conta de quantas vezes deixei Yasmin me tocar sem ser provocada, e odeio a sensação.

Parece conforto. Como um cobertor quente em uma noite fria. Como se eu *não* odiasse nada, o que o torna um grande problema para mim.

O jantar com minha mãe foi diferente do que eu esperava, mas é da minha natureza subestimá-la constantemente. Eu sabia que as coisas seriam interessantes, esperava o tom de voz desrespeitoso e a maneira como ela espeta e cutuca, tentando me fazer explodir. Mas eu não esperava *minha* reação ao modo como ela desconsiderou tão insensivelmente alguém com quem escolhi passar o resto da minha vida.

Esqueça o fato de que não é real, que estou chantageando Yasmin até para passar um tempo comigo. Minha mãe não sabe disso, e uma mãe *normal*, uma boa mãe, teria mais a dizer do que, vamos jantar.

Em qualquer outra situação, eu a deixaria escapar impune. Mas uma estranha nova energia protetora acenou sua bandeira vermelha na frente do meu rosto, me avisando que se eu não nos tirasse de lá, eu iria estragar tudo. Mamãe mereceria, mas como sempre, tem algo me amarrando a ela mesmo depois de todos esses anos, uma corda invisível que se esfiapa mais a cada exemplo de desrespeito, cada vez que ela fala da minha infância, agindo como se eu não me lembrasse como tudo minhas cicatrizes são dela.

Mas ainda está lá, e ainda está conectado, e não sei como fazê-lo partir ao meio.

Dói que ela não pode nem fingir se importar comigo trazendo uma esposa para casa. Eu esperava que ela ficasse com raiva, não amarga.

Deus sabe por quê.

— Você sabe, — Yasmin diz, sentada no sofá da sala de família com aquela saia lápis preta e blusa de seda, tirando os saltos. — Isso foi diferente do que eu esperava.

Eu rolo o copo de uísque com meu pulso enquanto a levo para dentro, a lareira aquecendo o ar e as folhas do outono do lado de fora da parede das janelas adicionando uma sensação de calor ao espaço enquanto o sol se põe atrás da linha das árvores. Caminhando até o sofá, eu me sento, colocando minha bebida na mesa de centro e agarrando a sola de seu pé, correndo meus polegares para cima no arco.

Ela geme, seus olhos tremem, e então, como ela percebe o que está fazendo, sua mão voa para a boca, um olhar envergonhado cruzando seu rosto.

Eu sorrio.

— Posso te dar um conselho? — Ela inclina a cabeça.

Meu polegar pressiona contra seu calcanhar. — Tenho certeza que você vai me dar, quer eu queira ou não.

Um olhar pensativo passa por seu rosto. — Se sua mãe está tão doente quanto ela diz que está, então você deveria tentar descobrir o que quer que vocês dois estejam fazendo antes que seja tarde demais.

Minhas mãos param seu movimento, deixando cair o pé de volta para o sofá. — Conselho *não* seguido, obrigado.

Ela zomba, cruzando os braços. — Ela disse que estava morrendo, Julian. As pessoas fazem coisas estranhas quando estão enfrentando sua própria mortalidade. Olhe para o meu pai. — Sua voz suaviza no final, um olhar triste aparecendo em seus olhos. — Você pode falar comigo, sabe? Se você está lutando com ela estar doente. Se alguém sabe como é isso, sou eu.

Ela se inclina, seu braço estendendo a mão para o meu. Eu me afasto, e ela suspira e abaixa a mão.

— Ela está morrendo há vinte anos.

Yasmin suspira. — O quê?

— Ela é uma mentirosa, *gattina*. Uma falsa. Ela fará qualquer coisa para conseguir o que quer.

Seu olhar se estreita em fendas. — Uau, deve ser um membro da família então.

Ela não está errada. A maçã não cai longe da árvore, e tudo o que sou, as pessoas que tive que machucar para chegar onde estou, é só por causa daqueles que me criaram. Eu sou filho da minha mãe. Em quase todos os sentidos.

Eu belisco a ponte do meu nariz, sua declaração enviando uma raiva irracional surgindo através de mim. — Você deveria ir para o seu quarto. — Silêncio mortal.

E então um sapato voa em minha direção, errando-me por uma polegada. Minhas costas batem no braço do sofá e eu olho para ela, sem graça.

— Realmente maduro.

— Estou tão *cansada* de você me dizendo o que fazer, — ela resmunga.

— Aí está a pirralha que está desaparecida. — Eu cruzo meus braços. — Eu estava me perguntando quando você pararia de fingir que é uma mulher bem-educada e deixaria sua verdadeira face brilhar.

— Oh, bem, perdoe-me, — ela cospe, inclinando-se para frente até que ela esteja perto o suficiente para enfiar o dedo no meu peito. — Me processe por tentar tirar o melhor proveito das cartas que recebi. As cartas *que você* me deu.

Eu fico estóico, olhando para ela de onde ela está praticamente em cima de mim, dizendo a mim mesmo que ela não vale o meu tempo. Que ela não passa de um aborrecimento necessário e *temporário*. Mesmo que o calor de seu corpo tenha feito meu pau ficar duro e minhas mãos ficarem tensas com o desejo de agarrá-la pelos quadris e mostrar a ela o quanto eu poderia fazê-la gostar de saber o que fazer.

— Deus me livre de tentar tornar essa situação de merda em que *você* me colocou mais suportável. Você sabe como é? — Sua voz falha e ela deixa cair o dedo, fechando-o em um punho e batendo-o em seu próprio peito, cavando como se ela mesma pudesse arrancar a dor. — Meu pai está morrendo, Julian. Ele está realmente, *morrendo*. E tudo o que quero fazer, tudo o que consigo pensar em fazer, é estar com ele. Mas, em vez disso, estou aqui, me envolvendo com *você*, a pessoa que eu deveria odiar.

Ela funga e eu cerro minha mandíbula, minhas mãos se fechando em punhos ao meu lado para evitar estender a mão.

— A vida é tão dura, não é, *gattina*? É muito difícil ser tão mimada.

— E essa é a parte fodida, não é? — Ela interrompe. — Eu sei. Eu *sou* mimada. Nunca tive que aprender a dirigir. Nunca tive que aprender a cozinhar ou a dobrar minhas próprias roupas. Nunca tive que me preocupar em aprender uma habilidade para a vida ou um ofício, porque eu precisaria, em um milhão de anos, trabalhar para viver? E isso é uma prisão em si. Parece que estou presa no topo de um campanário, escondida, e nunca saio para ver a luz. Se você não consegue ver isso, se não é capaz de sentir empatia, então não sei por que estou falando.

Eu cerro minha mandíbula.

— Meu pai tentou me leiloar para o primeiro idiota que aparecesse, porque sabia que eu não conseguiria sobreviver sozinha, — continua ela. — E ele está certo. E aposto que você ama isso, não é? Ter-me aqui à sua mercê e saber que não posso fazer nada por mim mesma.

— Pobre garotinha rica, — eu assobio, inclinando-me até que nossos olhares se encontrem. — Você não tem ideia do que significa lutar, não tem ideia do que é um trauma real. Sinto muito por você ter que lidar com seu pai carinhoso enquanto vivia em uma mansão de 2.000 pés quadrados, entregando-lhe o mundo e tendo-a amada demais *para* querer deixá-la.

Lágrimas brotam em seus olhos, tornando-os ainda mais bonitos. Mais cru, talvez.

— Verdadeiramente, como você pode sobreviver a isso? — Eu pergunto, minha voz aumentando com sarcasmo. — Deve ser tão *difícil* ter um relacionamento estável e saudável com ele.

— Não desconte em mim porque você trata sua mãe como uma merda, — ela retruca. — Deixe-me dizer uma coisa, Julian. Se você não fizer as pazes agora, se pelo menos não tentar, quando ela morrer? Você vai se arrepender pelo resto da vida. — Ela faz uma pausa, olhando para mim com desgosto. — Mas acho que é de se esperar de um homem que sangra o mal.

— Isso é um pouco dramático, — eu respondo.

Ela estende a mão para empurrar contra mim.

Em vez disso, agarro seus pulsos, prendendo-a no lugar contra meu peito. — Você é o diabo, Julian Faraci. E espero que você queime no inferno.

Eu pressiono mais perto, até que meu torso mal passa por seu corpo, a raiva pulsando pelo meu corpo com a batida do meu coração, enchendo minha corrente sanguínea até que eu não veja nada além de vermelho.

Eu me movo rapidamente, arrastando-a pelos pulsos até que seu corpo voe para frente e caia sobre meus joelhos. Ela guincha de surpresa e então começa a lutar contra mim, mas meu antebraço trava contra a parte inferior de suas costas, pequenos tiros de prazer zunindo pelo comprimento do meu pau enquanto ela se contorce em cima do meu pau, tornando-o tão duro que pressiona contra o zíper.

Minha outra mão levanta aquela saia preta apertada que ela não conseguia parar de tocar antes, expondo a maçã lisa de sua nádega, perfeita e pronta para ser punida.

Eu abaixo minha mão sem pensar duas vezes, o tapa reverberando pela sala e pelas paredes. Meu pau estremece enquanto eu esfrego meus dedos em sua carne, acalmando a área.

Olhando para ela, solto meu antebraço, percebendo que ela não está lutando contra mim agora. Ela está apenas deitada de bruços, os cotovelos afundando na

almofada do sofá e sua respiração tão pesada que posso senti-la escapando de seus pulmões.

— Já passou da hora de alguém te ensinar a calar essa boca, — murmuro, alisando minha mão sobre a carne.

— Você acabou de me *bater*?

Eu me inclino até meus lábios passarem pela concha de sua orelha. — Se você quer que eu pare, diga-me para parar. Caso contrário, farei de novo, *gattina*. Mais e mais até que sua bunda esteja tão dolorida, você não poderá sentar por dias e sua doce boceta implora por um gosto também.

Ela suga uma respiração, seu torso inquieto contra o meu colo, e meu estômago aperta, apreciando sua reação. Faço uma pausa, esperando para ouvir o que ela diz, mas o silêncio soa mais alto do que nunca, do jeito que eu esperava.

— Agora, peça desculpas.

— Vá se foder, — ela zomba.

Smack.

A dor irradia pela palma da minha mão enquanto minha mão mais uma vez alisa a bochecha.

Seu corpo estremece enquanto ela tenta se livrar do meu aperto, mas eu não a deixo escapar, em vez disso a pressiono com firmeza até que meu pau empurre em seu estômago.

— Eu prefiro foder *você*, esposa, — murmuro. — Mas pirralhas que precisam aprender suas lições não entendem as coisas a menos que sejam bonzinhas. Agora. — Meus dedos dançam sobre a área avermelhada de sua bunda. — Seja uma boa menina e faça o que eu digo.

Ela vira a cabeça para me ver, o fogo queimando em seus olhos, as pupilas dilatadas e o desejo se esgueirando por suas feições. Ela pode fingir que não gosta disso o quanto quiser. Nós dois sabemos a verdade. Isto é o que ela precisa.

E eu sou o homem que pode dar a ela.

— Eu não sinto muito, — ela sussurra.

Meu pau pulsa com sua desobediência.

Smack. *Smack*. *Smack*.

Mais três tapas em rápida sucessão e ela afunda mais em meu abraço, seus grunhidos se transformando em gemidos.

— Julian, — ela respira. — Por favor...

Meus dedos mergulham entre suas coxas, correndo ao longo da renda de sua calcinha, sua boceta pingando tanto que encharca o tecido. — Você sabe o que eu quero.

— Sinto muito, — ela finalmente diz, esfregando-se contra mim.

— O que é isso?

— Sinto muito, — ela repete.

Eu me inclino e pressiono um beijo suave na área avermelhada em sua bochecha. — Você é tão sexy quando se comporta.

Relaxando meu antebraço, espero que ela se mova, mas ela não o faz, optando por ficar de bruços. O momento em si é vulnerável, e eu me movo para envolver meus braços ao redor de seu corpo, arrastando-a para mim para segurá-la com força contra meu peito.

É estranho... *abraçar* assim. Mas o que fiz foi intenso e, embora saiba que ela gostou, também sei que é importante garantir que ela saiba que se saiu bem.

Que ela me agradou.

Ficamos sentados assim por alguns minutos, e então eu a movo para o lado, certificando-me de que ela está confortável no sofá. Seus braços se estendem para me trazer de volta. — Onde você está indo?

— Não se mova. — Eu empurro seu cabelo para trás de seu rosto. — Eu volto já.

Ela cantarola, com os olhos vidrados, e sigo pelo corredor até o armário de remédios, pegando o creme de arnica para me certificar de que ela não se machucou.

Caminhando de volta, vejo que ela não se moveu de sua posição, e ela vira a cabeça para mim, sorrindo suavemente.

Eu fico na frente dela, batendo em sua coxa. — Levanta.

Ela se move sem reclamar, e eu a coloco de volta no meu colo, esfregando levemente onde bati antes de abrir o creme e espalhar na área.

— Quando eu tinha três anos, — começo, — ganhei um bichinho de pelúcia. Um ursinho de segunda mão de uma criança que morava perto do quarteirão e não o queria mais. Estava sujo e usado e já se desfazendo nas costuras, mas era *meu*.

Yasmin se afasta um pouco, seu rosto se virando para mim e seus olhos se arregalando com a minha admissão.

— Meu pai chegou em casa naquela noite e me viu com ele. Eu estava com medo de que ele o tirasse de mim, então, antes que ele pudesse, corri para o meu quarto e encontrei um esconderijo, sob as ripas da minha pequena cama. — Minha garganta incha com a memória e eu engulo em torno da dor. — Eu nem consegui

voltar antes de ouvir minha mãe gritando e ele gritando com ela por me tratar como uma menina. Por criar o filho *errado*.

— Oh meu Deus, — Yasmin sussurra.

— Ele nunca descontou em mim. Sempre foi ela. Ela não me fez um homem o suficiente. Ela não preparou o jantar direito. Às vezes, a maneira como ela respirava o irritava, eu acho. A culpa *sempre* foi dela. — Eu cerro os dentes, meu nariz torcendo contra a queimadura crescendo atrás dele. — Mas minha mãe é uma mulher vingativa e ela sabia quem era realmente o culpado. — Meus olhos ficam desfocados e eu encaro a parede atrás de Yasmin, as memórias tão vívidas que é como se eu estivesse lá. — Essa foi a primeira vez que me lembro de minha mãe me batendo. Horas depois que seus próprios apelos se acalmaram e meu pai voltou para as grades, eu estava deitado na minha cama, aquela porra de urso estúpido aninhado apertado contra o meu peito. E ela entrou furiosa, sangue seco em volta do nariz, um olho roxo no rosto do tamanho de Nova York e o cinto do meu pai enrolado no punho. — Eu levanto minha camisa do meu torso, apontando para uma pequena cicatriz, uma das muitas que estão escondidas sob a tatuagem. — Ela gostava de usar a ponta de metal. Realmente expressar seu ponto de vista. — Deixei escapar uma pequena risada. — Havia lágrimas em seus olhos, porém, e ela prometeu que só doeria um pouco. Mas essa é a coisa sobre o abuso, eu acho. A dor sempre dura mesmo depois que os hematomas desaparecem.

Uma lágrima escapa do canto do olho de Yasmin, e solto seus pulsos, estendendo a mão para enxugá-la, deixando meu polegar arrastar por seu rosto perfeito.

— Quando você é criança, você realmente não conhece nada melhor. A única coisa que você *sabe* é que ela é sua mãe, e as mães devem te amar. Ser o seu espaço seguro. Não o contrário. Eu só queria o melhor para ela, mesmo depois de ela ser a causa de tanta dor.

— Julian...

Eu a silencio, meus dedos nunca param de se mover em sua pele. — Então você vê, eu *gostaria que* ela morresse. Para me livrar dessa culpa que vive dentro de mim, apodrecendo como uma ferida infectada, sabendo que se talvez eu nunca tivesse existido, ela não teria tido tanto conflito.

A emoção, densa e volátil, flui através de mim, derramando-se em meu peito e enchendo minhas veias até que não consigo pensar direito. É muito. Muito forte. E eu preciso fazer algo para que isso desapareça.

Yasmin gira no meu colo e eu deixo, seu rosto olhando para mim com um novo olhar em seus olhos brilhantes, um que eu nunca vi. Não tenho certeza se gosto de lá ou não.

Meus dedos seguem o rastro de umidade no rosto de Yasmin até que estou segurando seu queixo e levantando, arrastando-a para mim.

— Se eu sou o diabo, *amore mio*, atire pedras naquele que me criou.

E então eu a beijo.

CAPÍTULO 30

Yasmin



Meu coração bate forte contra minha caixa torácica, tentando pular para fora do meu peito e voar para o dele, e não tenho certeza de por que está acontecendo ou como pará-lo. Talvez seja para acalmar o que Julian sente que pode estar quebrado ou simplesmente para confortar o menino vulnerável trancado dentro de si.

De qualquer forma, não tenho muito tempo para processar o que ele disse antes que seus lábios estejam nos meus, roubando o ar de meus pulmões como se ele precisasse para sobreviver.

E eu já fui beijada antes, mas a maneira como Julian me devora, como se ele não suportasse a ideia de ficar longe por mais um segundo, como se eu fosse a

única coisa que ele precisasse e nada se interpusesse em seu caminho, me mostra que talvez eu nunca tenha sido beijada de verdade.

Não há borboletas no estômago. Nenhum padrão suave de asas batendo ou movimentos suaves. Em vez disso, ele causa um inferno, devastando meu sistema e me desintegrando.

Meus punhos se abrem quando suas mãos agarram os lados do meu rosto possessivamente, nós dois não somos mais capazes de lutar contra o que quer que seja que está lentamente se acumulando nas últimas semanas.

Agora está puxando nós dois para baixo, e é tão bom que não me importo se isso me afogar.

Eu gemo no beijo, minhas pálpebras tremulando fechadas enquanto sua língua desliza contra a minha, suas mãos inclinando minha cabeça como se ele precisasse ir mais fundo, para provar *mais*. Isso faz meu estômago cair e torcer como se eu estivesse em uma montanha-russa, e eu afundo em seu abraço, meus braços envolvendo seu pescoço, dedos cavando em seu cabelo enquanto tento chegar o mais perto possível.

Em algum lugar, no fundo da minha mente, sei que, logicamente, eu deveria estar me afastando. Que eu deveria estar lutando contra o que quer que seja entre nós e me certificando de não cair no que eu sei que é apenas outra manipulação.

Por um segundo, Aidan passa por meus pensamentos, a culpa pelo que estou fazendo tentando se infiltrar no momento, mas então me lembro que ele não quer nada comigo. E para ser honesta, nada com Aidan jamais pareceu *assim*. O pensamento se foi tão rapidamente quanto veio, a paixão correndo por mim levando Aidan para longe como se ele tivesse sido escrito com giz e não esculpido em minha alma.

Além disso, já faz um tempo que nada me faz sentir *bem* na minha vida, então, por mais egoísta que isso possa me tornar, vou agarrar com as duas mãos e segurar com força. Vou fazer uma pausa temporária enquanto posso.

Ele inclina meu rosto, separando seus lábios e arrastando sua boca para baixo na extensão do meu pescoço, seus dentes mordiscando e chupando cada pedaço de pele nua que ele pode encontrar.

Isso não parece uma coisa única.

Parece propriedade.

O pensamento envia uma onda de calor pelo meu meio, fazendo minhas costas arquearem e meu corpo cair ainda mais para ele.

Suas mãos se movem de onde estavam segurando meu rosto, roçando meus lados e fazendo minha respiração parar e arrepios formigar sob a seda da minha camisa.

Ele envolve o braço em volta da minha cintura e me puxa para mais perto até que não haja um único centímetro entre nós, seu pau pressionando contra o meu torso, grosso e *grande* e algo que de repente estou desesperada para sentir.

Antes que eu possa pensar demais, eu estendo a mão e corro a palma da minha mão da base até o topo, deleitando-me com a forma como seu corpo enrijece e sua respiração falha de onde ele ainda está mordiscando a curva do meu pescoço.

Minha boceta lateja, a umidade se infiltrando em minha calcinha de renda preta, e imagino como seria ele deslizando entre minhas pernas. Aposto que ele iria me separar, dominar cada parte de mim.

Iria me fazer sentir amada, segura e completa, mesmo que apenas por um momento.

Ele geme, mas move sua própria mão entre nós, interrompendo meus movimentos e trazendo meu braço de volta para seu peito. Eu ignoro a leve pontada de rejeição que sinto quando ele faz isso, e então ele está me girando rapidamente, me levantando enquanto ele fica de pé até que eu esteja de lado no ar.

Eu suspiro, deixando escapar um pequeno grito enquanto ele me manobra exatamente como ele gosta, me forçando a me curvar sobre a borda da mesa de centro. Meus cotovelos doem quando batem na madeira entalhada, e meus joelhos afundam no tapete persa roxo e dourado abaixo de nós.

Sua mão desliza ao longo da minha espinha, sentindo um arrepio percorrendo meu corpo. Eu levanto minha cabeça e estou prestes a me virar para olhá-lo nos olhos, mas sua palma envolve minha nuca e me força para baixo até que minha bochecha esteja pressionada contra a mesa e meu corpo esteja flexível e aberto sob ele.

— Você é *tão* linda, você sabe disso? — Ele murmura, sua mão livre acariciando minha panturrilha e subindo lentamente, massageando o músculo enquanto ele faz.

Minha respiração vem em pequenos sopros de ar, deliciando-se com seu elogio enchendo meu corpo e enviando calor através de mim enquanto seus dedos brincam com a bainha da minha saia que caiu quando ele me moveu para a mesa. Devagar, meticulosamente, ele a empurra para cima até que o tecido esteja amontoado em meus quadris e o ar frio beije a pele da minha bunda.

Sua palma parece forte e áspera quando ele agarra um punhado da bochecha, murmurando algo italiano baixinho e depois acariciando a pele.

Ele se move então, o comprimento grosso de sua ereção pressionando contra mim e fazendo meu corpo doer por mais enquanto ele inclina sua metade superior

nas minhas costas, seus lábios fantasmagóricos em minha orelha, o calor de sua respiração enviando um arrepio na minha espinha.

— Diga-me que você gosta de minhas mãos em você, *gattina*.

As palavras voam pela minha garganta e tentam sair da minha língua, mas eu afundo meus dentes em meu lábio, não querendo ceder, não querendo dar a ele a satisfação de poder exigir tudo de mim quando ele já me deixou aberta, para fora e pingando para ele assim. Além disso, quando eu o irrito, ele gosta. Eu posso dizer porque, mesmo através de suas calças, seu pau endurece quando eu não faço o que ele pede.

Meus dedos cavam na madeira da mesa ao lado do meu rosto, controlando o desejo de alcançar a frente do meu corpo curvado apenas para aliviar a dor latejante que está pulsando entre minhas pernas.

Acho que posso morrer se ele não me tocar logo, mas ainda não quero ceder.

Smack.

Uma picada aguda irradia pela minha nádega direita e meus dentes mordem com mais força meu lábio, o gosto de cobre inundando minha boca. Ele suaviza onde acabou de bater, e a antecipação do que ele vai fazer comigo a seguir envia um zumbido pelo meu corpo, meus músculos tensos e borboletas explodindo em meu estômago, vibrando tão intensamente que parece que eu poderia voar.

Nunca me senti assim antes.

— Quando eu faço uma pergunta, *amore mio,* espero que você responda. — Outro golpe de sua mão exatamente no mesmo lugar, seguido novamente por ele acariciando a pele já macia.

Ele ainda está me segurando pela nuca, mas agora ele move seu toque, deslizando para cima até que seus dedos estejam emaranhados em minhas mechas encaracoladas e agarrando meu cabelo. Sua outra mão brinca com a renda da minha calcinha antes de agarrar com força e puxar.

Sinto o rasgo na pele dos meus quadris antes de ouvi-lo, e então a calcinha sai e estou exposta, à sua mercê, e nunca me senti tão viva.

Seu punho aperta meu cabelo e ele puxa, uma forte pontada de dor irradiando em meu couro cabeludo que envia um choque de prazer direto entre minhas pernas.

Meu corpo se curva quando ele me traz para cima, minhas costas ficando alinhadas à sua frente, seu queixo descansando perfeitamente na curva do meu pescoço enquanto ele me força a apoiar minha cabeça em seu ombro.

Sua mão direita se move para a frente da minha blusa, repetindo o movimento de rasgar, os botões saindo da minha camisa de seda e se espalhando no tapete enquanto ele rasga o tecido com facilidade, como se fosse feito para suas mãos.

Meu peito arfa quando fico sem nada além do meu sutiã, e logo ele também se foi, jogado em algum lugar no chão, e então estou completamente nua, meus mamilos endurecidos e implorando para serem tocados.

— Onde está essa boca esperta, *menina má*? — Ele segura meu seio direito em sua mão enquanto puxa rudemente o rabo de cavalo improvisado que ele segurou em seu outro punho. — Não quer me dar agora?

Seus dedos beliscam meu mamilo antes de segurar meu seio inteiro em sua mão, manipulando a carne até que o prazer se transforme em tortura, a dor entre minhas pernas se intensificando com seu toque até se tornar quase insuportável.

— Por favor, — eu ofego.

— *Bellissima* quando implora.

Meu corpo vibra e sua palma dança na frente do meu torso até que ele esteja pairando diretamente sobre onde eu mais preciso dele, sua mão segurando minha boceta como se fosse dele.

— Eu poderia fazer você gritar, — ele ronrona.

Seu dedo médio desliza ao longo da costura da minha boceta, meu clitóris pulsando com o fantasma de seu toque enquanto ele o arrasta até a minha entrada, mergulhando apenas um pouco para provocar o lado de fora do meu buraco.

Eu gemo, meus músculos falhando enquanto eu praticamente desabo contra ele, sua frente permanece colada nas minhas costas enquanto ele brinca comigo como se eu fosse uma marionete dançando em suas cordas.

— Mas você gosta de minhas mãos em você, — afirma ele. — Seja minha boa menina e me diga como é.

— Eu odeio isso, — eu digo, mordendo meu lábio ainda mais forte.

Ele se move e bate na minha boceta, a dor aguda irradiando por todas as minhas pernas, meu corpo tremendo de tanto que eu o quero dentro de mim. Para aliviar essa dor. Ele remove seu toque, trazendo a palma da mão até meu rosto, minha umidade brilhando em sua pele enquanto ele descansa seus dedos contra meus lábios.

— Sua boceta molhada não mente, *gattina*.

Seu dedo abre minha boca e força seu caminho para dentro. Eu choramingo, minha língua envolvendo seu dedo enquanto lambo minha pele. — Essa é a minha garota, chupando-se de mim como uma vadiazinha desesperada, — ele murmura. — Você pode provar a verdade, não pode, baby?

Concordo com a cabeça contra ele, tão excitada que nem quero *mais* lutar contra isso. Eu só quero fazer o que ele disser para que ele me faça gozar e eu possa continuar me sentindo assim para sempre.

Ele remove os dedos da minha boca, e eu solto um gemido em protesto.

Seu aperto no meu cabelo afrouxa, a mão se movendo para envolver a frente da minha garganta agora, meu pulso batendo tão forte que tenho certeza que ele pode sentir.

— Diga, — ele exige.

— Eu amo quando você me toca. *Por favor*, — eu imploro, minhas pernas tremendo.

Meu corpo está tão tenso que tudo parece intensificado. O ar é frio enquanto chicoteia contra minha pele superaquecida, o tapete arranha meus joelhos. Minha boceta está doendo quando sua mão finalmente me dá o que eu preciso.

Seu polegar esfrega meu clitóris e imediatamente minha visão fica nebulosa, tão perdida no prazer que não seria capaz de ver a floresta por causa das árvores, e quando seus dedos deslizam sem esforço para dentro de mim pelo quão encharcada estou, solto um grito alto gemido, minha cabeça caindo para trás contra o ombro. Sua outra mão aperta minha garganta, tomando cuidado para evitar minha traqueia.

Ele já fez isso antes. Ciúme chicoteia através de mim como um tornado, mas tão rápido quanto veio, se foi, meu estômago fica tenso quando ele esfrega contra meus nervos sensíveis.

— Tão responsiva, — ele murmura. — Você é como a porra do paraíso, e eu mal toquei em você.

Ele começa um ritmo, seus dedos mergulhando dentro de mim e se curvando até atingirem um ponto que me faz gritar, e bem quando isso acontece, seu polegar pressiona contra meu clitóris inchado, fazendo um redemoinho de prazer em meu meio e uma piscina em meu núcleo.

Meu braço voa atrás de mim para envolver seu pescoço, porque se eu não me agarrar a ele, não poderei me segurar, e antes que eu possa parar, estou murmurando: — Por favor, Julian, *Deus*. Eu preciso... eu preciso...

— Uma esposa tão boa quando você está pingando na minha mão e implorando para eu te foder.

Minha boceta tem espasmos em torno de seus dedos.

— É isso que você quer, *amore mio*? Você quer que eu abra suas coxas e me deslize tão profundamente dentro de você que você vai me sentir por dias?

Meus dentes batem em meus lábios, tentando evitar dizer a ele, para fazê-lo arrancar a resposta de mim, mas estou longe demais para lutar.

— Sim, — eu imploro.

— Sim, — ele repete. — Você gozaria no meu pau como minha garota perfeita, não é?

Ele desaparece entre as minhas pernas, a pressão no meu pescoço diminuindo enquanto ele move as duas mãos e agarra meus quadris. Ele me pega de onde estou curvada e me gira, empoleirando minha bunda na beirada da mesa, seus dedos cavando na carne das minhas pernas enquanto ele as força o mais longe possível.

Eu respiro profundamente, observando este homem poderoso e perigoso de joelhos diante de mim, e minha boceta aperta com a visão.

Ele se move, seu nariz correndo ao longo do interior da minha coxa.

— Vou te foder com minha língua até você molhar meu rosto.

Eu engulo, minha boca seca e coração batendo tão forte que posso sentir em meus ouvidos.

Sua respiração passa pelo topo do meu clitóris já sensível, e lateja.

Ele desliza um dedo ao longo da minha fenda, mergulhando apenas a ponta dentro de mim. — Negue-me o que eu quero, e da próxima vez vou amarrá-la a esta mesa e torturá-la até que você grite. Você entende? — Ele me espia por entre minhas pernas, suas pupilas dilatadas e suas bochechas coradas.

Ele pode fingir que está no controle o quanto quiser, mas vejo como isso o está afetando tanto quanto a mim.

— Eu entendi, — eu respiro.

— Boa menina.

E então ele está em mim. Ele não perde tempo sendo macio e doce. Sua língua e boca trabalham em mim como se ele estivesse faminto pelo meu gosto. Eu grito, o prazer apertando minhas entranhas com força e se espalhando pelos meus membros, cada vez mais forte até que parece que vou explodir.

Eu agarro as mechas de seu cabelo, puxando com força quando um barulho alto escapa da minha boca, minhas costas arqueando para fora da mesa e minhas pernas descansando em cima de seus ombros.

Ele continua seu ataque, a sensação de sua língua lambendo e sua boca sugando enquanto seus dedos trabalham dentro e fora da minha boceta o melhor tipo de tortura, e antes que eu perceba, já estou no limite.

Ele me construiu por tanto tempo que não posso durar. Eu não vou. É fodidamente impossível.

Nunca senti nada assim, tão intenso e como se fosse morrer se não gozasse.

— Oh *Deus,* — eu gemo.

— Isso mesmo, *amore mio,* — ele sussurra, liberando meu clitóris de seus dentes. — Deixe que Ele ouça seus gritos.

Ele mergulha de volta, e então eu estou gozando, minha visão ficando preta e minhas pernas pressionando tão fortemente contra sua cabeça que estou surpresa que ele possa respirar, um gemido rasgando minha garganta e permeando o ar.

Por tudo isso, ele nunca para de me lamber, trabalhando minha boceta enquanto eu monto o alto e relaxando para beliscar quando começo a voltar à terra.

Não é até eu ficar tão sensível que dói que ele finalmente se afasta, seu rosto brilhando comigo *enquanto* ele me dá um sorriso.

Minhas mãos se atrapalham quando estendo a mão para agarrá-lo onde quer que eu possa, puxando-o para cima e sobre mim até que seu corpo cubra o meu, o tecido de sua camisa arranhando minha carne superaquecida. Eu subo, capturando seus lábios, sugando-me de sua língua, e ele grunhe, seu peso corporal caindo para descansar em mim.

Eu amo a sensação. E eu sei que não deveria, mas agora estou perdida.

— Foda-me, — eu imploro contra sua boca.

Ele balança a cabeça enquanto me beija de volta. Afastando-se um pouco, ele descansa sua testa contra a minha, sua respiração pesada cobrindo meus lábios.

— Você é minha? — Ele pergunta.

Sua pergunta corta meu peito e se instala em meu coração, quebrando os pedaços já quebrados. Eu respiro fundo, meu corpo congelando. Eu não posso responder a isso.

Eu não vou.

Porque independentemente de como me sinto agora e do que acabou de acontecer, isso não muda nada.

Na verdade.

Ser dele significa abrir mão de todo o resto, e simplesmente não estou disposta a fazer isso.

Ele engole, seu pomo de adão balançando enquanto ele balança a cabeça contra mim, e então ele se vai, meu corpo gelado pela perda de seu toque.

Fico ali por um longo tempo, aceitando o que acabou de acontecer. E então, lentamente, eu me levanto, pegando minhas roupas rasgadas do tapete e indo para o meu quarto.

Não tenho certeza do que me faz fazer isso, mas vou direto para o telefone descartável, pego-o e desbloqueio a tela.

1 nova notificação.

Meu peito aperta quando abro o texto para responder ao meu advogado.

Só que a mensagem não é dele.

CAPÍTULO 31

Yasmin



As coisas não parecem as mesmas à luz do dia.

Esse é o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça quando acordo em um quarto estranho com lençóis de seda embaixo de mim e o colchão mais confortável que já coloquei.

Levo alguns segundos para voltar a mim completamente, esfregando os olhos para tirar o sono para descobrir onde estou.

Sentando-me na cama, olho em volta, piscando.

Este deve ser o quarto de Julian. Está cheio de móveis modernos e elegantes, e esta é a maior cama que já vi. Ele grita masculino, mas carece de qualquer personalidade definidora.

Eu sorrio com o pensamento, mas logo me lembro por que estou aqui e o que aconteceu ontem à noite, e a diversão se esvai.

Ele me trouxe aqui no meio da noite?

É a única explicação lógica, porque eu me lembro de ter adormecido na minha própria cama, meu peito parecendo se partir em dois por causa das emoções conflitantes acontecendo dentro de mim.

Eu me pergunto se alguém já teve o prazer de estar aqui, mas no segundo que o pensamento passa pela minha cabeça, sinto cólicas estomacais, então eu o afasto, me convencendo de que realmente não me importo.

O desejo de pular da cama e bisbilhotar seus pertences é forte, mas agora parece mais pesado, como se houvesse uma sensação maior de traição de alguma forma. Embora depois de abrir o telefone na noite passada e ler uma mensagem do "funcionário" de Julian, bisbilhotar está no fim da lista de coisas que fiz pelas costas dele.

Sei que deveria me arrepender do que aconteceu, que deveria estar me culpando e alegando que foi um erro, mas a verdade é que não me arrependo.

Pela primeira vez na minha vida, minha mente estava clara, meu corpo estava livre e todos os meus problemas desapareceram. Pelo menos por enquanto. Eu me senti segura. Cuidada. *Procurada*. Desejada. E isso não quer dizer que nunca tenha sentido esses sentimentos antes, mas ter esse tipo de atenção de Julian Faraci é como estar acostumada a dias nublados e depois ser atingido pelo sol.

Não tenho certeza de como voltarei.

Mas eu *tenho* que voltar.

Assim como tudo o mais que eu deveria aceitar, mas estou optando por não fazê-lo, eu empurro o sentimento para baixo, ignorando-o, decidindo aproveitar a deliciosa tensão de meus músculos doloridos e a memória de como era sob sua língua.

A excitação me aquece lentamente de dentro para fora.

Eu me estico na cama, levantando as mãos acima da cabeça e suspirando pela maneira como isso alivia a tensão sonolenta dos meus músculos. Então eu empurro as cobertas de cima de mim completamente, deslizando para fora da cama de Julian e caminhando pelo quarto até chegar ao banheiro dele.

Olhando ao redor, me pergunto se talvez ele esteja aqui, mas não há sinal dele, então decido me sentir em casa. Ele não teria me trazido aqui se não estivesse insinuando que eu tinha rédea solta para fazer o que quisesse.

No segundo em que vejo o chuveiro principal que ocupa toda a extensão da parede oposta, com vários chuveiros de mil ângulos diferentes, sei que vou usá-lo.

Eu não perco tempo, tiro meu pijama e vou para o chuveiro, abrindo a água e observando com entusiasmo enquanto os vários chuveiros diferentes acendem e borrifam água.

Há um principal, assim como no meu quarto, que fica no teto, criando um efeito de chuva na sua cabeça quando você pisa sob o spray. Tem uma parte removível embaixo dela, presa à parede do chuveiro. Além disso, existem bicos nas laterais, pulverizando de todas as direções. Nunca experimentei nada parecido, e imediatamente estou imersa na sobrecarga sensorial de tudo isso, permitindo que o calor da água caia em cascata sobre minha pele e relaxe meu corpo ainda mais.

Rude dele não me dizer que este chuveiro estava aqui o tempo todo.

Há um dispensador automático na parede à direita, e coloco minha mão embaixo, o cheiro do sabonete de Julian enchendo o ar. Fechando os olhos, murmuro baixinho quando começo a lavar meu corpo, minha respiração engatando quando passo as palmas das mãos sobre meus seios sensíveis. Minha mente começa a ter lembranças da noite anterior, como as mãos de Julian me moveram para onde ele queria, como se eu fosse uma boneca para sua diversão. Como ele exigia coisas de mim e me segurava enquanto me fazia gozar, mas dedicava cada segundo ao *meu* prazer.

Nunca imaginei que ser tratada dessa maneira seria tão excitante.

É sempre no chuveiro que as visões de Julian me fazem querer gozar.

Quando eu escovo meus dedos em meu clitóris, um arrepio percorre meu corpo. Lentamente, eu esfrego para frente e para trás sobre minha boceta novamente, uma pontada aguda de dor misturada com o prazer quando eu me belisco, tentando recriar a sensação da noite passada, mas não consigo.

Uma garganta limpa e eu suspiro, meu coração disparando e meus olhos se abrindo, minha mão voando para longe entre minhas pernas.

Julian fica parado no meio da sala com nada além de calça de moletom cinza e um sorriso malicioso no rosto.

Sou pega tão desprevenida ao vê-lo sem camisa que nem digo nada, apenas deixo meu olhar vagar por todo o seu corpo. Nunca o vi assim, e se achava que ele era perigoso de terno, ele é *devastador* quando está de pé e fora da cama.

Ambos os braços estão totalmente cobertos de tatuagens; eles se espalham pelas omoplatas e escorrem pelo peito. Na verdade, é mais fácil encontrar pontos dele que *não estão* mostrando a pele do que partes que estão. Há uma cabeça de cobra que começa na mão esquerda e envolve todo o braço, enrolando-se sobre o

ombro. É a maior de todas as suas tatuagens, e meus olhos estão paralisados na arte.

Seu estômago está tonificado, porque *é claro* que está, e seus olhos são como fogo por trás de óculos finos de armação de arame prateado.

Meu estômago sacode.

Ele passa a mão pelo cabelo preto perfeitamente despenteado. — Não pare por minha causa.

— Você me assustou, — eu reclamo, minha palma pressionando contra meu peito para acalmar meu pulso acelerado.

Seus olhos brilham pelo meu corpo e, mesmo em meio ao vapor, me sinto exposta, iluminada como fogos de artifício sem um único toque.

O que ele está pensando? Ele está arrependido da noite passada? Querendo que aconteça de novo? Regozijando-se porque ele me tem exatamente onde ele me quer?

Ele balança a cabeça. — Você torna difícil para um homem ir embora quando você está assim.

Meu coração dispara com suas palavras. Não sei por que seus elogios me afetam de maneira tão visceral, mas a parte mais egoísta de mim espera que ele nunca pare.

— Então, não vá, — eu respondo.

Ele passa a língua pelo lábio inferior. — O dever chama, *gattina*. E Razul está aqui para levar você para a casa de seu pai.

Confusão nada através de mim e minha testa franze.

— Por quê?

Julian inclina a cabeça. — Você não quer vê-lo?

A tristeza, aquela emoção desagradável, me lembra de sua presença novamente com um forte puxão em meu peito. — Sim, claro, — eu sussurro.

Ele fica quieto então, deixando seu olhar varrer sobre mim mais uma vez. — Estou partindo para o Egito amanhã de manhã por alguns dias. Espero que você venha comigo.

Egito.

— Ah, — respondo.

Eu realmente não sei o que dizer. Antes da noite passada, eu teria agarrado a chance de ver Aidan, mas agora... agora as coisas mudaram. E ir para o Egito com meu falso marido que deixei me foder com a língua e ver o homem que pensei ser o amor da minha vida, mas que agora parece uma lembrança distante é no mínimo confuso.

— Mas vá ver seu pai primeiro. Verifique-o, veja como ele está se sentindo. Se você não quiser deixá-lo, eu entendo.

Estou surpresa por ele estar me dando a escolha, mas estou grata por isso de qualquer maneira. Não sei se posso *sair* com meu pai, tendo apenas um tempo limitado. Eu nunca me perdoaria se ele morresse enquanto eu não estivesse aqui.

Mas se eu ficar, duvido que ele me deixe vê-lo no final de qualquer maneira.

— Eu estarei saindo do escritório pela manhã, então se você decidir vir comigo, Razul irá levá-la ao aeroporto depois que você acordar. Caso contrário, vejo você quando voltar.

Concordo com a cabeça, observando-o se virar e sair sem se despedir. Isso não deve ser grande coisa; é apenas uma viagem curta, e estou sinceramente surpresa por ele estar disposto a me deixar ficar sozinha, tão longe de seu alcance.

Mas parece pesado, como se algo mudasse fundamentalmente, independentemente do que eu decidir. Uma forte sensação de mau presságio sobe pela minha espinha e não sai.

Não durante o resto do meu banho.

Não quando ligo para Riya e a informo sobre o que aconteceu ontem à noite.

E não quando eu finalmente pego o telefone descartável e trago a mensagem que está incomodando na minha cabeça desde que eu a li.

DESCONHECIDO

Você não me conhece, mas trabalho para Julian. Peguei esse número do telefone de Aidan porque sei que você precisa de ajuda.

Meus dedos tremem enquanto digito uma resposta, uma sensação de mal estar rolando pelo meu estômago.

YASMIN

Quem é você?

Eu recebo uma resposta imediata.

DESCONHECIDO

Um amigo. Venha para o Egito quando seu marido vier. Eu posso ajudar

As palavras do último texto estão gravadas em meu cérebro e permanecem lá mesmo uma hora depois, quando estou no carro com Razul, indo ver meu pai.

Ele está acordado e no pátio principal com vista para a piscina, uma xícara de chá fumegante ao lado dele quando chego lá.

É uma bela manhã, o ar fresco do outono passando por entre as árvores que margeiam a propriedade, sinos de vento tilintando ao longe e o sol brilhando na piscina aquecida que ainda não foi coberta para o inverno.

Algo puxa em meu peito enquanto me aproximo e me sento ao lado dele, a cadeira acolchoada macia embaixo de mim. Não digo nada a princípio, nem ele.

Isso é diferente. *Ele* está diferente.

Mas acho que enfrentar sua própria mortalidade fará isso com uma pessoa.

— *Baba*.

Ele pula ligeiramente, seus olhos cansados balançando e se arregalando quando encontram os meus.

Disseram-me que pouco antes de morrer, você atravessa os mundos, um pé neste e outro no próximo. Faz meu estômago apertar quando penso em quão longe desta vida ele deve estar para não ter notado que eu estava aqui.

— Yasmin, o que você está fazendo aqui? — Ele pergunta. Sua voz é cansada e suave, quase um sussurro.

— *Baba*, quantas vezes eu tenho que te dizer?— Eu engasgo, tentando conter o tremor na minha voz. — Estarei *sempre* aqui.

Um sorriso suave brinca nos cantos de seus lábios, e ele vira o rosto para a frente até que esteja olhando novamente para a vista.

— Bom dia, — eu consigo.

Ele concorda. — Uma das mais bonitas.

Ficamos sentados em silêncio por mais alguns minutos, e mesmo que eu tenha passado os últimos meses mentindo para mim mesma, embora eu tenha me enfurecido e lutado e enganado minha mente para acreditar que não é verdade, agora é impossível ignorar.

Ele está *morrendo*. E não há nada que eu possa fazer.

Uma dor aguda e lancinante perfura meu peito ao finalmente reconhecer isso pelo que é.

Com clareza vem a dor. Com a aceitação vem a dor.

Eu tenho fugido de ambos por um bom tempo.

Tocando o anel na minha mão esquerda, eu digo: — Sinto muito por você não ter me levado até o altar.

Ele suspira, estendendo a mão e acariciando o topo do meu antebraço. — Tive muito tempo recentemente para pensar em quem eu sou. Quem eu fui como homem. Um marido. Um pai.

Suas palavras são um soco no estômago. — Você tem sido um ótimo pai.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. Tenho sido o que soube ser.— Ele balança a cabeça. — Mas às vezes o que você sabe não é suficiente. E não reconhecer minha necessidade de crescimento, para que eu pudesse me tornar o pai que você merecia, aquele que estava *presente* e não apenas um nome em um cheque, isso é algo que vai me assombrar na vida após a morte.

— *Baba,* — eu sussurro. — Você fez o melhor que pôde.

— Se eu tivesse feito o melhor que pude, teria notado você e o homem que é como um filho para mim se apaixonando bem diante dos meus olhos. Mas eu perdi tudo. Meu egoísmo e ganância me fizeram pensar que sabia o que era melhor, em vez de confiar que você havia se tornado uma mulher forte.

Eu respiro fundo, porque nunca em mil anos pensei que estaríamos tendo esta conversa. Meu pai sempre foi preso em seus caminhos. O fato de que *é* por isso que ele está sofrendo, que ele acha que perdeu algo que nunca existiu, torna difícil não

derramar todos os segredos que estou segurando perto do peito apenas para aliviar sua culpa.

Mas me detenho, porque mesmo que ele pudesse me ajudar a me livrar de Julian para sempre, mesmo que *não sentisse* falta de nada entre nós, ele ainda sentia falta de eu me apaixonar. Ainda desconsiderou meus sentimentos para honrar os dele.

E se ele está dando o passo para reconhecer onde falhou, o mínimo que posso fazer é permitir que ele sinta a dor de suas ações para que ele possa deixá-las ir e encontrar paz antes da morte, não importa o quanto eu deseje levá-las embora. agora.

Lágrimas brotam por trás dos meus olhos, e eu as deixo cair, pequenas fungadas saindo do meu nariz quando percebo que foi preciso meu pai em seu leito de morte para que eu realmente me sentisse *vista*.

Mais uma vez, hesito sobre o que dizer. Eu poderia dizer a ele que Aidan é quem eu realmente amo, que preciso de sua ajuda e quero me livrar de Julian. Agora sei, pela primeira vez na vida, que se eu arriscasse tudo, meu pai não me olharia com decepção.

Também não tenho certeza se tudo isso ainda seria verdade.

Então eu não digo uma palavra. Porque se meu pai está aceitando seus sentimentos mais íntimos, talvez eu devesse fazer o mesmo.

E esse casamento não parece mais falso para mim.

Não como aconteceu. Então talvez eu não vá para o Egito. Não vou encontrar esse "amigo" misterioso. Não verei Aidan. Talvez eu *não* continue falando com Randy Gazim.

— Obrigada, *Baba*, — murmuro.

— Você está feliz, Yasmin?

Sua pergunta me atinge no centro do peito, e eu mastigo meu lábio enquanto penso em como responder. Algumas semanas atrás, eu teria dito não. Eu não acho que teria coragem de mentir para ele quando ele está sendo tão aberto e vulnerável comigo.

Mas agora...

Agora estou confusa. Porque embora ainda haja um profundo sentimento de tristeza e pesar quando penso sobre o estado da minha vida, há momentos que espreitam por entre as nuvens, espalhando pedaços de sol. E sim, eles se parecem como felicidade. E todos eles incluem Julian.

Eu limpo minha garganta. — Claro.

Ele suspira, balançando a cabeça. — Bom. Isso é tudo o que eu quero.

— Julian quer que eu vá para o Egito em uma viagem. Mas acho que vou ficar aqui com você.

Ele suspira. — Eu te amo mais que o mundo, Yasmin, mas vá com seu marido para o Egito. Ainda estarei aqui quando você voltar.

A maneira como ele diz isso como um comando não deixa espaço para debate. Eu poderia desperdiçar meu fôlego discutindo, mas não faria diferença, e se eu insistisse, seria apenas confrontado com uma porta trancada de um homem teimoso que não quer que eu o veja murchar.

Eu engulo, ignorando a forma como minha garganta incha. — Promete?

— Prometo, — diz ele. — Estou cansado. Acho que vou me deitar e descansar.

Ele se levanta e me movo com ele, estendendo a mão e abraçando-o como se fosse a última vez que o faria.

Ele beija minha testa e sussurra seu amor, e de alguma forma, mesmo com a dor profunda em meu coração, consigo fazer o mesmo.

E então deixo meu pai em paz e saio pela porta para fazer as malas antes de ir encontrar meu marido.

CAPÍTULO 32

Julian



Eu desligo o telefone, irritado porque, mais uma vez, Ian não está atendendo minhas ligações quando ele trabalha para *mim*. Pego meu celular no canto da minha mesa e percorro as últimas mensagens de texto, percebendo um padrão perturbador de eu ter que verificar com ele repetidamente, quando antes era sempre ele explodindo meu telefone.

Ele nunca me deu motivos para duvidar dele, mas eu seria um tolo se não percebesse a mudança.

Meus dedos voam sobre as teclas enquanto digito outra mensagem para ele, a raiva crescendo no fundo do meu estômago. Se eu soubesse que ele iria sumir ao mesmo tempo que Jeannie, teria convencido Tinashe a ficar no Egito e supervisionar o garoto pessoalmente.

JULIAN

Ian, você tem dois minutos para me ligar de volta antes que eu demita você e dê o emprego a Ciara

Cerro os dentes e observo a contagem regressiva do relógio, esperando que ele se lembre de que nunca blefei. Não tenho tempo para pessoas que querem jogar. Enquanto espero, olho para os papéis que acabaram de chegar à minha porta e folheio as páginas mais uma vez, olhando para a assinatura falsa de minha esposa assinada na linha pontilhada e datada do dia do nosso casamento.

Meu dedo sai e esfrega ao longo da borda do pedaço de papel.

TESTAMENTOE DE YASMIN KARAM- FARACI .

Sempre foi o plano. Casar com a garota. Deixar Ali morrer. Mata-lá e levar tudo que deveria ser meu.

Só que agora não parece tão eufórico quanto imaginei. Parece confusão. Uma guerra gigante travando dentro da minha mente e corpo. Tudo o que sempre quis colidindo violentamente com minha mais nova obsessão.

O telefone toca e eu atendo.

— Chefe.

— Que bom que você ligou, Ian.

Eu me inclino para trás na cadeira, balançando um pouco enquanto giro uma caneta em minha mão, o plástico macio esfregando contra minha pele enquanto desliza por entre meus dedos.

— Apenas preparando as coisas para você estar aqui na próxima semana.

Dizer a ele que chegarei mais cedo está na ponta da minha língua, mas decido não fazer isso no último minuto. Há algo suspeito acontecendo, e eu quero ver o que é.

— Então você entrou em contato com Darryn.

Há um embaralhamento na linha e ele pigarreia. — Sim, sim. Está tudo bem. Ele está disposto a se encontrar com você. Como estão as coisas aí? Com a vad... ah, a esposa?

Distraidamente, torço o anel em meu dedo esquerdo, uma pontada afiada de *algo* perfurando meu peito. — As coisas estão indo de acordo com o planejado aqui. Não preocupe sua linda cabecinha com isso.

— Bom.

— Bom, — eu papagaio.

— Existe... quero dizer, você precisa de mais alguma coisa de mim?

Minha sobrancelha arqueia. — Eu tenho vontade.

— Perfeito. E agora?

Sua pergunta me irrita, embora seja válida para perguntar, e eu bato nele. — *Agora* você se concentra em encontrar aquela porra de lâmpada para poder voltar para casa. E então você espera para ver o que eu decido fazer.

— O que há para decidir? — Ele pergunta. — Você tem vontade, você se casou com a garota, então espere até que o velho morra ou mate-o você mesmo.

— Meça suas palavras. Você sabe que não deve dizer coisas ridículas por telefone.

— Claro, chefe. Me desculpe, — ele gagueja.

— Vejo você em uma semana. Tente ficar longe de problemas até então.

Eu desligo o telefone, um novo aborrecimento correndo em minhas veias por falar com Ian e por ele fazer tantas perguntas que não consigo mais responder. E então minha mente volta para ela.

Yasmin.

Ela é tudo em que consigo pensar.

Eu respiro através da tensão nas minhas costas, rolando meus ombros e tentando aliviar a dor aguda e latejante enquanto meu telefone vibra, uma mensagem piscando com meu motorista me dizendo que ele está na frente. Abrindo a gaveta do lado direito da minha mesa, coloco os papéis, fecho-a e saio pela porta.

Meu estômago dá um nó, imaginando se Yasmin vai escolher ficar aqui com o pai ou vir ver o garoto.

Não tenho ilusões de que seria para mim.

Quarenta minutos depois, estou no avião, o motor roncando embaixo de mim enquanto me sento em uma das quatro cadeiras grandes do lado esquerdo.

É uma aeronave linda, que tenho usado nos últimos cinco anos depois que a comprei para Sultans. Uma atualização do último, e tornou a viagem muito mais

confortável com o quarto na parte de trás, não que eu seja capaz de dormir em aviões, e o longo sofá creme no lado oposto das cadeiras com um grande flat- TV de tela pendurada na frente.

Viajar não é algo novo na minha posição, e eu fiz de voar quase como uma segunda casa, apesar de não ser algo que eu realmente goste.

Eu aceno para a comissária de bordo que me trouxe um refrigerante com gelo e olho para a mensagem de Razul dizendo que eles estão a caminho.

Ela está vindo.

Parte de mim está surpreso por ela estar disposta a deixar o pai quando nós dois sabemos que ele pode ir a qualquer momento. Ele tem estado extremamente recluso no mês passado, especialmente com o lado comercial das coisas, mas eu tinha quase certeza de que ela estaria com muito medo de não estar aqui caso as coisas dessem errado.

Acho que estava errado.

Egoisticamente, estou feliz.

E isso vai ser bom. Ela vai se reunir com o garoto e eu posso testemunhar os dois juntos, o amor de cachorrinho em seus olhos e o desgosto dolorido para ser acalmado em sua alma, e vê-lo varrer e apagar qualquer coisa estranha que esteja acontecendo entre nós.

É o que eu preciso. Um tapa na cara, um lembrete frio de que mesmo que eu fosse capaz de enganá-la para ficar comigo, *forçá*-la a isso, nada quando se trata de Yasmin e de mim é real.

Mesmo que pareça que é.

Mesmo que ela seja a única que viu minhas partes mais sombrias e ainda decidiu que eu não valho nada.

Ou talvez até isso fosse uma encenação para *ela*. Para garantir a segurança do garoto quando ela sabia que eu tinha o poder de matá-lo em um instante. Eu o pendurei sobre a cabeça dela e, embora não tenhamos falado sobre minha chantagem recentemente, isso não muda o fato de que ela está lá, como uma parede de concreto diretamente entre nós.

Um peso se instala no centro do meu peito, e eu bato os cubos de gelo no meu refrigerante, desejando que fosse algo com álcool para lavar a dor.

Uma porta de carro bate, silenciosa do lado de fora das grossas janelas do avião, mas meu coração salta de qualquer maneira, sabendo quem é. Um mau pressentimento envolve a base da minha espinha e se espalha pelos meus membros, mas ignoro a sensação.

Isso é *exatamente* o que precisa acontecer. Estou ficando muito perdido. Muito macio. Desfocado demais.

É absurdo, realmente.

Yasmin entra pela porta da aeronave e vira a esquina, seus passos vacilam ao me ver. Seu olhar vai da grande TV e sala de estar para o corredor que leva ao quarto nos fundos.

— Uau, isso é legal, — ela respira, movendo-se em minha direção e sentando-se na cadeira em frente à minha, sua câmera caindo no assento ao seu lado.

Estou feliz em ver que ela trouxe sua câmera. Saber que isso traz tanta felicidade para ela me dá vontade de colar do lado dela e garantir que ela nunca mais fique sem.

Eu inclino minha cabeça. — *Gattina*.

Suas mãos correm para o lado da cadeira, deixando escapar um suspiro satisfeito enquanto apalpa o couro amanteigado. Ela sorri para mim e meu peito aperta.

— *Patatino*, — ela responde.

Eu sorrio porque não posso evitar, balançando a cabeça levemente enquanto tomo um gole da minha bebida.

— Este avião grande é todo seu? — ela pergunta, olhando em volta novamente.

— Não, — eu afirmo. — Na verdade, é seu.

Suas sobrancelhas se erguem. — Eu nunca estive neste avião na minha vida.

— Seu pai sim.

Ela me olha cuidadosamente, balançando a cabeça. — Bem, isso faria *dele* e não meu. — Ela faz uma pausa, sua língua espreitando para passar em seu lábio inferior. — Eu realmente não tenho interesse em pegar todas as coisas que já foram dele, sabe? Só estou fazendo isso porque é o que ele quer. E devo a ele manter seu legado na família.

Eu cerro minha mandíbula para não cuspir algo doloroso, algo sobre o fato de que deve ser bom que ela pelo menos tenha a escolha, mas eu me seguro, percebendo que a raiva não é por ela, é pelas feridas profundas *causadas* por O desrespeito de Ali quando eu dei tudo a ele. Mas suponho que seja minha culpa por colocar meu mentor no papel de pai quando ele nunca pediu para ser.

Clique.

Minha cabeça se levanta, vendo-a colocando sua câmera de volta para baixo novamente.

Ela sorri. — Desculpe, não pude evitar. Você parecia pensativo e eu queria pegar o momento.

— Por que você não se formou em fotografia? — Eu deixo escapar.

Tudo o que já ouvi de Ali sobre sua filha é o quanto ela se destaca em sua educação e como ele está orgulhoso de tê-la, mas ele nunca me contou sobre a fotografia dela, e me pergunto se ele ao menos sabe.

Pior ainda, isso me faz querer saber o que mais ela sonha, o que ela deseja, onde está sua paixão. Passei anos assumindo que sabia tudo sobre Yasmin Karam, mas ultimamente ela me mostrou que eu nunca soube nada sobre ela.

Ela ri. — Você pode imaginar? Meu pai nunca iria querer uma filha com especialização *em fotografia*.

Eu franzo meus lábios. — Será que existe mesmo uma licenciatura em fotografia?

Ela acena com a cabeça. — Bacharel em artes plásticas em fotografia. Na verdade, eu dei uma olhada no programa antes de ir, mas... — Ela para, balançando a cabeça.

Eu cantarolei, tomando um gole da minha bebida e observando-a enquanto ela olha para o colo e cutuca a unha.

— Você quer um passeio? — Eu pergunto.

— O que há para ver? — Ela dá de ombros. — Estamos neste avião por, tipo, dez horas, certo? Eu vou chegar a tudo eventualmente.

Ela se acomoda, apoiando a cabeça no encosto da cadeira e fecha os olhos. Logo após a decolagem, ela adormece.

Ela parece desconfortável, então eu fecho meu laptop depois de ter feito uma hora ou mais de trabalho e me movo para pegá-la em meus braços. Ela se mexe, mas não acorda completamente, em vez disso se aconchega contra meu peito enquanto eu a carrego como uma nova noiva pelo corredor dos fundos até o quarto, colocando-a na cama e passando minha mão pelo lado de seu rosto.

Sento-me ao lado dela e observo-a dormir, contando cada respiração que ela dá e a maneira como ela faz seu peito subir e descer, como seus lábios se abrem levemente e seus cílios tremulam como se ela estivesse no meio de um sonho. E, eventualmente, minhas pálpebras se fecham e eu adormeço também.

Quando acordo, é com a sensação de alguém olhando para o lado do meu rosto.

— Olá, esposa, — eu digo sem abrir meus olhos.

Ela bufa, e o colchão afunda e balança quando ela se arrasta para trás. — É estranho falar com as pessoas sem os olhos abertos, — diz ela.

Abro uma tampa e viro minha cabeça, olhando para seu cabelo despenteado e olhar sonolento. — Não é mais estranho do que me ver dormir com seu nariz quase pressionado no meu rosto.

Seus dentes afundam em seu lábio. — Sim, bem, me processe. Como você sabia que eu estava aí?

— Sou um homem de muitos talentos. — Eu sorrio, esticando meus braços e colocando-os atrás da minha cabeça.

— Humilde como sempre, — ela diz com um ronco, caindo para trás até bater no travesseiro. — Não é à toa que você teve que me chantagear para ser sua esposa, já que seu enorme ego não deixa espaço para mais ninguém.

É a primeira vez que ela diz isso tão claramente, mas não me importo que ela tenha dito. Melhor ela nos lembrar disso agora, antes que as coisas fiquem ainda mais confusas.

Ainda assim, temos apenas algumas horas até que ela veja o garoto novamente, e a sensação que corre em minhas veias e aperta minhas entranhas me deixa desesperado para passar o resto do meu tempo no avião lembrando a ela o quanto posso dar a ela o que ele não pode.

Não me concentro nas razões *pelas quais* quero mostrar a ela, apenas quero.

Rolando rapidamente, eu a agarro pela cintura e a arrasto para baixo do meu corpo, meus quadris deslizando perfeitamente entre suas coxas. — Você gostaria que eu provasse isso para você?

Suas pálpebras tremulam e eu pressiono contra ela, deixando-a sentir o quanto estou duro e o quanto eu adoraria me afundar dentro dela.

Ela solta um pequeno gemido, seus braços voando para envolver meu pescoço. — Me provar o quê? Que você tem um grande ego?

Eu sorrio. — Isso também.

Descendo, corro meu nariz ao longo de seu pescoço, respirando seu cheiro, o desespero enchendo minhas veias, querendo fazer o tempo que temos aqui durar para sempre.

Eu não *quero* devolvê-la. Mesmo temporariamente. Prefiro mantê-la nessa bolha que criamos, uma em que ela me deixa tocá-la e não odeio que ela esteja me

tocando, e podemos fingir, mesmo que por pouco tempo, que isso é mais do que parece ser.

A ideia de perder esse novo sentimento, de deixar o menino ter um pedacinho dela me deixa assassino.

— Quando chegarmos onde estamos indo, — murmuro em sua pele, — vou te foder com minha língua até que você não consiga respirar.

Suas costas arqueiam e ela se empurra contra mim, e mesmo através de nossas roupas, é a melhor coisa que já senti. Minhas mãos deslizam pelos lados de seu corpo até que nossas mãos se encontram, e eu emaranho nossos dedos e os coloco acima de sua cabeça, prendendo-a no lugar enquanto ela esfrega sua boceta no meu pau.

Eu mordo o interior da minha bochecha, o calor se espalhando pelo meu abdômen e descendo pelas minhas coxas com o jeito que ela está trabalhando no meu pau, doendo para arrancar suas roupas do jeito que eu fiz antes e afundar dentro dela para que eu possa fodê-la crua.

— Pequena vagabunda carente, — eu resmungo, acentuando as palavras com um impulso.

Ela choraminga, seus dedos apertando os meus.

— Tão ansiosa por um homem de verdade, não é, *esposa*? — Eu continuo, minha mente ficando confusa com o prazer.

Suas pernas sobem e envolvem minhas costas, arrastando-me para dentro dela até que estejamos alinhados, meu peso corporal sobre o dela e nossas bocas compartilhando o mesmo ar.

— Foda-me, — ela implora. — *Por favor*, Julian. Eu preciso de você.

E *caramba*, estou desesperado por isso.

Eu corro meu nariz no dela, nossos lábios roçando apenas o suficiente para enviar meu coração batendo contra minhas costelas.

— Você é minha? — Eu pergunto.

Ela suga uma respiração, a paixão que estava tecendo entre nós de repente se apagou como uma chama molhada.

A ligeira hesitação é tudo que preciso saber.

A dor no meu peito se espalha, uma dor aguda que lateja como um hematoma profundo.

Eu libero suas mãos como se fossem lava, saindo da cama e reajustando minha ereção enquanto saio do quarto.

CAPÍTULO 33

Yasmin



Dez horas em um avião e três neste jipe com um homem qualquer nos guiando, e minha mente ainda parece alerta como se eu tivesse levado um tiro de adrenalina no coração.

Ou talvez seja apenas dor.

Meu cérebro luta de um extremo ao outro, dividido entre querer acalmar as coisas com Julian e me lembrar de que ele é a razão de tudo ter dado errado em primeiro lugar.

E meu estômago já está embrulhado em mil nós só de pensar em ver Aidan novamente depois de tantas coisas terem acontecido e descobrir de quem diabos é essa mensagem misteriosa.

Não que eu ache que eles vão estar acordados agora. São duas da manhã onde quer que estejamos, o que eu não saberia dizer se alguém perguntasse. Eu nunca estive no Egito, e esta viagem não é exatamente para passear.

A cada quilômetro que percorremos, a náusea fica mais forte, minhas pernas tremem mais rápido e os nervos em meu estômago ficam um pouco mais confusos.

Julian está frio e distante desde que pousamos.

Desde que ele perguntou se eu era dele. *De novo*.

E honestamente, como ele *poderia* perguntar isso?

Pior ainda, como eu poderia querer dizer sim a ele?

Não é justo. Não quando ele tirou totalmente a escolha. Eu sou dele quer eu queira ou não.

E até que a situação se resolva, como ele pode esperar que eu descubra o que é real e o que é uma versão fodida da síndrome de Estocolmo?

Mas esse Julian, esse homem sentado ao meu lado com olhos de pedra obsidiana e uma carranca que tenta transformar você em cinzas, esse é o Julian que conheci quando menina.

Eu não tinha percebido o quanto ele havia mudado comigo até que ele ligou o interruptor de volta.

Uma onda de emoção surge em meu peito, dividida entre querer implorar para ele apenas *olhar* para mim e ser grata pela trégua, porque se ele estiver fora da equação, não terei que equilibrar o jeito que estou confusa sobre ele, com a raiva que sinto pelas coisas que ele fez.

Eu inclino minha cabeça contra a janela de vidro fria, observando as ruas urbanas se transformarem em areia deserta e, finalmente, depois do que parecem horas dirigindo em estradas vazias, há um grande edifício do tipo armazém à distância, com vários prédios menores espalhados ao redor, as bordas. A coisa toda é cercada por uma cerca, placas em inglês e árabe em ambos os lados da abertura da entrada que avisam as pessoas para não ultrapassarem.

Finalmente, paramos bem em frente ao prédio.

O motorista sai do jipe e vai para a parte de trás, descarregando nossas malas e levando-as para dentro, e eu fico sentada, com as mãos entrelaçadas no colo, esperando para ver o que Julian fará a seguir.

Ele não diz uma palavra, apenas desafivela o cinto de segurança e sai do carro, então eu sigo o exemplo, o ar tranquilo da noite beijando meu rosto enquanto eu saio. Meus músculos suspiram de alívio quando me levanto e paro um momento para me alongar, tentando ignorar as dores aleatórias de tantas viagens.

O céu está escuro como breu, exceto pelas luzes do prédio, e não sei se já vi estrelas brilharem tanto no céu.

Há *tantas* delas.

— Onde estamos? — Eu finalmente pergunto, olhando ao redor.

Julian nem sequer me olha de relance. — Este é o complexo.

— Sim, eu entendi, gênio. Eu quis dizer onde no país?

Ele me dá um olhar penetrante, e uma emoção faísca em minhas veias.

Finalmente, alguma atenção.

— Isso não importa.

Reviro os olhos, porque sei que ele odeia quando faço isso. — Bem, isso restringe tudo.

Ele se vira totalmente para mim agora, sua mandíbula tensa e seu olhar duro e frio. Uma leve pontada de medo escorre pelo meu corpo, mas é abafada pela batida do meu coração, animada por ter sua atenção em mim novamente.

— Deixe-me deixar isso perfeitamente claro, — diz ele, com a voz baixa e controlada. — Você não está aqui de férias. Você não está aqui para passear. Não importa *onde* estamos, porque você não deve sair deste prédio.

Eu zombo, caminhando em direção a ele com os braços cruzados. — O fato de você pensar que pode me tratar como merda e ainda me dizer o que fazer como se eu fosse uma criança é realmente alucinante. — Não estou realmente chateada; Estou tentando irritá-lo de propósito.

Apenas por diversão.

Só para ver o quanto é preciso para seu exterior gelado quebrar e devolver *meu* Julian.

Eu me levanto na ponta dos pés, minhas unhas arranhando seu peito e nossos rostos se aproximando o suficiente para que nossos narizes se toquem. — É melhor se arrumar, *patatino*, senão o pessoal aqui vai achar que você é meu papai e não meu marido.

Ele ri, profundo e escuro, inclinando a cabeça enquanto ele olha para mim, estendendo a mão cheia de veias e segurando minha bochecha.

— Se eu quiser ser seu *pai*, então vou colocar você de joelhos novamente. — Meus olhos vibram, inclinando-se em seu toque quente.

— Se eu quiser ser seu marido, vou mantê-la ao meu lado. — Seu polegar acaricia minha bochecha.

— E se eu quiser ser seu amante, matarei o garoto que você *ama*.

Há algo na maneira como ele diz a última frase que faz meu foco se encaixar, me perguntando se talvez ele seja tão quente e frio, se a razão pela qual ele de repente está tão desesperado para eu dizer a ele que sou dele é porque ele está *preocupado* com Aidan.

Sobre o garoto que segurou meu coração por anos. Aquele com quem ele teve que manipular para nos separar, e aquele com quem, até algumas semanas atrás, eu tinha certeza de que queria passar o resto da minha vida.

Claro.

Se a situação fosse inversa e eu estivesse no lugar de Julian, não me sentiria a mesma?

Minha mente volta para o avião. Para a noite anterior. Todos os pequenos momentos intermediários. Aqueles que não deveríamos ter, mas não pudemos escapar.

Em algum lugar ao longo do caminho, as coisas mudaram para nós dois, mudando de algo do qual eu não tinha escapatória para algo que eu desejo escapar, e se isso está acontecendo comigo, não faria sentido que também esteja acontecendo com ele?

Ele não é um homem moralmente correto, mas, novamente, meu pai também não é, e eu deixei de lado todas as coisas que *Baba* fez por causa do quanto eu o amo, então o que está me impedindo de admitir que o que eu sinto por Julian pode ser algo verdadeiro, apesar da forma como começou?

Eu inclino minha cabeça, observando-o sob uma luz totalmente nova.

Talvez isso seja real para ele, da mesma forma que está começando a parecer real para mim.

Ele começa a se mover, a se afastar de mim e da conversa, mas não vou deixá-lo escapar tão facilmente. Não quando ele ergue essas paredes que me mantêm trancada do lado de fora, quando sei que ele está realmente sofrendo por dentro.

De repente, as perguntas sobre se eu sou *dele* fazem todo o sentido, e não é até agora que abaixei minhas defesas totalmente, deixando de lado tudo o que me deixou com raiva, todas as emoções pesadas e doentias e me permitindo admito que me importo com ele de uma forma vertiginosa e dolorosa.

De uma forma que nunca senti por mais ninguém, nem mesmo por Aidan.

Meu marido.

O homem que eu deveria odiar.

Ele passou toda a sua infância tendo que colocar os outros em primeiro lugar, sem nunca receber o amor e a atenção de ser escolhido de volta.

Então é claro que ele está erguendo paredes.

Claro que ele está se afastando.

Tenho certeza de que tudo isso o apavora tanto quanto a mim, e ao perceber isso, perceber que ele está tendo que lidar com seus sentimentos por mim da única maneira que sabe, que me faz correr atrás dele para agarrar seu braço.

Ele enrijece, mas para em seu caminho, e eu me movo na frente dele, esticando meu pescoço para olhar em seus olhos. Meu coração bate contra meu peito, oscilando à beira de um penhasco, e não sei o que devo dizer, mas sei que não quero

ser como meu pai, esperando até que eu esteja no meu leito de morte para aceitar minhas emoções e onde falhei com as pessoas de quem gosto. E não quero ser como a mãe de Julian, tirando tudo o que posso dele e nunca dando nada em troca.

Eu seguro seu rosto, sua barba por fazer arranhando a palma da minha mão.

Ele se encolhe, mas não me afasta, suas narinas queimando enquanto ele olha para mim.

— Seu homem *teimoso* e tolo.

Deslizando meus dedos por sua mandíbula, seguro sua nuca, levantando-me na ponta dos pés enquanto o arrasto para baixo até que sua testa repouse na minha.

— Você não sabe que eu sou sua? — Eu sussurro.

Sua respiração é pesada e seus olhos se fecham em uma piscada longa e lenta.

Meu estômago revira e minha alma sangra, imaginando se é tarde demais. Eu deveria ter dito isso no avião quando ele perguntou, mas eu não tinha certeza até este momento.

Quando parecia que o tinha perdido, mesmo ele estando ao meu lado.

— É fácil se perder em algo quando você está isolado de todo o resto, — diz ele, endireitando-se e pressionando um beijo casto na minha têmpora. — Diga-me novamente quando voltarmos para casa, e talvez eu acredite em você.

Então ele agarra minha mão e me puxa para trás para entrar.

CAPÍTULO 34

Julian



Ninguém está acordado quando entramos no prédio principal, provavelmente porque é o meio da noite. Não volto aqui desde que as Sultans compraram o lugar, depois que convenci Ali de que deveríamos ser os únicos a encontrar a lâmpada perdida e que precisávamos de moradias para os arqueólogos usarem como base entre suas escavações.

Eu tinha esquecido como parecia um armazém por dentro, mas as paredes de estanho e os tetos altos com vigas expostas são aquecidos pelos móveis que agora estão colocados por toda parte. Sofás macios e alguns pufes grandes estão centralizados em torno de uma TV de tela plana, e bancos altos de bambu são colocados sob a ilha da cozinha.

É uma planta totalmente aberta, sem separação da longa mesa de jantar retangular da cozinha para a sala de estar.

Existem dois pequenos corredores, um no lado direito que leva a dois quartos e um banheiro, e outro corredor à esquerda com o quarto principal. Ninguém usa isso a menos que Ali ou eu façamos a viagem, o que até agora não fizemos.

Existem três pequenas casas que rodeiam o exterior da área comum principal, onde os arqueólogos podem viver confortavelmente e com uma sensação de privacidade. Não foi um esforço barato encontrar esta relíquia, mas se o fizermos, valerá a pena o custo.

Eu ando com Yasmin direto pela área principal sem mostrá-la, tanto porque é o meio da noite quanto porque ela provocou uma violenta tempestade com sua declaração que está furiosa no meu meio e não mostra sinais de acalmar.

A maior parte de mim quer acreditar em sua palavra, quer marcá-la, fodê-la e procriá-la, só para que ela nunca volte atrás. Eu tenho esse desejo indescritível de fazê-la dizer isso de novo e, em seguida, amarrá-la a mim de todas as maneiras que restam, todas as maneiras que tornariam impossível para ela ir embora.

Mas ela está jogando um jogo que não tenho certeza se ela é madura o suficiente para lidar, então não vou acreditar que as coisas entre nós realmente mudaram até que ela passe algum tempo com o garoto. Dessa forma, posso observar e ver sua linguagem corporal e decidir se ela está me fazendo de bobo ou se está realmente tão confusa quanto eu.

O pensamento por si só é suficiente para me tornar assassino.

No entanto, é melhor aceitar a realidade agora do que me dar falsas esperanças. Nunca fui a primeira escolha de alguém e não estou iludido o suficiente para acreditar que Deus me fará algum favor agora.

Homens como eu não vão para o céu e não temos uma segunda chance.

Quando chegamos ao quarto, eu a levo para dentro e finalmente solto sua mão. Eu aponto para o banheiro. — Banheiro. — Para o armário à direita. — Roupas. — Para o colchão. — Cama.

Seu olhar segue, e ela morde o lábio, balançando a cabeça.

Eu aponto para ela agora. — Fique.

— *Auau*, — ela late.

A diversão escorre pelos meus nervos em frangalhos, e eu sorrio. — Bonitinha.

— Você não vai ficar? — Ela pergunta.

Eu balanço minha cabeça. — Tenho trabalho para fazer.

Ela franze os lábios, e posso dizer que ela tem mais a dizer. Eu *quero* que ela diga isso, para me convencer a deixar de lado o que eu acho que precisa acontecer e apenas levá-la aqui e agora. Mas se eu fizer isso, vou trancá-la neste quarto, matar o garoto para que ele não possa nem vê-la, e então levá-la para casa e fazê-la prometer nunca mais sair.

E algo me diz que isso anularia qualquer chance que possamos ter.

Minha mente vagueia pelo testamento que fiz e guardei na gaveta da minha escrivaninha em casa. Eu sei que não vou conseguir matá-la. Já sei há algum tempo e não me permito pensar no fato de que, quando se trata disso, as coisas que costumavam ser importantes para mim empalidecem em comparação com ela.

Eu não dou a mínima se eu herdar a Sultans.

Não poderia me importar menos com a lâmpada perdida.

Não enquanto eu puder ficar com ela.

Girando, saio da sala antes de fazer algo que não deveria, meu peito queimando e minha garganta apertada.

Volto para fora e dou a volta na frente do prédio, descendo os caminhos arenosos que levam às pequenas cabanas, indo para onde Jeannie fica. Ela nunca respondeu ao meu último e-mail e cansei de esperar. Eu a coloquei nesta posição como arqueóloga líder, e posso retirá-la com a mesma facilidade.

Caminhando até a porta da frente da pequena casa, bato na porta azul-escura, puxando meu bastão e alongando-o para que possa girá-lo em minhas mãos.

A janela da frente à esquerda está coberta por cortinas escuras e noto alguém espiando pelas bordas, pensando que não posso vê-los olhando para fora.

Eu deslizo minha mão livre no bolso, esperando pacientemente, mesmo que eu esteja contando de trinta até eu arrombar a porta e forçá-la a atender. Tenho certeza de que ela estava dormindo, mas não me importo.

Pouco antes de eu chegar a zero, a porta se abre e Jeannie fica na minha frente, com os olhos arregalados e o cabelo azul brilhante emaranhado em um coque bagunçado no alto da cabeça.

— Senhor Faraci, — ela murmura, suas bochechas ficando rosadas.

Eu sorrio e forço meu caminho passando por ela até que estou de pé na pequena sala de estar. — Jeannie, você me decepcionou. Eu coloquei você aqui, — faço uma pausa e aceno meu braço ao redor do espaço, — mas você me ignora como se não tivesse ninguém a quem responder.

Ela balança a cabeça, os punhos cerrados ao lado do corpo. — Não, Sr. Faraci, eu juro... eu só, não há nada para contar.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Então você não teve sorte com o novo local de escavação?

Ela engole em seco, e eu não perco a forma como seus olhos se movem nervosamente. — Não.

— E Darryn Anders?

— Ele é um aborrecimento, mas nem ele sabia sobre o novo lugar que encontrei. Ele apenas esteve em outros lugares, tornando difícil para nós fazer qualquer trabalho.

Ela engole novamente, acenando com a cabeça, seus pés se arrastando no tapete liso e felpudo.

— Por que você está tão inquieta? — Eu exijo, irritado com o jeito que ela não consegue ficar parada por um segundo. — Eu te deixo nervosa?

Sua testa franze e sua língua espreita para deslizar ao longo de seu lábio inferior rachado. — Eu só não tenho me sentido tão bem. Nada que uma boa noite de sono não resolva.

Eu inclino minha cabeça enquanto a observo. *Algo está errado.* — Você precisa tirar uma licença?

Ela levanta a cabeça para encontrar o meu olhar. — Não. Está tudo bem. Eu prometo, eu só... estou menstruada. Você sabe como é.

— Não, — eu digo lentamente. — Não posso dizer que sim.

Eu dou um passo mais perto, observando como todo o seu corpo aperta como se ela estivesse esperando por mim para atacar. Eu me curvo até que ela é forçada a esticar o pescoço para me olhar nos olhos.

— Apesar do quão desrespeitosa você foi ao não responder aos meus e-mails, eu *me* preocupo com o seu bem-estar. Se você tem algo a me dizer, se há algo acontecendo, agora é sua chance.

Ela fica quieta por alguns momentos antes de seus movimentos cessarem e ela endurecer sua mandíbula. — Não, Sr. Faraci, está tudo bem.

Não acredito nela nem por um segundo, mas reconheço uma batalha perdida quando vejo uma, e ela não está planejando me dizer nada que valha a pena.

— Como Ian tem tratado você? — Eu pergunto em vez disso, girando a conversa.

Ela está prestes a explodir, o que me faz pensar que as coisas *não estão* indo bem.

Seu corpo inteiro se endireita, sua mandíbula travando com força. — Agradeceria se lembrasse ao Sr. Godard que não trabalho para ele.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Tecnicamente, você trabalha. Você trabalha para *mim* e Ian está aqui em meu nome. É ele quem está lhe causando problemas?

Ela engole audivelmente e vira a cabeça para o lado, quebrando nosso contato visual. — Ele só bagunça as coisas, só isso. Ele não ajuda.

Eu suspiro, balançando a cabeça enquanto deslizo minhas mãos nos bolsos. Estou começando a pensar que estar aqui é um fracasso. Para todos os envolvidos. Ian não está se esforçando e claramente minha principal arqueóloga precisa de uma folga.

Originalmente, eu estava aqui para garantir que as coisas ainda estivessem no caminho certo, mas a cada segundo que fico aqui, percebo que talvez eu devesse deixar todos fazerem as malas e irem para casa.

Talvez não valha a pena afinal.

Qual é o sentido disso, afinal? Não me importo tanto com a lâmpada perdida quanto antes, e está se tornando uma dor de cabeça que está começando a causar muitos problemas para eu lidar. Não quero mais me encontrar com Darryn ou procurar. Ele pode ficar com a lâmpada. Eu já tenho o suficiente.

— Arrume suas coisas, Jeannie, — eu digo de repente.

As palavras escapam da minha boca antes que a decisão tenha se formado completamente na minha cabeça, mas uma vez que as digo, não as puxo de volta.

Uma expressão chocada lava seu rosto. — Você está... me demitindo?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Estou fechando o complexo completamente.

Aproximando-me dela, coloco minha mão em seu ombro. Ela se encolhe e meu estômago revira, não gostando da sensação de tocar alguém que não seja Yasmin.

Seus olhos encontram os meus e eu tento adotar uma expressão empática. — Vá para casa. Descanse um pouco. Você fez um bom trabalho para mim, mas termina aqui.

Ela lambe o lábio inferior e balança a cabeça lentamente.

E eu me viro e saio pela porta, voltando para Yasmin, um grande peso sentindo como se tivesse acabado de ser arrancado de meus ombros pela minha decisão.

****

Quando amanhece, estou na cozinha, com uma xícara de café quente nas mãos, a lembrança de Jeannie e de como ela estava nervosa ontem à noite tocando em

loop na minha cabeça. Há algo acontecendo que ela não está me contando, e eu vou descobrir o que é. Talvez ela esteja aqui há muito tempo, trabalhando demais.

As vozes de Ian e do garoto começam a se filtrar pelo corredor, e eu me inclino despreocupadamente contra a borda do balcão, esperando que eles cheguem ao canto e me notem.

Uma dor pulsa entre meus olhos enquanto os observo com suas cabeças inclinadas juntas, falando como se fossem velhos amigos sussurrando segredos. Tomo um gole do meu café, meu olhar seguindo cada movimento deles.

Eu limpo minha garganta.

Os olhos de Ian voam, seu corpo se retorce e seu olhar gira. É só por um momento e então ele se recupera rapidamente, adotando uma arrogância confiante enquanto se move em minha direção. — Chefe, você chegou cedo.

— Surpresa. — Tomo outro gole da minha bebida.

Meus olhos se voltam para o garoto, algo quente e afiado fervendo em minhas entranhas.

— Senhor Faraci, — ele murmura, não querendo encontrar meus olhos.

Eu o ignoro, voltando minha atenção para Ian enquanto ele se move para ficar diretamente ao meu lado, tão perto que faz minha pele coçar. Eu tinha esquecido como sua falta de limites pessoais me incomodava.

Pequenos sons de passos vêm da esquerda, a energia muda, e eu sei que Yasmin está aqui antes mesmo de vê-la.

Seu olhar está fixo em mim enquanto ela entra na cozinha e um sorriso aparece em seu rosto. Meu coração dispara porque *caramba*, ela é linda quando está assim. Todo o sono despenteada e bagunçada.

Uma forte respiração pela sala chama sua atenção, e seus passos param antes que ela chegue até mim.

Rajadas de verde açoitam minhas entranhas e eu desvio o olhar.

— Aidan, — ela respira.

Ian me observa com um brilho curioso.

— O quê? — Eu atiro para ele.

— Sua reunião com Darryn é só na próxima semana, — ele responde, tomando um gole de sua própria caneca de café. — Foi quando pensei que você estaria aqui.

— Não importa. Estamos saindo de qualquer maneira. Cancele a reunião. — Meu olhar se desvia de Ian para Aidan e Yasmin, agora parados um na frente do outro, emoção que estou escolhendo ignorar nos olhos de ambos.

Yasmin boceja em sua mão, e eu começo a me mexer, pegando uma xícara de café, mas então Aidan dá a volta na ilha e faz isso sozinho. Meu incômodo no estômago, causa chamas que explodem em meu meio e queimam minha garganta.

Ele pega o creme da geladeira e mistura no copo dela antes de caminhar até onde ela está e colocá-lo em suas mãos.

Eu franzo meus lábios, observando e esperando, curioso para saber se ela vai falar sobre ele ter feito errado. Eu sabia de cor sua preferência por café depois do segundo dia morando com ela. Ele está com ela há anos e ainda não sabe.

Ela sorri ao pegá-lo, olhando para a caneca e dizendo um suave "obrigada". Ela não o leva aos lábios.

— Por que você veio mais cedo? — Ian pergunta.

— Porque eu posso. — Eu me viro e pego outra caneca, servindo uma xícara de café fresco antes de jogar dois cubos de açúcar no fundo e misturar com um agitador.

— Espere, — a voz do menino interrompe. — Estamos *indo embora*?

Girando para encará-los, ando até onde Yasmin está, lançando um rápido olhar para ele. — Sim.

Eu puxo a caneca cheia de creme de leite de suas mãos e coloco a nova xícara lá antes de voltar para onde eu estava e deixá-la cair na pia.

O garoto franze a testa enquanto observa Yasmin tomar um gole, cantarolando com o gosto. Seus olhos se movem para onde minha aliança de casamento está e depois para o diamante gigante em seu dedo.

Ele se move até ficar na frente dela, enfiando as mãos nos bolsos, o cabelo castanho caindo sobre os olhos.

— *Princesa*, podemos conversar?

Eu cerro meus punhos para não estender a mão e sufocá-lo até a morte.

Ela trava seu olhar em mim, sua boca ligeiramente aberta e a indecisão pesando fortemente em suas feições. E vejo o sim em seu olhar antes que saia de seus lábios.

Meus dentes rangem com tanta força que sinto um molar estalar.

Finjo que não percebo quando eles saem pela porta, sem olhar para mim nem uma vez.

CAPÍTULO 35

Yasmin



Eu poderia dizer que Julian não queria que eu fosse com Aidan, podia ver na maneira como ele estava tentando agir como se não estivesse prestando atenção. Do jeito que aquele músculo na lateral de sua mandíbula se contraiu, do jeito que sempre acontece quando ele não diz o que realmente quer.

Mas é algo que preciso fazer independentemente. Um, porque embora o que sinto por Aidan tenha mudado, ele ainda é o primeiro amor que já tive. Ele ainda era meu melhor amigo enquanto crescia. E meu peito ainda dói quando penso em perdê-lo.

E também, apesar do que Julian possa pensar, se ele não me deixar enfaixar as feridas com Aidan, ele nunca vai acreditar em mim quando eu disser que o escolhi.

Sempre haverá uma dúvida, mesquinhando no fundo de sua mente, imaginando se eu teria voltado se tivesse tido a chance.

Isso não é saudável para nenhum de nós.

Sigo Aidan pelo pequeno corredor à direita até um pequeno quarto com uma cama grande. Ele claramente se sentia em casa; há roupas espalhadas nas costas da cadeira da escrivaninha no canto, e a cama está desarrumada e bagunçada. Um quadro de cortiça está pendurado na parede, coisas pregadas na frente. Aproximando-me, eu os espio, curiosa para ver o que ele tem feito aqui enquanto ele estava me ignorando e meu coração estava partido por causa de todas as coisas que eu tinha para dizer a ele, mas não consegui dizer.

Não há nada, exceto um mapa e algumas notas escritas. Eu me inclino para mais perto, dando uma olhada no que eles dizem.

A noite passada foi divertida, com um coração e o nome Jeannie.

— Isso não é o que parece, — diz Aidan atrás de mim.

Minhas mãos deslizam para os bolsos de trás enquanto me viro para encará-lo, balançando a cabeça. Eu acredito nele, mas não importaria se eu não acreditasse. — Tudo bem se for.

Ele está do outro lado da cama, com as mãos nos quadris e as sobrancelhas franzidas. Ele suga o lábio inferior entre os dentes antes de soltá-lo com um estalo. — Por que, você o ama?

A pergunta me pega desprevenida, meu coração disparando do precário precipício em que está balançando, girando e se debatendo enquanto cai no chão.

— Porque te machuquei quando me casei com ele, — respondo. — E pessoas feridas *machucam* pessoas.

Ele balança a cabeça lentamente. — Jeannie é uma arqueóloga aqui. Ela era uma amiga... mais ou menos. Mas nos últimos dias, ela tem estado diferente. Desequilibrada. Passamos uma noite juntos assistindo a filmes engraçados e conversando sobre coisas que sentíamos falta em casa. Isso é tudo.

— Ok, — eu respondo com um pequeno sorriso.

— Então você confia em mim?

— O quê?

— Você confia em mim? — Ele pergunta novamente.

Eu dou de ombros. — Confiar em você nunca foi o problema, Aidan.

— Teria machucado você? — Ele continua. — Se *tivesse* sido mais?

— Saber que chegamos a esse ponto tão facilmente me machuca. — Engulo o nó que está se formando na minha garganta. — Fui forçada a me casar com Julian e, se você tivesse me escutado, saberia que não desisti de você. Por *nossa conta*.

— Não jogue essa carta comigo, — ele zomba, seus olhos semicerrados enquanto ele balança a cabeça. — Você não foi uma mártir em nosso relacionamento, princesa. Você *nunca* se levantou para mim ou para nós. Para ninguém. Sempre fui eu, gritando no vazio, implorando por uma porra de uma chance. — Sua mão bate contra seu peito. — Não fique tão surpresa por eu ter pensado que você tinha escolhido a melhor oferta.

Suas palavras doem, mas sei que são verdadeiras.

— Você não acha que isso significa alguma coisa? — Eu pergunto. — Que estávamos dispostos a agarrar a chance de enganar meu pai, mas nenhum de nós estava disposto a realmente sentar e conversar quando isso importava?

Ele dá de ombros.

— Quero alguém que acredite no meu amor por eles.

Ele suspira, passando a mão pelo cabelo. — Princesa, você tem que *mostrar* a alguém que você ama para que eles acreditem.

Minhas sobrancelhas se erguem, claridade batendo em meu rosto e deixando para trás uma picada.

Aidan está certo. Só que não é a ele que quero provar.

Não mais.

E talvez nunca tenha sido. Quando penso em Julian estar no lugar de Aidan, se ele fosse aquele que eu sabia que meu pai não aprovaria, não acho que haja nada no mundo que me impediria de ficar ao seu lado e lutar pelo direito de amo ele.

Minha respiração sai dos meus pulmões com a realização.

— Ainda temos chance?

Sua pergunta me surpreende porque, para mim, isso é um encerramento, e pensei que fosse o mesmo para ele.

— Aidan...— Eu balanço minha cabeça. — Tanta coisa aconteceu...

— Faz apenas um mês, Yas. — Ele anda ao redor da cama e corre em minha direção. — Eu não quero desistir de você. Eu *não estou* desistindo de você.

Deixei escapar uma risada sem humor, um latejar surdo picando meu meio. — Eu não sou *sua*.

Virando-me, começo a sair, de repente desesperada para encontrar Julian.

Para dizer a ele que o *vejo*.

Que eu acho que posso amá-lo.

Logo antes de chegar à porta, um aperto duro me gira, a boca fria e rachada de Aidan batendo na minha. Eu congelo em estado de choque, mas é apenas por um segundo, e então minhas mãos estão voando para empurrá-lo.

Antes que eu possa, uma garganta limpa atrás de mim.

Eu empurro Aidan para longe, e quando me viro para ver quem é, meu coração para, o pânico pesando em meus nervos como um peso de cinquenta quilos.

Julian fica lá olhando para nós, um olhar estóico em seu rosto, seus olhos afiados e brilhantes como gelo. Suas mãos estão no bolso, os antebraços flexionados.

— Julian, — eu respiro.

Ele força um sorriso fino. — Não me deixe interromper.

CAPÍTULO 36

Julian



Não importa.

Eu não ligo.

Por que estou surpreso?

Minha mente está sendo puxada para mil direções diferentes enquanto me viro de Yasmin e do garoto para ir embora, atravessando a sala de estar da área comum até chegar ao quarto.

Abro a porta do quarto que divido com *minha esposa*, andando na frente da cama, meus dedos segurando meu cabelo com tanta força que parece que vou arrancar cada mecha.

Logicamente, eu sei que ela não o estava beijando. Eu a vi girar e o jeito que ela não respondeu. Emocionalmente, isso não importa.

A ideia de ele tê-la provado, tocado *enquanto* ela estava usando meu anel me deixa violentamente com raiva, e estou tomando cada grama de autocontrole para não voltar lá e arrancar a língua de seu corpo.

Gemendo, passo as mãos pelo rosto enquanto tento, e falho, me convencer uma última vez de que isso não importa. Que ela pode escolhê-lo, e eu vou sobreviver, do jeito que fiz todas as outras vezes em que não fui a escolha de alguém.

Vá buscá-la.

Fazê-la ficar.

Porra.

Eu bato nas laterais do meu rosto e caminho em direção à porta, prestes a encontrá-la e agarrá-la no estilo homem das cavernas, jogá-la sobre meu ombro e espancar sua bunda até que ela fique preta e azul por pensar que eu a deixaria ir embora.

Mas a porta se abre antes que eu consiga, e lá está ela do outro lado, parecendo uma deusa enviada para o inferno. Ela entra furiosa, seus olhos brilhando como mil sóis, e ela bate a porta atrás de si.

— Quem diabos você pensa que é? — Ela pergunta, marchando até mim e empurrando as mãos contra o meu peito.

Estendo a mão e agarro seus pulsos, interrompendo seu ataque. Mas, na verdade, vou me deliciar com a dor, desde que consiga tocá-la.

— Você não consegue *fazer* isso, — ela cospe. — Você não consegue ver algo e sair antes de conversarmos.

— Eu vou fazer o que diabos eu quiser, — eu resmungo.

Ela bufa. — Clássico Julian Faraci. Com tanto medo de deixar o garotinho dentro de si se curar que você levanta paredes e o protege até mesmo de viver.

A raiva me dá um soco direto no estômago. — Meça suas palavras.

— Você *as suas,* — ela sibila.

Eu aperto meus pulsos com mais força, seu olhar despindo todas as pretensões até que eu me sinta nu e vulnerável sob seu olhar.

— Estou tentando fazer o que é melhor para você, — eu mordo. — E às vezes isso significa ir embora.

— Bem, estou farta de todos os homens da minha vida pensarem que sabem o que é melhor para mim. — Ela luta em meu aperto, tentando se libertar para poder me empurrar novamente. — Adivinhe, idiota. Existe uma coisinha chamada livre arbítrio. Você deveria tentar deixar as pessoas terem isso.

Eu mordo de volta a diversão que está tentando quebrar a raiva, meu pau endurecendo com a forma como seu corpo está se contorcendo contra mim. Eu ajusto meu domínio sobre ela, caminhando com ela para trás, a energia envolvendo-nos como uma corda e puxando com força até que seja difícil respirar.

Suas costas batem contra a porta fechada e eu me pressiono contra ela, as curvas suaves de seu corpo se encaixando perfeitamente contra as duras superfícies do meu, separadas apenas por seus braços, que estão sendo mantidos entre nós.

Descendo, descanso meus lábios contra os dela, não beijando, apenas existindo no mesmo lugar, sua respiração se tornando meu oxigênio. *Se eu ficar aqui por tempo suficiente, me pergunto se poderia me preencher com ela.*

— Eu não sirvo para você, *gattina*. Eu suborno, chantageio e mato. Eu machucaria você. Eu *machuquei* você.

— Eu não me importo, — ela sussurra. — Eu perdôo você.

Balançando a cabeça, frustrado por ela não ter entendido, movo suas mãos até que estejam acima de sua cabeça, pressionando-as com força na madeira da porta. Seu peito roça meu tronco, movendo-se para dentro e para fora com suas instáveis respirações de ar.

— Você deveria, — eu respondo. — Aquele garoto lá fora, ele tem uma história com você que eu nunca terei. Momentos que viverão para sempre em sua memória, instantâneos que você tirou para congelar o sentimento para quando começar a esquecer. — Eu pressiono meus lábios nos dela, me afogando na tortura de quase prová-la do jeito que eu desejo. — Ele tem todos os seus primeiros, e isso é algo que eu nunca vou conseguir. Mas eu não os quero, — eu sussurro contra sua boca. — Eu não me importo de ter seus momentos estranhos ou suas promessas instáveis e suas mãos desajeitadas. E você sabe por quê?

— Não, — ela respira, com os olhos brilhando com lágrimas.

— Porque eu não te amo como ele.

Ela choraminga, virando a cabeça. Eu solto uma de suas mãos, ignorando a maneira como ela imediatamente tenta me empurrar para trás, e eu agarro sua bochecha com força, inclinando-a para que eu possa pressionar meu rosto contra o dela, meus lábios se contorcendo em sua mandíbula. Estou prendendo-a na porta com meu corpo, e suas mãos estão agarrando o tecido da minha camisa, apertando

e soltando, como se ela não pudesse decidir se quer me arrastar para mais perto ou me afastar.

— Meu amor por você é perigoso.

Uma respiração pesada sai de sua boca, uma lágrima rolando de seu olho, pingando na parte de trás dos meus dedos. Eu me movo, pressionando um beijo em sua bochecha molhada para absorver seus gritos.

— Eu mataria qualquer um que olhasse para você. Qualquer um que ousasse *respirar* muito perto.

Seu corpo treme contra o meu.

— Eu quero seu sangue, sua raiva, sua violência e sua luxúria.— Meu polegar roça em seu lábio inferior. — Eu quero seus sorrisos, suas lágrimas e sua maldita boca insolente.

Ela me puxa até que não haja mais espaço entre nós, seus seios roçando meu torso a cada expiração trêmula.

— Eu quero alcançar seu peito e segurar seu coração em minhas mãos, certificando-me de que ele só bata por mim, — eu resmungo. — Mas eu não quero seus primeiros momentos, Yasmin. Eu quero o seu para sempre.

Ela solta um grito, suas mãos agarrando-me como se ela não pudesse chegar perto o suficiente, mas eu resisto, recuando enquanto luto contra seu aperto. Eu movo minha outra mão até que estou segurando seu rosto, certificando-me de que ela encontre meus olhos.

— Você é um anjo, *gattina*. E eu vou quebrar suas asas só para mantê-la ao meu lado. Então faça um favor a nós dois e caminhe. Porra. Me deixe.

Eu a libero então, mas antes que eu possa me mover, ela está em mim, sua boca batendo na minha, seus membros me envolvendo enquanto ela pula em meus braços. Ela morde, chupa e lambe, e eu devolvo na mesma medida, porque depois de tudo que acabei de dizer, depois de me cortar e sangrar no chão aos pés dela, ela ainda está aqui.

E não tenho mais vontade de lutar contra isso.

— Pare de me dizer o que fazer, — ela exige entre seus beijos.

Eu sorrio contra seus lábios, minhas mãos segurando sua bunda para segurá-la firmemente para mim enquanto ela quebra seus lábios e lambe o lado da minha mandíbula, então afunda seus dentes na pele do meu pescoço. Eu gemo, meu pau pulsando.

— Você acha que eu não sou a mesma? — Ela diz na minha pele.

Afastando-se, ela olha para mim, seus olhos arregalados e abertos e tão lindos que me faz perder o fôlego.

— Eu quero sua risada, suas lágrimas e seus sorrisos também. — Ela roça um dedo no meu lábio. — Eu quero seus olhares taciturnos, sua moral fodida e sua necessidade desagradável de sempre me dizer o que fazer.

Meu corpo esquenta, o sangue bombeando tão rápido que sinto como se meu coração pudesse explodir no meu peito.

Ela me olha nos olhos, segurando meu queixo com as duas mãos, as pernas ainda em volta da minha cintura. — Estou apaixonada por você, Julian Faraci. E eu mesma queimaria o mundo se isso significasse que eu poderia mantê-lo ao meu lado.

Algo se abre em meu peito, inundando minhas entranhas como água corrente, limpando tudo o que já importou fora dela.

Eu nos viro e a jogo na cama, arrancando suas roupas desajeitadamente, incapaz de me concentrar em nada além da necessidade que está me consumindo, pulsando com a batida do meu coração para tomá-la, fodê-la, reivindicá-*la*. Meus dedos cavam em seus lados e deslizam por seu corpo, rasgando sua camisa de dormir de seu corpo flexível.

Seus mamilos são duros e fodidamente perfeitos, e eu preciso deles na minha boca imediatamente, então eu me inclino e chupo um deles entre meus lábios, girando minha língua ao redor da protuberância e afundando em meus dentes porque eu quero ouvi-la gemer.

Ela responde lindamente, com as costas arqueadas e as mãos voando para a parte de trás da minha cabeça, pressionando-me ainda mais em sua pele. Meu pau pulsa, pré-sêmen saindo da ponta e encharcando minha cueca.

Minha outra mão se move para baixo em seu esterno, traçando padrões em seu torso antes de alcançar a bainha de seu moletom e deslizar o tecido macio por suas pernas, minha boca nunca perdendo o ritmo em seu seio.

Ela levanta os quadris e eu puxo sua calcinha para baixo, jogando-a em algum lugar atrás de mim, precisando vê-la nua e espalhada diante de mim como uma oferenda.

Porque é isso que ela é. Isso é o que ela está fazendo.

Oferecendo-se a mim.

Finalmente, eu libero seu mamilo, puxando para trás e me afastando de seu aperto, sentando em minhas pernas e olhando para ela.

Eu tive sua doce boceta em minha boca e seu gosto em minha língua, mas esta é a primeira vez que a vejo completamente nua.

Ela é tão bonita que dói.

— Julian, — ela implora, contorcendo-se na cama, os olhos inebriantes.

— Não me interrompa enquanto estou olhando para minha esposa, — eu ronrono, desafivelando meu cinto e abaixando minhas calças até que meu pau saia, duro e dolorido.

Estendendo a mão, eu agarro meu eixo, o comprimento saltando em minha palma quando imagino como será deslizar entre suas pernas e me enterrar dentro dela.

— Eu gosto quando você me chama assim, — ela diz, mordendo o lábio inferior.

Eu sorrio, afastando suas pernas enquanto me aproximo, e então estendo a mão para frente com minha mão livre, puxando seu queixo até que ela solte a pele.

— Não estrague esses lindos lábios, *amore mio*, — eu digo, pairando sobre ela e roçando minha boca na dela, meu pau se contraindo na palma da minha mão. — Tenho planos para eles.

Ela estende a mão, seus dedos brincando com os botões da minha camisa. Ela os desfaz um por um, e eu respiro profundamente, permitindo que ela a tire dos meus ombros e passe os dedos pela extensão do meu peito.

Alfinetadas de sentimento patinam ao longo da minha pele com seu toque, e eu luto contra o desejo intrínseco de afastá-la, de segurá-la e controlar a situação.

Ela passa as mãos pelos meus ombros e pelos meus braços até agarrar meu pau, sua palma cobrindo a minha. — Mostre-me como você gosta.

Eu libero meu eixo e deixo seus dedos envolverem em torno dele, a sensação dela na minha pele fazendo meu corpo vibrar. Eu cubro a mão dela com a minha, movendo-nos lentamente para cima e depois para baixo, minhas bolas subindo com a imagem dela embaixo de mim e acariciando meu pau.

Mais gotas de umidade na ponta e ela passa o polegar sobre a cabeça, espalhando-o nas laterais e usando-o como lubrificação enquanto minha mão cai e ela assume o controle de me masturbar.

— Você é tão grande, — afirma ela.

Eu paro seus movimentos, agarrando seus dedos nos meus e pressionando suas mãos acima de sua cabeça, da mesma forma que fiz antes quando estávamos contra a porta. Inclinando-me, coloco meu corpo no dela, seu coração batendo contra meu peito e sua respiração ofegante contra meus lábios enquanto meu pau provoca a entrada molhada de sua boceta.

— E você vai aproveitar cada centímetro, não vai, boa menina?

Seus quadris empurram para cima, tentando me colocar dentro dela, e *foda-se*, meus olhos reviram na minha cabeça só de pensar em deslizar em sua boceta molhada.

— Foda-me como uma prostituta, — ela geme, correndo sua fenda ao longo do comprimento do meu pau, deixando-o encharcado de sua excitação.

— Você não é uma prostituta.

Suas pernas empurram contra o meu corpo e, em seguida, envolvem minhas costas, puxando-me para ela, meu pau perfeitamente alinhado em sua entrada, e seus olhos se fixam nos meus. — Eu sou *sua* prostituta.

Jesus.

E isso é tudo o que preciso para me tirar dos trilhos. Eu empurro para frente com meus quadris, deslizando para dentro dela, sua boceta me envolvendo como se fosse feita para caber no meu pau.

Ela geme, com a boca aberta e os olhos rolando enquanto arqueia as costas.

Eu me inclino enquanto começo um ritmo, puxando para fora lentamente antes de bater de volta, enlouquecendo com a necessidade de estar o mais longe possível dela, minhas mãos pressionando as dela com tanta força no colchão que tenho certeza de que está cortando a circulação.

— Mais forte, — ela ofega, seus quadris se movendo em sincronia com os meus.

Eu libero seus dedos, arrastando minha palma sobre seu cabelo e abaixo de seu rosto até envolvê-la em torno de sua garganta, apertando nas laterais apenas o suficiente para levantá-la da cama, fazendo seus lábios tocarem os meus com cada impulso para frente.

— Você pega meu pau tão bem, *gattina*.

Há uma camada de suor em ambos os nossos corpos enquanto eu fodo dentro dela, e meu coração bate contra minhas costelas enquanto eu empurro meus quadris, o prazer crescendo na base da minha espinha e se curvando para fora até que meus músculos fiquem tensos.

— Estou prestes a gozar dentro de você, — eu digo, meus dedos flexionando ao redor de seu pescoço. — Encher você e certifique-se de que grude, para que eu possa amarrá-la a mim de todas as maneiras e garantir que você nunca saia.

Ela choraminga, suas pernas tremendo de onde estão em volta das minhas costas, me empurrando para frente toda vez que eu dirijo profundamente dentro dela.

— Gostaria disso, *amore mio*?

Ela geme, sua boca aberta em êxtase.

As paredes de sua boceta apertam em volta do meu pau, e minhas bolas apertam em resposta. Minha outra mão finalmente solta a dela e se enrosca em seu cabelo, minha palma segurando o lado de seu rosto com força. Eu me curvo e pressiono um beijo forte em seus lábios. — Diga-me que você quer meu esperma. Implore por isso.

— Me encha, — ela implora. — Eu preciso disso, Julian, por favor, eu...

E então ela está gozando, sua boceta apertando e liberando meu eixo, um grito escapando de seus lábios carnudos enquanto ela se gruda em mim.

Suas palavras são minha ruína, a visão dela crescendo com meu filho e estando ligada a mim para sempre é demais para eu aguentar.

Meu corpo fica tenso e então libera em uma explosão, e eu me empurro o mais fundo que posso, sentindo meu pau pulsar com fortes impulsos enquanto gozo profundamente dentro dela, colapsando meu corpo suado em cima do dela.

Nossos corações sincronizam, batendo no tempo, e eu descanso minha cabeça em seu peito, seus dedos brincando nas mechas do meu cabelo enquanto eu envolvo meus braços em torno dela.

Nunca me senti tão contente.

E este sentimento? Eu não quero que vá embora. Eu nunca vou deixá-la ir.

Porque parece que ela está me *escolhendo*.

E ela é a única que já o fez.

CAPÍTULO 37

Yasmin



Eu não consigo dormir.

Meu corpo está dolorido e meu coração está à vontade pela primeira vez no que parece uma eternidade. Para todos os efeitos, eu *deveria* poder descansar nos braços do meu marido, sabendo que ele é realmente meu.

Mesmo que a forma como começamos não seja a ideal.

Eu confio nele agora. Eu acredito no que ele diz quando me diz que me ama, porque o jeito que eu sinto, o jeito que passamos do ódio para isso? Não há nada mais que possa ser. Achei que amava Aidan, mas ele nunca me fez sentir como Julian.

E talvez ele seja muito perigoso. Talvez ele esteja errado. Talvez eu esteja sendo ingênua por me permitir amar o homem que me chantageou para o casamento,

mas passei minha vida inteira querendo agradar as pessoas e cansei de ignorar a escuridão dentro de mim que entende tudo o que Julian é.

E finalmente estou seguindo o conselho de Riya e fazendo algo por mim.

Olhando para o relógio, rolo para fora da grande cama king-size onde Julian está dormindo pacificamente ao meu lado e vou na ponta dos pés até onde está minha bolsa, pegando minha câmera. Saio do quarto e atravesso a área comum, suspirando enquanto o ar fresco da noite bate em meu rosto enquanto abro as portas duplas da frente.

É uma noite linda, e enrolo meu cardigã leve em volta dos braços enquanto desço o pequeno caminho que leva entre os pequenos chalés e começo a tirar fotos do céu. Estou tão perdida no momento, o silêncio sereno que está cobrindo o ar, que não ouço os passos atrás de mim até que eles estejam *bem* ali.

Eu seguro minha câmera com mais força, caminhando mais adiante no caminho e esperando que eles desapareçam, mas eles não desaparecem. Meu coração dispara para a minha garganta e expiro pesadamente antes de me virar.

Alguém está me seguindo.

Mas é difícil ver no escuro, então só quando aperto os olhos é que consigo distinguir suas feições.

Ela tem cabelo azul brilhante e esmalte lascado nas unhas, segurando algo em suas mãos que está coberto por um pano roxo escuro.

— Sabe, perseguir é considerado crime, — eu digo.

Ela me ignora, continuando a se aproximar até ficar bem na minha frente.

Seus olhos vão para a cabana à minha esquerda e depois para a que está um pouco à nossa frente, a menos de trinta metros de distância.

— Eu observei você hoje, — ela diz, sua voz baixa o suficiente para que eu tenha que me esforçar para ouvir. — E eu precisava ficar sozinha com você.

Minha espinha enrijece e eu olho ao redor, de repente desejando não ter escapado sem dizer a Julian onde eu estava.

— E você é? — Eu questiono.

— Eu sou Jeannie.

O reconhecimento pisca através de mim, lembrando que ela era a pessoa de quem Aidan estava me falando. — A arqueóloga?

Ela acena com a cabeça, lambendo os lábios, as mãos segurando o que quer que esteja segurando mais apertado contra o peito. Ela olha em volta novamente antes de se aproximar, e eu tropeço para trás, colocando uma mão na minha frente.

— O que você quer? — Minha voz está mais nítida agora, porque sério, que *porra é essa*?

— Sou a líder da escavação em Kharga.

— Ok. — Eu olho para a caixa em suas mãos. — E o que é isso, Jeannie? Um presente?

Ela olha ao redor novamente, a energia ansiosa saindo de seu corpo, seus dedos cavando nas bordas da caixa até eu temer que suas unhas possam quebrar no meio.

— Eu encontrei algo, — ela sussurra. — Algo que pode te ajudar. Aidan me contou sobre o que o Sr. Faraci está forçando você a fazer, e eu... não está *certo*.

Minha cabeça se inclina para o lado. — O que você quer dizer?

— Fui eu quem mandou uma mensagem para você. — Outro passo mais perto.

O reconhecimento queima através de mim. — Você é funcionária do Julian.

Ela balança a cabeça.

— Bem, eu aprecio isso, mas não será mais necessário. Amo o meu marido.

Ela solta uma risada e balança a cabeça, como se não acreditasse em mim.

Eu olho para ela de perto. *Algo está errado.* — Você está bem?

Mais uma vez, ela olha ao redor antes de manobrar a caixa coberta que está carregando para o lado e agarrar meu braço com força.

Eu respiro fundo, mas antes que eu possa gritar ou fazer *alguma coisa*, suas palavras me param no meio do caminho.

— Você não deve confiar neles, — ela adverte.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Quem?

— Eles sempre falam muito alto. Homens, sabe? — Ela balança a cabeça. — Eles ficam arrogantes... confusos.

— Você está falando de Julian?

Ela engole, bufando como se minhas perguntas fossem frustrantes. — E seus capangas. Ian, seu assistente? Ele fica bêbado e deixa as coisas escaparem.

Seus dedos rasgam meu antebraço, rompendo a pele. Eu me afasto, sibilando de dor, um pequeno rastro de sangue escorrendo de seu aperto e pingando no chão.

— Eles vão te matar. Você me ouve? Assim que conseguirem o que querem, eles vão *matar* você.

Meu estômago afunda no chão, meu coração batendo contra minhas costelas.

— Eu posso te ajudar, — ela diz novamente, apontando para a caixa. — *Isso* pode ajudá-la. Troque por sua liberdade.

Irritação nada em minhas veias porque esta mulher está fazendo qualquer coisa, menos me dando respostas e, francamente, ela está me assustando como o inferno. — Não *preciso* de ajuda. Eu prometo, vou ficar bem.

Uma porta se abre em um dos chalés ao longe, e seu olhar voa atrás de mim antes de voltar para o meu com um olhar frenético.

— Eu encontrei, — ela sussurra. — Ninguém sabe. E você não deveria contar a eles.

Minha testa franze. — Encontrou *o quê*?

Ela estende a mão, entregando-me a caixa. — A lâmpada.

****

Não tenho certeza de quando Julian teve tempo de organizar as coisas para que todos fossem embora, mas no dia seguinte estávamos carregados e prontos para partir.

Estamos do lado de fora da entrada do prédio principal, o braço de Julian em volta da minha cintura possessivamente, me abraçando ao seu lado enquanto ouvimos Ian reclamar por não estar no jato particular. E estou cambaleando por dentro, meus olhos observando enquanto o motorista joga minha mala no porta-malas. Aquela que tem a lâmpada perdida.

Deus, o que diabos eu devo fazer com isso?

Fiquei tentada a falar direto com Julian, mas algo me impediu. Não sei quem tem olhos e ouvidos aqui, e se é tão fácil para Jeannie ouvir as pessoas conversando, então não quero arriscar que outra pessoa descubra o que eu tenho. Só posso contar a ele quando voltarmos para casa.

— Eu não entendo. Estamos todos indo para o mesmo lugar, — reclama Ian, cruzando os braços enquanto um motorista coloca a bagagem dele e de Aidan no porta-malas do carro. Eu o observo de perto, o aviso de Jeannie sussurrando alto no fundo da minha mente.

— Quero um tempo a sós com minha esposa, — responde Julian. — Há coisas que faremos que tenho certeza que nem *todos* vocês gostariam de ouvir. — Seus olhos se voltam para Aidan e dou uma cotovelada na lateral de Julian.

— Não fique tão triste, Ian. Pelo menos eu coloquei você na primeira classe, — ele diz.

Ian zomba, jogando as mãos para cima e correndo para o carro, deslizando para o banco de trás. Aidan segue, parando pouco antes de se sentar, com a mão em cima da porta e os olhos fixos em mim.

Ele parece oprimido, e uma pequena pontada atinge meu peito, porque sei que nada entre nós jamais será o mesmo.

Não guardo ódio dele, apenas uma profunda tristeza pelo que perdemos. Ele foi meu primeiro amor, meu primeiro tudo, e embora eu não saiba como as coisas acabaram assim, tenho que acreditar que foi o melhor.

Talvez um dia possamos continuar amigos, depois que a dor sarar. E realmente, tenho que agradecer a Aidan. Se não fosse por ele me amar, eu não saberia a diferença. Porque meu amor por Aidan é como um dia quente e ensolarado, e meu amor por Julian é um inferno ardente.

— Lembre-se do que eu disse, princesa, — diz Aidan.

A mão de Julian aperta minha cintura, e eu estendo a mão, pressionando minha palma em seu peito, deslizando-a e virando seu rosto para mim, trazendo-o para um beijo.

Provavelmente é um movimento de merda fazer bem na frente de Aidan, mas minha preocupação é com o homem que escolhi. Ele está esperando que o outro sapato caia, mas vou mostrar a ele todos os motivos pelos quais isso não acontecerá.

Nós nos separamos e eu me movo em direção ao carro, olhando em volta uma última vez para ver se vejo Jeannie de relance. Mas ela é como um fantasma e está longe de ser encontrada.

Meu estômago revira, esperando como o inferno que nada aconteça com a lâmpada, e estou enlouquecendo por não ter escondido bem o suficiente. Não tenho ideia de como vamos passar pela alfândega, mas agora só tenho capacidade mental para enlouquecer com uma coisa de cada vez.

Não é até Julian e eu estarmos no avião particular que penso nisso novamente. Estou esparramada no sofá, bebendo água com gás, observando-o olhar para algo na tela do computador, uma leve ruga se formando entre as sobrancelhas sob os óculos de leitura.

— Eles vão verificar nossas malas? — Eu pergunto.

Eu provavelmente não deveria deixar escapar assim, não quando há comissários de bordo e pilotos e várias outras pessoas por perto para ouvir, mas se eu pelo menos não descobrir a situação da alfândega logo, vou vomitar.

Julian olha para mim por cima da borda de sua armação prateada.

— Você gostaria que eles não o fizessem?

Eu dou de ombros, me levantando e caminhando até ele, me posicionando entre a mesa e suas pernas e me jogando em seu colo, meus braços envolvendo seu pescoço.

Suas mãos me agarram imediatamente, fortes e seguras, e uma centelha de desejo corre através de mim com o toque.

Inclinando-me, pressiono um beijo em seu pescoço. — Não quero que ninguém toque nas minhas coisas além de você.

Ele cantarola, seus dedos correndo para cima e para baixo ao longo da minha espinha. — Então eles não vão.

O alívio flui através de mim, porque sei que se Julian disser que não vão, então *não vão*.

— Sabe, essas férias foram realmente uma merda, — eu penso, afundando ainda mais em seu colo. — Você não me levou a um único lugar para passear e, além disso, agora estamos aqui neste grande avião com uma cama enorme e ainda estou aqui, — levanto meus olhos para olhar para ele — vestindo todas essas roupas.

Ele sorri, mas eu o sinto crescendo duro debaixo de mim. — Alguns de nós têm trabalho a fazer. Os diamantes não se vendem sozinhos.

— Você tem centenas de funcionários para vendê-los para você, — eu lamento. Suspirando, eu me levanto e afundo meus dentes em meu lábio inferior. Dando de ombros, começo a caminhar para o quarto dos fundos. — Acho que vou cuidar das coisas sozinha então.

Ele está em mim antes que eu possa piscar.

Grandes mãos envolvem minha cintura, virando-me por cima do ombro. Eu grito, meu estômago subindo e descendo como uma montanha-russa enquanto ele me leva para o quarto, fechando a porta com o pé e me jogando na cama.

Seu rosto está sério e suas mãos vão direto para a fivela do cinto.

— Hora de colocar essa boca esperta para trabalhar, *gattina*.

Eu sorrio como o gato que pegou o canário.

Ele se move para ficar na beira da cama, abaixando as calças para que seu pau grosso balance no ar, sua mão cheia de veias segurando-o na base e acariciando-o desde o comprimento até a ponta. — Rasteje até mim, — ele rosna.

Balanço a cabeça, me sentindo brincalhona.

Ele inclina a cabeça. — Essa é um.

Meu coração pula. — Um o quê?

— Um orgasmo você não vai conseguir.

Minha boca cai aberta. — Isso não é justo!

Ele acaricia seu pau novamente, e minha língua desliza em meu lábio inferior enquanto o vejo se tocar.

— A vida não é justa. — Suas palavras são pontuadas com seus olhos se movendo para a beira da cama onde ele me quer. — Rasteje até mim, *amore mio*. Mostre-me o quanto você quer isso.

Rolando até ficar de quatro, faço o que ele está pedindo, rastejando lentamente pela cama, minhas mãos afundando no edredom de pelúcia enquanto o encaro por baixo dos meus cílios e atravesso a cama até alcançar onde ele está.

Ele pressiona a mão livre contra a parte de trás da minha cabeça. — Boa menina.

E então ele arrasta meu rosto para frente e pressiona seu pau contra meus lábios.

Minha língua espreita, lambendo o líquido salgado na ponta, e eu murmuro com o gosto dele.

— Chupe isso.

Eu não discuto desta vez, muito desesperada para sentir seu pau grosso esticando minha boca. Há uma grande veia que sobe na parte inferior de seu comprimento, e o pensamento dela pulsando na minha língua enquanto ele atira seu esperma na minha garganta faz minha boceta apertar. Eu envolvo minha língua em torno da cabeça dele, planejando provocá-lo até que ele quebre, mas antes que eu possa, ele agarra meu cabelo e me empurra para frente até que ele está batendo no fundo da minha boca. Meus olhos lacrimejam e minhas mãos se espalham em seu abdômen enquanto ele me segura lá, seu pau deslizando pela minha garganta centímetro por centímetro. Eu faço um zumbido, embora seja difícil não engasgar com o tamanho dele.

Sua outra mão sobe para o meu queixo, acariciando suavemente. — Respire pelo nariz, querida.

Eu faço, e isso ajuda, e então ele está me puxando para longe dele até que ele saia completamente da minha boca, um fio fino de saliva conectando a ponta de seu pênis ao meu lábio inferior.

— Você está bem? — Ele pergunta.

Concordando, eu me inclino para frente novamente, minha mão segurando a base dele enquanto o chupo profundamente, levando-o até a base de seu pênis e

criando uma sucção no caminho de volta até minhas bochechas cavarem. Ele não me força para baixo novamente, permitindo que eu vá no meu próprio ritmo, e dobro meus esforços, querendo senti-lo enquanto ele descarrega tudo o que tem em minha língua.

— *Foda-se.*

Uma das minhas mãos se move para suas bolas, arranhando levemente contra a carne sensível enquanto eu estou balançando minha cabeça para baixo ao longo de seu pênis, e eles empurram na minha mão.

Estou tão molhada que posso senti-la se acumulando na minha calcinha, e começo a me abaixar para me dar algum alívio, mas antes de chegar lá, o aperto em meu rosto aumenta.

— *Não* se toque.

O comando em seu tom é inconfundível e eu escuto, não querendo desobedecer desta vez, porque não quero que ele me castigue ainda mais.

— Você parece tão perfeita assim, — diz ele. — Com sua maquiagem borrada e seus lábios carnudos envolvendo meu pau. Aposto que se eu pedisse para você engasgar com isso, você deslizaria aquela boca bonita pelo meu comprimento até engasgar como uma prostituta gananciosa, não é?

Uma emoção faísca através de mim com suas palavras, porque eu nunca fui chamada assim. Todo mundo sempre pisou em ovos ao meu redor, e eu nunca percebi até ele o quanto eu precisava do oposto.

Eu saio de cima dele, minha mão suja de saliva de onde eu alcanço para continuar acariciando-o. Seu pau lateja e a satisfação corre através de mim.

Ele está perto.

— Foda a minha cara, — eu imploro. — *Por favor*.

Seus olhos brilham com as minhas palavras e ele não perde um segundo, agarrando meu cabelo com tanta força que puxa pela raiz enquanto ele desliza seu comprimento por meus lábios e me arrasta para cima e para baixo em seu eixo. Seus quadris empurram e ele bate no fundo da minha garganta com força. Meus olhos lacrimejam e meu nariz queima, mas eu empurro, engolindo em torno dele e puxando-o mais fundo.

— Essa é minha garota, *amore mio*. Você foi feita para chupar meu pau.

O prazer passa por mim com suas palavras, minhas mãos alcançando seus quadris e agarrando sua bunda, sentindo seus músculos flexionarem enquanto ele me usa como um brinquedo.

Estou tão molhada que minha calcinha está completamente encharcada, mas me lembro do que ele disse sobre não me tocar. Não me deixando gozar.

A respiração de Julian fica pesada e seus olhos vidrados, suas estocadas se tornando erráticas.

Eu gemo em torno dele, e isso é tudo o que preciso. Seu pênis começa a pulsar na minha boca, o sêmen quente escorrendo pela parte de trás da minha garganta, e eu coloco minha língua ao longo da parte inferior de seu eixo, sentindo aquela veia pulsar ritmicamente a cada gota.

É sexy, e me faz doer o quanto eu o quero dentro de mim.

— Engula tudo, *gattina*.

Eu faço, deixando-o escapar de mim depois e abrindo minha boca bem para que ele possa ver que não desperdicei uma gota.

Ele geme, inclinando-se e beijando-me, sua língua emaranhada com a minha até que eu tenha certeza que ele pode provar a si mesmo, e então ele se afasta e segura minha bochecha, seu polegar manchando a umidade que resta em meus lábios.

— Você é perfeita pra caralho. E tão fodidamente *minha*.

Ele desce e me levanta, me embalando em seus braços e me jogando de volta na cama, me aconchegando e alisando meu cabelo. Ele passa o resto da viagem de avião atendendo a todas as minhas necessidades: trazendo-me uma bebida, garantindo que eu tenha comida, penteando meu cabelo e sussurrando que me ama.

É bom, e quando finalmente chegamos em casa, estou flutuando em uma nuvem de felicidade, me perguntando como ele pode ter passado de alguém que eu odiava tão veementemente para *isso* tão rapidamente.

Mas a sensação boa não dura, porque antes mesmo de eu subir as escadas, estou checando minhas mensagens de voz, e a voz de Shaina vem na linha.

Seu tom é suave e reconfortante, e no segundo que ela fala, eu simplesmente sei.

Deixando cair o telefone das minhas mãos, eu giro do hall de entrada da casa, encontrando os olhos de Julian.

Ele para e então acena com a cabeça quando vê as lágrimas que eu estou tentando manter sob controle.

Julian não perde tempo, me leva pessoalmente até a propriedade, e quando chegamos à porta do quarto de meu pai, Shaina está lá, olhando para nós com lágrimas em seus lindos olhos castanhos.

A emoção queima meu peito, uma dor pesada se instalando profundamente. Abro a boca para falar, talvez para perguntar como ele está ou o que posso fazer, mas minha respiração falha no momento em que o faço, a dor crescendo como um maremoto.

O braço de Julian envolve minha cintura e me puxa para o seu lado, me dando apoio silencioso enquanto ele pressiona beijos na minha têmpora.

— Ele está dormindo, — Shaina diz sem que eu pergunte.

— Ele vai acordar? — Eu forço.

Ela balança a cabeça suavemente.

Meu coração se parte.

Ela caminha em minha direção, estendendo a mão e segurando minha mão na dela. — Mas ele pode ouvir você. E eu sei que ele está esperando até que você conseguisse voltar.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, minha garganta tão inchada que mal consigo respirar. Concordo com a cabeça, virando-me para olhar para Julian.

Ele segura minhas bochechas, enxugando as lágrimas antes que elas cheguem ao meu queixo.

— Eu não sei como fazer isso, — eu sussurro, minha voz embargada.

Suspirando, ele pressiona um beijo na minha testa antes de se afastar e olhar diretamente nos meus olhos.

— Não há nada para você fazer, *amore mio*, — ele acalma. — Apenas entre lá, segure a mão dele uma última vez e diga adeus.

Meu rosto se contrai enquanto as lágrimas caem sem que eu seja capaz de contê-las, minha respiração gaguejando pela dor que está partindo meu peito em dois.

Concordo com a cabeça, afastando-me do meu marido, e ando em direção ao meu pai.

Uma última vez.

CAPÍTULO 38

Yasmin



Meu pai faleceu comigo ainda no quarto.

Demorou horas, mas no segundo que eu disse a ele que estava tudo bem para ele ir, ele o fez.

Passo o resto da noite chorando, soluços profundos e guturais que rasgam minha alma e me fazem sentir como se nunca mais fosse ser inteira.

E honestamente, eu não acho que vou *ser*. Perder um pai é como perder um membro. Há uma parte de mim que sempre estará ausente agora que ele se foi, uma dor que nunca será preenchida. Eu amava meu pai com tudo o que sou. Desisti de meus próprios sonhos e ambições apenas para garantir que ele fosse feliz, ansiava por cada verão em que voltava para casa, apenas para poder respirar o mesmo ar.

Ele era meu tudo.

E não foi até que ele enfrentou sua própria mortalidade que ele se tornou o homem que ele realmente queria ser, e de alguma forma, mesmo que eu não consiga experimentar o relacionamento que poderia ter sido com aquela versão dele, eu terei encontrado paz no fato de que pelo menos *ele* fez as pazes consigo mesmo.

E agora ele pode ir ficar com seu amor, minha mãe.

Mas nada disso faz doer menos, porque ele ainda não está *aqui*.

Julian não saiu do meu lado a noite toda. E eu sei que mesmo que ele não diga isso em voz alta, ele também está sofrendo.

Ele amava meu pai, independentemente de admitir ou não.

E quando ele tenta ficar em casa comigo na manhã seguinte, eu o empurro porta afora, dizendo que ele precisa seguir a vida como se as coisas estivessem normais. Preciso que ele seja normal, porque se não for, todo o meu mundo vai desmoronar. Ainda não contei a ele sobre a lâmpada, mas contarei. Hoje à noite, quando ele chegar em casa.

Tive a sorte de ter tido tempo para me preparar para a morte de meu *baba*, mas isso não torna a perda menos esmagadora.

Passo a manhã sentada do lado de fora no pátio dos fundos, absorvendo a brisa fresca do outono e fechando os olhos enquanto ela beija meu rosto, imaginando se posso sentir o espírito de meu pai no ar se eu apenas me esforçar o suficiente.

Mas mesmo com a dor, o mundo continua girando.

Estalando a língua, giro o telefone portátil em minha mão em cima da mesa do pátio, olhando fixamente para ele. Eu respiro fundo e abro para os textos que

troquei com o advogado, Randy, relendo tudo e deixando minhas escolhas se consolidarem ainda mais na minha cabeça.

Não preciso mais dele, e se vou ficar com Julian de verdade, *escolhê-lo* de verdade, então tenho que garantir que Randy não pense que ainda quero seguir em frente com nosso plano de anular as coisas.

YASMIN

Oi. Quero agradecer por ser tão prestativo e disposto a enfrentar meu marido, mas houve uma mudança de planos e não precisarei de seus serviços

Eu pressiono “Enviar”, aquele redemoinho familiar de ansiedade em fazer algo por mim mesmo apertando meu estômago. O telefone vibra rapidamente.

RANDY

Entendido. Estou aqui caso mude de ideia.

E assim acabou. Solto um suspiro de alívio e me levanto de onde estou sentada, esticando os braços sobre a cabeça, tentando ignorar o peso da tristeza que está pressionando meu peito quando me lembro de que meu *baba* se foi.

Algo que meu conselheiro escolar costumava me dizer era para escrever meus sentimentos em um diário ou em uma carta, de qualquer maneira que me ajudasse a processá-los, para que eu não os guardasse e os deixasse crescer até explodirem. Nunca tentei antes, optando por encontrar minha terapia por trás das lentes da minha câmera, mas agora o desejo de tirar uma foto não existe, então talvez o registro no diário funcione.

Desço até o escritório de Julian para encontrar uma folha de papel em branco e uma caneta.

Quando chego lá, paro ao longo da estante, correndo meus dedos ao longo da foto emoldurada dele com meu pai, ambos sorrindo enquanto seguram um grande diamante bruto. Meu coração aperta, e algumas lágrimas perdidas escorrem pelo meu rosto. Eu pressiono meu punho no meu peito, tentando conter a dor latejante.

Seguindo em frente, vou sentar atrás de sua mesa, olhando em volta. Estendendo a mão para a gaveta do lado direito, abro, procurando um pedaço de papel e uma caneta. Eu pego alguns papéis aleatórios com a escrita, tirando-os do caminho, mas minha respiração falha quando vejo um flash de um nome.

Meu nome.

Uma sensação de enjôo pesa no meu peito.

— Não confie neles.

Minha respiração falha e eu zombo, balançando a cabeça e me convencendo de que foi um truque de luz. A confiança é fundamental em um relacionamento. E eu confio em Julian.

Franzindo a testa, olho para os papéis novamente, incapaz de conter o desejo de apenas espiar e ver.

Eu tiro os papéis.

Eu leio.

E meu coração já partido se estilhaça completamente quando cai no chão, rasgando a porra do meu ser no caminho para baixo.

TESTAMENTO DE YASMIN KARAM-FARACI.

— Eles vão te matar.

Eu deixo cair os papéis de minhas mãos como se estivessem pegando fogo, meu estômago revirando como se fosse vomitar se eu ficar em um lugar.

Talvez o testamento seja um erro.

Talvez seja de quando ele começou a me chantagear, antes que as coisas mudassem.

Todas essas coisas são possíveis e quero ouvir a explicação dele para cada uma delas. Mas não agora. Não assim, quando meus sentimentos são tão crus e me sinto tão dilacerado e traído.

Tudo era apenas um jogo para ele?

Sei que não terei nenhum alívio até encontrar as respostas. Respiro fundo, tentando encontrar meu centro e não reagir de choque. Passei minha vida inteira fugindo de problemas, e isso não me levou a lugar nenhum bom.

Foi o que me colocou nessa confusão em primeiro lugar.

Deslizo pela mesa e apenas sento no chão por um longo tempo, olhando para as páginas que dizem que se eu morrer, tudo será deixado para Julian, e só quando a campainha toca é que saio do meu torpor, levantando-me e tentando me controlar o tempo suficiente para atravessar o foyer e atender. Tenho certeza de que meus olhos estão inchados e pareço um desastre, mas não consigo me importar.

Eu nem sei quem estaria aqui em primeiro lugar.

Abrindo a porta, encontro o assistente de Julian do outro lado, seus olhos se arrastando lentamente para cima e para baixo em meu corpo.

— Você parece uma merda, — afirma Ian.

Eu me movo para o lado, deixando-o entrar, embora agora tudo em mim esteja gritando para mantê-lo longe. *Ele está aqui para me matar?*

— Meu pai está morto, — eu respondo inexpressivamente.

Ian se vira para olhar para mim, seu olhar crescendo.

— Como assim?

Eu inclino minha cabeça. — Você não sabia?

Ele engole, suas mãos deslizando nos bolsos enquanto ele olha ao redor. — Não. Onde está Julian?

Minha testa franze. — No escritório. Com você, pensei.

Ele balança a cabeça lentamente. — Não. Eu vim aqui para encontrá-lo.

— Ligue para ele, eu acho, — eu afirmo, tentando evitar que meu corpo trema visivelmente de nervoso. — Fique à vontade. — Eu aceno minha mão ao redor. — Tenho que dar um telefonema.

Eu o deixo no saguão e subo as escadas de volta ao quarto de Julian, meu coração batendo forte no peito enquanto pego meu telefone e ligo para Riya.

Ela não responde, mas deixo uma mensagem para ela, espiando atrás de mim e certificando-me de que minha porta está totalmente fechada.

— Oi, Riya. — Eu mantenho minha voz um sussurro. — Preciso da sua ajuda, então me ligue de volta. Eu tenho isso... — Gemendo, eu corro um dedo sobre meus cachos. — Eu não sei o que fazer. *Baba* morreu, — eu engasgo. — E então eu encontrei um testamento falso para *mim*, e... talvez eu devesse ligar para Randy, mas preciso que você venha me tirar daqui. Eu tenho essa lâmpada e não sei o que fazer. Foi um dos últimos desejos do meu pai encontrá-la, e eu só... não tenho certeza em quem posso confiar. Então me ligue de volta. *Por favor*.

Eu inspiro minhas bochechas, coloco minhas mãos nos quadris, meu telefone cavando ao meu lado enquanto tento encontrar meu centro. Eu saio da sala e atravesso o corredor, passando por Ian enquanto faço meu caminho para a cozinha.

— Você quer chá? — Eu me viro enquanto faço a pergunta, mas nunca ouço sua resposta.

Porque tudo o que vem a seguir é uma dor aguda e ofuscante em meu crânio e depois o silêncio.

CAPÍTULO 39

Julian



Eu odiei deixar Yasmin esta manhã. Ela passou a noite inteira chorando, e eu passei a minha tentando aceitar o fato de que o único homem que teve algum tipo de influência positiva na minha vida se foi para sempre.

Tudo o que eu estava tentando tirar dele parece sem sentido agora.

Foi *o seu* legado.

Acabei de sair do escritório do advogado dele, tendo feito com que ele redigisse um acordo pré-nupcial, um que protegesse os bens *dela*, não os meus. Eu não me importo se ela me aceita por tudo que valho. Ela poderia queimar Sultans comigo dentro, e eu morreria feliz, sabendo que ela era a rainha das cinzas.

Mas preciso mostrar a ela que, para mim, isso é real. Minha penitência por ter ficado tão cego pela ganância por tanto tempo que não conseguia ver a floresta por causa das árvores.

Ela não tem nenhuma ilusão de como isso começou, mas quero ter certeza de que ela saiba que, se não estiver no meu mundo, não vale a pena viver.

Ela me mudou para melhor. De todas as maneiras que eu gostaria de mudar, é isso.

Não tenho certeza se ela vai perceber o impacto que teve sobre mim. Sou um homem poderoso e trabalhei incrivelmente duro para chegar onde estou na vida. Sair da miséria para a riqueza e fazer algo de mim mesmo.

Há um tipo de confiança que vem junto com isso, um sentimento de orgulho que sinto, que acho que ninguém pode tirar de mim.

E a única pessoa que pode está prestes a não ter mais acesso à minha vida.

Pensei em dirigir até a casa de minha mãe e vê-la pessoalmente uma última vez. Durante toda a noite, enquanto segurava Yasmin em meus braços, confortando sua perda de seu pai, imaginei como seria se o sapato estivesse no outro pé.

Se eu perdesse minha mãe de repente, eu choraria? Eu sentiria dor? Tudo o que veio foi a saudade da liberdade que isso proporcionaria.

Ela não merece meu tempo pessoalmente. Estou protegendo a mim e ao garotinho que ainda vive e respira em algum lugar no fundo da minha alma de lidar com o abuso dela novamente.

As pessoas só têm o poder que você dá a elas, e eu cansei de dar o meu a ela.

Ela atende no segundo toque.

— Você se lembra de quando eu era pequeno? — Eu pergunto em vez de dizer olá. — E você teve que me levar ao hospital porque quebrei o fêmur?

— Você não está cumprimentando sua mãe agora? — Ela reclama.

— Apenas responda à pergunta.

— Não sei. Você estava muito doente naquela época.

— Não. — A raiva borbulha como um caldeirão no fundo do meu peito. — Você não pode fazer isso. A fratura do fêmur foi quando você pisou na minha perna com tanta força que fraturou, lembra?

— Eu não quero falar sobre isso, — ela interrompe.

— Você ficou brava porque eu tirei A no meu boletim e foi a primeira vez que Papai disse que estava orgulhoso.

Ela zomba.

— Orgulho de *mim*. Não de você, — eu termino, desgosto me enchendo até sangrar pelos meus poros. — Você sempre foi uma vadia ciumenta.

— Como você *ousa,* — ela começa.

Eu a interrompi. — Não estou mais interessado em manter esse relacionamento.

Ela solta uma risada. — Por favor, Julian. Eu sou sua mãe. *Família*.

Eu não vou mentir; suas palavras têm o efeito pretendido. Eles afundam em mim como ganchos, tentando me puxar de volta, mas então eu me lembro o que é família de verdade. Como é quando alguém escolhe você em detrimento de todos os outros.

Minha família é Yasmin, e isso é tudo que eu vou precisar.

— Durante anos, me senti responsável por você, — digo.

— Bom, — ela responde.

Eu balanço minha cabeça, meus olhos ficando brilhantes e meu estômago queimando como ácido. — Cinco anos e eu era seu protetor. Mas quem estava lá para *me proteger*, mãe? Huh?

— Olha, vita mia, eu cometi erros como qualquer um...

— Você pode ficar com a casa, embora eu duvide que possa pagar. Mas terminamos. Está me ouvindo, mãe? Acabou.

— Você cortaria sua própria mãe?

— Você *não tem* ideia do que eu sou capaz. — Meus dedos cavam na lateral do meu telefone. — Entre em contato comigo novamente ou incomode minha esposa, e eu pagarei por cada quilo de carne. Não me pressione, Anita.

Desligo o telefone, soltando um suspiro de alívio e passando a mão trêmula pelo rosto. Correntes invisíveis saem de meus ombros, quebrando a amarra que senti por ela por tantos anos.

Algumas pessoas dizem que família é família, sangue é sangue. Mas *eu* digo que tóxico é tóxico, e ninguém é mais importante que minha paz interior, mesmo que isso signifique perdê-la de vez.

Eu tentei não incomodar muito Yasmin hoje, dando a ela o espaço que ela precisa para sentir o que ela está sentindo e lamentar, mas as poucas mensagens de texto que enviei *para* ela ficaram sem resposta, então há um sentimento mesquinho que está se enrolando em minha mente meio, pedindo-me para correr para casa e me certificar de que ela está bem.

Entro em minha garagem, percebendo imediatamente que a casa parece *estranha*, e aquele pressentimento que tive a tarde toda sobre Yasmin fica mais forte. Eu ando pelo corredor dos fundos da garagem e imediatamente subo as escadas, caminhando para o nosso quarto e espiando lá dentro. Eu não vejo Yasmin, então me viro e entro no recinto de Isabella, indo até onde ela está descansando em um dos galhos da árvore.

Ela parece bem, e Yasmin não está aqui também, então eu me viro e caminho de volta para fora, fazendo meu caminho através de cada um dos quartos, meu coração disparando na minha garganta a cada passo.

Minha mão vai para o bolso da calça e tiro meu bastão, alongando-o enquanto verifico os espaços, só por precaução. Não consigo imaginar que alguém possa entrar sem deixar *entrar*, meu sistema de segurança é muito avançado, mas não consigo me livrar desse sentimento e não vou ser tolo e entrar sem uma arma.

Ela não está em nenhum dos quartos do andar de cima, então desço as escadas e sigo para o meu escritório, passando pela porta e contornando minha mesa, notando que há papéis em cima quando não os deixei lá.

Meu coração cai no chão, o pânico se espalhando por cada poro do meu corpo quando vejo o que está acontecendo.

TESTAMENTO DE YASMIN KARAM-FARACI.

Eu me viro e corro para fora da sala, agora preocupado que ela tenha ido embora por vontade própria. Não tive tempo de explicar como as coisas mudaram, como quando me apaixonei por ela, me apaixonei pela ideia de poder, porque ela me deu tudo o que eu estava perdendo. Eu bati na entrada da cozinha, meu pé esmagando em cima de um pequeno pedaço de argila verde vidrada.

Que diabos?

Meu estômago revira quando olho para o chão e levanto a sola do meu sapato, notando pedaços de um vaso que geralmente fica no canto do corredor presos sob meu pé.

Dou um passo adiante na sala, o pânico de pensar que Yasmin foi embora foi substituído por algo muito mais sinistro quando vejo o vaso quebrado em cem pedaços no chão. Gotas de sangue escorrem pelo chão, e minha boca fica seca quando penso em Yasmin caída em algum lugar, quebrada e sangrando.

Outro passo à frente e vejo um telefone jogado ao acaso como se tivesse voado da mão de alguém. Eu me inclino e agarro, então me viro e volto para o meu escritório, puxando meu computador, uma agonia insuportável misturada com a raiva que alguém pensou que poderia entrar em *minha* casa e machucar *minha esposa*.

Eu trago as câmeras de segurança e observo.

E quando vejo Ian bater na cabeça dela, arrastando-a para o carro dele, ensanguentada e inconsciente, a fúria corre em minhas veias como uma avalanche.

CAPÍTULO 40

Julian



— Chefe.

Meus dedos seguram o telefone com tanta força que ele range com a pressão, e eu respiro profundamente, tentando manter a calma, embora meu sangue esteja pulsando com a necessidade de encontrar Ian e matá-lo lentamente.

— Onde ela está? — Eu mordo.

Ian ri.

Pela primeira vez desde que me lembro, sinto-me impotente, perdido nas exigências de alguém em quem confiei tolamente durante anos, nunca pensando que ele me trairia. Mas eu já deveria saber que as pessoas são falíveis, e mesmo

aquelas que eu acho que vão me escolher ainda não vão me colocar acima de si mesmas.

— Ela está bem. E é patético que você se importe. Em quem você se transformou, Julian?

— Se você *tocá*-la... — Faço uma pausa, minha garganta inchando com o pânico de não ser capaz de vê-la, tocá-la, senti-la.

Prefiro me incendiar a permitir que ela experimente mais um pingo de dor por causa do meu egoísmo e ganância.

— Ah, *por favor*. Você ficou mole, — Ian sibila. — E a parte mais nojenta é que eu vi isso vindo de uma milha de distância. Sabia que estava acontecendo desde o segundo em que você me castigou como uma criança por chamar a vadia do que ela é.

Eu aperto minha mandíbula com tanta força que minha boca dói. — O que você quer?

— A lâmpada, obviamente, — ele fala lentamente.

Minhas sobrancelhas se abaixam em confusão.

— Eu sei que ela tem, e embora eu adorasse ficar por aqui e revistar sua casa, o tempo era essencial. Mas se você quer a garota, você precisa me dar a lâmpada. Simples. — Balanço a cabeça, porque Yasmin está com a lâmpada? Impossível.

Seu telefone vibra na mesa ao meu lado, e eu olho para baixo enquanto ele acende, *Riya* piscando na tela.

— O que você está falando? Ela não tem a lâmpada. Por que ela iria?

— Eu sei o que ouvi, — diz ele. — E eu não me importo em ouvir suas teorias. Eles me frustram. Eu odiaria descontar nela. Eu tenho anos de agressão reprimida que você não me deixou sair, morrendo de vontade de ser libertado.

A bile sobe no fundo da minha garganta. — Eu vou gostar de matar você.

Ele ri novamente. — Você sempre foi tão dramático. Não foi isso que você me disse uma vez? Bem, chefe, vamos ver o quão *dramático* eu posso ser. Estamos no armazém. Você sabe, aquele em que você guarda as armas para trocar por diamantes? Eu não pediria reforços ou as Sultans cairiam em chamas quando eu mostrasse a eles tudo de ilegal que está acontecendo aqui.

Eu rio sombriamente, uma raiva assassina vibrando através de mim até que ela bale contra meu crânio. — Não preciso de reforços para te encontrar, amigo.

— Você tem até o final do dia. Darryn e eu estaremos esperando.

Clique.

Darryn. Porra. Anders.

Eu deveria saber. Eu jogo meu telefone do outro lado da sala. Se ela tinha a lâmpada, então vou destruir esta casa para encontrá-la. Darryn e Ian, aquele filho da puta traidor, podem ficar com ela, desde que eu a recupere.

O telefone dela vibra novamente e eu o silencio, mas então a campainha toca. Gemendo de frustração, eu ando para a frente e abro, então paro quando uma mulher bonita está parada ali com a mão pronta para bater na porta.

Ela levanta uma sobrancelha e me olha de cima a baixo. — Você não é Yas.

A impaciência aperta meus nervos, porque não tenho tempo para isso, mas ela não me dá a oportunidade de mandá-la embora enquanto passa por mim e entra, olhando em volta.

— Onde ela está?

— Quem diabos é você? — Eu assobio.

Ela olha para mim e aponta um dedo para o peito. — Eu sou *Riya*. A melhor amiga de Yasmin. Ela nunca me mencionou? — Zombando, ela balança a cabeça. — Típico. Escute, não sei o que você fez com ela, *Julian*, mas ela me ligou em pânico.

Eu cerro minha mandíbula, lembrando do testamento que foi colocado na minha mesa, meu coração se partindo com o pensamento de que ela está ferida em algum lugar, por *minha causa*, e pensando que eu estava planejando traí-la o tempo todo.

Correndo para frente, eu seguro os braços de Riya com força. Ela grita e luta em meu aperto, mas eu aperto meu aperto. — Ela te contou sobre uma lâmpada?

— Dá o fora de mim, cara.

— Escute. — Eu a sacudo levemente. — Este não é um momento para jogos. Alguém a levou, certo? Eles a estão *machucando*. E se eu não entregar a lâmpada para eles, não poderei salvá-la.

Ela para de lutar, a suspeita brilhando em seus olhos. — Como eu sei que devo confiar em você?

Eu engulo o nó grosso na minha garganta. — Porque eu a amo. *Por favor*.

Ela fica em silêncio por alguns minutos antes de assentir, lambendo os lábios. — Ok, sim... sim, ela disse que tinha a lâmpada.

As palavras ainda nem saíram totalmente de sua boca antes que eu largasse seus braços e subisse correndo as escadas para o nosso quarto, pronto para destruir

o mundo para encontrá-la. Meus olhos imediatamente focam em sua mala, lembrando que ela não queria que ninguém olhasse além de mim.

Batendo-a no chão, abro a tampa e mergulho minhas mãos nela, meus dedos atingindo um objeto duro quase imediatamente. Minha respiração sai de mim quando pego o estojo prateado, com o logotipo dos Sultans na frente, e o coloco no meu colo.

Jesus Cristo. Como ela conseguiu isso?

Minhas mãos tremem quando a abro, vendo o objeto que tem sido meu desejo por anos pela primeira vez e um bilhete enfiado na lateral da caixa.

Mantenha-o seguro. Use-o para ganhar sua liberdade.

— Jeannie

Claro. Jeannie deve ter encontrado e dado a ela quando estávamos no Egito.

Eu encaro o objeto que desejo há anos, esperando sentir uma pontada de *alguma coisa* .

É dourada e empoeirada, e joias incrustam quase todo o perímetro. É linda.

Mas não sinto nada.

Vazio.

Porque nada disso significa nada se eu não *a tiver* .

Fechando a tampa, fico de pé, sabendo muito bem que posso estar caminhando para a morte, mas disposto a aceitar as consequências, desde que possa ter certeza de que ela está bem.

Volto correndo pelo corredor com a maleta debaixo do braço e paro quando vejo que Riya está no saguão com Aidan.

— Que diabos ele está fazendo aqui? — Eu estalo.

Ela encolhe os ombros, com os olhos arregalados e em pânico enquanto passa a mão pelo cabelo. — Liguei para ele quando não consegui falar com Yasmin. Eu estava preocupada, ok? E acontece que eu deveria estar.

A suspeita corre através de mim quando encontro o olhar do garoto. — Saia.

— Olha, todos nós amamos Yasmin aqui, — Riya interrompe. — Apenas deixe-nos ajudá-lo. Não vamos embora até sabermos que ela está bem.

Solto um suspiro frustrado. — Certo. Fique aqui. Ela vai precisar de você quando voltar.

— E onde você esta indo? — Aidan grita enquanto eu me afasto em direção à garagem.

— Vou salvar minha *esposa*.

CAPÍTULO 41

Yasmin



Minha cabeça lateja enquanto me sento contra a parede com as mãos amarradas nas costas e uma mordaça na boca.

Sangue seco escorre pelo lado do meu rosto, e posso sentir uma dor latejante no topo da cabeça, onde tenho certeza de que há uma contusão.

Meu estômago revira, me dando vontade de vomitar, mas como tenho uma mordaça na boca, tento segurá-la, não querendo vomitar e ter que engolir de novo.

O idiota do assistente de Julian, Ian, está andando do outro lado do grande armazém, o mesmo que Julian me trouxe quando me ensinou a dirigir, e ele tem uma arma na mão enquanto fala no telefone, usando os braços para pontuar qualquer coisa que ele está tentando fazer.

Há outro homem aqui também, e só posso vê-lo com minha visão periférica de onde fui amarrada e encostada na parede. Ele é mais velho, está ficando grisalho nas têmporas e usa uma camisa cáqui e jeans escuros. Ele também está balançando uma arma na mão, como se estivesse entediado e esperando alguma coisa.

Não tenho certeza do que poderia ser.

Ian desliga o telefone e caminha entre mim e o homem misterioso.

— Ele está vindo, — diz ele.

O homem se anima. — Como você sabe?

Ian olha para mim, seus olhos se estreitando. — Porque ele a *ama*. Ele vai trazer a lâmpada, não se preocupe. Conheço Julian como a palma da minha mão.

A surpresa faz meu coração apertar porque presumi que Julian estava envolvido nisso. Eu deveria ter pensado melhor, deveria ter confiado no que estávamos sentindo e em tudo o que ele disse.

Ele me *ama*. E ele está vindo para ajudar.

O homem assente bruscamente. — É melhor você estar certo.

— Darryn, eu te disse lá no Egito. Não há nada com que se preocupar. Ele mudou. Ficou mole. Ele vai trazer a lâmpada para libertar a garota, e não há nada que ele possa fazer para conseguir as duas.

— Isso não é *inteiramente* verdade.

Meu coração dispara na minha garganta, meus olhos se voltam para a frente do armazém onde Julian está, uma longa barra de metal em uma mão e o estojo de prata que contém a lâmpada na outra, sua estatura forte e segura como ele não

tem, um cuidado no mundo. Meu estômago se contrai mesmo quando um fio de esperança abre caminho pelo meu meio e aperta.

Ele veio para mim.

Ian se vira, sorrindo amplamente. — Chefe, que bom que você pôde vir. — Seus olhos caem para o caso. — Essa é a lâmpada?

Ele avança até ficar bem na frente de Julian, mas Julian dá um passo para trás, lançando aquela longa barra nas costas da mão tão rápido que mal posso vê-la e empurrando-a no peito de Ian com força.

Ian tropeça para trás, a mão que está segurando sua arma subindo para esfregar em seu peito antes de apontar para Julian, seu braço tremendo visivelmente mesmo de onde estou do outro lado da sala.

O pânico me envolve e tento gritar através da mordaça, mas apenas um ruído abafado sai. Os olhos de Julian movem-se para mim, fazendo um inventário do meu corpo rapidamente antes de voltar para Ian.

— Isso tudo é terrivelmente decepcionante, — Julian fala lentamente, seu olhar indo para onde o outro homem está sentado, recostado contra a parede como se estivesse assistindo a um filme. — Olá, Darryn.

Darryn sorri. — Julian Faraci. Pena que tivemos que nos encontrar dessa maneira, mas são negócios. — Ele se levanta, pegando a arma que está ao seu lado e caminhando em minha direção. — Você entende.

A cabeça de Julian se inclina. — Claro.

Metal frio pressiona contra o lado da minha cabeça, e as lágrimas escapam pelo meu rosto, meu peito desmoronando, porque não importa o que eu passei em toda a minha vida, nunca me senti tão impotente e fraca como me sinto, neste momento.

— Dê a lâmpada, Julian. Não me faça machucar a garota.

Julian engole em seco e vejo um lampejo de pânico em seus olhos quando eles encontram os meus.

Meu estômago afunda, meu lábio inferior tremendo sob a mordaça de pano.

Julian caminha para a frente, ignorando Ian completamente, e deixa cair o estojo da lâmpada no chão no meio da sala. — Pegue então.

— Você, seu traidor! — Ian grita, chutando o chão. — Você desistiria de tudo pelo que trabalhamos tão facilmente, por *ela*?

— Parece que você está sendo muito hipócrita agora, Ian. — Julian dá um passo em direção a ele. — Não sou eu que estou apontando uma arma para o chefe dele.

Outro passo.

— Você me traiu, — Ian cospe. — Eu fui leal a você por anos. E no segundo em que você conseguir uma boceta quente e uma cadela que faz o que você diz, você me larga como se eu não fosse nada?

Julian respira fundo, girando aquela barra de metal nas costas da mão como um bastão. — Agora, Ian. Eu o avisei sobre o que aconteceria se você desrespeitasse minha esposa.

Ian ri, agitando os braços no ar. — Eu tenho a arma, idiota. Eu poderia matá-la e foder seu cadáver na sua frente, e não haveria nada que você pudesse fazer.

— Eu me apaixonei por ela e não vou me desculpar por isso. — Julian olha para mim. — Eu não sinto muito por amar você. Só lamento ter demorado tanto para perceber que eu sabia.

Meu coração aperta, e sei que sem ele nem mesmo explicando o testamento que ele nunca teria feito isso. Não depois de tudo que compartilhamos.

Não que isso realmente importe agora, de qualquer maneira.

— Tínhamos um plano, — Ian sussurra.

— Os planos mudam. Certamente você percebe, Ian, que eu nunca deixaria você machucá-la.

Os olhos de Ian escurecem. — Você não pode mais dar as ordens.

Julian acena com a cabeça, olhando para Darryn, que está de pé sobre mim com sua arma cravada em minha têmpora. — E eu suponho que você convenceu Ian sobre isso em algum momento no Egito?

Darryn dá de ombros. — O que posso dizer? Ele veio até mim para uma reunião e saiu com um novo amigo. Olha, não queremos machucar sua esposa. Eu só quero a lâmpada. E você terá que morrer, é claro, para garantir que não causará nenhum problema no futuro.

Não.

A atenção de Darryn vai para onde Julian colocou a lâmpada, e eu aproveito a oportunidade, porque não posso deixar de fazê-lo, enfiando minha cabeça o máximo possível em sua mão e tirando a arma do caminho.

Ele se espalha no chão e então há comoção.

Um grito alto e, em seguida, uma sensação de ardência no meu cabelo quando sou puxada bruscamente para ficar de pé.

Eu choramingo, meus olhos se fechando de dor.

De repente, sou derrubada novamente, um grito estridente ecoando pelo teto alto do armazém, e caio de lado, uma forte pulsação irradiando da queda. Eu rolo e vejo *Riya* em cima de Darryn, seus punhos batendo repetidamente em seu rosto.

Eu deveria sentir alívio, mas tudo o que sinto é mais pânico por ela estar aqui.

Em perigo.

Por minha causa.

Ela deve ter seguido Julian.

Gemendo, tento me sentar, mas não consigo com minhas mãos e pés amarrados juntos, então rolo de costas em vez disso, inalando uma respiração profunda em como meu corpo se sente quebrado quando o faço. Há barulhos altos ao meu redor, mas minha audição está abafada, meu cérebro nublado pelo abuso.

— Princesa, — um sussurro vem da minha direita, e então estou sendo empurrada novamente e colocada em uma posição sentada. Aidan está agachado na minha frente, sua mandíbula tensa e seus olhos escuros e pesados.

Suas mãos flutuam pelo meu corpo, e eu reprimo um soluço que quer se libertar porque não sei o que diabos está acontecendo, mas sei *que* as pessoas que mais amo no mundo estão todas aqui, tentando me ajude, e eu não quero que nenhuma deles morra.

Ele tira a mordaça da minha boca, e meu maxilar dói enquanto respiro fundo, jogando minha cabeça para onde Julian está olhando para Aidan enquanto ele me desamarra. Uma mão se solta e depois a outra, o sangue voltando e fazendo meus dedos formigarem.

— Aidan? — Eu suspiro. — O quê?

— Nós seguimos Julian. — Ele aponta o queixo para Riya.

Começo a acenar com a cabeça, mas antes que eu possa me concentrar no que ele quer dizer, um tiro certeiro ressoa no ar e o tempo congela.

Riya cai para o lado de onde estava socando Darryn , segurando o estômago, o sangue escorrendo por entre os dedos.

— Não! — Eu grito, a dor crescendo dentro de mim com a visão. Começo a lutar contra a corda, Aidan tentando tirá-los de meus tornozelos. — Não, *por favor* , — eu soluço.

Há uma briga à minha direita e eu volto minha atenção para lá, vendo Julian virando aquela barra de metal e batendo nas pernas de Ian, seus joelhos estalando quando atingiram o chão de concreto, sua arma voando de suas mãos.

O desespero surge através de mim quando olho para trás, para a minha melhor amiga que caiu no chão, e não consigo pensar, não consigo ver, não consigo respirar com a dor que parece estar me partindo em *dois*.

No segundo em que meus tornozelos estão livres, estou rastejando sobre o chão frio para onde Riya está, tentando enxugar as lágrimas com meus dedos trêmulos.

— Não, não, não, — repito enquanto chego a ela e pressiono minhas mãos contra as dela para tentar estancar o sangramento. — Você não pode fazer isso. Você não tem *permissão* para fazer isso, Riy.

Há uma comoção atrás de mim, mas eu não poderia me importar menos com o que é, confiando que Julian tem a vantagem. Preciso me concentrar na minha melhor amiga, que está sangrando no chão na minha frente.

De repente, há uma presença nas minhas costas e Julian se agacha, suas mãos me agarrando e me virando para ele para que ele possa me verificar. — Você está bem?

— Eu... eu... — gaguejo em meio às lágrimas. — Por favor, Julian. *Ajude*-a. Não posso... também não posso perdê-la, *por favor*...

Ouve-se um gemido próximo, e Julian fica rígido quando uma arma pressiona sua têmpora, um Darryn machucado e inchado parado atrás dele.

Darryn cospe, sangue pingando no chão ao seu redor. — Não me faça machucar mais ninguém.

Julian o ignora, e mal consigo ser coerente com o pânico que está destruindo minhas entranhas. Ele segura meu rosto com a mão, o maxilar cerrado e os olhos claros. — Lembra o que eu te disse? Meu amor por você é perigoso, *amore mio*.

Eu balanço minha cabeça contra ele, pressionando minhas mãos ainda mais no estômago de Riya, meus dedos escorregando no sangue. — Eu não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar... Ela não pode *morrer*.

— Não posso salvar vocês duas, — continua Julian. — *Vá*.

Eu nem consigo compreender o que ele está dizendo ou o que está acontecendo ou *por que* ele está fazendo isso. — Não, Julian, *por favor*...

Ele olha para trás e acena com a cabeça bruscamente, a cabeça inclinada para o lado quando Darryn pressiona a arma com mais força contra sua têmpora. — Estou sendo *muito* generoso com meu tempo aqui, Julian. Eu não tenho que matá-los, só você.

E então há braços me envolvendo por trás, Aidan me arrastando para longe das duas pessoas que eu mais amo no mundo.

— Não! — Eu grito, lutando contra o aperto de Aidan. — Não faça isso!

O rosto de Julian é solene quando ele abaixa a cabeça, sua mão se contorcendo no chão enquanto envolve a barra de metal que ele carrega desde que entrou.

— Você não pode salvá-los, princesa, — Aidan resmunga contra meu corpo agitado. Ele resmunga, parando por um momento e me empurrando enquanto se abaixa no chão e pega algo antes de me arrastar para fora.

Um tiro ecoa no ar, e eu caio contra Aidan então, a dor rastejando em minhas veias e esfriando meu sangue até que tudo congela e eu fico dormente.

Meu pai está morto.

Riya está quase morta.

Julian está morto.

Aidan me coloca no carro, e eu soluço de dor, olhando fixamente à minha frente enquanto ele faz isso. Um flash prateado chama minha atenção, e se eu ainda pudesse sentir alguma coisa, talvez me importasse que de alguma forma, apesar de tudo, Aidan pegou a lâmpada. Mas, em vez disso, sinto-me entorpecida.

****

ESTAMOS em uma pequena cabana na periferia de Badour e, nas últimas horas, Aidan tem tentado me fazer comer.

— Princesa, você *tem* que comer alguma coisa.

Uma lágrima escorre pelo lado do meu rosto, e eu viro minha cabeça para longe de onde ele está segurando um pedaço de pizza, olhando para o lado.

— Eu não posso, — eu sussurro.

Ele suspira, passando a mão pelo cabelo enquanto joga a pizza na mesinha ao lado da cama. — Tudo ficará bem. Estamos juntos agora e temos a lâmpada. As coisas vão ficar bem.

Meu peito parece que há um buraco negro girando no centro, crescendo a cada vez que respiro, sugando tudo em seu caminho e deixando para trás uma espécie de dormência em branco que borra todas as bordas ásperas.

— Claro, — eu sussurro, olhando fixamente para a parede.

Julian me amava. E agora ele está morto.

E Riya...

Como é que cheguei aqui?

Todas as coisas que aprendi nos últimos meses ainda acabam comigo perdendo tudo o que importa, então qual é o objetivo?

Aidan se levanta, o sofá rangendo quando ele se move, e se aproxima para pegar o telefone na mesa no canto, a luminária no estojo ao lado dele como se fosse apenas mais uma peça de mobília.

— Princesa.

Eu o ignoro.

— Princesa, — ele repete. — Olhe para mim.

Eu *não posso*. Olhar para Aidan me lembra de tudo que perdi, e isso me deixa doente. *Ele* me deixa doente.

Ele suspira, caminhando e pressionando um beijo no topo da minha cabeça. — Vou fazer algumas ligações. Eu voltarei.

A porta da frente se fecha atrás dele, e eu sento em silêncio por alguns momentos antes de suas palavras filtrarem através de mim. *Um casal liga*.

Para quem diabos ele estaria ligando agora? Ele não se importa que Riya acabou de morrer? Que passamos por uma experiência insanamente traumática, mas ele está se exibindo e fazendo *ligações* .

Pela primeira vez desde que cheguei aqui, algo atravessa a névoa escura que me envolve e sinto raiva.

Atirando-me de onde eu estava na cama, vou até a porta da frente, abrindo-a e indo para fora para encontrá-lo para que eu possa gritar com ele e perguntar quem diabos ele é, porque claramente ele não é o mesmo menino com quem cresci e amei.

Não vejo Aidan, mas quando dou um passo à frente, sua voz sai do canto.

— Sim. Ela está quebrada, mãe. Não consigo fazer com que ela concorde com nada agora.

Prendo a respiração. Ele está falando de mim?

— Sim, tudo foi planejado. Darryn e Ian cuidaram disso. Foi uma bagunça, mas... eu sei que é perigoso, mãe, mas eu disse que está tudo bem. Não precisamos de Darryn ou Ian agora e definitivamente não precisamos mais da Sultans. Eu tenho esta lâmpada, e estou lhe dizendo, vale o suficiente. Deixe-me cuidar das coisas aqui, e eu irei pegar você.

Suas palavras me atingiram no peito, e eu tropeço alguns passos para trás, minhas entranhas coagulando e murchando como folhas mortas caídas de seus galhos.

Não precisamos mais da Sultans.

Correndo de volta para dentro da cabana, meu coração batendo na garganta e meu estômago embrulhado, eu luto para pegar a lâmpada, não querendo deixar outra pessoa tirar vantagem de mim.

Posso ter perdido tudo, mas não vou deixar que ele tire isso de mim também.

E *foda-se* ele por me fazer de idiota. Por todos esses anos? Deus, o pensamento de quão ingênua devo ser dá um soco no meu estômago, fazendo com que a náusea revire em meu estômago.

Chegando à mesa final, tropeço nos pés e agarro a caixa de prata, o metal áspero contra meus dedos, e então mergulho no bolso da bolsa de Aidan, procurando por *algo*. Dinheiro ou qualquer coisa que me ajude a sair daqui e longe o suficiente para a segurança.

Meus dedos roçam contra o metal frio e meu coração gagueja quando envolvo minha mão em torno dele e o tiro de sua bolsa.

Uma arma.

Oh meu Deus. Quem é ele?

— Princesa.

Sua voz me tira do meu torpor, e eu me viro, vendo-o parado na porta, seus olhos arregalados enquanto eles passam da arma na minha mão para a lâmpada na minha outra. Ele entra lentamente, com as mãos estendidas à sua frente enquanto fecha a porta e se move em minha direção.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta.

Meu braço treme violentamente quando levanto o cano e aponto para ele, com lágrimas embaçando minha visão. — Alguma coisa disso era real, Aidan?

Ele inclina a cabeça, reconhecendo que eu o ouvi filtrando através de seu olhar. — Vamos só esperar um segundo aqui.

— Responda-me! — Eu grito, minhas entranhas desgastadas se desfazendo até não sobrar nada.

Ele engole, colocando o telefone sobre a mesa lentamente. — Você tem que entender, Yas... minha mãe e eu, vivemos nossas vidas sem nada.

Minhas narinas dilatam com a queimação atrás dos meus olhos, porque descobrir que o homem que pensei ter amado durante a maior parte da minha vida estava apenas me usando para obter minha fortuna é a cereja no topo deste bolo fodido.

Meu pai estava certo quando me disse para ser cautelosa.

— Então, todo esse tempo, tudo entre nós era apenas o quê? Você está me usando para conseguir minha fortuna?

Ele lambe os lábios e se aproxima. — Eu me importo com você.

E com isso, é o fim.

Feito para agradar as pessoas e viver para os outros. Cansada de me importar com qualquer coisa que não seja a tristeza que está dilacerando minha alma até que ela murche e se transforme em um pedaço irreconhecível de restos carbonizados.

— Abaixe a arma, princesa, — Aidan murmura, caminhando até mim até que o cano esteja pressionado contra seu peito. Ele passa as mãos sobre as minhas suavemente. Mas então eles apertam e ele dobra meu pulso até que parece que vai quebrar. Solto um grito áspero e tropeço, mas aperto minha mão em torno da arma, mesmo quando ele tenta arrancá-la de mim.

— Eu não quero te machucar, — ele bufa enquanto luta comigo pelo controle.

Eu perco o controle, me jogando para frente e batendo minha cabeça contra seu rosto, uma dor aguda irradiando pelo meu crânio quando ele recua, sangue escorrendo de seu nariz.

Meus braços tremem quando eu puxo a arma e aponto para o peito dele.

— Você não tem mais o poder de me machucar, Aidan.

E então eu puxo o gatilho, sem sentir nada quando ele cai no chão.

CAPÍTULO 42

Julian



A lona de plástico enruga sob meus pés enquanto eu ando para frente e para trás, olhando para os dois homens que pensaram que poderiam entrar em minha casa, machucar minha *esposa* e sair impunes.

Isabella desliza ao redor dos meus pés, sibilando.

Darryn está inconsciente, uma ferida de bala em seu lado roubando lentamente sua vida. Infelizmente para ele, isso só vai piorar a pressão do corpo enrolado de Isabella. Ele deveria saber que eu não permitiria que ele fosse embora depois de usar Yasmin como isca. Assim que vi que ela estava fora da porta e sendo arrastada para um lugar seguro, me movi, girando meu bastão e acertando suas rótulas. Quando Darryn caiu no chão, seu controle sobre a arma escorregou e ele se machucou. Torna meu trabalho mais fácil, suponho, mas estaria mentindo se

dissesse que não gostaria mais disso se ele estivesse consciente do que estou prestes a fazer.

Ian, por outro lado, está ensanguentado e quebrado, mas alerta, os olhos fixos em seu rosto mutilado enquanto ele me observa caminhar lentamente na frente deles. Ambos estão nus, de costas um para o outro, amarrados com uma corda enquanto se sentam no chão.

Isabella não gosta do sabor do algodão.

— Esta é realmente uma situação lamentável, — eu penso, meus passos parando enquanto eu os encaro. — Eu não me importo que você tenha tentado pegar a lâmpada ou que tenha me *traído*. Previsível, realmente. Um livro didático, quase. O espinho ao meu lado e a assistente gananciosa se unindo para tentar enganar o homem que amam odiar. — Eu sorrio. — Infelizmente para você, aquele homem tem um espírito vingativo e um animal de estimação que ele não gosta de deixar passar fome.

Curvando-me, acaricio a cabeça de Isabella. Ian se contorce o máximo que pode sem mexer os membros, sons abafados saindo de sua boca machucada e sangrando.

— Felizmente, tenho uma queda pelas pessoas de quem cuido, mesmo quando elas escolhem me machucar. — Eu franzo meus lábios. — É um complexo, realmente. Um que só agora estou trabalhando para superar.

Eu me aproximo até estar diretamente na frente de Ian, seus olhos fixos nos meus, arregalados e cheios de terror.

Ele gorgoleja, sangue escorrendo do lado de sua boca.

— Mas então você tocou minha *esposa*. — Endireitando-me, vou até onde está a caixa de ratos, uma serra de osso bem ao lado dela. Eu estalo minha língua,

olhando para os dois. — Decisões, decisões. — Eu pego a serra de osso, segurando o cabo grande e voltando para Ian. — O que foi que você disse?

Pegando a ponta da serra, pressiono-a na parte interna de sua coxa, arrastando-a lentamente pela carne, apreciando a forma como seu corpo quebrado se contorce de dor.

— Você disse que iria *foder* o cadáver dela, certo?

Ele tenta falar, mas seus lábios estão tão desfigurados pela maneira como bati nele com meu bastão que é difícil para ele falar.

— Não se preocupe. — Eu movo a serra para descansar em cima de seu pau insignificante. — Isso só vai doer um pouco.

Um corte afiado na carne de borracha e um grito torturado depois, seu membro inútil cai no chão, separado de seu corpo, sangue jorrando da ferida. Eu me movo rapidamente, percebendo que ele provavelmente vai desmaiar logo, de dor ou talvez pela perda de sangue, e agarro seu pênis decepado, abrindo seus lábios mutilados, enfiando-o em sua boca enquanto seus olhos reviram em sua cabeça, seu corpo sacudindo descontroladamente antes que ele pare de se mover todos juntos.

De pé, com as mãos pegajosas e vermelhas, estalo o pescoço, olhando para os dois merdas que pensaram que poderiam ameaçar Yasmin e viver para contar a história.

Eu volto e pego a caixa de ratos, deixando cair a serra de osso, agora manchada de vermelho, antes de ir até os dois corpos inconscientes. Não tenho certeza se eles estão vivos ou mortos, mas, a essa altura, não importa.

Jogo os roedores no colo deles e me viro na direção de Isabella, erguendo uma sobrancelha. — Com fome?

Isabella desliza até eles, enrolando-se em torno de seus corpos flácidos.

Não saio até ter certeza de que ambos estão mortos.

E então, depois de um longo banho, onde lavo meus pecados, vou para o quarto de hóspedes, onde tenho meu médico de plantão cuidando de Riya.

Ela vai ficar bem, felizmente. Apenas uma longa recuperação e muito descanso.

Estou passando pelo foyer e para as escadas quando a porta da frente se abre, fazendo-me girar, meu estômago apertando.

Yasmin está parada na porta, com os cabelos emaranhados e as roupas sujas e rasgadas. Mas ela está aqui. E ela parece chocada ao me ver.

Ela tropeça no vestíbulo, machucada e ensanguentada, a caixa de prata com a lâmpada debaixo do braço.

— Yasmin, — eu respiro, congelada no lugar.

Sua boca se abre, um grito agudo saindo de seus lábios quando ela larga o estojo e corre para os meus braços, jogando-se em mim.

Eu fecho meus olhos e a pego, puxando-a contra mim enquanto seus membros envolvem meu corpo e ela soluça em meu pescoço. — Eu pensei... eu pensei que você estava morto, — diz ela.

— Shh, — eu acalmo, passando minhas mãos para cima e para baixo em sua coluna, meu peito parecendo que poderia explodir por tê-la em meus braços novamente. — Você acha que eu permitiria que a morte viesse atrás de mim quando soubesse que você estava lá fora com outro homem?

Ela pressiona beijos por todo o meu pescoço e meu rosto e, em seguida, se afasta, olhando para mim. — Como você pôde me mandar embora? Como você pôde *fazer* isso comigo? Você disse que nunca me deixaria ir embora.

Eu suspiro, enrijecendo meus braços ao redor dela. — Eu faria qualquer coisa por você, inclusive libertá-la. Ainda não entendeu?

Ela funga, balançando a cabeça, seus dedos fazendo cócegas na minha nuca. — Eu não quero viver se não for com você.

Lentamente, ela desliza pelo meu corpo, e eu a empurro para trás, segurando-a pelos braços enquanto a pego, meus olhos cobrindo desesperadamente cada centímetro dela para ter certeza de que ela está inteira. Que, embora ela tenha passado por uma provação incrível, ela não está muito quebrada para que eu possa reconstruí-la.

— Como você chegou aqui? — Eu pergunto, esfregando minhas palmas para cima e para baixo em seu corpo para verificar se há ossos quebrados. — Onde está o garoto?

— Peguei um táxi. E Aidan está morto.

Sua voz é monótona, e eu me afasto, minhas sobrancelhas subindo até a linha do cabelo. — Espere, o quê?

Ela parece apática com a coisa toda, o que não é típico dela, mas eu deixo passar, percebendo que ela perdeu o pai, pensou que havia perdido a melhor amiga e o marido e agora perdeu o primeiro garoto que amou. Ela pode se desassociar por um tempo, se precisar. Eu estarei aqui no final para trazê-la de volta.

— Estou tão cansada de pessoas me dizendo o que fazer. — Ela dá de ombros. — E ele não me deixou sair, ia me machucar e levar a lâmpada, então fiz o que tinha

que fazer. — Ela faz uma pausa, olhando para mim por baixo de seus cílios. — Vou precisar de sua ajuda para limpá-lo.

Afasto seu cabelo do rosto e aceno com a cabeça. — Eu cuidarei disso.

Ela engole, olhando para o chão. Estendo a mão, inclinando seu queixo para cima para que seus olhos brilhantes encontrem os meus. — Você gostaria de ver sua amiga?

Ela engasga. — Riya está viva?

— Ela está.

Agora as lágrimas *escapam* de seus olhos e ela cobre a boca com as mãos, balançando a cabeça. — Você a salvou. Você me mandou embora para poder *salvá-la* .

É verdade, embora quase me matasse ver o garoto levá-la embora, chutando e gritando. Eu não poderia me concentrar em salvar sua melhor amiga e subjugar Darryn ao mesmo tempo, desde que ela também estivesse lá. Tinha que ser um ou outro.

E eu não poderia deixá-la perder outra pessoa que ela ama, mesmo que isso significasse libertá-la e ter que confiar que ela voltaria para casa.

Eu seguro sua bochecha, trazendo-a para mim. Ela sorri, ficando na ponta dos pés e roçando sua boca na minha.

Meu peito aquece, o coração batendo forte contra minhas costelas.

Passei minha vida inteira me sentindo inferior. Passei anos incontáveis e matei inúmeras pessoas, tudo para trabalhar para ganhar vantagem e me tornar algo mais.

Quem sabia esse tempo todo, tudo que eu precisava era *dela*.

Minha esposa.

E ela me faz sentir o homem mais poderoso do mundo.

EPÍLOGO

Julian



Yasmin está olhando para mim de onde ela está descansando em nossa cama.

Já se passaram dois meses desde o desastre que se transformou em nosso novo começo e, nesse período, as coisas finalmente começaram a se acalmar.

Riya está fora de nossa casa agora e de volta sozinha, quase completamente recuperada.

Aidan foi adicionado à refeição de Isabella na semana seguinte depois que eu procurei onde ele a tinha em uma pequena casa que ele de alguma forma conseguiu nas colinas de Badour .

E a lâmpada?

Nós enterramos isso com o pai dela. Nunca foi algo pelo qual ele realmente ansiava como eu antes, mas parecia apropriado que ele fosse o único a mantê-la no final de qualquer maneira.

Catártico, tanto para eu deixar meu passado quanto para Yasmin ter certeza de como vejo nosso futuro.

E o único futuro para mim é *ela*.

— O que eu fiz agora? — Eu pergunto, olhando para ela através do espelho em nossa cômoda enquanto ajusto minhas abotoaduras.

— Você estava planejando me matar, — diz ela.

Franzo os lábios, caminhando até ela, o colchão afundando embaixo de mim quando me sento.

— Já conversamos sobre isso. — Estendo a mão e pressiono minha mão contra sua bochecha.

Ela zomba. — Sim, bem, o que devemos dizer às pessoas quando perguntam como nos juntamos? Oh, meu marido é um *romântico*. Ele me forçou a me casar e então redigiu um testamento falso para que ele mesmo pudesse me matar e herdar tudo o que é meu por direito.

Eu sorrio.

— Mas não se preocupe, — ela continua. — Tudo funcionou no final. Eu tenho uma boceta mágica e ele simplesmente não conseguia ficar longe do canto da sereia.

Inclinando-me, pressiono um beijo em seus lábios. — Isso é verdade.

Ela sorri, empurrando as mãos contra o meu peito. Estendo a mão, segurando seus pulsos e arrastando-a para baixo de mim, meu corpo pairando sobre seu corpo até que ela esteja deitada de costas.

— Se importa em me mostrar mais sobre essa sua boceta *mágica?* — Eu pressiono minha ereção no calor entre suas coxas.

Ela geme, rindo enquanto envolve as mãos em volta do meu pescoço.

A felicidade corre através de mim, e ainda não consigo acreditar que esta é a minha vida. Que eu sou dela, e ela me *escolheu*.

— Se as pessoas perguntarem, diga-lhes a verdade. Que seu marido é um homem ganancioso e egoísta que amarrou você à ele e nunca vai deixá-la ir.

—Promete? — Ela pergunta.

— Prometo. — Tocando minha mão em seu lado, eu me movo para trás, meu pau se contraindo com o jeito que ela protesta, tentando me puxar de volta. — Levanta. Eu tenho uma surpresa.

Seus olhos se iluminam e ela pula da cama, entrelaçando sua mão na minha enquanto eu a levo para fora do nosso quarto e para o novo espaço que construí na garagem.

Eu disse a ela que estava reformando a garagem para dar espaço para outro carro porque não queria que ela ficasse bisbilhotando, mas a verdade é que eu estava construindo algo para ela. Preparando para este momento.

Meu estômago pula em antecipação enquanto a conduzo pela casa e para o novo quarto, colocando-a na minha frente quando chegamos à porta da garagem. — Vá em frente, abra.

Ela olha para mim com uma expressão curiosa antes de abrir a porta e entrar, um suspiro saindo de sua boca enquanto ela se vira e entra em sua nova câmara escura.

Demorou muita pesquisa e um mês e meio para ser concluído, mas finalmente está pronto.

— Você construiu isso para mim? — Ela pergunta, ainda de costas para mim.

Aproveito o momento para me ajoelhar, esperando que ela se vire de volta. — Eu fiz. Você gosta disso? — Eu pergunto.

— Se eu gosto disso? Eu amo... — Ela gira, com as mãos cobrindo o peito quando ela me vê abaixada no chão. — O que você está fazendo?

Estendo a mão e seguro sua mão, meu polegar roçando a parte inferior de seu dedo anelar esquerdo, o metal de sua aliança de casamento frio contra minha pele. — Eu te disse uma vez que não quero seus primeiros, mas tenho uma confissão a fazer. — Meu coração pula de nervoso. — Eu menti.

Seu lábio inferior treme enquanto ela olha para mim, seus dedos apertando os meus.

— Eu quero seus momentos estranhos. E suas mãos desajeitadas. —Eu deslizo minha mão da dela, subindo pelo seu lado até que estou segurando seu quadril, e a puxo para mim, meu rosto pressionando contra seu estômago. — Eu quero sua risada e seu amor e sua porra de luz infinita. Eu sou um homem ganancioso. Um egoísta. E eu quero tudo. Eu quero o resto de seus primeiros *e o* seu para sempre.

— Julian, — ela engasga.

Eu balanço minha cabeça, pressionando um beijo em seu torso e abraçando-a para mim. — Diga-me que você é minha.

Ela cai até ficar de joelhos, suas mãos voando para segurar meu queixo, forçando meus olhos nos dela. — Eu sou sua, Julian Faraci. Eu escolho *você*.

Nossas bocas batem juntas, e meu coração dispara e voa, parecendo que pode explodir no meu peito.

— Obrigada pela minha câmara escura, — diz ela contra meus lábios.

Eu me afasto de seu rosto, sentindo meu amor por ela me encher até que mal consigo respirar. — Você ainda não sabe, *gattina?* Eu faria qualquer coisa por você. Queimar esta vida até o chão e construa um mundo totalmente novo, se você exigir.

Ela sorri, pressionando seus lábios contra os meus mais uma vez. — Para um novo mundo, então.

— *Nosso* novo mundo.

EPÍLOGO II

Julian



Foram cinco anos rápidos e prósperos desde a morte de Ali. Depois que a poeira baixou sobre o caos da busca pela lâmpada perdida, Yasmin e eu passamos o resto do ano nos concentrando em curar as feridas entre nós, aquelas que nasceram de nosso início infeliz.

Mas nada em nosso relacionamento jamais foi normal.

Ofereci a ela um casamento de verdade, mas não despertou seu interesse, não depois que seu pai não estava lá para levá-la ao altar, então, em vez disso, levei-a para uma ilha particular e tivemos uma lua de mel de um mês em que nos esquecemos completamente do mundo, criando nosso próprio casulo de felicidade.

E quando voltamos, começamos a dirigir a Sultans. Juntos. Ela aprende rápido e, embora deixe a maior parte do trabalho para mim, está presente nos bastidores,

conduzindo-nos a uma nova era, que mantém vivo o legado de sua família e me mantém como CEO de um dos conglomerados mais poderosos do mundo.

Acabamos entrando no comércio de antiguidades e finalmente conseguimos fazer negócios no mercado russo de diamantes, tornando a Sultans a mais poderosa e prestigiada produtora de diamantes do mundo.

Meu pênis se contorce com a lembrança de ontem, quando paramos na mais nova cadeia de lojas da Sultans, nos arredores do Brooklyn, depois do expediente, e ela me chupou em uma sala cheia de joias brilhantes, fazendo com que eu segurasse seu rosto contra a minha virilha enquanto eu atirava meu esperma em sua garganta safada.

— Sr. Faraci, — a voz de Ciara interrompe meu devaneio e eu limpo a garganta, minha cadeira range quando me inclino para frente sobre a mesa de reuniões e bato os dedos sobre os papéis espalhados à minha frente, mostrando novos designs em homenagem ao quinquagésimo ano da Sultans.

— Tudo isso parece decente. Envie para minha esposa e peça sua aprovação. Você sabe que ela é a única que se preocupa com a estética mais do que eu.

Levantando-me, abotoo meu paletó e saio da sala, voltando para meu escritório e limpando os e-mails do dia antes de ir buscar Yasmin para seu evento desta noite.

Ela está se tornando um nome bastante conhecido no mundo da fotografia, embora insista que não quer fazer disso uma carreira. Seu trabalho é frequentemente exibido em galerias da cidade de Nova York, e hoje à noite haverá um evento em sua homenagem. Tenho certeza de que, quando estivermos lá, Riya estará roubando todo o seu tempo. Desde que sua melhor amiga se recuperou do ferimento a bala, ela tem estado por perto como um mosquito, com o qual tive de me acostumar, pois minhas tentativas de mantê-la afastada não tiveram muito sucesso. Com o passar do tempo, acostumei-me com ela e até tentei contratá-la

como advogada da Sultans, mas ela recusou em várias ocasiões, dizendo que não gosta de trabalhar para criminosos e que prefere dedicar seu tempo a construir seu próprio escritório.

Abro minha pasta pela primeira vez hoje, colocando alguns papéis importantes para levar para casa, e paro, com o estômago apertado e o sangue correndo para a virilha, quando vejo uma calcinha de renda vermelha chamativa em cima dela.

Eu gemo quando a pego e a levo até meu rosto, inalando o doce aroma da boceta de Yasmin.

Vou fodê-la até que ela não consiga respirar quando eu chegar em casa.

Saindo correndo do escritório, dirijo-me ao meu carro e faço a viagem de quarenta minutos em vinte minutos. Estacionando em nossa garagem, vou primeiro ao quarto escuro dela, encostando o ouvido na porta e ouvindo para ver se ela está lá. Não quero abrir a porta e estragar tudo se ela estiver, mas não há barulho, então presumo que ela esteja em casa.

Eu a encontro na cozinha, com sua bunda suculenta à mostra em um minúsculo short de algodão, enquanto ela passeia pela ilha fazendo o que parecem ser biscoitos de chocolate. Isabella está enrolada no meio do chão e, de vez em quando, Yasmin se abaixa e a acaricia.

Ela está cantarolando para si mesma e dançando ao som de qualquer música que esteja tocando em sua cabeça, e eu me encosto na parede, enfiando as mãos nos bolsos, meus olhos se deliciando com a visão.

Droga, ela é *perfeita*.

E *minha*.

Quando ela se vira, ela me vê e dá um pulo, levando a mão ao peito com um grito.

— Meu Deus, Julian, por que você sempre faz isso? — Ela reclama. — Que intrometido.

Eu sorrio, me endireito e vou em direção a ela, minhas mãos saindo para agarrá-la pela cintura. Ela se aproxima de bom grado, pulando e envolvendo suas longas pernas ao redor dos meus quadris, sua boceta quente pressionando minha ereção já tensa. Beijo seus lábios enquanto a acompanho até a sala de estar, minha língua se misturando à dela enquanto a coloco sobre o tapete persa em frente à lareira.

Sem perder tempo, arranco seu short antes que ela possa protestar e mergulho em sua boceta brilhante, seu cheiro e seu sabor me dominam.

Meu pênis cresce, implorando para que eu o solte e afunde dentro dela, para que suas paredes suguem meu eixo da mesma forma que estou sugando seu clitóris até que eu a encha com meu esperma.

— Seu gosto é tão doce, gattina," digo entre mordidas.

Ela tenta se sentar, mas meu braço voa, prendendo-a, e minha outra mão livre bate em sua boceta inchada, um tapa forte que sei que a levará à estratosfera.

Yasmin adora levar palmadas.

— Pare de se mexer, — eu exijo.

Ela se sacode ainda mais contra o meu aperto, com um brilho desonesto passando por seu rosto perfeito. O calor se acumula na base da minha coluna quando ela me desobedece tão abertamente.

Pressiono meu antebraço com mais força contra o meio dela, até que ela fique presa ao chão e totalmente incapacitada. — Minha pirralha precisa aprender uma lição?

Meus dedos provocam seu buraco, sua umidade os revestindo enquanto deslizo para dentro dela, fodendo-a com os dedos lentamente. Inclinando-me novamente para baixo, minha língua passa por seu clitóris, girando em um círculo lento, apreciando a forma como as paredes de sua boceta se apertam toda vez que a chupo em minha boca entre as lambidas. Seu corpo inteiro se contrai e sei que ela está a segundos de explodir, então recuo, usando minhas mãos para segurar seus quadris com força enquanto a viro até que ela fique de quatro.

— Não, — ela reclama.

— Quero sentir você agarrando meu pênis quando gozar, não meus dedos, — respondo, desafivelando o cinto e baixando a calça. Fico olhando como ela está aberta, com o buraco apertado e a boceta pingando à mostra para mim, enquanto ela se apoia nos cotovelos e joelhos.

Meu pênis balança livremente e eu o acaricio da raiz até a ponta, meu saco se apertando com o toque, já no limite por ver minha esposa tão vulnerável na minha frente.

Estendo a mão e passo os dedos ao longo de sua boceta, do topo da fenda até atrás do orifício, encharcando minha mão em sua excitação.

— Uma prostituta tão gulosa, *amore mio*. — Avançando, coloco a ponta do meu pênis latejante em sua entrada, provocando-a enquanto o deslizo para frente e percorro o comprimento do meu eixo ao longo da parte externa de sua boceta até deslizar contra seu clitóris.

Seu corpo treme e ela empurra para trás contra mim, sua bunda batendo em meus quadris, o que faz meu pênis estremecer, com o sêmen vazando da ponta e se misturando à sua própria umidade.

Minha mão desliza lentamente por suas costas, sobre o algodão de sua camiseta grande, passando ao longo de sua coluna vertebral, até que eu esteja agarrando seu cabelo e arrastando seu corpo para cima, até que ela esteja colada contra mim. Sua respiração está pesada e meu eixo se sacode quando repousa entre suas coxas.

Eu me afasto um pouco e dou um impulso para frente, a sensação do meu pênis deslizando contra ela, tão perto de onde ele pertence, faz meus músculos se contraírem e o suor brotar em minha testa.

Meus dedos se apertam em seus fios e dão um puxão forte, fazendo com que um suspiro pesado escape de seus lábios carnudos, minha outra mão se arrastando pela frente dela até que eu esteja segurando sua boceta.

— Essa boceta é minha, — digo, meus lábios passando pela junção entre o pescoço e o ombro dela.

— Por favor, Julian.

— Você tem sido uma boa menina, baby? — Dou um pequeno beijo em sua pele e movo meu pênis ligeiramente para trás até que esteja posicionado em sua entrada. — Somente as boas garotas conseguem meu pau.

— Sim, — ela respira, com os quadris girando contra mim.

— Que mentirosa imunda. — Meus dedos se apertam em seu cabelo e eu dou um puxão forte, pressionando meus lábios contra a concha de sua orelha. — Boas

garotas não deixam suas calcinhas na minha pasta onde qualquer um pode encontrá-las.

O corpo dela treme contra mim, e eu avanço os quadris, meu pênis separa os lábios dela e entra um pouquinho.

Meus abdominais se contraem.

— É por isso que você está andando por aqui com esse shortinho sem nada por baixo? Para me provocar até que eu não consiga pensar em nada, a não ser na sensação de estar com as bolas dentro de sua doce boceta? — Eu empurro para frente novamente, meu pênis afundando nela mais um centímetro. — Diga-me o que você quer, *gattina*.

Ela tenta empurrar contra mim, mas eu aperto meu controle sobre seu corpo, mantendo-a no lugar.

— Quero que você me foda como se eu tivesse sido má.

— Seu desejo é uma ordem.

Soltando seu cabelo, jogo seu corpo para a frente, seus cotovelos são presos pelo tecido roxo e dourado do tapete embaixo de nós, e estou em cima dela rapidamente, bem dentro dela antes que ela possa piscar, meu pênis espasmando com a sensação de seu calor envolvendo cada centímetro duro de mim.

Começo um ritmo brutal e punitivo, meus quadris batendo contra ela, observando a forma como sua bunda balança a cada investida. Minha mão voa para baixo e bate na parte carnuda de sua bochecha, e ela grita, me fodendo de volta tão bem que já estou vendo estrelas.

Isso não vai durar muito. Estou muito cansado do dia e muito excitado com a sensação de sua boceta perfeita massageando meu corpo.

Minha palma se move até que meus dedos deslizem pela fenda de sua bunda, contornando seu buraquinho apertado.

— Vou transar com você aqui, — digo, pressionando a ponta do meu polegar pelo anel apertado de músculos. — Hoje à noite, quando voltarmos do seu evento fotográfico, vou abri-la e me forçar a entrar nesse espaço apertado, fodendo-a até que meu esperma vaze de dentro de você.

Suas paredes se contraem ao meu redor.

— Você gostaria disso, não é, putinha?

Minha respiração está ficando mais áspera à medida que entro e saio dela enquanto provoco sua entrada traseira e, quando introduzo meu polegar por completo, seu corpo inteiro entra em convulsão, travando e forçando minhas bolas a entrarem em meu corpo. Perco o controle, o esperma surge no meu eixo e é disparado instantaneamente para dentro dela. Minha visão escurece enquanto eu gozo dentro dela, e ela vibra em meu pau, o que só prolonga o prazer até eu sentir que vou desmaiar.

Desabei sobre ela, saindo de seus dois orifícios e beijando seu pescoço, meus pulmões implorando por ar.

— Eu a amo, Sra. Faraci.

Ela murmura, deitada contra o chão, nós dois saciados demais para nos movermos.

— Eu amo você, marido.

Virando-a até que meu corpo esteja pressionado contra a frente do dela, dou um longo beijo em seus lábios. — Diga-me que você é minha, — sussurro, com o coração apertado no peito.

Seus olhos se enchem de tanto amor que chega a doer, e ela estende a mão, passando as pontas dos dedos pelo meu rosto. — Eu sou sua, Julian Faraci. E você é meu. — Outro beijo em seus lábios.

— Para sempre? — Eu pergunto.

— Para sempre.